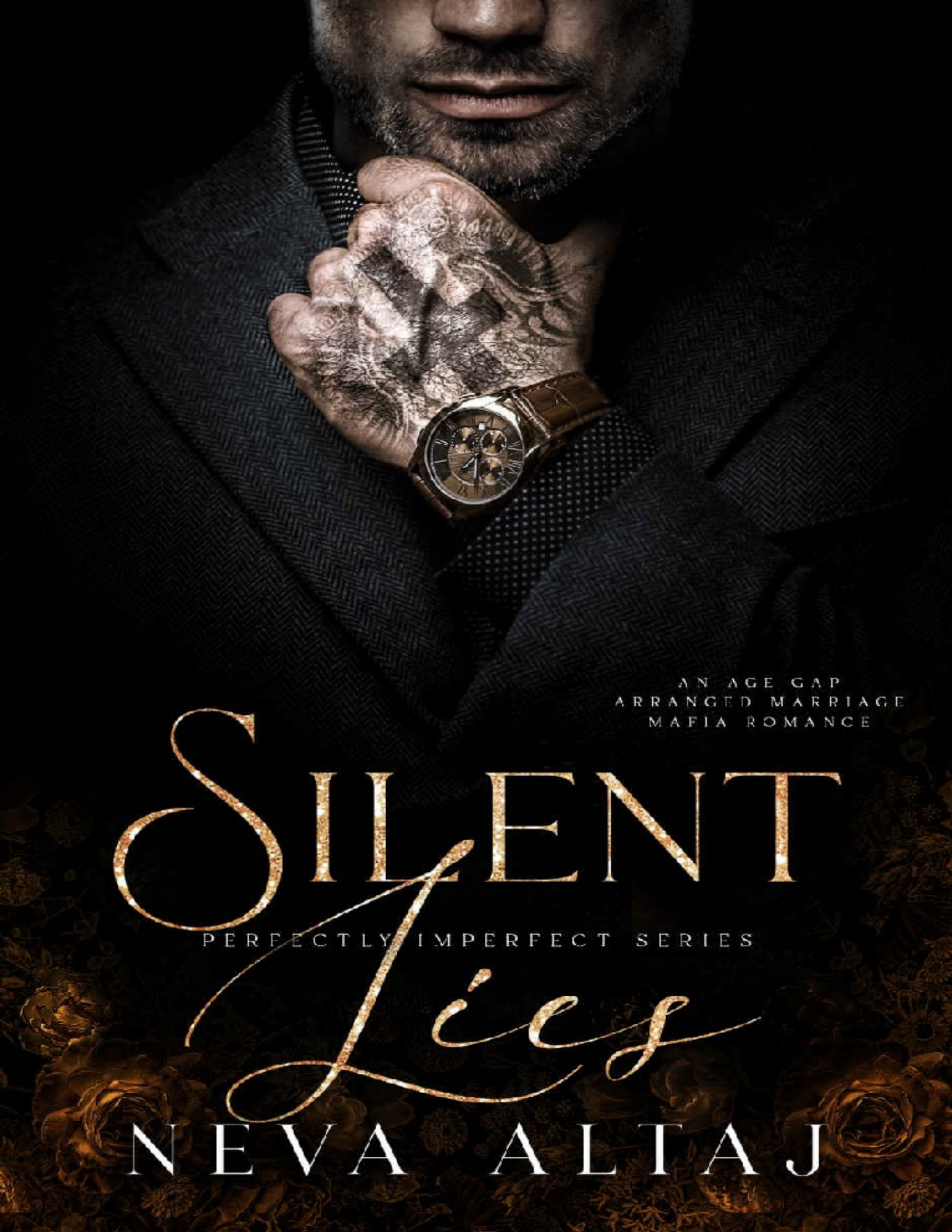

AN AGE GAP
ARRANGED MARRIAGE
MAFIA ROMANCE
SILENT
PERFECTLY IMPERFECT SERIES
Lies
NEVA ALTAJ

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Agnes

Tyche

Jewell Designs

Novembro 2023

Silent Lies

PERFECTLY IMPERFECT SERIES

NEVA ALTAJ

Série Perfectly Imperfect

Neva Altaj

(Ordem de Leitura e Enredos)

1. ***Painted Scars (Nina & Roman)***

Herói deficiente, casamento falso, age-gap, atração de opostos, herói possessivo/ciumento

2. ***Broken Whispers (Bianca & Mikhail)***

Heróis com cicatrizes/deficiente, heroína muda, casamento arranjado, age-gap, a bela e a fera, herói possessivo/ciumento acima da média

3. ***Hidden Truths (Angelina & Sergei)***

Age-gap, herói quebrado, só ela o acalma

4. ***Ruined Secrets (Isabella & Luca)***

Casamento arranjado, age-gap, herói possessivo/ciumento acima da média

5. ***Stolen Touches (Milene & Salvatore)***

Casamento arranjado, herói deficiente, age-gap, herói sem emoções, herói possessivo/ciumento acima da média

6. ***Fractured Souls (Asya & Pavel)***

Age-gap, ele a ajuda a se curar, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento, ele acha que não é bom o suficiente para ela

7. ***Burned Dreams (Ravenna & Alessandro)***

Guarda-costas, amor proibido, vingança, inimigos para amantes, age-gap, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento

8. ***Silent Lies (Sienna & Drago)***

Herói surdo, casamento arranjado, age-gap, herói taciturno, heroína otimista, atração de opostos, herói super possessivo/ciumento

9. ***Darkest Sins (Nera & Kai)***

Sinopse

Drago

Só existe um castigo para espiões e mentirosos:
Uma morte lenta e dolorosa.
E minha doce e angelical esposa,
Que enfeitiçou todos em minha casa,
Desde meus homens - até meus cães,
É a pior traidora de todas.
Mas parece que também caí no feitiço dela.
Com cada sorriso, cada roupa ridícula,
estou lutando,
E falhando.
Eu quero odiá-la,
mas em vez disso, estou ansioso para ouvir,
cada mentira silenciosa que sai de seus lábios irresistíveis.

Sienna

Apenas mostre a eles o que eu quero que eles vejam,
Nunca os deixe entrar.
É assim que eu lido com as coisas.
Posso ter concordado com este casamento,
mas nunca serei dele,
nunca o deixarei ver por trás da minha máscara.
Mas a cada dia que passa,
fica mais difícil cumprir minha tarefa,
estou lutando
e falhando.
Estou me apaixonando
pelo homem que prometi trair.

Nota da Autora

Um dos personagens principais desse romance sofre de perda auditiva de alta frequência. Ao ouvir as pessoas falarem, uma pessoa com essa condição pode ter dificuldade para ouvir certas consoantes, como S, H ou F, que são faladas em um tom mais agudo. Como resultado, a fala pode soar abafada, especialmente ao usar o telefone, assistir à televisão ou em ambientes ruidosos. As pessoas com esse tipo de perda auditiva costumam dizer que sentem que podem *ouvir* o som da fala, mas não *entendem* as palavras que estão sendo ditas. Elas também podem ter mais dificuldade para ouvir vozes de mulheres e crianças, bem como outros sons agudos (por exemplo, canto de pássaros, bipes de aparelhos eletrônicos). Além disso, as pessoas com perda auditiva de alta frequência geralmente são mais sensíveis a ruídos altos do que as pessoas sem essa condição. A exposição a sons altos pode frequentemente causar desconforto ou dor.

Aviso de gatilho

Esteja ciente de que este livro contém conteúdo que alguns leitores podem considerar perturbador, como menções à morte de um membro imediato da família, bem como descrições gráficas de violência, tortura e sangue.

Prólogo

Drago

Vinte anos atrás, na Sérvia (Drago - dezessete anos)

— É a loira, seu idiota, — murmuro e pego a garrafa de cerveja na mesa de centro.

Não sei por que continuo assistindo a esses thrillers previsíveis. Talvez eles mantenham minha mente longe das coisas em que não quero pensar. Por exemplo, como preciso contar ao meu pai que fui reprovado no terceiro ano do ensino médio. De novo. Ou como minha mãe vai ficar louca pela manhã quando perceber que bati minha motocicleta. Não é como se eu pudesse esconder o fato de que meu braço direito e minha bochecha estão raspados. Teria sido bom se os arranhões na estrada tivessem pelo menos apagado a tinta que o Adam usou para estragar tudo de novo. Eu nunca deveria tê-lo deixado praticar em mim. Levará dois meses para que a porcaria que ele tatuou em meu antebraço cicatrize o suficiente para ser coberta. E, com sorte, com algo que não seja uma porcaria. Essa merda se parece mais com um burro do que com o ceifador que eu disse a ele para fazer.

Tomando outro gole da garrafa, olho para o relógio ao lado da TV. Três da manhã. Eu deveria subir e dormir. Prometi às meninas que as levaria ao zoológico amanhã. Dina provavelmente vai se assustar e chorar quando vir minha cara. Tara só vai tentar cutucar a carne mutilada.

Desligo a TV e jogo o controle remoto na mesa de centro. Estou na metade da sala quando sou jogado para trás contra a parede mais distante e um som

estrondoso me envolve. Uma dor explode em meu lado direito.

Tudo fica preto.

* * *

Meus olhos se abrem, mas a princípio não consigo ver nada. Minha visão está embaçada. Sinto uma dor aguda na parte de trás da minha cabeça e do meu lado. Demoro um pouco para perceber que estou esparramado no chão, mas, quando tento me sentar, outra pontada de dor atravessa meu ombro direito e desce pelo braço. Cerro os dentes e pressiono a mão esquerda na parede, conseguindo, de alguma forma, ficar de pé. Uma onda de tontura me atinge e faço uma pausa, tentando fazer com que a sala pare de girar ao meu redor. Minha visão clareia um pouco, mas ainda não consigo enxergar nada. O ar está turvo, e a única fonte de luz vem por trás de mim. Algo molhado desliza pela lateral do meu pescoço, logo abaixo da minha orelha. Eu a afasto e vejo sangue em meus dedos. Que porra é essa?

Ainda estou de frente para a parede, tentando me orientar, quando o cheiro de fumaça invade minhas narinas. Lentamente, eu me viro e imediatamente dou um passo involuntário para trás. No lado oposto da casa, além da sala de estar e das escadas que levam aos quartos do andar superior, a porta do quarto dos meus pais está pendurada nas dobradiças. Parte da parede externa está faltando, e o brilho da luz da rua ilumina os detritos empilhados na cama e no chão. A poeira paira no ar.

— Mamãe! Papai! — Eu salto sobre os móveis derrubados, mas não consigo ouvir minha própria voz. Não consigo ouvir nada.

Meus olhos estão grudados na parede fragmentada empilhada sobre a cama onde meus pais estavam dormindo enquanto tento tirar o sofá do caminho com meu

único braço funcional. O outro está inútil e dormente. Acho que meu ombro se deslocou quando a explosão me jogou contra a parede.

O espaço está se enchendo de fumaça e está ficando difícil respirar, mas não vejo fogo em lugar algum. Freneticamente, eu me viro e vejo um brilho laranja além da soleira da cozinha. O medo me domina quando desvio meu olhar para o andar superior, para a porta mais próxima do patamar. O quarto de minhas irmãs. Meus olhos se movem entre a porta do andar de cima e os destroços do quarto dos meus pais, enquanto meu coração bate como louco. Devo ir ajudar papai e mamãe primeiro ou buscar as meninas? Um gosto ácido enche minha garganta quando vejo a magnitude da destruição no andar térreo. Não é possível que alguém tenha sobrevivido a isso. Com uma última olhada no quarto dos meus pais, eu me afasto da bile, atravesso o sofá em ruínas e corro para as escadas.

Quando chego ao degrau mais alto, sou tomado por um ataque de tosse. Enterro o nariz e a boca na dobra do braço, tentando manter a fumaça longe da garganta e dos pulmões, e abro a porta com um chute.

— Tara! — Eu grito enquanto tropeço e pego minha irmã chorosa da cama à minha esquerda. Eu a coloco no meu quadril e me viro para encontrar Dina, a gêmea de Tara, parada no canto do quarto. Seus olhos estão arregalados e em pânico, olhando para mim. Tento alcançá-la, mas não consigo mover meu braço direito.

— Pegue minha mão. Precisamos sair daqui, — grito, ainda incapaz de ouvir minhas palavras.

Dina balança a cabeça e se encosta na parede. Tara está se lamentando e se debatendo em meu aperto.

— Agora, porra, Dina! — Eu grito e caio em outro ataque de tosse. — Porra! — Eu sussurro.

Tento mover meu braço direito novamente e não consigo. A fumaça está ficando mais espessa. Temos que sair daqui, mas não consigo carregar minhas duas

irmãs com um braço só. O medo e a impotência estão me sufocando mais do que a própria fumaça. Terei de eliminá-las uma a uma. Preciso escolher. Como diabos posso escolher qual irmã salvar primeiro?

Tara está histérica, e eu já a peguei. Ela terá que ser a primeira.

— Vou levar Tara para fora e já volto, — grito, olhando para o rosto assustado de Dina. Ela parece muito mais jovem do que seus quatro anos quando está assustada. — Só dois minutos, docinho Dina. Não se mexa.

Lançando-lhe um olhar de súplica para fazê-la entender, eu me viro e saio correndo do quarto.

Não sei como estou conseguindo descer as escadas. A fumaça arde em meus olhos, tornando quase insuportável olhar para onde estou indo, e tropeço várias vezes antes de chegar à porta da frente.

Do lado de fora, os vizinhos estão na entrada da garagem, olhando para a casa. Há luzes vermelhas piscantes visíveis na rua, cada vez mais próximas. Provavelmente é o corpo de bombeiros ou uma ambulância. Eles chegarão a qualquer momento, mas não posso esperar. Coloco Tara chorando nos braços do homem mais próximo e corro de volta para a casa em chamas.

A fumaça é tão espessa que sou forçado a correr e engatinhar pela sala de estar. Meus olhos lacrimejam e meus pulmões gritam por ar. Chego à escada no momento em que a borda do tapete mais próxima da cozinha pega fogo. As chamas estão se espalhando rapidamente e se movendo em direção à escada.

Finalmente consegui voltar para o quarto das meninas e meus olhos se esforçam para ver minha irmã. Ela não está onde a deixei, então corro em direção à cama. Dina está agasalhada, escondida embaixo das cobertas.

— Estou aqui, querida. — Jogo o edredom para o lado, agarro Dina pela cintura e a levanto para o meu quadril.

Voltar para a porta da frente está fora de questão. Há muita fumaça. Eu poderia

tentar sair pela janela - não é muito alta -, mas papai a fechou com parafusos no mês passado porque Tara não parava de abri-la e ele tinha medo de que ela caísse. Temos de chegar ao meu quarto no outro extremo do corredor e usar a varanda de lá.

— Segure-se em mim! — Não consigo avaliar quão alto estou falando, então grito por precaução. — Estamos saindo!

Dina envolve seus braços em meu pescoço, agarrando-se a mim enquanto seu pequeno corpo treme em meus braços. Entro no corredor e depois recuo rapidamente. O fogo se espalhou pelo andar de cima e o calor está cortando o caminho para o meu quarto. A única saída é descer as escadas.

— Vai ficar tudo bem. — Dou um beijo no cabelo de minha irmã. Meu coração bate tão rápido que parece que vai explodir para fora do meu peito. — Vai ficar tudo bem.

Com ela ainda mais segura, respiro fundo e entro no corredor novamente.

Olho por cima da grade para o andar inferior da casa, onde as chamas estão lambendo os armários da cozinha e subindo pelas cortinas. O fogo se espalhou para as escadas, seus tentáculos estão se estendendo entre os balaústres. Não consigo decidir o que é pior: o calor ou a fumaça. Prendendo a respiração, desço as escadas correndo o mais rápido que posso. A porta da frente está escancarada e o caminhão de bombeiros parou, com bombeiros saindo dele. Estou na metade do caminho para a entrada quando outra explosão irrompe à minha direita, jogando a mim e a Dina no chão.

Está tão quente que parece que minha pele está derretendo. Minha irmã está esparramada a alguns metros de distância, arfando e lutando para respirar. Eu me arrasto até ela e a puxo para mim, depois envolvo meu corpo ao redor do dela para protegê-la das chamas.

— Está tudo bem, querida. A ajuda está chegando, — digo perto de seu ouvido, pouco antes de a escuridão me engolir.

Sienna

Quinze anos atrás, Nova York (Sienna, 5 anos de idade)

Eu me jogo no sofá, cruzo os braços e bufo. — Você prometeu, mamãe! É a festa de aniversário de seis anos da Luna! Eu sou a melhor amiga dela. Nós temos que ir.

Mamãe suspira e se senta ao meu lado. — Sinto muito, Sienna. O chefe marcou tanto eu quanto seu pai para este sábado.

— Você e papai sempre trabalham. — Faço uma careta, franzindo os lábios.

— Sienna, querida, você sabe que isso não é verdade. — Ela esfrega meu braço.

Eu me afasto dela, murmurando: — Se você me ama, vai nos levar. Você prometeu! Papai diz que cumprir promessas é a coisa mais importante do mundo.

Mamãe lança um olhar para meu pai, que está de pé ao lado da estante de livros. — Edoardo e Sara estão trabalhando no cassino hoje à noite. Talvez possamos pedir para eles trocarem? Nós poderíamos trabalhar hoje à noite e eles poderiam nos substituir no sábado.

Olho para o papai com os olhos arregalados. *Por favor, diga sim*!

— Arturo? Você pode levá-las? — Papai joga por cima do ombro para meu irmão, que está sentado na poltrona reclinável perto da janela, mexendo no celular.

— Não. Tenho que trabalhar no sábado, — ele balança a cabeça. — Mas posso cuidar das pragas hoje à noite.

Eu bufo. Arturo tem estado tão ocupado e sério desde que começou a trabalhar

para o Don.

Meu pai solta um suspiro e me fixa com o olhar. — É realmente tão importante que nós dois tenhamos que ir? Posso tentar arranjar algo para que a mamãe possa levá-la.

— Sim, é importante. Asya! — Espero até que minha irmã levante os olhos do que está desenhando na mesa de centro e grito: — Diga alguma coisa!

Ela apenas dá de ombros.

— Veja, Asya quer que vocês dois vão também. Por favor, papai. Nunca podemos ir a lugar algum juntos. Haverá palhaços! Nunca mais vou pedir nada.

Papai se afasta da estante. — Ah, tudo bem. Vou ligar para o Edoardo.

Eu grito de alegria e pulo em seus braços. — Sim! Obrigada!

— Como se eu pudesse dizer não a você, garotinha. Eu a amo demais. — Ele deposita um beijo no topo de minha cabeça. — Vão para a cozinha, vocês duas. Arturo vai preparar seu jantar, já que mamãe e eu temos que nos arrumar para o trabalho.

* * *

A campainha da porta me tira de meu sono. Eu olho para a escuridão. Será que sonhei com isso?

O sino toca novamente.

Deslizo para fora da cama e vou na ponta dos pés até à sacada para olhar a varanda da frente. Dois homens de terno estão falando com Arturo. Suas vozes estão abafadas, então não consigo ouvir o que estão dizendo, nem consigo ver o

rosto do meu irmão desse ângulo, mas seu corpo de repente se endireita. Ele enterra as mãos no cabelo, puxando-o, depois se vira para a porta da frente aberta e bate com o punho nela. Os homens dizem mais alguma coisa e saem, entrando em um carro preto estacionado na nossa entrada. Quando olho para baixo, Arturo está sentado no degrau de cima, agarrando o cabelo com a mão ensanguentada.

Corro de volta para a minha cama e me enfio debaixo do cobertor, mas não estava com sono. Quem eram aqueles homens e por que meu irmão estava agindo daquela maneira? Arturo nunca bate em nada.

Estou olhando para o teto quando ouço alguém subindo as escadas e atravessando o corredor. Um momento depois, o som da porta do nosso quarto se abrindo preenche o silêncio da noite. Eu me sento na cama e vejo Arturo parado na soleira, segurando a moldura da porta.

— Vamos acordar a Asya, — diz ele. — Preciso contar algo a vocês duas.

Sua voz soa estranha. Não é provocante como normalmente é quando ele fala comigo e com a Asya.

Depois de acender o interruptor de luz ao lado da porta, Arturo se senta ao lado da cama da minha irmã. Ele está diferente de quando nos aconchegou mais cedo. Seu rosto está pálido e há círculos escuros sob seus olhos. Arturo não costuma ser uma pessoa alegre. Papai sempre diz que meu irmão é muito velho para sua idade, seja lá o que isso signifique, mas ele sempre foi forte. Agora, ele só parece triste. Levemente, ele sacode o ombro de Asya até que ela se sente na cama, depois bate no local do outro lado.

Vou me sentar ao lado dele, mantendo meu olhar grudado no dele o tempo todo. Um nó se formou em minha garganta quando o vi bater na porta lá fora, mas agora sinto que vou vomitar. Ele vai nos contar algo ruim.

— Algo aconteceu esta noite. No cassino. — Ele pega minha mão com uma das suas e a de Asya com a outra, mas não olha para nenhuma de nós. — Preciso que

vocês duas sejam corajosas.

— O que aconteceu? — Asya pergunta em meio a um bocejo. — Onde está a mamãe?

— Houve... um tiroteio. — Ele aperta nossas mãos. — Muitas pessoas ficaram feridas.

Tiro minha mão da dele. Nunca falamos sobre tiroteios ou armas em nossa casa. Papai não permite isso.

— Onde estão mamãe e papai? — Eu soluço.

Arturo passa o braço ao meu redor, puxando-me para ele. Posso ouvir Asya chorando enquanto se aconchega em seu outro lado.

— Eles se foram, — Arturo se engasga. — Mamãe e papai se foram.

— Você está mentindo! Por que está mentindo? — Eu grito enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas sei que ele não está. Arturo nunca mente.

Capítulo 1

Sienna

Presente

Aproximo-me da grande porta ornamentada e bato duas vezes.

— Entre, — diz uma voz masculina do outro lado.

Entro no escritório do chefe da Família Cosa Nostra de Nova York, com meus saltos verdes fazendo barulho no piso polido quando me aproximo.

— Você queria me ver, Don Ajello, — digo com minha voz mais doce.

Os olhos de Salvatore Ajello se desviam do meu vestido verde-grama para o topo da minha cabeça e param no meu coque. Há penas saindo dele, da mesma cor do meu vestido. Levei meses para encontrar o tom exato.

— Sente-se, Sienna. — Ele acena com a cabeça para a cadeira à sua frente.

Eu me ajeito na cadeira e aliso meu vestido, imaginando por que ele me chamou. Não é todo dia que alguém tão insignificante como eu, no que diz respeito à hierarquia da Cosa Nostra, é convidado para uma reunião particular com o chefe.

Ajello se inclina para trás e me olha. Há algo perturbador em seu olhar, e isso me faz sentir como se estivesse sendo dissecada.

— Sua irmã se casou há algum tempo, — diz ele. — Vocês duas eram muito próximas.

— *Somos* próximas, sim.

— Mas ela está em Chicago agora. Deve ser difícil para você.

— Asya adora lá, e fico feliz por ela. — Sorrio, tentando manter minha voz casual. Ele realmente sabe como escolher a coragem para provocar.

— É importante garantir que a família esteja feliz. E quanto a Arturo?

Eu estreito meus olhos para ele. Há algum motivo para essa conversa? — E quanto a ele?

— Seu irmão tem trinta e seis anos, Sienna. Ele provavelmente se casará em breve. Terá sua própria família. O que você fará quando isso acontecer? Você vai ficar com ele e ser a terceira opção?

Cada palavra que ele diz se enterra como um punhal em meu peito. Já me sinto mal por passar meus dias sem fazer nada além de sair com meus amigos ou ler enquanto Arturo trabalha o tempo todo. Meses atrás, prometi a mim mesma que encontraria um curso de administração para finalmente começar a fazer algo da minha vida, mas ainda não fiz nada a respeito.

— Eu nunca atrapalharia a felicidade do meu irmão, — digo. — Quando isso acontecer, provavelmente vou me mudar. Encontrarei um emprego.

— Por que você não foi para a faculdade? Isso ainda está em seus planos?

— Não sou material para a faculdade, Don Ajello.

— Não? E ainda assim, você fala vários idiomas. Arturo me disse que você aprendeu todos eles sozinha.

— Sim. Italiano. Inglês, obviamente. Espanhol e português. E tenho algum conhecimento de russo e japonês. — Será que ele precisa de um tradutor para alguma coisa?

— Quanto tempo você levaria para aprender um novo idioma? — ele pergunta.

— Hum, bem. Depende. Apenas falar ou escrever também?

— Bem o suficiente para que você possa entender o que está sendo dito. Nada de escrever.

Penso nisso por um momento. — Três meses. Talvez quatro. Dependendo do idioma.

Ajello acena com a cabeça enquanto seus olhos penetrantes se fixam nos meus. — Perfeito. Vamos organizar o casamento, então.

— Ah? E quem vai se casar?

— Você, Sienna.

Pisco duas vezes, perguntando-me se o ouvi corretamente. Ajello está sentado, relaxado em sua cadeira. Seus braços estão cruzados sobre o peito enquanto ele me observa.

— Você não gostaria de acabar sozinha, não é? — diz ele com a cabeça inclinada para o lado.

Esse desgraçado. É como se ele pudesse enxergar dentro de minha alma, encontrar os piores medos que se acumulam ali e tirá-los contra minha vontade.

Meus dedos se apertam na saia do meu vestido. — Não.

— Então, um casamento é a solução perfeita.

— Sim, parece que sim. — Eu me obrigo a sorrir.

— Fico feliz por concordarmos com isso. Já tenho alguém em mente para você. Nos últimos anos, tenho tentado plantar alguém dentro da organização dele. Esta é uma ótima oportunidade.

— Você precisa que eu espione meu futuro marido?

— Sim. Você estará prestando um grande serviço à Família.

— Ele não é da Cosa Nostra?

— Não. Ele é um parceiro de negócios. — Ajello inclina a cabeça. — Seu irmão não vai ficar feliz quando eu contar a ele. Preciso que você convença Arturo de que está de acordo com esse casamento.

— E se ele não acreditar em mim?

— Arturo é meu subchefe. Eu até o chamaria de... amigo. Não tenho muitos amigos, Sienna, por isso prefiro não ter de matá-lo por discordar de meus planos. Certifique-se de que ele acredite em você.

— Farei o melhor que puder. — Forço outro sorriso. — Isso é tudo?

Ajello levanta uma sobrancelha. — Você não perguntou com quem vai se casar.

— Acho que isso não importa.

— Perfeito. Vou tomar as providências. Pode ir.

Ele me interrompe quando estou indo em direção à porta.

— Mais uma coisa, Sienna.

Eu me viro. — Sim?

— Comece a aprender sérvio. Você tem três meses.

* * *

Quando saio do prédio de Ajello, fico no meio da calçada enquanto as pessoas passam correndo. Partes de várias conversas chegam até mim. Risos. Uma mãe irritada chamando por seu filho. O barulho me invade, e é como se eu tivesse entrado em uma colmeia, com suas paredes se fechando sobre mim. Quero sair, mas não consigo mover minhas pernas. Alguém bate em mim com o cotovelo, fazendo com que eu tropece para o lado, mas ainda estou atordoada e mal percebo o impacto.

Será que vou mesmo me casar com um homem que nunca conheci? Eu poderia recusar, mas, na Cosa Nostra, a palavra do chefe é a lei, e ir contra suas ordens é semelhante a traição. Eu poderia contar a verdade a Arturo, e talvez ele conseguisse convencer Ajello a desistir da ideia. Meu irmão salvou a vida dele

há cerca de uma década, então duvido muito que o Don realmente o mataria. Mas o fato é que Ajello está certo. Meu irmão colocou sua vida em espera quando nossos pais foram mortos. Preciso ir embora.

Um arrepio percorre meu corpo só de pensar nisso.

Nunca morei sozinha e acho que não vou conseguir lidar com isso. Já é muito solitário com a ausência da Asya e o fato de Arturo estar muito ausente por causa do trabalho, então geralmente passo o dia na casa da Luna. Mas as noites são difíceis.

Depois do que aconteceu quando Asya foi sequestrada, prometi ao meu irmão que nunca mais tomaria remédios para dormir. Mas já pensei nisso. Não para me machucar; eu simplesmente não consigo dormir em uma casa vazia.

Se eu pedir a Arturo para ficar mais em casa, tenho certeza de que ele dirá que sim, mas eu nunca faria isso. Ele já tem problemas suficientes para lidar e não precisa das minhas besteiras além disso. A vida social do meu irmão é inexistente há quinze anos. Fora do trabalho, seu único foco tem sido criar Asya e a mim. Ele nunca trouxe uma mulher para nossa casa, e temo que não o fará enquanto eu estiver lá. É como se, em algum ponto do caminho, ele tivesse se esquecido de que não é nosso pai. Não sou mais uma criança e não posso permitir que isso continue. Arturo precisa viver sua própria vida.

Mas a simples ideia de morar sozinha, sem ninguém para conversar, está me deixando em pânico total. Não posso fazer isso. Nunca poderei fazer isso. Se casar com um estranho é a única maneira de não acabar sozinha, vou aceitar. Só preciso convencer Arturo de que a ideia foi minha. Ele nunca permitiria que eu me casasse simplesmente porque o Don ordenou.

— Srta. DeVille.

Olho para a direita e vejo meu motorista parado ao lado do carro, segurando a porta aberta para mim. Atravesso a distância em silêncio e deslizo para o banco de trás.

— Está tudo bem, Srta. DeVille? — pergunta o motorista ao se sentar ao volante.

— É claro. — Eu lhe dou um sorriso radiante. — Vá para o shopping, por favor. Ouvi dizer que há grandes promoções hoje.

Quando o carro entra na rua, tiro o celular da bolsa e ligo para o meu irmão. Ele toca várias vezes e vai para o correio de voz. Ele provavelmente está em uma reunião novamente.

— Oi, Arturo, — eu digo após o sinal. — Sei que você está ocupado, mas queria lhe contar as novidades. Depois que a Asya se casou, fiquei pensando sobre minha vida, então fui ver o Don hoje de manhã e perguntei se ele poderia arranjar um casamento para mim. Ele disse que sim! — Eu dou uma risadinha. — Espero que seja um advogado. Ou algum CEO. De qualquer forma, só queria que você soubesse. Estou indo para o shopping agora mesmo. Há um vestido de chiffon multicolorido incrível que vi on-line. Ele é plissado e os tons se misturam tão bem! Parece que foi feito só para mim. Amo você!

Coloco o telefone de volta na bolsa, tiro rapidamente uma lágrima da bochecha e concentro meu olhar na rua além da janela.

Drago

Observo o homem sentado em uma poça de sangue a meus pés. O lado esquerdo de seu rosto está tão inchado que parece que vai estourar a qualquer momento. Eu o agarro pelo pescoço e o levanto, pressionando suas costas contra a parede.

— Então, você simplesmente deixou escapar informações confidenciais enquanto nosso concorrente estava presente? — pergunto.

O homem reclama e coloca as mãos em volta do meu pulso, tentando se libertar. Eu o empurro contra a parede e me aproximo de seu rosto.

— Você sabe o que eu faço com os traidores, Henry?

Os olhos do homem se arregalam como pires e ele se arrepia. Um momento depois, o cheiro de urina enche o ar.

— Estou vendo que sim. — Sorrio e pego a faca que está sobre a mesa próxima.

Quando pressiono a ponta da lâmina no abdômen de Henry, logo acima do umbigo, ele começa a se debater, então aplico mais força ao segurar. Seu rosto fica mais vermelho enquanto ele luta para respirar. Mantendo meu aperto em seu pescoço, arrasto a faca para cima, lentamente. O sangue escorre pelo torso nu de Henry enquanto ele grita em agonia. Quando alcanço sua clavícula, coloco a ponta da faca abaixo de seu mamilo esquerdo e repito meus esforços, só que, desta vez, cortando horizontalmente em direção ao seu lado direito. O homem se engasga mais algumas vezes e seu corpo fica mole. Seus olhos vidrados me fitam fixamente. Termino a forma que estou esculpindo em sua frente, limpo a lâmina na perna de sua calça e deixo seu corpo cair no chão.

— Prenda-o na parede, — digo aos dois homens que estão de pé ao lado e depois me viro para Filip - meu segundo em comando - que está deitado no sofá. — O que Ajello queria?

— Ele quer se encontrar, — diz Filip. — Ele tem uma proposta de negócios para você.

Pego o pano de prato do balcão e limpo o sangue das mãos. — Ligue de volta para ele. Diga a ele que pode enfiar a proposta dele na bunda. Não fazemos mais negócios com a Cosa Nostra, como já disse a Arturo inúmeras vezes.

— Agora não é hora de irritar o chefe, Drago. — Filip se inclina para a frente. — Especialmente com o novo plano que estabelecemos. Bogdan retaliará assim que descobrir que você decidiu tirá-lo do negócio de armas. Não podemos enfrentar os romenos e os italianos ao mesmo tempo.

— Duvido que Ajello se importe com nossos planos. Ele não trabalha mais com Bogdan, então não vejo por que se intrometeria em nossos negócios. Quanto às suas penas, eu não me preocuparia muito com elas.

— Tudo o que acontece em Nova York é assunto de Ajello. Se ele achar que a guerra entre nós e os romenos pode ter o mínimo impacto em seus projetos, ele fará algo a respeito. Na verdade, acho interessante que ele tenha escolhido esse exato momento para tentar restabelecer uma colaboração entre nós.

— Você acha que ele descobriu sobre o acordo de armas que estamos negociando?

— Ele provavelmente sabe que estamos envolvidos em algo, mas não acho que esteja ciente dos detalhes. Por outro lado, nunca se sabe com Salvatore Ajello.

— Perfeito, porra. — Eu jogo o pano ensanguentado na mesa. — Ligue para Ajello. Diga a ele que estarei fora da cidade nos próximos dois meses, mas que vou pensar em seu pedido. Podemos conversar quando eu voltar.

— E você vai fazer isso? Pensar sobre isso?

Pego minha jaqueta e meu capacete na cadeira e vou em direção à porta da frente. — Não.

Capítulo 2

Sienna

Dois meses depois

Estou deitada na minha cama, assistindo a um filme da Disney que foi dublado em sérvio no meu laptop quando uma notificação de e-mail aparece na parte inferior da tela. Provavelmente é um boletim informativo de uma de minhas revistas de moda. Fecho a janela pop-up e continuo assistindo.

Prefiro aprender idiomas no meu próprio ritmo, mas como tenho um prazo, também me inscrevi em um curso on-line. Levei cinco semanas de sessões diárias com um tutor virtual para aprender o básico. O idioma sérvio é muito parecido com o russo, que eu entendo em um nível intermediário, e isso ajudou um pouco. Graças a Deus, só preciso ser proficiente na fala e não preciso saber escrever, pois isso me levaria meses. Nas últimas três semanas, tenho me concentrado em ouvir. Comecei com filmes e programas sérvios, mas há muitas gírias neles, então pode ser difícil acompanhá-los. Encontrei um canal sérvio on-line na semana passada, mas a maior parte é de notícias e política. Era tão chato que adormeci assistindo ontem. Hoje, decidi tentar outra coisa. *A Pequena Sereia* me pareceu uma boa opção.

O toque do telefone em minha mesa de cabeceira chama minha atenção. É o Don.

— Don Ajello. O que posso fazer?

— Você viu o e-mail que lhe enviei?

— Só um segundo. — Saio do filme e vou para a guia de e-mail. Há uma

mensagem em minha caixa de entrada, mas não há texto, apenas alguns anexos. Abro o primeiro. É uma foto um pouco desfocada de um homem entrando em um prédio. Apenas uma parte de seu perfil está visível. Ele está vestido com uma jaqueta de couro e calça jeans escura. Aumento o zoom da imagem, tentando distinguir algo mais do que o cabelo escuro e a barba rala do homem, que são apenas visíveis, mas a imagem está muito granulada.

— Hum, tudo bem, — eu digo. — E isso é...?

— Esse é seu futuro marido. Drago Popov. O chefe da organização criminosa sérvia.

— Ah... então ele não é advogado.

— Não, Sienna. Ele com certeza não é um advogado. Durante anos, Popov transferiu mais da metade de nossas drogas para a Europa, mas depois do ataque a seu clube por Rocco Pisanno há dois anos, Popov cortou todos os laços com a Cosa Nostra. Desde então, os distribuidores que usamos não foram nem tão rápidos nem tão confiáveis quanto Popov. Quero que ele volte a fazer parte da equipe.

— Tudo bem, — murmuro. — Então, sou um incentivo para fechar o negócio? Você não precisa de mim para espioná-lo?

— É claro que sim. Essa é a principal razão pela qual eu a escolhi para este casamento. — O som de papéis embaralhados atravessa a linha. — A maioria dos acordos clandestinos feitos nesta cidade é negociada no clube de Popov, Naos. É considerado um território neutro, adequado para reuniões sobre assuntos delicados. Preciso de alguém de confiança infiltrado que possa reunir informações sobre os negócios de Popov e passá-las para mim. Como está seu sérvio agora?

— Bem, eu posso assistir à *Pequena Sereia* sem legendas. — Eu sorrio.

— Pequena o quê?

— Mermaid. O filme. — Ele nunca ouviu falar de *A Pequena Sereia*? — A menos que a pessoa esteja falando muito rápido ou usando muitas gírias, eu consigo entender a maior parte.

— Ótimo. Estaremos avançando com o casamento mais cedo do que o previsto.

— O quê? Por quê?

— Popov fechou um grande negócio na semana passada, mas ninguém sabe do que se trata. Preciso saber sobre ele e quero saber agora.

Uau. Muito controle?

— Estou indo ao seu encontro, — continua ele, — para informá-lo sobre o acordo.

— Ele não sabe? E se ele disser não?

— Então, ele vai morrer, — Ajello grita. — Nino virá buscá-la às dez. Ele a levará para Naos.

— Que bom. Vou levar a Luna comigo. E o que...

A linha fica muda. Olho de relance para a tela do telefone. Levei algum tempo para me adaptar à maneira como Salvatore Ajello lida com chamadas telefônicas.

Sacudo a cabeça e volto a me concentrar no e-mail, analisando o restante das imagens, mas elas parecem ser mais do mesmo. A maioria está fora de foco, provavelmente tirada com uma câmera de celular com pouca luz ou em movimento. Há apenas uma foto nítida. Ela mostra Popov em pé no saguão de um hotel, talvez com o braço envolvendo a cintura de uma mulher ruiva. Ele está de costas para a câmera, de modo que seu rosto ainda não está visível. Ao seu lado, a mulher está focada nele. Ela parece uma estrela de cinema, vestida com um vestido branco justo, cabelos loiros platinados caindo pelas costas até quase a cintura.

Se esse for o tipo dele, ele ficará bastante desapontado. Essa mulher tem quase

um palmo a mais do que eu. Também cortei meu cabelo recentemente, de modo que ele mal chega ao meio das costas, e nunca o pintei. Gosto bastante de seu tom marrom escuro, por mais simples que seja. De qualquer forma, combina melhor com meu guarda-roupa. Verifico as fotos mais uma vez para ver se perdi alguma em que eu pudesse ver seu rosto, mas não. Acho que vou ter que esperar até hoje à noite para descobrir como é meu futuro marido.

Pego meu telefone novamente e ligo para minha melhor amiga.

— Bela Luna, — eu digo. — Está com vontade de dançar hoje?

Drago

Pego meu uísque e me inclino para trás, contemplando o homem sentado à minha frente na cabine.

Durante os anos em que colaborei com os italianos, interagi com Arturo, o subchefe de Ajello. Até que a farsa orquestrada por Rocco Pisano mandou nossa relação de trabalho para o inferno. Era um bom dinheiro, mas não tenho intenção de lidar com as pessoas que se voltaram contra mim. Achei que tinha sido muito claro em minha mensagem para Arturo - estamos acabados. Parece que preciso me repetir para o Don também.

— Não estou interessado em renovar nossa colaboração, Ajello.

— Você tem outro negócio em potencial em seus planos? Porque tenho certeza de que ninguém pode fornecer a quantidade e a qualidade que você costumava obter de nós.

— A questão é que não preciso de suas drogas. Meu comércio de diamantes rende o triplo da quantidade de cocaína que movimenta. — Dou de ombros.

— Não se trata de dinheiro. Há muito sangue ruim entre nós, Sr. Popov. Não posso permitir que você opere em minha cidade a menos que a rixa entre nossas famílias seja resolvida.

— Resolvida? — Tomo um gole da minha bebida e olho para ele. — E como você planeja fazer isso?

— Casamento. Especificamente, entre você e uma mulher da Cosa Nostra.

Será que ele se esqueceu de que seu capo atirou em mim e em meus homens enquanto realizávamos uma reunião de negócios e depois enviou seus mercenários para atacar meu clube? Não importa que esses mercenários não fossem membros da Cosa Nostra. Ou que meus homens tenham matado os três.

Nem mesmo importa que Rocco Pisano esteja morto.

— Perdemos um homem naquela confusão há dois anos. Não é algo que possa ser resolvido se eu me casar com uma prima de um de seus soldados, Ajello.

O Don coloca os braços no encosto do sofá, observando-me com um olhar calculado. — Estou oferecendo a irmã de Arturo DeVille para o matrimônio.

Inclino minha cabeça para o lado, considerando. Um casamento com a irmã do subchefe da Cosa Nostra é uma oportunidade de negócio muito lucrativa. De fato, parece bom demais para ser verdade.

— E qual é a opinião de Arturo sobre essa ideia? — pergunto.

— Vou me certificar de que ele veja os benefícios.

— Então, ele é contra. E quanto à irmã dele? Ela não tem aspirações de se casar dentro da família?

— Sienna é um espírito livre. Ela disse que está aberta a novas experiências.

— Ela está agora? — Tomo outro gole da minha bebida, imaginando o que está por trás dessa proposta. Porque algo certamente está. — Quantos anos ela tem?

— Acabou de fazer vinte anos.

Levantei uma sobrancelha. — Está brincando comigo, Ajello?

— Não estou *brincando* com o senhor, Sr. Popov. Você tem algum requisito específico de idade para uma mulher com quem se casaria?

— Pode-se dizer que sim. — Não posso deixar de balançar a cabeça. Italianos e seus casamentos arranjados.

— Sienna e sua amiga virão aqui hoje à noite com meu chefe de segurança. Certifique-se de que elas possam entrar. — Salvatore Ajello se levanta. — Avise-me sobre sua decisão pela manhã.

Fico observando o homem da Cosa Nostra sair, pensando se devo lhe dizer imediatamente que não tenho intenção de me casar com uma mulher com quase

metade da minha idade. Boa oportunidade de negócios ou não.

Filip ocupa o lugar que Ajello acabou de desocupar e faz um gesto com a cabeça em direção à saída do clube. — O que o italiano queria?

— Resolver a rixa entre nós. Ele quer que voltemos a cuidar da distribuição de suas drogas. E ele me ofereceu a irmã de Arturo DeVille em casamento para fechar o negócio.

Os olhos de Filip se arregalaram. — Você vai aceitar?

— Não.

— Por que não? O suprimento de drogas está seriamente baixo, e Ajello tem o melhor produto. Além disso, a conexão familiar com a Cosa Nostra nos dará uma posição de negociação muito melhor com a Bratva russa.

— A garota tem vinte anos. Não vou me casar com uma princesa mimada da Cosa Nostra, que mal saiu da adolescência.

Os sons de qualquer hit pop enchem a sala pelos alto-falantes suspensos. A música não está alta porque o volume não será aumentado até que a boate abra suas portas para a noite. No entanto, ainda é o suficiente para atrapalhar minha audição já ruim, então tenho que me concentrar na boca de Filip e ler seus lábios.

— ...e quem se importa com isso? — diz ele. — Leve a garota para casa, dê a ela um cartão de crédito e diga que não há limite. Ela passará seus dias fazendo compras e visitando salões de beleza. Com sua agenda de trabalho, você provavelmente quase não a verá.

— Eu preferiria nunca vê-la. — Balancei a cabeça. — Você se lembra de Tara aos vinte anos? As brigas aos berros? De como ela se trancava no quarto quando eu não lhe dava o dinheiro para um carro novo até que ela o ganhasse? Estou muito velho para passar por toda essa besteira de novo, com uma *esposa*.

— Sacrifícios devem ser feitos para o bem dos negócios. — Filip se inclina para

a frente. — Os italianos levam os laços familiares muito a sério, Drago. Um casamento com a irmã de Arturo garantirá que a Cosa Nostra não se intrometerá em nosso negócio de armas. Você não deve deixar passar essa oportunidade.

Aperto a ponta do meu nariz. Estou pensando seriamente em me casar com uma garota jovem o suficiente para ser minha filha? Nosso negócio de pedras preciosas e outros empreendimentos paralelos já geram uma renda significativa. Com o negócio de armas também em pauta, estaremos muito perto de ter mais dinheiro do que podemos lavar por meio do clube. Voltar ao transporte de drogas só causará mais complicações. Mas Filip está certo. Não posso deixar passar essa oportunidade, e isso não tem nada a ver com dinheiro. O trabalho tem sido a única coisa que me mantém vivo. Quanto mais trabalho, mais fácil é passar o dia. Dizer ‘não’ a uma oportunidade em potencial está fora de questão.

— Tudo bem. — Eu suspiro. — A garota virá aqui hoje à noite com uma amiga. Nino Gambini estará com elas. Diga aos homens na porta para deixá-los entrar e certifique-se de que estejam sentados ali. — Aponto para a cabine no lado oposto da sala. A que está em minha linha direta de visão.

Filip segue a direção do meu dedo, depois limpa a garganta. — Temos um magnata da TI chegando. Ele reservou aquele estande com quatro meses de antecedência.

— Encontre outro para ele, — eu digo e aceno para o garçom. — Quero dar uma olhada nessa garota antes de decidir se ela vale o trabalho.

Capítulo 3
Sienna

— Uau. — Meu olhar varre a sala circular enquanto aprecio a incrível visão diante de mim.

As cabines semiprivadas quase cercam a pista de dança no centro do luxuoso espaço. Paredes de vidro fosco com intrincadas molduras de ferro separam cada cabine. O santuário interno consiste em uma área de estar aconchegante, incluindo um sofá de couro e duas poltronas combinando ao redor de uma mesa baixa com tampo de vidro. Ao lado de cada divisória de vidro, vestido com uma camisa branca imaculada e calça preta, está um garçom pronto para atender a qualquer pedido que lhe seja feito, mesmo ao menor aceno dos clientes que ocupam as cabines designadas. No lado oposto do salão, há um enorme bar de meia volta com vários bartenders atendendo aos clientes reunidos ao longo de sua extensão. Uma dezena de casais está na pista de dança, dançando uma música lenta.

O que eu acho estranho é o fato de haver menos de cem pessoas aqui. Não frequento boates com frequência porque, até ao ano passado, Arturo só me deixava visitar lugares dirigidos por membros da Cosa Nostra, e nenhum deles tinha uma boate de verdade. Meu irmão só recentemente soltou minhas rédeas, e só porque eu disse a ele que ia pirar se continuasse com sua educação super-protetora.

— Achei que seria maior, — murmuro.

— Com um preço de quinze mil dólares por cabine por noite, você não pode esperar ter centenas de pessoas, — diz Nino enquanto leva Luna e eu atrás do anfitrião, que nos conduz à última cabine do lado esquerdo. A única que está vaga no momento.

Enquanto caminhamos, dou outra olhada no espaço e faço alguns cálculos rápidos em minha cabeça. Doze cabines, quinze mil dólares cada. Isso dá cento e oitenta mil por noite. Se eles ficarem abertos cinco noites por semana, cinquenta e duas semanas por ano, o valor chega a quarenta e seis vírgula oito milhões por ano. Puxa vida!

— Então, você está em uma missão? Deslumbrar e não deixar ninguém para trás? — Luna acena com a cabeça para minha roupa e ri, distraindo-me de minha matemática.

— O quê? Pensei que isso fosse suave. — Dou de ombros e me sento no sofá branco de pelúcia. Nino se acomoda na poltrona à esquerda, enquanto Luna se senta ao meu lado.

— São alguns milhares de lantejoulas douradas a mais para serem consideradas suaves, Sienna, — diz ela com uma risada. — Pelo menos não é verde fluorescente, ou algo do gênero.

— Eu nunca usaria um macacão verde. Ele me faria parecer um gafanhoto.

— Graças a Deus pelos pequenos favores. — Luna revira os olhos.

— Mas comprei uma jaqueta amarela de pele sintética na semana passada. — Eu sorrio só de pensar nisso. — É um arraso.

Ela arqueia uma sobrancelha eloquente para mim. — Não se atreva a vir a lugar algum comigo usando essa coisa. Ainda me arrepio só de pensar em você aparecendo na festa de aniversário da Valéria com aquele vestido vermelho de penas.

— A vida é muito curta para usar roupas chatas. — Eu ri e me inclino para trás para observar a multidão.

Luna não entende. Ninguém entende. As pessoas veem minhas roupas malucas e meus sorrisos largos e presumem que devo ser uma pessoa superfeliz, sem o menor problema do mundo. E eu sempre me certifico de assegurar-lhes suas

convicções.

Quando meus pais morreram, eu não queria falar com ninguém, mas todos perguntavam se eu estava bem. Arturo. Nossa tia, que veio ficar conosco por um curto período depois disso. Os vizinhos. Até a Asya. Eu não estava bem. Como eu poderia estar bem quando acordava todas as manhãs sabendo que era minha culpa a morte de nossos pais? Se eu não tivesse insistido para que eles nos levassem à festa, eles não teriam ido trabalhar naquela noite. E toda vez que alguém perguntava como eu estava, eles me lembravam desse fato. Eu só queria que me deixassem em paz, mas todos ficavam me provocando até que eu não aguentasse mais. Então, comecei a fingir que estava bem. Eu brincava, ria e agia como se tudo estivesse perfeito. E as pessoas finalmente pararam de fazer perguntas.

Com o passar dos anos, de alguma forma, eu me adaptei ao personagem que criei. Deixei de lado as coisas que me incomodavam, enterrando-as bem no fundo, sem nunca deixá-las sair. Problemas. Medos. Inseguranças. Tudo ficou bem guardado. Se eu não pensar nos problemas, eles desaparecem. Eu gostava muito mais disso do que da alternativa, mas desde que minha irmã foi morar em Chicago com o marido, tenho me sentido tão... perdida. Como um passageiro que foi deixado para trás, sozinho em uma plataforma de trem abandonada, observando o último trem desaparecer além do horizonte.

Não entendo por que me sinto assim. Meu irmão e minha irmã me amam, eu sei disso. Eles fariam qualquer coisa por mim. Mesmo assim, nunca consegui me abrir com eles por causa de um medo irracional de que eles deixariam de me amar se percebessem que não sou só sol e arco-íris.

— Ei! — Luna me cutuca com o cotovelo. — Você está bem?

Pisco os olhos e dou risada. — É claro. Por que eu não estaria? Ah, já lhe contei sobre a nova história que estou escrevendo?

— Aquela sobre a noiva por correspondência?

— Não. Atualmente, estou em uma fase de romance com shifters. Ouça...

Drago

Observo o trio na cabine em frente à minha. O chefe de segurança do Don, Nino, está sentado com o braço jogado sobre o encosto da poltrona, parecendo muito entediado. Eu o encontrei algumas vezes, mas nunca conversamos por tempo suficiente para que eu pudesse ter uma impressão específica. Meus olhos se desviam, parando nas duas garotas sentadas no sofá em frente a Nino, rindo. Uma delas está usando um vestido de coquetel preto e tem o cabelo loiro solto, cada fio liso e em seu lugar. Sofisticada. Com classe. Provavelmente é a irmã do subchefe. Ela definitivamente tem a aparência certa. Eu deveria estar me concentrando nela, mas meus olhos são atraídos para a garota à direita da loira.

Eu a notei no momento em que ela entrou na boate, assim como o resto da multidão, principalmente os homens. É difícil não notar uma mulher vestindo um macacão dourado cintilante que capta a luz toda vez que ela se move. Ele se molda ao seu corpinho perfeito e se amarra no pescoço, deixando as costas e os ombros à mostra. É ridículo e absolutamente inadequado para o rigoroso código de vestimenta da Naos. Se ela não estivesse com a irmã de Arturo, meus homens na entrada não a teriam deixado entrar.

Deslizo meu olhar do decote em V profundo na frente da monstruosidade dourada para seu rosto de fada. Maçãs do rosto afiadas. Um nariz pequeno e empinado. Um rosto encantador, atualmente alargado em um sorriso enquanto ela diz algo próximo ao ouvido de sua amiga. Estou longe demais para ler seus lábios, então saio da minha cabine e vou para trás do bar, passando pelos barmen ocupados servindo bebidas. Há um ponto específico nas sombras de que gosto, ao lado do grande pilar que esconde os fios elétricos. Apoio meu ombro na parede e me concentro nos lábios brilhantes da garota.

— *Eles são companheiros de destino, mas ele a rejeita por outra mulher. Ela*

decide fugir da matilha. No entanto, ela não consegue mudar para sua forma de lobo, então...

Levanto uma sobrancelha. Matilha? Transformar-se em um lobo? Mesmo com a iluminação fraca do clube, a cabine é amplamente iluminada pela lâmpada ao lado do sofá, então tenho certeza de que li seus lábios com precisão. A garota cintilante tenta tirar uma mecha de cabelo castanho-escuro que caiu em seu rosto e a coloca atrás da orelha. A massa de suas madeixas está entrelaçada em duas tranças francesas bagunçadas, começando na coroa e descendo pelas laterais da cabeça. Cada trança é decorada com o que parece ser uma série de pequenos anéis de ouro. Com todas as mulheres ao redor em vestidos de gala ou de coquetel, com seus cabelos em estilos perfeitos e elegantes, ela parece completamente fora de lugar. Talvez essa seja a razão pela qual não consigo parar de olhar para ela.

Uma mão bate em meu ombro. Eu me viro e vejo Filip atrás de mim, olhando na mesma direção em que eu olhava. — Então? O que você acha? Não é exatamente seu tipo.

Dou uma olhada rápida para a garota de vestido preto. — Por quê? Eu gosto de loiras.

Filip franze as sobrancelhas, uma careta toma conta de seu rosto. — Não é a loira, Drago. A irmã de Arturo DeVille é a garota com um macacão dourado.

Lentamente, eu me viro e olho para a garota brilhante. Ela ainda está falando, agitando as mãos com entusiasmo, com várias pulseiras de ouro penduradas nos pulsos. Eu me concentro em seus lábios.

— Ele está morrendo por causa de um ferimento no peito. Aquele que ele recebeu quando lutou com a companheira dela em sua forma de lobo.

Olho para meu segundo em comando. — Tem certeza?

— Sim. Quer que eu ligue para Ajello e diga que você não vai fazer isso?

— Ainda não.

Volto para Sienna DeVille, tomo outro gole do meu uísque e espero para ver o que acontece com o lobisomem.

— E ela entra correndo no quarto e o vê coberto de sangue. Pimba! Suspense. O que você acha?

A garota loira inclina a cabeça, de modo que não consigo captar sua resposta. Ela ri, depois acena com a cabeça para a multidão, dizendo outra coisa.

— Acho que não, — responde a irmã de Arturo. *— Só vi algumas fotos dele, mas as fotos foram tiradas de costas. Espero que ele seja gostoso. Mas mesmo que não seja, não tem problema. Com base no que estou vendo aqui, ele está cheio de dinheiro. Mal posso esperar para começar a gastar o dinheiro dele. Que excitante!*

Ela dá uma risadinha, pegando sua bebida. Sacudo a cabeça e me viro, com a intenção de encontrar Filip e pedir que ele chame Ajello. Se há uma coisa que não suporto é uma garimpeira. E não vou me envolver com uma, que se danem os negócios. Dou uma última olhada na cabine. A garota loira está inclinada para o lado, procurando algo em sua bolsa. Nino ainda está mexendo em seu telefone. Mas o que mais chama minha atenção é a expressão no rosto de Sienna DeVille. Em vez do sorriso malicioso de apenas alguns segundos antes, seu rosto está completamente vazio. A bebida que ela está segurando parece ter sido esquecida enquanto ela olha fixamente para algum lugar à sua frente.

Quando um de seus sentidos fica comprometido, o corpo se adapta, aprimorando os que lhe restam. Tive duas décadas para me adaptar e aprimorar várias maneiras de perceber as coisas. Linguagem corporal. Expressões faciais. O olhar nos olhos de uma pessoa. Todas essas coisas dizem muito mais do que as palavras que as pessoas realmente falam. Levanto meu copo até aos lábios, observando a garota. A roupa que ela está vestindo pode estar brilhando como uma maldita árvore de Natal, mas não há sequer um indício de brilho em seus

olhos. Não, Sienna DeVille não está mais entusiasmada com a ideia de casamento do que eu. Não importa o que ela diga.

A garota loira tira o celular da bolsa e se volta para a irmã de Arturo. Um sorriso radiante toma conta do rosto de Sienna enquanto ela envolve a amiga com o braço, posando para uma foto, rindo. Acho que nunca vi uma pessoa mudar sua expressão facial e sua linguagem corporal tão rapidamente. Ela parece estar genuinamente se divertindo agora e, por mais que eu tente, não consigo decidir qual dessas expressões é a verdadeira.

Sienna

— Então? Ele está aqui?

Nino me ignora, muito concentrado em seu telefone.

— Nino! — Aperto seu braço.

— O que foi agora?

— Popov está aqui?

Ele revira os olhos e dá uma olhada ao redor. — Não, ele não está. Como eu já lhe disse pelo menos sete vezes na última hora.

— Já se passaram duas horas. Por que ele não está aqui? É o clube dele.

Nino murmura algo e olha para o celular novamente.

Suspirando, agarro o antebraço de Luna. — Vamos dançar.

Puxo minha amiga para a pista de dança, balançando os quadris no ritmo da música. É difícil com saltos de 15 centímetros, mas faço o melhor que posso. Não há muitas pessoas dançando, talvez vinte, e um bom número delas está lançando olhares curiosos em minha direção.

Estou acostumada a ser encarada pelas pessoas. É inevitável, considerando minhas escolhas de moda. Então, deixo que olhem. Deixe que acreditem na personalidade que eu projeto - uma garota despreocupada e tão segura de si que entraria em um clube de luxo vestida com uma roupa brilhante e se sentiria bem com isso.

Meu irmão acha que aceitei o casamento arranjado porque estou entediada e quero me vingar dele por ser muito protetor. Ele mesmo disse isso enquanto me repreendia e tentava me fazer mudar de ideia. O Don acredita que é porque ele ameaçou a vida do meu irmão. Não tenho certeza do que Luna pensa, mas

considerando o número de vezes que mencionei esta noite como Drago Popov deve ser rico, ela provavelmente acredita que quero me casar por dinheiro. Sempre me surpreende a facilidade com que as pessoas chegam a conclusões quando eu as deixo ver o que elas esperam ver. Acho que ninguém acreditaria que eu me casaria com um estranho porque tenho medo de ficar sozinha.

Passo meus olhos pela multidão, procurando um homem de jeans. Este não parece ser um lugar que aceita jeans, mas em todas as fotos que vi, Drago Popov está usando. Não, não há jeans em lugar nenhum. Somente ternos sob medida.

Uma figura alta apoiada no balcão atrai minha atenção. Ele está parcialmente nas sombras, mas, com base em sua postura, eu diria que ele está na casa dos trinta anos. A calça preta que ele está usando é imaculadamente ajustada e sua camisa preta, com o primeiro botão desabotoado, se estende sobre seus ombros largos. Ele não está usando paletó e as mangas da camisa estão enroladas até aos cotovelos. Há algo familiar nele, mas não consigo identificar. Ele tem olhado em minha direção desde que o notei ali, mas o ignorei, assim como ignorei o resto dos homens da boate que estavam me olhando.

Ele se inclina para a frente para colocar o copo no balcão e, de repente, eu o vejo. Cabelos escuros curtos, um pouco mais compridos na parte superior. Pele cor de oliva que fala de tempo ao sol. E, finalmente, as linhas nítidas de seu rosto, iluminadas pela luz da arandela no pilar próximo. Ele é bonito, como muitos outros no clube. Mas há uma diferença marcante que o diferencia dos outros homens aqui. Enquanto eles ficam olhando para a minha bunda e o meu decote, esse cara está concentrado apenas no meu rosto.

Eu o olho nos olhos e sorrio. De acordo com todos os relatos, ainda sou uma mulher solteira, portanto, não vejo nada de errado em um pouco de flerte benigno. Ele não sorri de volta. Que falta de educação! Volto minha atenção para o resto da multidão, mas, de alguma forma, meu olhar se volta para o homem taciturno. Ele ainda está olhando para mim. Outro cara de terno cinza se

aproxima por trás e coloca a mão no ombro do Sr. Alto, Moreno e Bonito. Sem quebrar o contato visual, o bonitão rude balança a cabeça e manda o cara de terno embora.

A música muda para uma melodia lenta: ‘The Sound of Silence’, interpretada por Disturbed. Eu sempre preferi essa versão.

— Não gosto de músicas lentas. Você acha que o Nino vai nos deixar pegar outra bebida? — Luna pergunta e volta para a nossa cabine.

Eu não respondo. Nem sequer me mexo porque estou enraizada no local, olhando para o homem do bar enquanto ele caminha diretamente em minha direção.

Algo na maneira como ele se comporta chama a atenção. Um ar de perigo o envolve, e o cheiro é intensificado pelo modo como ele caminha. Cada passo é lento e deliberado, como se ele fosse um lobo à espreita. A intensidade de seu olhar é petrificante e sedutora, como se de alguma forma ele tivesse cravado garras invisíveis em mim. Não consigo desviar o olhar.

A música que toca nos alto-falantes aumenta de tom, cada palavra mais alta que a anterior. Meu coração acompanha o ritmo, batendo cada vez mais rápido e, quando ele para bem na minha frente, parece que a maldita coisa vai sair do meu peito.

— Dance comigo. — O timbre profundo de sua voz me envolve e é como se roçasse em cada centímetro de minha pele exposta. Estou convencida de que não teria sido capaz de rejeitá-lo mesmo que ele se desse ao trabalho de pedir. Sua mão desliza pela minha cintura. A certeza se instala quando olho fixamente em seus olhos verdes. Minha chance de escapar de qualquer escuridão que ele ofereça já passou há muito tempo.

Ele inclina a cabeça para cima, quebrando nosso contato visual, para olhar algo atrás de mim. Que merda. Eu me esqueci completamente de Nino. Olho por cima do ombro, esperando ver o irmão de Luna correndo em nossa direção. Mas, em

vez de se aproximar para impedir o avanço do estranho, quer eu queira ou não, Nino está parado na beira da pista de dança, olhando para o gostoso. Enquanto eu observo, Nino acena com a cabeça e permanece no lugar. Imediatamente, o braço em volta da minha cintura se aperta, puxando-me para mais perto do peito duro, exigindo minha atenção.

— Sua babá decidiu não nos incomodar.

Ele tem um sotaque estranho, enrolando o *R*, o que faz com que sua voz soe um pouco rouca. O marido da minha irmã é russo e, embora Pasha não tenha sotaque algum quando fala inglês, alguns de seus amigos têm. O sotaque desse homem é semelhante, mas não exatamente o mesmo.

— Acho que é seu dia de sorte. — Sorrio, tentando esconder meu nervosismo. Falar ou flertar com homens nunca foi um problema para mim antes, mas agora acho difícil.

Suas mãos se movem para a parte inferior das minhas costas, logo acima do cós baixo do meu macacão. Sei que deveria colocar minhas mãos atrás de seu pescoço, mas ele é muito mais alto do que eu, então apenas coloco as palmas das mãos em seus ombros.

— Parece que sim. — Uma de suas palmas se move ligeiramente para cima, tocando minha pele nua. — Não me lembro de tê-la visto aqui antes.

— Vim dar uma olhada em alguém.

— Alguém do sexo masculino?

Seu polegar acaricia a pele ao longo da linha da cintura do meu macacão. A cada pincelada, uma faísca se acende, enviando uma onda de calor através de mim, enquanto seus olhos se fixam nos meus. Pisco algumas vezes, tentando me recompor.

— Talvez, — eu finalmente digo.

— O que será que seu *acompanhante* vai pensar sobre seu traje?

Sorrio, com a intenção de dar a ele uma resposta espirituosa, como costumo fazer em situações semelhantes, mas a ferocidade de seu olhar está atrapalhando minha concentração e, em vez disso, acabo deixando escapar a verdade. — Eu realmente não dou a mínima.

Algo brilha em seus olhos, e o canto de sua boca se curva para cima.

— Interessante. — Ele levanta a mão e traça meu lábio inferior com a ponta do polegar. — Diga-me, o que aconteceu com a garota lobo?

— A garota lobo? — Eu dou uma risadinha. — Do que você está falando?

— A garota que encontrou seu homem coberto de sangue. Ela conseguirá salvá-lo?

Meu queixo cai. O quê? Como?

O cara gostoso coloca o dedo indicador embaixo do meu queixo e bate de leve nele. Fecho rapidamente a boca, depois a abro novamente para perguntar como ele sabe da minha história quando a música termina. Uma música rápida começa a tocar e percebo que não estávamos dançando. Ficamos ali parados, imóveis, o tempo todo.

— Foi um prazer conhecê-la, Sienna DeVille, — diz ele, e meus olhos se arregalam de surpresa. — Ligue para seu Don. Diga a ele que Drago disse sim.

Fico boquiaberta com ele, sem saber o que dizer.

A mão de Drago cai do meu rosto e ele se afasta, atravessando a pista de dança e fazendo sinal para que o homem de terno cinza o siga. Eles caminham em direção aos fundos e, um momento depois, desaparecem por uma porta preta.

Esse é meu futuro marido?

Capítulo 4

Drago

Estaciono minha motocicleta a algumas vagas de distância do carro branco que venho seguindo há uma hora e observo o motorista abrir a porta traseira. Sienna DeVille sai, com um sorriso largo e a roupa mais bizarra que já vi. A princípio, eu me pergunto se ela saiu de pijama, porque é assim que esse conjunto de calça e blusa se parece. É branco, com manchas pretas por toda parte, fazendo com que pareça que ela vestiu um couro de vaca. Seus saltos são laranjas como o casaco, e ela tem um grande laço laranja no topo da cabeça, preso em um rabo de cavalo alto. Ela diz algo ao motorista e entra em uma livraria que fica de frente para a rua. Espero por alguns instantes, tiro meu capacete e a sigo.

A livraria é enorme, com várias mesas grandes carregadas de livros empilhados na frente e estantes de parede inteira nos fundos. Não preciso procurar muito para encontrar minha futura esposa, pois é impossível não notá-la com essa roupa. Ela está parada em uma das prateleiras, segurando um livro grosso nas mãos. Olho para a grande placa suspensa no teto, esperando que ela diga *beleza* ou *moda*. Não diz. Parece que ela está navegando na seção de negócios.

Uma vendedora da loja se aproxima dela, uma mulher mais velha com um rosto amargo. Sienna sorri e se inclina para a frente para sussurrar algo em seu ouvido. A atendente sombria arregala os olhos e depois começa a rir. Elas passam alguns minutos discutindo algo e, quando a vendedora retorna ao balcão, ela está com um sorriso brilhante no rosto. Minha futura esposa verifica mais alguns livros da seção antes de dar uma volta pela loja. Eu me escondo entre os mostruários de livros sobre política e continuo a observá-la.

Uma adolescente está agachada na prateleira de títulos de romance quando

Sienna se aproxima dela e se inclina, dizendo algo. A garota dá de ombros e balança a cabeça. Sienna se senta no chão, com as pernas cruzadas, e começa a tirar os livros da prateleira um a um e a passá-los para a adolescente. Toda vez que tira um novo livro de bolso, ela se inclina em direção à garota e faz comentários enquanto estende o livro. Com a mão cobrindo a boca, a garota dá uma risadinha.

Eu me escondo atrás da estante do outro lado delas, e agora tenho uma visão direta do rosto de Sienna através do vazio sobre os livros mais curtos alinhados em uma fileira, permitindo que eu me concentre em seus lábios sem ser visto.

— *...meu favorito. Ele é um CEO mal-humorado, e ela é sua secretária, que é apaixonada por ele desde que eram crianças.* — Sienna sorri e pega o próximo livro. — *Ah, e esse aqui é muito bom. Ela é modelo e tem um psicopata a importunando. Então, seu pai contrata um guarda-costas que é um SEAL aposentado, mas o cara não a suporta. É um tema de diferença de idade*[1]*, com um cara tenperamental e taciturno e uma garota risonha e otimista. Você vai adorar.*

Passei quase uma hora seguindo minha futura esposa pela loja, observando como ela conversava com pessoas aleatórias como se as conhecesse há anos. Algumas não parecem interessadas no início, mas, mais cedo ou mais tarde, todas acabam sendo puxadas para uma conversa com ela. Quando saem, os sorrisos iluminam seus rostos. É como se ela os tivesse enfeitiçado. E parece que também estou caindo em seu feitiço, porque esqueci o encontro que tenho com o irmão dela hoje.

Dou meia-volta e saio da livraria, deixando minha futura esposa espalhar a felicidade obviamente contagiante ao seu redor.

* * *

— Não haverá recepção de casamento, Arturo, — eu digo. — Vamos assinar os papéis na prefeitura e pronto.

O irmão de Sienna me encara do outro lado da minha mesa, com o maxilar cerrado. Arturo e eu tínhamos um relacionamento comercial bastante agradável antes de toda a confusão com Pisano.

— Por quê? — pergunta ele entre dentes.

— A cerimônia de casamento civil será realizada no sábado. Não há tempo suficiente para organizar mais nada.

— Por quê tão cedo?

— Porque eu digo.

Ele me encara. — Quem diabos você pensa que é?

— Alguém que concordou em trabalhar com você novamente, apesar de Rocco Pisano ter matado um dos meus homens.

— Você enviou seus motociclistas para invadir a festa de Natello. Havia civis lá! Só Deus sabe como nenhum deles acabou morto.

— Não há civis em nosso negócio, Arturo. Temos pessoas mortas em ambos os lados, mas a Cosa Nostra começou essa merda. Se quiser uma trégua, será nos meus termos.

Arturo me olha fixamente, com as narinas dilatadas. Posso ver que seu controle está se perdendo enquanto o fogo arde em seus olhos. Um batimento cardíaco. Um estalo invisível, e ele bate com a palma da mão no tampo da mesa. — Tudo bem. — Ele se vira e sai do meu escritório.

Tiro meu telefone da mesa e envio uma mensagem para Filip, dizendo que a data do casamento foi confirmada e que estamos prontos.

Minha insistência em realizar o casamento no sábado não tem nada a ver com o fim da disputa entre nós e a Cosa Nostra. Mas o momento é perfeito e, se formos

em frente com a trégua, quero que ela entre em vigor antes que nossa primeira entrega de armas cruze a fronteira no domingo.

Com alguma sorte, os romenos levarão pelo menos uma semana, talvez mais, para perceber o que está acontecendo. Nesse meio tempo, não estou disposto a arriscar que alguém fale. Assim que Bogdan descobrir que estou planejando tomar o mercado dele, os romenos atacarão. Nós revidaremos. Em menos de um mês, teremos uma guerra total. E eu preciso que a Cosa Nostra não se meta nisso.

Mas o mais importante é que quero ter em minha posse, o mais rápido possível, o pequeno tesouro que é a irmã de Arturo.

Sienna

— Como assim, não haverá um casamento de verdade? — A voz de Asya entra na linha. — Eu só tenho uma irmã. Quero ver você em um vestido de noiva indo até ao altar!

— Sim, bem. — Dou de ombros e continuo a pintar as unhas dos pés. — Talvez da próxima vez.

— Da próxima vez? E quantas vezes você está planejando se casar?

— Três. Esse é o meu número da sorte.

— Jesus, Sienna. Por que está fazendo isso? Se você não quer se casar, basta dizer a Arturo. Ele cancelará o noivado.

— Não quero que ele cancele o noivado. Esse Popov é muito bonito. Acho que já estou apaixonada por ele. — Eu bufo.

— Depois de passar um minuto inteiro com ele. Sim, claro. O que está acontecendo?

— O cara é gostoso! E ele é rico. O que há para não amar? Ele preenche todos os meus requisitos. Você sabe que sou superficial assim.

— Você não é superficial. Você apenas finge que é.

Fecho a tampa do esmalte e deixo o frasco na cama enquanto as palavras de Ajello de dois meses atrás passam pela minha cabeça.

— Você tem o Pasha agora, — eu digo, olhando para o teto. — Arturo vai encontrar alguém e se casar, eventualmente. Terá filhos.

— E daí?

Eu fecho meus olhos. — Não consigo suportar a ideia de ficar sozinha, Asya.

— Arturo nunca deixará você ficar sozinha, mesmo quando ele se casar. A casa é grande o suficiente para que dez pessoas vivam nela sem nunca tropeçarem umas nas outras.

— Nunca vou me impor à família do meu irmão.

— Ele nem sequer tem namorada, Sienna. E você só tem vinte anos. Você vai encontrar alguém.

— Sim.

— Posso pedir a Pasha que a coloque em contato com Kostya, se você quiser?

— Obrigada, mas não obrigada. Esse homem já dormiu com todas as mulheres da região de Chicago. Ele é bonito, mas não faz meu tipo.

— E qual é o seu tipo, irmã?

— Um grande e malvado lobisomen metamorfo alfa que odeia todo mundo, menos eu, e que faria de mim a rainha de sua matilha, — declaro e começo a rir.

— Por favor, fale sério.

— Eu estou!

— Você aceitou um acordo para se casar com um cara antes mesmo de conhecê-

lo! Isso não é normal, Sienna! Por favor, seja razoável e cancele o noivado. Por favor.

— Eu lhe enviarei fotos. Te amo, — falo ao telefone e encerro a ligação.

Ele começa a tocar novamente momentos depois, então eu ligo o ‘não perturbe’, me aconchego debaixo do cobertor e olho pela janela sem realmente ver nada.

Será que consigo fazer isso? Viver o resto da minha vida com um homem sobre o qual não sei nada? Fingir inocência enquanto coleto informações secretamente e as transmito ao meu Don?

Provavelmente.

Tenho fingido a maior parte de minha vida.

Capítulo 5

Drago

— Meu Deus, — Filip engasga, olhando para algo atrás de mim. — Que diabos é essa coisa que ela está usando?

Eu me viro bem a tempo de ver minha noiva saindo do carro. Ela está vestindo o que alguns podem chamar de casaco de pele falsa. Poderia ficar muito bonito se fosse de outra cor, mas o dela é amarelo gema. E ela está usando uma calça de seda do mesmo tom.

Sienna chama minha atenção, diz algo para Arturo, depois corre em nossa direção, saltando habilmente sobre as poças de chuva com seus saltos altíssimos. E eles são da mesma cor que o resto de sua roupa. Ela me faz lembrar um pintinho bebê sob efeito de LSD.

Minha noiva para na minha frente, falando enquanto procura na bolsa, mas com a cabeça inclinada, não consigo ler seus lábios. Ela finalmente encontra o que estava procurando e olha para mim com um grande sorriso. — Se estiver tudo bem para você?

— Sim, — respondo sem ter ideia do que ela disse.

Seu sorriso se alarga. — Perfeito. — Ela encosta as costas no meu peito, levantando o celular na nossa frente. — Diga *cheese*.

Ela olha para o celular e tira uma selfie.

— O que está fazendo? — Pergunto, olhando para suas unhas pintadas de amarelo enquanto seus dedos voam sobre o teclado.

— Enviando a foto para minha irmã. Ela perguntou por que eu aceitei um casamento arranjado com um estranho.

Estendo a mão e pego seu queixo entre meus dedos, inclinando sua cabeça para cima. — E por que você aceitou, Sienna?

Ela pisca para mim e, por um rápido momento, uma pontinha de pânico passa pelo seu rosto, mas no segundo seguinte desaparece, substituída por um sorriso. — Porque você é gostoso. E rico.

Seu sorriso parece genuíno e seu tom parece sincero, mas quando me concentro em seus olhos, percebo algo mais. Algo que ela está se esforçando ao máximo para esconder com seu desempenho ensolarado. Parece muito com mágoa.

Passo o polegar para traçar a curva de seu lábio inferior. Ele treme levemente ao meu toque.

— Venha. Vamos acabar logo com isso. — Eu me viro para Filip. — Você pode ir. Ligue para Keva e diga a ela que vou levar Sienna para casa comigo.

Sienna não diz nada quando pego o celular dela e o coloco de volta na bolsa. Ela permanece em silêncio enquanto pego sua mão e a conduzo pelos amplos degraus de pedra até à entrada da prefeitura, com Arturo seguindo alguns passos atrás. Estamos no topo quando, de repente, Sienna se vira para o estacionamento. Sigo seu olhar, vejo um homem musculoso saindo de um carro e imediatamente empurro Sienna para trás de mim. Estou pegando minha arma quando Sienna puxa sua mão da minha e corre ao meu redor, descendo os degraus em direção ao bastardo musculoso.

A raiva me invade até que percebo que o cara está ajudando uma mulher a sair do veículo. Solto minha arma enquanto vejo a imagem perfeita da minha noiva, sem a roupa maluca, indo em direção a Sienna.

— É a minha irmã e o marido dela, — a voz grave de Arturo penetra em meu atordoamento momentâneo.

Ele se aproxima para ficar ao meu lado. Por um momento, as linhas de preocupação sempre presentes em seu rosto se atenuam quando ele olha para as

irmãs e faz um breve aceno para o cunhado.

Bem, que merda...

Eu sabia que Arturo tinha duas irmãs, mas não sabia que elas eram gêmeas. Meu coração se aperta e sangra ao ver as duas mulheres caindo nos braços uma da outra. Sienna diz algo e abraça a irmã novamente. Depois, ela se inclina e dá um beijo na bochecha da irmã gêmea antes de colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sua irmã faz exatamente a mesma coisa com Sienna. Até mesmo seus maneirismos são idênticos. Eu me esqueci de como as gêmeas podem ser às vezes.

Dói vê-las, então me afasto da visão e abro a porta do prédio.

Sienna

Observo meu novo marido pelo canto do olho enquanto ele dirige. Ele estava muito fechado durante a rápida cerimônia de casamento e também depois, quando todos estavam saindo da prefeitura. Estamos na estrada há quase duas horas e ele não disse uma palavra para mim. Passei o tempo organizando minhas fotos e postando-as nas mídias sociais, mas terminei isso há cinco minutos.

— Está tudo bem? — Eu pergunto.

Drago me dá uma olhada de lado e volta sua atenção para a estrada. — Eu não falo enquanto dirijo.

Levantando as sobrancelhas, eu digo: — Oookay. — Digito uma mensagem para Asya, perguntando se ela e Pasha chegaram ao aeroporto. Ainda não consigo acreditar que ela realmente veio. Não é como se fosse um casamento de verdade. Parecia mais como ir a um banco para abrir uma conta. As alianças foram um belo toque, no entanto. A de Drago é um aro de ouro grosso e a minha tem um enorme diamante amarelo-claro. Ele combina muito bem com minha jaqueta e reflete a luz de forma maravilhosa. Levantei minha mão e tirei uma foto para enviar ao meu Instagram mais tarde.

Viramos à direita e, quando levanto os olhos do telefone, vejo um caminho estreito que leva a uma entrada em uma cerca alta. O portão desliza para o lado e continuamos ao longo da entrada de automóveis arborizada em direção a uma propriedade com um belo jardim e uma fonte de mármore no meio. No final do caminho, há uma enorme mansão de quatro andares. Os tijolos bege-claros e a madeira marrom de sua fachada brilham ao sol do fim da tarde. A casa é tão grande que parece mais um hotel do que uma casa residencial. Conto as janelas do andar superior. Dez estão voltadas para a frente. Quantos cômodos existem? A vegetação e as árvores cercam a cidadela palaciana, fazendo com que pareça o

cenário de um conto de fadas.

— Estamos aqui. — Drago sai do veículo e caminha pela traseira para abrir a porta do meu carro.

Saio, ainda olhando para a bela casa, no momento em que a porta da frente se abre e uma mulher de sessenta e poucos anos, vestida com avental, sai correndo. Ela vem em nossa direção, gritando algo em sérvio tão rápido que não consigo entender o significado, apenas captar palavras aleatórias.

— ...jantar.... Filip acabou de me dizer... casado... sem bolo... matar você...

Parando em frente a Drago, ela enfia o dedo em seu peito. — *Sram te bilo*[2].

Ainda estou processando o fato de meu marido permitir que uma mulher, que parece fazer parte da equipe, grite com ele e diga que ele deveria ter vergonha quando ela se vira para mim e me abraça com força. Três batidas fortes explodem em meus ouvidos quando ela beija minhas bochechas em rápida sucessão - direita, esquerda e depois direita novamente.

— Drago não me disse que ia trazer você hoje. Achei que ele tinha ido a uma reunião de negócios! Deixe-me dar uma olhada em você. — Ela se afasta e pega meu rosto entre as palmas das mãos. — Oh, você é tão bonita e... — Seus olhos percorrem minha roupa. — Por que você está usando uma fantasia de galinha, querida?

A expressão de confusão em seu rosto enquanto ela olha para a minha jaqueta é tão hilária que eu caio na gargalhada. Quando recupero o fôlego, digo: — Sou Sienna.

— Eu sei, querida. Drago foi muito gentil ao me informar que ia se casar. — Ela olha para o meu marido, que estava assistindo a toda a conversa em silêncio, com a irritação estampada em seu rosto. — Mas ele deve ter se esquecido de me dizer que seria *hoje*.

— Sienna. — Drago coloca a mão na parte inferior das minhas costas, e um

arrepio de excitação percorre meu corpo com o leve toque. — Esta é Zivka, a ex-esposa de meu falecido pai, que deveria ter se apresentado primeiro.

— Apenas me chame de Keva, — ela diz. — Vamos comer. Todos estão esperando por você na sala de jantar há quase meia hora.

Franzo minhas sobrancelhas. Keva? Drago acabou de chamá-la de Zivka, então Keva é um apelido?

Enquanto seguimos Zivka para dentro da casa, tento pensar em uma razão pela qual Drago teria a ex de seu pai em sua casa, mas perco minha concentração quando sua mão desliza por baixo de minha jaqueta. Minha calça é de cintura baixa e minha blusa está levantada, de modo que seus dedos tocam a pele nua na parte inferior das minhas costas, provocando um pequeno arrepio de prazer que sobe pela minha coluna. Olho para ele e vejo que está digitando algo no celular com a mão livre, aparentemente alheio ao que seu toque está fazendo comigo.

Entramos na casa, onde um homem de jeans e camiseta preta simples, com um coldre de ombro carregando duas armas, nos cumprimenta. A mão de Drago se afasta de minhas costas, com as pontas de seus dedos roçando minha carne exposta no processo. É apenas uma leve pincelada, que aparece em um momento e desaparece no outro, mas ainda assim parece que estou pegando fogo onde sua carícia deslizou pela minha pele.

O homem com o coldre acena para Drago e pega sua jaqueta, depois se move para me ajudar a tirar a minha. A mão de meu marido envolve o pulso do homem antes que ele tenha a chance de alcançar a pele falsa.

— Não toque em minha esposa, — diz Drago em sérvio. Seu tom é calmo, mas o aperto que ele tem no pulso do homem fica mais forte. — Certifique-se de que todos na casa saibam disso.

O cara fica paralisado e pisca nervosamente.

Quando Drago se vira para mim e me ajuda a tirar minha jaqueta amarela, finjo

estar confusa, esperando que ele explique o que acabou de acontecer. Ele não explica, apenas passa meu casaco para o homem, que agora está olhando para o chão. Drago coloca a mão na parte inferior das minhas costas novamente e me leva para o outro lado do saguão.

Caminhamos em direção às portas duplas de madeira, que parecem conter uma conversa alegre e barulhenta por trás de sua estrutura sólida. À medida que nos aproximamos, as vozes se tornam uma cacofonia, dezenas de pessoas em uma batalha para ver quem consegue manter a conversa mais alta. No momento em que passamos pela porta, todo o barulho cessa e o silêncio desce sobre a enorme sala de jantar como um cobertor. Paro no meio do caminho e fico boquiaberta com a longa mesa que tem pelo menos quarenta pessoas sentadas ao redor. A maioria é formada por homens, vestidos casualmente - mais ou menos -, mas todos eles usando um coldre de ombro com uma ou duas armas. E todas as pessoas estão olhando para mim.

— Esta é Sienna, — diz Drago e me guia em direção a três cadeiras vazias na cabeceira da mesa. Ele para e puxa uma à direita da do anfitrião - o lugar de honra. Antes que eu possa me sentar, o som de várias dezenas de cadeiras batendo no chão enche a sala enquanto todos ao redor da mesa se levantam.

— Hum... o que está acontecendo? — murmuro e olho para Drago de lado.

— Sente-se.

Eu me abaixo na cadeira. Drago se senta na cabeceira da mesa, e todos os outros se sentam novamente.

Viro-me para o meu marido e sussurro: — Há uma câmera escondida?

O olhar de Drago se move da minha boca para os meus olhos, e o canto de seus lábios se ergue. — Não.

A porta do outro lado da sala se abre e Zivka, seguida por quatro mulheres e dois homens, entra. Eles trazem enormes pratos de comida e os colocam na mesa de

jantar, depois voltam para o que eu presumo ser a cozinha. Momentos depois, eles voltam com saladas e pães. Quando terminam, Zivka senta-se à esquerda de Drago e os outros garçons ocupam as cadeiras vazias restantes ao redor da mesa. Todos olham para Drago, esperando. Ele acena com a cabeça. A conversa recomeça quando as pessoas começam a colocar a comida das travessas grandes em seus pratos. Pisco várias vezes diante da cena estranha, depois dou de ombros e pego a saladeira mais próxima de mim.

Drago

Risos e conversas em voz alta soam por toda parte enquanto observo secretamente minha jovem esposa. Além de Keva, não a apresentei a ninguém do meu pessoal, e fiz isso de propósito para poder ver sua reação. Eu esperava que ela ficasse desconfortável. Até mesmo intimidada. Parece que preciso mudar minhas suposições porque, desde o início da refeição, ela tem conversado alegremente sem parar com Jelena, a esposa de Jovan. Pelo que consegui captar, elas estão conversando sobre um livro.

Os sons agudos são os mais difíceis de ouvir para mim. Sienna tem uma voz moderadamente aguda, por isso é difícil para mim entender o que ela quer dizer quando fala, mesmo que não haja distrações auditivas concorrentes. Consigo ouvi-la falar, mas perco muitas palavras. Com tantas pessoas em uma sala falando ao mesmo tempo, o ruído de fundo torna impossível ouvi-la. E como ela está virada para Jelena, não consigo nem ler seus lábios.

Pego seu queixo entre o polegar e o dedo, virando-a para mim. Todos que moram nesta casa sabem da minha situação, por isso fazem questão de olhar para mim quando falam. Não sei bem por que ainda não contei a Sienna sobre minha perda auditiva, mas ela descobrirá em breve.

— Já está fazendo amigos? — pergunto.

— É o que parece. — Seus lábios se alargam em um sorriso. — Você tem algo contra isso?

Ela tem uma boca incrivelmente pecaminosa, e a forma como ela se curva enquanto fala me faz querer pegar seu lábio inferior entre meus dentes e mordê-lo. — Não. Eu não tenho nada contra isso.

As pessoas começam a sair da mesa, cada uma pegando seu prato e levando-o para a cozinha. Sienna os observa com espanto em seus olhos, depois olha para seu próprio prato vazio e o pega. Pego sua mão, afastando-a do prato e voltando para a mesa, mas não a solto.

— Acho que você precisa me explicar as regras que existem por aqui. — Ela sorri, fingindo que não percebe que ainda estou segurando sua mão.

— Que regras?

— As pessoas limpam seus próprios pratos. Os funcionários não fazem isso? E por que todos estavam armados no jantar? — Ela dá uma olhada rápida em nossas mãos unidas, depois volta a olhar para mim.

— Há sete mulheres e dois homens encarregados de cuidar de várias coisas na casa, como limpeza, preparação de alimentos e manutenção dos jardins. Mas eles não são funcionários. É apenas o que eles fazem por aqui. — Estendo a mão e passo uma mecha de seu cabelo por cima do ombro. — E quando terminamos nossa refeição, todos nós levamos nossos pratos para a cozinha para aliviar a carga de trabalho deles.

— Eles não são pagos para fazer isso?

— Eles são pagos. Mas ainda assim levamos nossos pratos para mostrar nosso respeito e apreço. Quanto à sua segunda pergunta, gostamos de estar preparados.

— Para quê?

— Tudo e qualquer coisa.

— Você não tem segurança?

— Todo homem nesta casa é um excelente atirador. Todos nós fazemos parte da segurança. — Inclino-me para a frente e coloco minha mão em sua nuca. — Você não tem nada a temer enquanto estiver em minha casa, *mila*[3].

Ela estreita os olhos para mim. — Meu nome é Sienna. Não é Mila.

— Eu sei. — Eu a puxo para mais perto até que nossos lábios quase se toquem. — Também sei que você não concordou em se casar comigo porque sou 'gostoso e rico'.

Os olhos de Sienna se arregalam com minhas palavras, e espero que tente se afastar, mas ela apenas sorri. — Você não acha que esse é um motivo bom o suficiente para se casar com alguém?

— Não. Veja bem, eu tinha um motivo muito específico para dizer sim a esse casamento. Mas tenho muita dificuldade em decifrar *seu* motivo para concordar.

O celular em meu bolso vibra com uma mensagem recebida. Eu o pego com a mão livre e olho para a tela.

16:22 Filip: Nosso caminhão cruzou a fronteira mais cedo e chegou ao armazém há dez minutos. Alguém falou. Os romenos acabaram de chegar. Bogdan está exigindo sua presença e explicação.

— Tenho que ir. — Solto a mão de Sienna com relutância e me levanto. — Continuaremos essa conversa amanhã.

Atravesso a sala de jantar e estou quase chegando à porta quando uma mão agarra meu antebraço. Quando olho para baixo, minha esposa está de pé ao meu lado, com um olhar questionador nos olhos.

— O que é?

— Eu perguntei se poderia ir com você?

— Estou indo para uma reunião de negócios, Sienna. Uma reunião que pode muito bem acabar com derramamento de sangue. É claro que você não pode vir comigo.

— Oh, esta é uma blusa velha. Vou jogá-la fora se tiver sangue nela. — Ela acena com a mão no ar.

Baixo o olhar, observando sua camiseta. É branca com a imagem de um coelho amarelo vesgo segurando uma cenoura. Tanto a cenoura quanto as orelhas do coelho estão cobertas de pequenas lantejoulas laranja. Por que não me surpreende que ela tenha se casado com isso? Quando olho novamente para cima, vejo que ela ainda está sorrindo para mim. Ela está brincando comigo ou é simplesmente louca?

— Vá procurar Keva. Suas coisas provavelmente já foram levadas para o quarto. Ela lhe mostrará onde estão. — Aceno com a cabeça para a porta da cozinha e saio.

* * *

Levo uma hora para chegar à casa abandonada que usamos como depósito de drogas antes de enviá-las. Ainda não recebemos a próxima carga de Ajello, então decidi usar o local para guardar o primeiro carregamento de armas de fogo por enquanto. Seis dos meus homens, com armas na mão, estão vigiando um grande caminhão estacionado nos fundos. Apenas metade da carga foi descarregada. A alguns metros à direita, há dois carros pretos. Bogdan, o chefe da organização criminosa romena, está apoiado no capô do carro mais próximo do caminhão, com os braços cruzados sobre o peito.

Estaciono minha moto entre o caminhão e o carro de Bogdan, tiro o capacete e

encaro o líder romeno. — Você queria se encontrar.

— Quero uma explicação, — ele diz.

— Sobre o quê?

— Isso! — Ele aponta para as caixas empilhadas ao lado do caminhão. — Tivemos uma boa colaboração nos últimos dez anos. Eu lhe dei o melhor produto e ótimos preços. Então, quero saber por que de repente você começou a comprar armas de outra pessoa, e o que diabos está planejando fazer com dez vezes a quantidade que normalmente encomenda.

Dou uma olhada rápida dentro dos carros. Há um cara no banco do passageiro do veículo em que Bogdan está apoiado e mais um no outro carro. Alguém obviamente disse a Bogdan que eu tinha um caminhão cheio de armas e munição chegando, mas ele não sabe que eu pretendo revender os produtos. Se soubesse, teria trazido mais homens com ele. Eu poderia dizer a ele que minhas necessidades mudaram, que preciso de mais armas, mas ele logo perceberá o que está acontecendo.

— Fiz uma ligação para o país de origem, — digo, — e fiz um acordo com Lutovac. Por acaso, estudamos juntos. Ele sabe do que eu gosto e chegamos ao entendimento de que uma parceria seria benéfica para ambos.

Uma mistura de surpresa e raiva passa pelo rosto de Bogdan no momento em que ele ouve o nome. Há dois grandes revendedores de armas de fogo pequenas e munição nessa parte dos EUA: Bogdan e Endri Dushku. Ambos adquirem seus produtos de Lutovac, um fornecedor sérvio com sede em Belgrado. O fato de eu agora estar trabalhando diretamente com Lutovac deixa claro que tenho o produto disponível para revenda.

Bogdan se afasta do carro. Ele está quase tremendo de raiva, com os punhos cerrados ao lado do corpo, enquanto se aproxima de mim. — Você não vai vender armas no meu território, Drago.

— Não há nada que você possa fazer em relação a isso, então eu o aconselho a aceitar a nova situação e ir embora. Pelos velhos tempos, não me obrigue a matá-lo.

— Isso é o que veremos. — As narinas de Bogdan se dilatam enquanto ele range os dentes, mas ele se vira e entra em seu carro.

Observo os dois veículos partirem, depois desmonto a moto e vou em direção aos meus homens que estão ao lado do caminhão.

— Carreguem tudo de volta para dentro. Precisamos levar as mercadorias para outro local. Este local não pode mais ser usado. — Viro-me para Filip. — Como diabos os romenos encontraram este lugar?

— O motorista diz que eles o seguiram desde a fronteira. Ele pensou que os tinha perdido em um determinado momento, mas eles apareceram aqui enquanto os caras estavam descarregando as caixas.

— Quem falou?

— Só pode ser o homem que subornamos para fazer com que o caminhão não passasse pela inspeção de carga. Wesley P-alguma-coisa.

— Descubra o nome completo e o endereço dele. Farei uma visita a ele amanhã, — eu disse.

— O que vamos fazer com os romenos? Bogdan provavelmente não vai deixar isso passar.

— Ele não vai. Preciso que você coloque mais homens em cada local de armazenamento.

— Você acha que Bogdan vai tentar alguma coisa? Por que não matá-lo agora?

— Se você sair por aí matando antigos parceiros de negócios, ninguém fará negócios com você. Infelizmente. Mas se ele atacar primeiro, terei motivos para me livrar dele. — Eu me inclino e pego a caixa de munição mais próxima.

* * *

São quase seis da manhã quando chego em casa. Subo as escadas para o último andar, indo em direção à última porta no final do corredor. As luzes do meu quarto estão apagadas, mas as cortinas estão puxadas para trás, permitindo que o brilho tênue da manhã incida sobre o corpo enrolado no lado esquerdo da cama. O carpete de pelúcia abafa meus passos quando atravesso o quarto e paro aos pés da cama.

Sienna está dormindo de lado, segurando um travesseiro entre os braços e as pernas. Seu cabelo está solto e parte dele caiu sobre seu rosto. Olho para sua forma curvada e sinto meus lábios se inclinarem para cima. Parece que a moda excêntrica de minha esposa também se estende a suas roupas de dormir. Ela está usando um pijama de seda - calça e blusa com alças finas. É um conjunto com estampa de zebra, mas as cores são roxo e rosa.

Eu a observo por alguns instantes, perguntando-me por que estou tão fascinado por ela. Desde o momento em que a deixei na sala de jantar no início da noite, não consegui parar de pensar nela. Isso não me agrada. A única coisa que deveria me interessar no que diz respeito à minha jovem esposa é seu motivo oculto para se casar comigo, mas me vejo completamente cativado por sua estranha essência. É como se eu tivesse descoberto uma criatura até então desconhecida, cujo comportamento é completamente contrário ao que se espera.

Para uma garota tão protegida e mimada como ela provavelmente foi, chegar a um novo lugar onde não conhece ninguém deve ser estressante. Desconfortável. Eu esperava que ela começasse a reclamar, pedindo que eu a levasse de volta para o irmão. Em vez disso, ela aceitou tudo com naturalidade. O tempo todo, ela exibia um sorriso malicioso no rosto e emanava uma energia irritantemente alegre. É como se ela não estivesse nem um pouco incomodada com toda essa situação.

Sienna DeVille é uma surpresa.

E eu odeio surpresas.

Com uma última olhada na minha deslumbrante noiva, vou para a suíte do outro lado do quarto para tomar um banho. Dez minutos depois, subo na cama e me deito ao lado de minha esposa. Ela se afastou de mim, e não sei por quê, mas não estou gostando disso. Envolvo um braço em torno de sua cintura e a puxo para mais perto até que suas costas estejam coladas à minha frente. Em seguida, coloco uma perna sobre a dela, entrelaçando seu corpo ao meu, e fecho os olhos.

Capítulo 6

Sienna

Acordei envolta em algo grande e quente. É uma sensação agradável. Suspiro e enterro meu rosto no travesseiro. O abraço em volta do meu corpo se aperta levemente e meus olhos se abrem, focalizando um braço grosso e tatuado que envolve minha cintura.

Há um homem em minha cama.

Eu pisco os olhos. Por que diabos há um homem em minha cama? Aos gritos, tento me desvencilhar, mas o aperto em minha cintura só aumenta.

— Pare. — A voz rouca de Drago ressoa atrás de mim. — Estou tentando dormir.

Empurro seu antebraço, conseguindo apenas um pequeno movimento, e depois me giro, terminando com meu rosto pressionado em seu pescoço. Meu Deus, ele tem um cheiro incrível. Inclino levemente a cabeça e inspiro. É algo amadeirado com uma mistura de - eu inspiro novamente - ah, um toque de menta.

— Pare de me cheirar, Sienna, e volte a dormir.

— Não estou cheirando você, — murmuro e continuo tentando me libertar de seu abraço. — Me solte.

Drago não move um músculo sequer. Pressiono as palmas de minhas mãos em seu peito duro e empurro. Um suspiro pesado soa acima de minha cabeça, e ele me segura com mais força. Rolo para o outro lado da cama e me levanto.

— O que está fazendo na minha cama? — Com as mãos nos quadris, olho fixamente para o meu marido, que me observa com os olhos encapuzados.

Drago está esticado na cama, com o braço direito enfiado embaixo da cabeça.

Ele não está vestindo camisa, mas um pedaço de calça de pijama azul-marinho aparece por baixo do lençol.

— Esta é a *minha* cama. Você estava nela quando cheguei em casa.

— O quê? Quando Zivka me trouxe para cima depois do jantar, ela me disse que este seria o meu quarto. Todas as minhas malas já estavam aqui.

— E você é minha esposa, portanto, é de se esperar que você e suas malas estejam aqui.

Examino o quarto e percebo que parece pertencer a um homem. Eu estava tão mentalmente exausta ontem à noite que simplesmente vesti meu pijama, escovei os dentes e fui dormir sem realmente prestar atenção ao que estava ao meu redor.

— Acho que tanto eu quanto minha bagagem preferiríamos ter um quarto separado. — Volto a olhar para Drago. Seus olhos estão fechados, e seu peito sobe e desce em um ritmo lento.

— Drago?

Ele está dormindo. Muito bom.

Eu deveria ir tomar um banho e me vestir. Depois, preciso encontrar Zivka e perguntar se há outro quarto que eu possa usar. Isso seria uma atitude inteligente, mas não consigo tirar os olhos do meu marido. Ele parece diferente quando está dormindo. Menos... sério, de alguma forma.

Há uma área de pele irregular em seu pescoço. Notei isso durante o jantar de ontem, mas a camisa dele escondeu a maior parte da área. O que pude ver parecia uma pequena cicatriz. Agora, no entanto, está claro que a parte que vi ontem era apenas uma parte de algo muito maior. A pele em seu ombro e no braço esquerdo, até ao cotovelo, onde começam as tatuagens, está descolorida e tem uma textura ligeiramente irregular. Coloco meu joelho na cama e lentamente me inclino para a frente para dar uma olhada melhor. De repente, a mão de Drago se levanta e seus dedos envolvem meu braço.

— Mudou de ideia sobre voltar para a cama? — ele pergunta e foca seu olhar em meus lábios.

— Não. — Eu sorrio. — Não durmo com homens que não convidei pessoalmente para minha cama.

Algo perigoso brilha em seus olhos no momento em que as palavras saem da minha boca.

— Se eu pegar qualquer homem tocando você, mesmo que seja apenas com a ponta do dedo, ele perderá muito mais do que a mão. — O aperto que ele tem em meu braço fica mais forte. — Esse casamento pode ter sido arranjado, mas, a partir de agora, o único homem autorizado a olhar para você, tocá-la ou transar com você... sou eu.

Um arrepio agradável me percorre e eu mordo a parte interna da bochecha. — Por que você não faz isso, então?

Drago inclina a cabeça para o lado, examinando minha reação. Ele solta meu braço e seus dedos deslizam sobre a protuberância do meu seio, descendo pelo vale do meu peito e depois para baixo, passando pelo cós da calça do pijama. Minha respiração fica mais rápida. Seu toque pode ser leve, mas a resposta do meu corpo é tudo menos isso. Não estou acostumada a ser tocada por homens que não conheço e nunca passei uma noite na cama com um deles. Eu deveria estar preocupada, e não excitada por suas carícias suaves. Não desejando que sua mão deslizasse para baixo. Mas desejo.

Como seria a sensação de estar presa sob aquele corpo enorme enquanto seu toque quente fere minha carne nua? Um arrepio agradável percorre minha espinha só de pensar nisso. A palma da mão de Drago desliza entre minhas pernas, pressionando minha boceta sobre o tecido sedoso enquanto seu olhar captura o meu, e tenho de morder o lábio inferior para impedir que o gemido escape. Nunca me senti atraída por homens duros e mal-humorados, mas, por alguma razão extraordinária, estou absolutamente encantada com o estranho do

meu marido.

— Eu gostaria muito disso. — Ele faz mais pressão em meu centro trêmulo e sinto que estou ficando molhada. — Mas eu não transo com mentirosas, *mila moya*[4].

Com uma última carícia, Drago tira a mão de entre minhas pernas e se vira de costas para mim. Rangendo os dentes, levanto-me da cama e atravesso o quarto em direção ao banheiro, certificando-me de fechar a porta com toda a força.

Dez minutos depois, eu me agacho em frente a uma mala e vasculho seu conteúdo, procurando algo bonito para vestir. Roupas brilhantes me fazem sentir feliz mesmo quando não estou. Encontro roupas íntimas e uma blusa azul, mas meu jeans laranja favorito não está lá. Fecho a tampa da mala e passo para a segunda. Drago continua dormindo, absolutamente alheio ao barulho que estou fazendo. Na terceira mala, finalmente encontro a calça jeans que procurava e as botas fofas. Sentada na beirada da cama, desenrolo a toalha ao meu redor e começo a me vestir.

Ele me chamou de mentirosa. Acho que ele tem razão, de certa forma. Afinal de contas, eu vim aqui para espioná-lo para o Don. Mas isso ainda dói. E o fato de que dói, me incomoda. Há apenas duas pessoas que eu permito que se aproximem o suficiente para me incomodar: meu irmão e minha irmã. No que diz respeito às outras pessoas, deixo passar suas ações ou comentários. Se não me importo com elas, suas opiniões ou comportamento não podem me prejudicar. E não dou a mínima para o que Drago Popov pensa de mim.

Quando termino de me arrumar, pego a toalha da cama para levá-la de volta ao banheiro, mas paro no meio do caminho e olho por cima do ombro para o meu marido dormindo. Rindo baixinho, atiro a toalha em seu rosto e saio correndo do quarto o mais rápido que posso.

Uma das mulheres que cuidam da casa passa por mim na escada, carregando uma pilha de lençóis a caminho do andar superior.

— Bom dia! — Eu chilreio.

Ela me olha com certa hostilidade, mas sua expressão se transforma em confusão ao ver as botas felpudas que estou usando. Elas são laranja e têm grandes bolinhas brancas por toda parte. No meio de cada ponto há uma pequena lantejoula laranja.

— Botas bonitas, — ela murmura.

— Obrigada. — Eu sorrio ao responder.

Quando chego ao andar térreo, noto vários homens parados na porta da frente, tirando os casacos. Lembro-me de tê-los visto no jantar de ontem à noite e lembro-me de que eles mencionaram que sairiam para o serviço de guarda noturno após a refeição. Por que eles voltariam para cá em vez de ir para casa?

Entro na grande sala de jantar e paro a um passo da soleira. Quase todas as cadeiras da longa mesa estão ocupadas. Os sérvios comemoram eventos especiais por vários dias? O lugar na extremidade da mesa onde me sentei ontem está vago, e eu me dirijo a ele, dando um alegre ‘bom dia’ ao passar. Algumas pessoas acenam com a cabeça, mas a maioria apenas olha para mim. Parece que não estou ganhando nenhum concurso de popularidade por aqui. Sento-me e me inclino para Jelena, a garota ruiva com sardas com quem conversei ontem à noite durante o jantar.

— Então, qual é a ocasião de hoje? — pergunto.

Ela franze as sobrancelhas. — Ocasião?

— Sim. Vejo que temos convidados novamente. — Faço um gesto em direção às pessoas sentadas ao redor da mesa.

— Oh... eles não são convidados. — Ela ri. — Eles moram aqui.

— Aqui? Nesta casa? — Eu a encaro. — Mas isso é como... como quarenta pessoas.

— Quarenta e oito, na verdade. O primeiro turno de guarda já tomou seu café da

manhã e os outros não estão aqui no momento.

Olho para o comprimento da mesa. Jesus Cristo.

A porta que dá acesso à cozinha se abre, e mulheres carregando vários pratos nos braços e nas mãos entram correndo. Duas ocupam o lado direito da mesa, enquanto as outras três ocupam o lado esquerdo. Elas começam a colocar pratos cheios de ovos mexidos e bacon na frente de cada pessoa.

Um rapaz de vinte e poucos anos, sentado a alguns assentos de Jelena, alcança um prato que está sendo colocado diante dele, mas a moça que o coloca rapidamente o tira do seu alcance.

— Keva disse que você está de dieta. Ela está preparando uma salada para você. — A garota dá um tapa na nuca dele e coloca os dois últimos pratos na mesa.

— Nato, querida, não faça isso comigo, — o rapaz a chama enquanto ela volta para a cozinha. — Estou morrendo de fome. Você sabe que não consigo trabalhar quando estou com fome.

Todos ignoram seus lamentos e se dedicam à comida. Pego um pedaço de pão da tigela próxima e começo a comer, fingindo estar apenas interessada em minha refeição enquanto ouço as conversas que acontecem ao meu redor.

Estou tendo dificuldades para entender frases completas porque não tenho experiência em conversação em sérvio, especialmente com tantas pessoas falando ao mesmo tempo. Minha atenção muda de uma conversa para outra, mas tudo o que consigo captar são fragmentos e apenas parte do significado. Parece que a maioria das conversas gira em torno de um grande negócio que foi feito e das novas medidas de segurança.

— *Pop treba da se vidi sa ludim Rusom u vezi isporuke*, — diz o homem grande e tatuado sentado à frente de Jelena.

O garfo ainda está na metade do caminho até minha boca. Pop? Isso significa padre. *Um padre*[5] *está se encontrando com o russo maluco para algo*

relacionado a um carregamento? Eles têm um padre entre eles? O que o padre faz, abençoa os contêineres de drogas? Tento ouvir o que ele vai dizer em seguida, mas o cara voltou a enfiar ovos na boca.

Na outra extremidade da sala, a porta da cozinha é aberta novamente e um homem mais velho entra. Seu cabelo é totalmente branco e está preso em um rabo de cavalo curto. Combinado com sua longa barba branca, ele se parece com o Papai Noel. Um Papai Noel muito estranho, já que ele está usando calças táticas verde-exército, uma camiseta combinando e um coldre de ombro com duas armas em cima. Ele também tem uma bainha de faca presa em sua coxa. O Papai Noel durão se senta, tira uma faca de aparência maligna da bainha e começa a cortar o bacon com ela.

— Quem é esse? — cutuco Jelena.

— Ah, esse é o Beli. Nosso jardineiro.

— Um jardineiro? O que ele planta, exatamente?

— As tulipas são as favoritas dele, dá para acreditar?

— Não. — Eu bufo.

— Ele e Keva se odeiam. Há alguns anos, ele plantou lírios brancos em toda a casa, e Keva mandou um dos rapazes cortá-los porque ela diz que são flores de funeral. Agora, Beli faz questão de plantá-los todos os anos, escolhendo um lugar diferente a cada vez.

— Bem, parece que as coisas não são monótonas por aqui. E qual é a sua função?

— Na maior parte do tempo, trabalho com Mirko. Ele é o responsável pela logística. — Ela acena com a cabeça para o rapaz da salada sentado perto dela. — Ele organiza os caminhões e as rotas, e eu o ajudo com isso. Mas ele também é responsável pela vigilância aqui e em Naos. Ah, e eu também ajudo a Keva a lavar o dinheiro.

— Keva? — Olho para o final da mesa, onde a mulher em questão está servindo uma xícara de café para um cara. — Achei que ela fosse a cozinheira.

Jelena ri. — Sim, ela prepara as refeições para todos, presta os primeiros socorros quando necessário e garante que todo o dinheiro que é trazido passe pelo Naos e saia limpo.

— Uau. — Eu balanço minha cabeça. — E por que você a chama de Keva? É um apelido?

— É uma gíria. *Keva* significa mãe. Adequado, já que ela dá ordens a todo mundo.

— Deve ser estranho ter cinquenta pessoas chamando você de 'mãe'. — Olho para a mesa mais uma vez. — Não consigo acreditar que todos eles moram aqui. É como um hotel.

— Oh, não é nada parecido com um hotel, acredite em mim. — Ela ri. — É mais como uma base militar.

— Então, Drago insiste em que todos morem aqui?

— Meu Deus, não. Ele resmunga com frequência, mas nos deixa ficar, — diz Jelena entre uma mordida e outra. — Quando Jovan e eu nos juntamos à organização há alguns anos, conseguimos um quarto no segundo andar. Era para ser temporário, uma maneira de conhecermos todo mundo e ver como tudo funciona, já que essa é a base principal de operações. Mas acabamos ficando. — Ela faz um gesto com a mão sobre a mesa. — Foi mais ou menos a mesma coisa para os outros. Eles se sentem seguros aqui.

— Porque a casa é bem guardada?

— Não. É por causa de Drago. As pessoas tendem a se aproximar dele. *Ele* as faz se sentirem seguras.

Tento me imaginar vivendo em uma casa com tantas pessoas. É inacreditável. Absolutamente louco. Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. É quase...

como a matilha de lobos da minha história.

— Acho que é porque eles sabem que Drago levará uma bala por qualquer um deles, — continua ela. — Eles já viram isso acontecer mais de uma vez.

Minha cabeça se volta para Jelena, e o sorriso desaparece do meu rosto. — O quê?

— Ele foi baleado durante um ataque ao complexo há alguns anos. Embora houvesse muitos homens no turno de guarda para combater os atacantes, Drago foi o primeiro a correr para fora. Ele foi atingido enquanto cobria uma posição que ficou exposta porque um dos soldados foi ferido.

Imagino uma bala perfurando o peito do meu marido mal-humorado e um tremor toma conta do meu corpo. Jelena parece não perceber minha angústia, pois continua a tagarelar.

— E é mais conveniente quando a maioria das pessoas está no mesmo lugar. Isso facilita muito a organização das coisas. — Ela faz um gesto para o outro lado da mesa, em direção ao cara que estava falando sobre o padre. — Esse é o Adam. Ele é amigo de Drago há muito tempo, mesmo na Sérvia, e se mudou para cá há mais ou menos quinze anos. Ele é o responsável pelos soldados de infantaria. Quanto ao restante dos rapazes, não há nenhuma definição rígida de trabalho. Todos fazem o que precisa ser feito. Transporte. Entrega. Turnos de guarda. Alguns deles trabalham como segurança adicional no clube quando necessário.

— Ok... — Aceno com a cabeça como se tudo fizesse sentido. Só que não faz. Na Cosa Nostra, cada membro tem uma descrição de trabalho e obrigações muito rígidas. Os cozinheiros preparam a comida. Eles não fazem lavagem de dinheiro. Olho novamente para todos os que estão sentados à mesa. Como uma organização criminosa pode funcionar com uma estrutura tão indefinida? — Então, uma grande família feliz.

— Ah! Eu me esqueci da Tara. A irmã de Drago, — acrescenta.

— Drago tem uma irmã?

— Sim. Ela morava aqui, nesta casa, mas se mudou na semana passada.

— Por quê?

— Bem... — Jelena se encolhe e evita encarar meus olhos. — Houve um tipo de confronto entre nós e a Cosa Nostra há dois anos.

— Sim, eu ouvi falar disso. — Aceno com a cabeça. Isso aconteceu enquanto Asya estava desaparecida, então não prestei muita atenção ao que estava acontecendo dentro da Família.

— O namorado de Tara levou um tiro e morreu.

— Merda. — Olho para o meu prato. — Então, ela foi embora por minha causa?

— Sim. Ela não aceitou bem quando Drago lhe disse que sua noiva era da Cosa Nostra.

Continuo balançando a cabeça como se tivesse me transformado em uma boneca balançando a cabeça de repente e me concentro na minha comida. Não é de admirar que a maioria das pessoas aqui esteja olhando para mim.

— Se você quiser, eu lhe mostro a casa mais tarde, — diz Jelena entre uma mordida e outra. — Além disso, Drago lhe disse? Não saia sozinha à noite.

— Não. Por quê?

— Por causa dos cães. Receio que eles não sejam muito sociáveis. É melhor não andar por aí até que Drago a leve para conhecê-los.

Uma imagem do meu cachorro Bonbon surge diante de meus olhos. Ele faleceu no ano passado, e eu sou a culpada por isso.

— Claro, — murmuro, embora não tenha a menor intenção de conhecer os cães do meu marido e reabrir essa ferida.

Quando termino o café da manhã, levo meu prato para a cozinha, quase colidindo com uma das meninas que segurava uma pilha de pratos sujos. Quatro

outras garotas estão correndo pela sala, os talheres tilintando contra a louça enquanto tudo está sendo colocado na máquina de lavar louça. Essa deve ser a maior cozinha que eu já vi.

Uma ilha longa e larga - repleta de tigelas, assadeiras e pratos usados - ocupa a maior parte da parte central. Uma geladeira industrial ocupa espaço no final do balcão e, pelo seu tamanho, pode armazenar alimentos para um pequeno exército. Dezenas de copos, xícaras e pratos ficam atrás das portas de vidro dos armários de madeira branca. O cheiro de café recém-preparado se mistura com o cheiro doce de maçãs assadas que vem de uma enorme panela colocada sobre o fogão. Um dos rapazes que vi retornando do turno de guarda está enfiando uma colher na panela.

— Relja! — Keva grita, correndo em direção a ele, e bate em seu braço com um pano de cozinha. — Não toque nisso!

— Eu só queria provar. O cheiro é incrível.

Keva arranca a colher de sua mão e pega algo que parece maçãs raladas da panela.

— Vá embora. — Ela enfia a colher de volta na mão dele, depois se vira para a moça que está colocando as compras na geladeira, gritando para que ela se apresse.

Meus olhos percorrem a cozinha onde Drago está apoiado na parede perto da porta dos fundos que dá acesso ao quintal. Pensei que ele ainda estivesse dormindo. O cara que estava na prefeitura com ele está por perto, e eles parecem estar falando sobre um carregamento programado para chegar no próximo fim de semana. Não consigo ouvir tudo o que eles estão dizendo a essa distância, mas algo parece um pouco estranho na conversa deles. Só não consigo identificar o que é. Em vez de manter contato visual, Drago olha para baixo, como se estivesse olhando para o chão e não estivesse muito interessado no que o outro homem está lhe dizendo. Ele resmunga uma resposta que não consigo captar e

acena com a cabeça, depois seu olhar se volta para mim.

Mesmo que ele esteja do outro lado da sala, é como se eu tivesse sido atingida por um raio quando seus olhos me prendem com seu poder. Ainda sinto o cheiro dele em mim, embora eu tenha tomado banho antes. É como se, enquanto me abraçava, ele de alguma forma se imprimisse em minha pele.

— Falaremos mais tarde, Filip, — diz Drago e se dirige a mim.

A cada passo que ele dá, minha pulsação dispara. Quando ele finalmente está diante de mim, mal consigo engolir o chumaço de algodão que subitamente se alojou em minha garganta, e minha respiração se torna rápida e superficial.

Ele apoia as mãos na ilha da cozinha, prendendo-me entre seus braços, e abaixa a cabeça. — Você dormiu bem ontem à noite, *mila*?

— Não, na verdade não. O colchão era muito duro, e então um intruso entrou na minha cama. — Eu sorrio. Mais cedo, pesquisei no Google a tradução de ‘mila’, esperando encontrar algum tipo de termo pejorativo, mas, em vez disso, fiquei bastante surpresa ao ver que se trata de um carinho sérvio um pouco antiquado, mas ainda muito considerado, que significa ‘querida’.

— Não notei que você reclamou enquanto dormia, acariciando meu pescoço. Roncando.

— O quê?! Eu não ronco.

Drago se inclina ainda mais, com a boca bem perto da minha orelha. Sua respiração provoca minha pele enquanto ele fala.

— Sim, você sabe disso. É muito sutil, como o ronronar de um gatinho. — Seus lábios encostam na lateral do meu pescoço, e um som baixo e estrondoso causa um arrepio na minha espinha. — Assim mesmo, Sienna.

Mordo a parte interna da bochecha e fecho os olhos, tentando extinguir a vontade de abraçá-lo e puxá-lo ainda mais para perto. De alguma forma, meu corpo está gravitando em sua direção, e mal consigo manter o controle.

— Eu me pergunto, — ele continua, e os pequenos pelos na parte de trás do meu pescoço se eriçam. — Você também tem garras?

Sacudo a cabeça e mordo minha bochecha com mais força.

— Mentirosa. — A palavra, pronunciada em seu timbre grave, me atinge em cheio.

Um arrepio agradável percorre minha espinha e eu me inclino para ele, querendo mais daquela sensação. Rapidamente, porém, percebo o que fiz e me afasto. Ele ainda está me prendendo entre seu corpo e o balcão, portanto, só posso me mover até certo ponto.

— Prometi a algumas amigas que as encontraria para almoçar hoje mais tarde, e provavelmente iremos ao shopping depois. Alguém pode me deixar lá?

— Jovan vai levá-la. — Ele tira a carteira do bolso de trás da calça jeans e coloca um cartão de crédito na minha frente. — Para suas compras.

— Eu tenho meu próprio cartão, — murmuro.

— Mas eu pensei que você tivesse se casado comigo pelo meu dinheiro.

Que merda. Eu me esqueci disso. — Sim, é isso mesmo. — Pego o cartão de sua mão e sorrio. — Só para avisar... você provavelmente vai se arrepender de ter se casado comigo.

Ele abaixa a cabeça até que seus lábios roçam minha orelha. — Acho que não.

A respiração e o calor de Drago desaparecem de repente quando ele se afasta e sai da cozinha. Tenho uma vontade boba de ir atrás dele e insistir que ele mesmo me leve ao shopping.

— Então, aham. — Limpo a garganta e me viro para Keva, que está secando um copo. — Jelena me disse que há uma fonte na frente. Alguém pode me indicar a direção certa? Quero tirar algumas selfies.

* * *

— Estou bem, Arturo, como já lhe disse dez vezes hoje! Por favor, pare de ligar.

Enfio o telefone no bolso e coloco a última mala dentro do meu novo quarto. Ele fica na outra extremidade do quarto andar, o mais distante da casa de Drago. O espaço é pequeno e tem apenas uma janela que nem sequer tem cortinas. Um leve cheiro de tinta fresca paira no ar, indicando que o quarto provavelmente foi reformado recentemente. Meus olhos caem sobre a cama estreita ao lado da parede e permanecem grudados nela.

Não gosto de dormir sozinha.

Na noite seguinte à morte de meus pais, foi a primeira vez que me enfiei na cama de minha irmã para dormir. Arturo me encontrou lá quando foi nos ver pela manhã, mas não disse nada. Depois disso, continuei me esgueirando para a cama de Asya todas as noites, durante anos. Eu tinha um medo arrepiante enraizado no fundo da minha mente de que Arturo me acordaria uma noite para me dizer que Asya havia desaparecido, assim como nossos pais. Eu estava convencida de que se ela estivesse ao meu lado quando eu dormisse, ela também estaria lá pela manhã.

Asya nunca me pediu para voltar para minha cama. Nenhuma vez. Mesmo quando sua cama ficou pequena demais para nós duas. Minha irmã gêmea. Minha outra metade. As pessoas sempre cometeram o erro de achar que ela era a mais frágil. Asya sempre foi introvertida, quieta, e nada além de sua música a interessava por muito tempo. Mas ela é muito mais forte do que eu. Eu sou apenas melhor em fingir.

Quando ficamos mais velhas, parei de me esgueirar para a cama dela. Eu já era uma menina grande, e era esperado que eu dormisse em minha própria cama. Era sempre frio e solitário, nunca tranquilo. Na maioria das noites, eu conseguia, mas havia momentos em que eu não conseguia descansar. Eu me revirava até

que a cama embaixo de mim rangia quando Asya subia ao meu lado. Ela sempre sabia. Meu Deus, sinto tanta falta dela.

Mas estou muito feliz por ela ter encontrado o Pasha. O dia de seu casamento foi o dia mais alegre de minha vida. Vê-la feliz e sorrindo, depois de tudo o que ela passou, foi um desejo que se tornou realidade para mim. Mesmo que, de certa forma, isso significasse perdê-la.

Pego meu telefone novamente e fico olhando para a tela. É tarde demais para ligar para Asya agora, e já conversamos esta tarde. Jogando o aparelho na cama, agacho-me ao lado da minha mala amarela que contém o essencial e começo a vasculhar, procurando meu caderno. Escrever sempre ajuda a levantar meu ânimo quando estou deprimida.

Cinco minutos depois, estou esparramada em cima do edredom, folheando meu caderno grosso e brilhante quando me ocorre um pensamento. Nunca perguntei a Drago como ele sabia de minha história.

Drago

O homem loiro sentado à minha frente na cabine se inclina para a frente e aponta o dedo para mim. — Não gosto de você, Drago.

— Bem, eu também não gosto de você, Belov, mas, por acaso, seu pakhan gosta da munição que estou oferecendo. Então, estamos fazendo negócio ou não?

O russo estreita os olhos para mim e começa a rir, depois pega o celular e liga para alguém, provavelmente Petrov. Sergei Belov tem uma voz grave, então consigo ouvir tudo o que ele diz, mas isso não me dá muita noção da conversa que ele está tendo em russo com o pakhan de Bratva.

— Entrega a cada dois meses, — diz ele ao encerrar a ligação. — E Roman quer conhecê-lo pessoalmente. No próximo mês.

— Tudo bem. Eu o avisarei sobre a hora e o local.

Belov acena com a cabeça e se levanta para sair, depois olha para a poltrona que acabou de deixar. — Se importa se eu tirar uma foto da cabine? Estou sempre tentando convencer o Pasha a mudar o interior de nossos clubes para branco. Ele disse que vai pensar nisso quando eu me aposentar.

Levanto uma sobrancelha. — Algum motivo específico para isso?

— Sim. — Ele levanta o celular e tira uma foto. — Aparentemente, é difícil tirar sangue do estofamento de cor clara.

Eu o sigo com meus olhos enquanto ele caminha em direção à saída, assobiando ao longo do caminho. Parece que o cara é tão louco quanto eu ouvi as pessoas dizerem.

Pegando meu telefone na mesa, verifico a mensagem que Filip me enviou antes - um endereço do homem que falou aos romenos sobre nossa remessa. Ainda faltam algumas horas, mas ainda dá tempo de passar por lá e ver o que minha

brilhante esposa está fazendo antes de eu sair. Jovan tem me enviado atualizações de hora em hora, e a última dizia que Sienna e sua amiga acabaram de entrar em um restaurante que fica a quinze minutos do clube.

A garagem subterrânea abaixo de Naos está cheia de vários veículos, incluindo o SUV que dirigi até aqui e dois carros surrados que uso quando não quero ser notado. Passo por todos eles e me aproximo da motocicleta preta que estacionei no canto mais distante. Andar sobre duas rodas é uma escolha muito mais sábia ao lidar com questões delicadas. Nosso informante, Wesley, tornou-se um desses problemas e precisa ser transformado em um exemplo para que nossos outros associados saibam o que acontecerá se seguirem seu exemplo.

Quando chego ao restaurante, estaciono minha motocicleta no lado do motorista do sedã branco de Jovan e levanto a viseira do meu capacete. Minha esposa está sentada em uma mesa próxima a uma janela do chão ao teto, e a garota loira de Naos está com ela. Elas estão rindo de alguma coisa. Sienna está usando um suéter em um tom horrível de azul. Como se isso não bastasse, tem detalhes em ouro brilhante que cintilam sempre que a luz do sol incide sobre ela. Meus olhos deslizam para as pernas dela, vestidas com calças skinny douradas brilhantes, e param nos sapatos. O mesmo tom de azul do suéter, com pequenos laços nos calcanhares.

— Estou ouvindo, — digo e me viro para Jovan.

Ele inclina o cotovelo para fora da janela aberta e acena com a cabeça para as mulheres. — Ela se encontrou com uma garota, Luna, e outra amiga no shopping. Elas foram a algumas lojas para comprar algumas bugigangas, depois ela as arrastou para uma que vende artigos de papelaria.

— O que ela comprou lá?

— Alguns cadernos e algumas canetas. E um porta-canetas que parece um coelho. — Ele revira os olhos.

— E depois?

— Elas passearam um pouco pelo complexo comercial, tirando selfies, e depois deixamos a outra garota em sua casa e viemos para cá.

— Mais alguma coisa?

— Seu irmão ligou para ela quando estávamos a caminho deste lugar.

— Sobre o que eles conversaram? — Eu pergunto.

— Não consegui ouvir o lado dele da conversa, mas com base nas respostas dela, acho que ele queria saber se ela estava bem. Ela disse que estava se divertindo muito gastando seu dinheiro.

Olho para trás, para minha esposa. O banco me envia uma mensagem de texto toda vez que meu cartão é usado. Não recebi nenhuma hoje. Ela estava pagando suas compras com seu próprio dinheiro.

Jovan diz mais alguma coisa, mas com o capacete colocado, eu não percebo.

— Repita, — eu digo e me viro para encará-lo.

— Ela recebeu outra ligação pouco antes de chegarmos ao restaurante, mas não atendeu. Quando ela olhou para o telefone, deve ter recusado e colocado o aparelho de volta na bolsa.

— Interessante. Se ela receber mais ligações estranhas, me avise.

— Claro.

Volto meu olhar para minha esposa, que está rindo com a garçonete, fazendo movimentos com as mãos no ar. Suas unhas estão douradas hoje. Levo meus olhos de suas mãos para seus lábios, perguntando-me o que a deixou tão animada. Seus lábios estão se movendo, e posso vê-los claramente, mas não consigo decifrar nada do que ela está dizendo. A garçonete responde, mas também não consigo captar o que a jovem asiática diz. Olho para a placa acima da entrada. É um restaurante japonês. Não é de se admirar que eu não consiga entender a conversa deles. Eu não falo japonês, mas parece que Sienna fala. Bem, minha esposa brilhante não é cheia de surpresas?

— Ligue para Keva, — digo a Jovan. — Depois do jantar, quero que ela peça à minha esposa para ajudar na cozinha.

Jovan me olha fixamente, com as sobrancelhas batendo na linha do cabelo. — Tudo bem, — ele murmura, com confusão estampada em seu rosto.

— Pequenas tarefas, nada difícil. Se Sienna disser não, diga a Keva para não insistir.

— Isso é tudo?

— Estarei lidando com Wesley hoje à noite e não chegarei em casa antes da meia-noite. Diga a Keva para me enviar uma mensagem contando o que aconteceu na cozinha.

Jovan responde, mas eu não presto atenção nele, meus olhos voltam para minha esposa. Esta manhã, acordei com Sienna em meus braços, enrolada como um gatinho. Desejei não ter que deixá-la. Ficar na cama, com ela aconchegada em meu corpo, parecia uma opção muito melhor do que ir para o trabalho, mesmo sem sexo. Tentei me lembrar se alguma vez tive vontade de passar a noite com uma mulher se não houvesse sexo envolvido e não consegui. E, com certeza, também nunca adiei minhas obrigações profissionais para poder dar uma olhada em uma. Mas aqui estou eu agora, espionando *minha esposa*, em vez de ir atrás do filho da puta que não conseguia ficar de boca fechada. E me perguntando quem diabos estava na outra linha da chamada telefônica que ela desconectou.

— Se algum homem se aproximar de minha esposa, cuide dele, — rosno e baixo o visor. É hora de fazer uma visita ao delator.

— Cuidar dele? — Jovan pergunta. — De que forma?

Eu encontro seu olhar através do escudo colorido. — De qualquer forma que acabe exigindo uma vaga em um cemitério, Jovan.

* * *

Já passa da meia-noite quando finalmente chego em casa. Tive de pegar um caminho mais longo para voltar porque a presença da polícia no quarteirão de Wesley era intensa. Alguém deve ter relatado que estava gritando.

Aceno para o homem que está de guarda na porta da frente. — Alguma coisa?

— Os guardas do lado de fora da cerca do perímetro confirmaram que não há nada suspeito.

— Ótimo, — eu digo e subo as escadas.

É apenas uma questão de tempo até que Bogdan faça sua jogada. Ele provavelmente atacará um de nossos armazéns ou talvez o clube, mas prefiro cobrir todas as minhas bases, por isso me certifiquei de que tivéssemos homens posicionados ao longo da estrada que leva à casa.

Entro em meu quarto e imediatamente percebo que algo não está certo. A pilha de malas coloridas desapareceu. Minha cama está vazia. Parece que minha esposa acha que tem poder de decisão sobre nossos dormitórios. Jogo minha jaqueta na poltrona reclinável ao lado das portas da varanda e vou para o banheiro.

Depois de tomar uma ducha muito necessária, ando pelo corredor, verificando os quartos ao longo do caminho. Há várias suítes desocupadas nesse andar porque prefiro não ter ninguém perto de mim durante as poucas horas que me permito descansar, então ela pode estar em qualquer uma delas.

Os primeiros quartos pelos quais passo estão vazios. Passo pelos quartos de Keva e Filip sem verificar, bem como por alguns outros usados por meus homens, e continuo pelo corredor. Minha esposa está no último quarto desse andar, dormindo sob um cobertor fino em uma cama minúscula onde nunca caberia meu corpo grande. Suas malas estão empilhadas no canto, todas as oito.

Apoiando meu ombro no batente da porta, observo seu corpo adormecido. Eu estava convencido de que ela se recusaria a ajudar na cozinha. Mas a mensagem

que recebi de Keva não era uma mensagem de texto, era uma foto da minha esposa em pé em um banquinho em frente à pia, esfregando uma panela enorme e queimada. Ela estava usando a mesma calça dourada e o mesmo suéter azul que usava no restaurante, só que, em vez de salto alto, ela usava uma monstruosidade felpuda nos pés. Seguiram-se várias outras fotos. Sienna colocando copos em um armário. Inclinando-se sobre o fogão, olhando dentro de uma panela fumegante. Carregando pratos sujos enquanto claramente ria de alguma coisa. Eu estava seriamente tentado a deixar minha tarefa de matar Wesley para outro dia e ir para casa só para poder observar Sienna enquanto ela parecia estar se divertindo com suas tarefas.

Os italianos da Cosa Nostra são um grupo muito especial. Os que estão nos níveis superiores da hierarquia são tratados quase como realeza, e muitos deles agem como se de fato fossem. Especialmente as mulheres. Saí com a irmã de um dos chefões há alguns anos e fiquei tentado a me matar após vinte minutos de nosso encontro. Nem me lembro do nome da mulher, apenas da sensação de que eu estava sentado diante de uma pessoa vazia. Um manequim na vitrine de uma loja cujo único propósito na vida era mostrar as roupas caras que ela usava. Se as tirasse, não restaria nada além de uma boneca de plástico.

Minha esposa pode usar roupas igualmente caras, mas tenho a sensação de que há muito, muito mais camadas sob sua superfície. E pretendo descascar cada uma delas e descobrir o que se esconde por baixo.

Caminhando em direção às malas, pego as duas primeiras e as levo de volta para o meu quarto. Depois de repetir o ato mais três vezes, aproximo-me da cama onde Sienna está dormindo e deslizo meus braços por baixo de sua estrutura leve. Talvez eu ainda não tenha a intenção de fazer sexo com ela, mas só há um lugar onde ela pode dormir. Na minha cama.

Sienna se mexe, murmura alguma coisa e enterra o rosto em meu peito. Eu a carrego de volta para o meu quarto, coloco-a cuidadosamente na cama e subo

para me deitar atrás dela. Ela continua dormindo mesmo quando coloco meu braço em volta de sua cintura e a puxo contra meu corpo.

Capítulo 7

Sienna

No momento em que abro os olhos, sei que estou no cômodo errado. Em vez de uma pequena janela sem cortinas, estou olhando para longas cortinas azul-marinho que cobrem portas francesas que dão para uma varanda. O quarto do meu marido. Ele provavelmente me carregou para cá enquanto eu estava dormindo. E minhas malas também estão de volta, alinhadas ao longo da parede. Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios.

Eu me viro, encontrando o outro lado da cama vazio, e uma pontada indesejada de decepção me apunhala nas entranhas. Será que eu esperava secretamente que Drago estivesse ao meu lado? Acho que sim, um pouco. A porta do quarto está fechada e ele não está à vista. Pego o travesseiro dele e o aproximo do meu rosto. O cheiro é dele. Talvez eu goste de acordar na cama de Drago, mas ainda assim vou levar minhas coisas de volta para o quarto pequeno, mais tarde. Não vou dormir com um homem que não conheço, por mais gostoso que ele seja.

O barulho de passos se aproximando ressoa no corredor. Jogo o travesseiro fora como se ele tivesse me queimado, pulo da cama e vou em direção às malas.

— Você perdeu o café da manhã, — a voz de Drago ressoa pelo quarto, vinda da porta. — Keva reservou algo para você na cozinha.

— Obrigada, querido, — eu digo enquanto vasculho o conteúdo de uma mala. — Ei, eu estava pensando...

— Estamos fazendo uma visita rápida à propriedade antes de eu ir para o trabalho, — ele me interrompe no meio da frase. — Estarei esperando por você em frente à garagem. Vá logo. Não tenho o dia todo.

— Oh, é muito gentil de sua parte oferecer, mas não estou a fim de dar um passeio tão cedo pela manhã. Que tal deixarmos isso para a tarde? — Olho por cima do ombro. Ele já se foi.

— Isso foi grosseiro! — Eu grito atrás dele.

Visto-me em menos de dez minutos e desço correndo a escadaria larga até ao andar térreo. Dois dos homens de Drago estão parados na porta da frente, completamente absortos em sua discussão enquanto vestem seus casacos.

Eu me aproximo e lhes ofereço um sorriso radiante. — Que manhã maravilhosa. Estão indo para uma reunião?

Ambos me olham fixamente. O homem à minha direita está usando um terno preto e uma gravata torta, com um meio nó no pescoço. Acho que seu nome é Iliya. Tive a chance de explorar a casa com Jelena ontem, e ela apontou algumas pessoas pelas quais passamos. No entanto, há tantas pessoas morando aqui que vai levar um tempo para eu conhecer todo mundo.

— Oh, você não pode sair assim, lindinho. — Balancei a cabeça e ajeitei sua gravata. — Pronto. Muito melhor. Vocês dois tomaram café da manhã?

Quando olho para cima novamente, encontro os dois olhando para mim com os olhos arregalados e as sobrancelhas rastejando em direção à linha dos cabelos.

— Sim, — eles murmuram em uníssono.

— Que bom. Tenham um bom dia, então. — Eu aceno e atravesso o saguão.

Enquanto me dirijo à cozinha, lembro-me do episódio de ontem à noite depois do jantar. Parecia que uma bomba havia explodido na cozinha - pilhas de louça suja por toda parte e as meninas correndo, guardando as sobras e colocando os pratos na máquina de lavar louça. São três, e tenho certeza de que elas estão sempre correndo com o número de pratos que cada refeição produz. Estou surpresa por eles não terem uma daquelas unidades comerciais, como em um restaurante. A cena era caótica, mas, de certa forma, achei que era tranquila.

Drago não estava no jantar, como eu esperava que ele estivesse, e eu estava me sentindo um pouco deprimida por causa disso. Então, quando Keva me notou parada na porta, perguntou se eu gostaria de ajudar. Encolhi os ombros e concordei prontamente. No segundo seguinte, ela colocou uma panela queimada em minhas mãos. Levei mais de trinta minutos para esfregar aquela coisa, mas provavelmente teria levado duas horas se Nata não tivesse notado que eu estava usando uma esponja e me desse uma coisa metálica para usar no lugar.

Não estou acostumada com o trabalho doméstico - tínhamos uma empregada para isso -, mas gostei muito de ajudar Keva e as meninas. As mulheres riam e fofocavam sobre seus namorados, lançando olhares curiosos em minha direção de vez em quando. Então, em um determinado momento, elas mudaram repentinamente para o inglês e me puxaram para uma conversa. Ficamos ocupadas até que Keva nos expulsou. Acabei com uma unha lascada, mas foi divertido.

A cozinha está menos agitada agora, mas ainda há muitas atividades acontecendo. A refeição da manhã já terminou há muito tempo, então três meninas estão carregando as máquinas de lavar louça e arrumando tudo. Vejo Filip e alguns outros rapazes tomando seu café da manhã em uma pequena mesa ao lado. Eles devem ter perdido o evento principal, assim como eu. Keva está do outro lado da cozinha, mexendo distraidamente o conteúdo de uma tigela grande que está segurando, com os olhos na TV suspensa sobre o balcão. Ela fica parada, com a atenção completamente concentrada na tela que exibe o noticiário local. Nunca há falta de drama em Nova York.

Vejo uma jarra de suco quase vazia no meio da mesa em que os rapazes estão sentados, então vou até à enorme geladeira e pego uma cheia. Notei que Keva colocou algumas delas para esfriar ontem.

— Aqui, — eu digo enquanto coloco o suco na mesa e sorrio antes de levar a jarra vazia para a máquina de lavar louça.

Adam, o grandalhão de cabelos escuros que, segundo Jelena, é o responsável pelos soldados rasos, entra na cozinha.

— *Pop se zabavio sinoc, vidim*. — Ele acena com a cabeça para a TV enquanto pega uma lata de refrigerante na geladeira.

O padre se divertiu na noite passada? O que é considerado ‘diversão’ para os padres sérvios? Talvez ele dirija um coral da igreja? Olho para a tela da TV. Um repórter está parado em frente a um prédio de cinco andares, falando para a câmera. Vários carros de polícia estão estacionados atrás dele, e uma fita amarela de cena de crime restringe a entrada no local.

— *...o que possivelmente é outra execução relacionada a uma gangue. A vítima, Wesley Powells, foi encontrada por um vizinho. De acordo com a testemunha ocular, o Sr. Powells foi pregado em uma parede com espinhos enfiados em suas mãos. Um sinal de uma cruz foi gravado em seu peito. A polícia, no entanto, não forneceu nenhuma outra declaração até ao momento.*

— Querido Deus, — murmuro enquanto um arrepio me atravessa. O padre deles deve fazer muito mais do que dar orientação espiritual. — É preciso estar seriamente perturbado para fazer isso com uma pessoa.

Keva pega o controle remoto do balcão e rapidamente desliga a TV.

— Não a notei aí, — diz ela e volta a misturar o que quer que tenha na tigela. — Deixei os sanduíches para você.

— Eu meio que perdi o apetite.

— Você não sairá da minha cozinha até que tenha tomado seu café da manhã, Sienna.

Suspiro e pego o menor sanduíche do prato. Seu apelido definitivamente combina com ela.

— Por que você ainda está de pijama? — pergunta ela.

Minha boca está cheia, mas murmuro: — Não é um pijama.

Os olhos de Keva deslizam pelo meu corpo, sobre meu conjunto de calças de seda turquesa e uma blusa com grandes flores fúcsia. — Tem certeza?

— Sim.

Ela ri, parecendo um esquilo travesso. — Drago vai adorar.

— Eu estava pensando a mesma coisa. — Sorrio.

Saio da cozinha e atravesso apressadamente a sala de jantar e o hall de entrada. Minha jaqueta amarela está pendurada na parede ao lado de várias dezenas de outros casacos. Eu o coloco, sorrio para o cara carrancudo que está parado na porta e saio de casa.

Drago está parado ao lado de um carro estacionado na entrada da garagem, conversando com os dois caras que encontrei na porta da frente mais cedo. Eles me veem chegando, acenam com a cabeça, entram no carro e saem. Bem, um aceno de cabeça é melhor do que nada.

— Não sei se essa roupa é uma boa escolha, — diz Drago, olhando para mim.

— Oh? Por quê?

— Você vai assustar meus cachorros.

Eu me enrijeço. — Não estou interessada em ver seus cães.

— Você não gosta de cachorros?

Encontro seu olhar penetrante e sorrio enquanto a bile sobe pela minha garganta. — Eu odeio cachorros.

— Que pena. De qualquer forma, você vai conhecê-los. — Ele pega minha mão e me conduz pelo gramado.

— Não quero ver seus malditos cachorros! — Tento me afastar enquanto andamos pela casa. — Drago!

Ele para e pega meu queixo entre os dedos. — Eles são cães de guarda, Sienna, mas não conhecem você nem seu cheiro. Você precisa encontrá-los para que eles

possam cheirar e ver que você está comigo. Não precisa ficar com medo.

— Não estou, — eu me engasgo.

— Não? Você me parece bastante apavorada. — Seu polegar roça a lateral do meu queixo e para no canto dos meus lábios. — Nada vai acontecer enquanto você estiver comigo, *mila*.

Fecho os olhos, apreciando seu toque. Sua outra mão ainda está segurando a minha, e eu me sinto sobrecarregada e muito tentada. Estou me esforçando para não ficar na ponta dos pés e beijar sua boca dura. Não nos beijamos na prefeitura antes de assinarmos a certidão de casamento. Como seria a sensação de ter seus lábios nos meus?

Latidos altos irrompem do outro lado do gramado dos fundos. Abro os olhos e olho para trás de Drago. Uma cerca de ferro divide a área e, além dela, três rottweilers estão pulando e latindo em nossa direção. Eles parecem empolgados, perseguindo uns aos outros e recuando nas patas traseiras para apoiar as patas dianteiras na barreira.

— Vamos dizer oi. — A mão de Drago se afasta de meu rosto.

Enquanto nos aproximamos lentamente da cerca, ele continua apertando minha mão levemente, como se quisesse me garantir que tudo vai ficar bem.

— Sente-se, — ele ordena quando chegamos ao recinto. Todos os três cães se sentam imediatamente, com os olhos focados nele. Drago se posiciona atrás de mim e passa os braços ao redor do meu tronco.

— O que está fazendo? — Pergunto, mas esqueço completamente a pergunta quando um beijo pousa na lateral do meu pescoço. O aperto em minha cintura se intensifica quando seus lábios se movem até meu queixo.

— Fique de olho nos cães, — ele diz próximo ao meu ouvido e envolve os dedos em meu pulso, levando minha mão aos seus lábios.

Os cães estão nos observando com interesse, com as cabeças ligeiramente

inclinadas para o lado. Mantenho meu olhar neles enquanto os lábios de Drago pressionam as costas da minha mão. Meus dedos começam a tremer levemente quando ele vira minha mão e beija o centro da palma.

— Agora, o outro, — diz ele.

O simples ato de respirar se torna difícil quando abaixo minha mão direita e levanto a esquerda, porque ainda posso sentir a carícia de seus lábios em minha pele. Ele pega minha mão e a puxa para mais perto de sua boca, mas não o suficiente para outro beijo. Seu hálito quente se espalha pela minha palma. É óbvio que ele está fazendo isso para o bem dos cães. Não entendo o raciocínio por trás de suas ações, mas tenho certeza de que tem algo a ver com eles. E eu gostaria que não tivesse.

Drago passa os lábios pelo meu pulso, logo acima do ponto de pulsação, e juro que meu coração dispara. É como se uma corrente elétrica de baixa intensidade estivesse passando por mim. Em todos os lugares que seus lábios tocam, uma energia excitante entra e se espalha pelo meu corpo, atingindo todas as terminações nervosas em seu caminho. Outro beijo cai em meu pulso e, em seguida, ele move minha mão e pressiona minha palma contra sua bochecha. Respiro fundo e me inclino mais sobre ele, minhas costas inteiras coladas em sua frente.

— Acho que já me fiz entender. — Drago abaixa minha mão e me leva para mais perto da cerca, além da qual os cães ainda estão sentados em posição de atenção.

— Em que ponto? — Pergunto e olho para cima para encontrá-lo me observando.

— Que você é minha.

Sem quebrar o contato visual, ele levanta minha mão até à abertura entre os postes de ferro. Todos os três rottweilers se levantam e, um a um, se aproximam para cheirar minha mão. Uma língua úmida e quente lambe os nós dos meus

dedos. Bonbon adorava lamber minhas mãos e meu rosto.

Fecho os olhos por um segundo e, em seguida, tiro minha mão da mão de Drago. — Bem, já conheci seus cães, então vou seguir meu caminho. Divirtam-se no trabalho.

Viro-me para a casa, mas seu braço envolve minha cintura, puxando-me para trás e me esmagando em seu corpo.

— Sinto muito se eles a assustaram, — ele diz próximo ao meu ouvido. — Direi aos meus homens que só os deixem sair para correr à noite.

— Obrigada, — eu digo.

Aparentemente, ele ainda acha que eu tenho medo de cachorros. Não importa. Não pretendo me explicar.

Drago

Ela não tem medo de cães.

Faço uma pausa com a mão na maçaneta da porta. Não sei exatamente por que essa percepção me ocorre de repente, horas depois, mas sei que estou certo. Seja qual for o motivo da relutância de Sienna, não foi medo.

— Onde está minha esposa? — Pergunto a Jovan, que está de guarda na porta da frente.

— Na sala de recreação.

Entro e viro à direita em direção à grande sala de recreação que ocupa boa parte do andar térreo deste lado da casa. Há várias TVs de tela grande e consoles de jogos, além de uma mesa de bilhar e máquinas de pinball que Mirko comprou no mês passado. Um pequeno bar com lava-louça com uma variedade de bebidas fica em um dos cantos. Com quase cinquenta pessoas sob o mesmo teto, é

preciso oferecer algum tipo de entretenimento, a menos que você queira que sua vida se torne um inferno. Especialmente durante as noites.

Quando entro na sala, espero encontrar minha esposa assistindo a um filme ou fofocando com algumas das mulheres. Em vez disso, encontro-a sentada com três dos meus homens na mesa de pôquer montada perto do bar, com meia dúzia de pessoas assistindo ao desenrolar do jogo. A iluminação principal está desligada, e apenas uma luz pendente acima da mesa está iluminada, criando um ambiente de filme noir na sala. Paro no bar para me servir de uma bebida, depois me apoio em uma parede próxima e observo o que está acontecendo.

Minha esposa está sentada de pernas cruzadas em uma cadeira, segurando as cartas com a mão esquerda enquanto mastiga a almofada do polegar direito. Mirko está à sua direita, com uma expressão presunçosa. Do outro lado dela está Adam e, embora sua cara de pôquer não demonstre, ele acredita que vai ganhar. Somos amigos desde o ensino médio e conheço todos os seus truques. Do outro lado de Sienna está Relja. Eu o encontrei congelando nas ruas quando ele ainda era criança e o trouxe para cá. Como sempre, ele é completamente enigmático. Não sei se já conheci um homem tão difícil de ler como Relja.

Há um monte minúsculo de dinheiro no centro da mesa, provavelmente não mais do que algumas centenas de dólares em notas pequenas. Dificilmente é um jogo de apostas altas; eles estão obviamente jogando por diversão. Minha atenção se volta para minha esposa enquanto ela tira seus grandes brincos de argola de ouro e os coloca em cima da pilha de dinheiro. Sienna volta a mastigar o polegar, seus olhos voam de um homem para outro em rápida sucessão. Qualquer outra pessoa pode pensar que suas cartas são uma porcaria. Meus lábios se contraem em um sorriso.

Todos os três homens da mesa acham que minha esposa está perdendo.

E todos os três estão errados.

Deixo meu copo vazio no balcão e vou em direção ao grupo, depois paro atrás de

Sienna. Agarrando a lateral de sua cadeira, viro-a em um ângulo de oito graus e empurro o encosto dela contra a borda da mesa. Ela deve ter dado um gritinho quando a girei, pois está olhando para mim com um olhar ligeiramente selvagem.

— Drago? — ela suspira. — O que...

Minhas mãos pousam na cintura de Sienna. Eu a levanto da cadeira e tomo seu lugar, depois a coloco deitada em meu colo. Piscando para mim em confusão, minha esposa pressiona as cartas contra o peito para escondê-las da visão de seus oponentes. Consigo ouvir os caras atrás de mim sutilmente limpando suas calças enquanto observam nossa nova posição e vejo mais do que alguns olhares curiosos em minha visão periférica dos espectadores ao redor da sala.

— Sinta-se à vontade para continuar, — eu digo, meus olhos deslizando de volta para o rosto de Sienna, a poucos centímetros do meu.

— Assim?

— Sim.

Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso. Ela olha para as cartas em suas mãos e depois se inclina em minha direção, alcançando uma carta na mesa por cima do meu ombro. Levo minha mão até à parte inferior de suas costas e a puxo para mais perto até que seus seios sejam esmagados contra mim e sua boceta se acomode sobre meu pau que endurece rapidamente. A conversa na sala diminui. Aparentemente, Sienna permanece imperturbável, mas não consegue esconder de mim o rápido crescimento de seu peito.

— Está se distraindo? — Pergunto e me inclino um pouco para trás para poder ver sua resposta.

— De forma alguma.

— Hmm... — Pegando as cartas de sua mão, dou uma olhada rápida no que ela tem.

Uma mão vencedora, como eu imaginava.

— Ela ganhou. Vocês podem ir embora, — eu digo e jogo as cartas por cima do meu ombro na mesa.

Há um som de cadeiras raspando o chão e passos apressados às minhas costas. A multidão ao nosso redor também se dispersa lentamente.

— Você arruinou meu jogo, — sussurra Sienna, olhando fixamente em meus olhos.

— Arruinei. — Levanto minha mão e acaricio a linha de sua mandíbula. — Qual é o problema com os cães, Sienna?

Seu corpo fica totalmente imóvel, mas, no momento seguinte, ela relaxa e sorri. — O que você quer dizer com isso?

Inclino a cabeça para o lado e apenas observo seu rosto. Seu sorriso parece genuíno. Mas não chega aos seus olhos. E ela sabe exatamente o que quero dizer.

— Bem, eu deveria ir agora. Preciso lavar meu cabelo, — ela deixa escapar e desce do meu colo. — Vejo você mais tarde.

Eu a sigo com os olhos enquanto ela se apressa em pegar seus brincos e o dinheiro na mesa e, em seguida, sai rapidamente da sala. Cruzando os braços sobre o peito, olho para a porta pela qual ela desapareceu.

Descobrirei seus segredos. Isso pode levar algum tempo, pois suspeito que pressioná-la não trará nenhum resultado. Não importa. Sou um homem muito paciente.

Capítulo 8

Sienna

Acordo com o som suave do chuveiro vindo do banheiro, mas não preciso ouvi-lo para saber que Drago não está mais na cama comigo. Seu calor está ausente e sinto falta da sensação de paz com a qual me acostumei nas últimas dez noites.

Depois da minha primeira tentativa de dormir em um quarto separado, apenas para me encontrar de volta na cama de Drago pela manhã, tentei essa façanha mais duas vezes. Em todas as vezes, meu marido me carregou para o quarto dele. Depois disso, parei de tentar ‘escapar’ porque gosto mais de dormir com seu corpo abraçado ao meu do que gostaria de admitir. E isso é tudo o que fizemos até agora. Dormir.

Além de me abraçar, ele não me tocou. Eu gostaria que ele o fizesse. Algumas vezes, quando acordei enquanto ele ainda estava na cama, fingi que ainda estava dormindo, gostando de ser pressionada contra seu peito duro. Seu peito não era a única coisa que estava dura, e isso me assustou um pouco. Eu nunca fiz sexo.

Tive alguns namorados, mas nunca fomos além da primeira base. Não é como se eu estivesse me guardando para o casamento, e não tenho medo do ato íntimo em si. É que... sentir atração física por alguém nunca foi suficiente para mim. Um corpo sedutor que não tinha nenhum impacto sobre mim mentalmente tinha tanto interesse quanto um peso de papel enfeitado. Bonito de se ver, mas não essencial em minha vida.

Sempre que um rapaz pressionava para fazer sexo, eu terminava com ele. Eu simplesmente não conseguia lidar com a ideia de me aproximar tanto de alguém. Eu tinha meus motivos. Normalmente, quando os relacionamentos atingem um certo nível, as pessoas tendem a acreditar que têm direito a ‘mais’. Mais

conversas. Mais explicações. Mais de *você*. Mas as partes de *mim* estavam sempre trancadas. Sempre escondidas, especialmente do homem com quem eu estava saindo. E se eu me abrisse, deixando-o vislumbrar o que se esconde por trás de minha fachada cuidadosamente composta, e ele decidisse ir embora? Ou, pior ainda, ele ficasse e eu desenvolvesse sentimentos por ele. Não.

Nenhum sentimento significava nenhuma mágoa se algo ruim acontecesse. A dor e o desgosto não valiam a experiência carnal.

Minha irmã sabe isso sobre mim. Ela sempre *me conheceu.* Asya disse uma vez que eu preciso de um homem que possa seduzir meu cérebro antes de permitir que ele foda minha boceta. Seja lá o que for que isso signifique.

Viro de costas e fico olhando para o teto, pensando em como essa cama enorme parece solitária quando Drago não está aqui comigo. O que ele diria se eu lhe pedisse para voltar para a cama depois do banho para que pudéssemos nos abraçar um pouco mais? Ou ele riria ou pensaria que estou tentando tentá-lo a fazer sexo comigo. Se ele tivesse agido como se quisesse, eu teria pulado em cima dele, sem consequências. Mas não é sexo que estou procurando. Tenho esse estranho desejo de ficar perto dele, de enterrar meu rosto em seu pescoço e absorver seu cheiro. É estúpido, eu sei, mas não consigo evitar.

A água é desligada e, dois minutos depois, meu marido sai do banheiro usando apenas uma toalha na cintura.

Finjo que ainda estou dormindo e o observo por baixo das pálpebras semicerradas. Ele tem um dos corpos masculinos mais bonitos que já vi. Não é que eu tenha visto muitos, mas mesmo assim. Ombros largos e braços bem musculosos. Abdominais duros e esculpidos, nos quais eu provavelmente conseguiria acertar uma moeda se a jogasse. Ele caminha em direção ao armário do outro lado do cômodo e eu levo meus olhos para suas costas, observando as cicatrizes de queimaduras que cobrem o lado esquerdo de seu corpo. Elas estão concentradas principalmente nas omoplatas e logo abaixo, mas há algumas no

antebraço e nas costas da mão. Eu as notei apenas recentemente porque estão cobertas por tatuagens.

Outro dia, pesquisei queimaduras no Google e, com base em tudo o que li e nas imagens que mostravam os diferentes estágios de cicatrização, concluí que Drago fez enxertos de pele. Ele foi pego em um incêndio quando era mais jovem?

Drago tira a toalha e eu fecho os olhos. Um ato instintivo para alguém que não está acostumado a ver um homem nu. Mas minha curiosidade leva a melhor e levanto as pálpebras para olhar sua bunda. Quando ele se estica para pegar algo na prateleira, vejo seu pau e fecho os olhos novamente. Será que ele é tão grande assim? Imagino seu pau enorme deslizando para dentro de mim, imaginando como seria a sensação, e mordo a parte interna da bochecha para abafar um suspiro.

O eco dos passos que se aproximam chega até mim uma fração de segundo antes de o edredom sair voando do meu corpo.

— Levante-se.

Mantenho meus olhos fechados, fingindo que ainda estou dormindo.

— Eu sei que você está acordada.

Droga. Será que ele sabe que eu estava olhando para o seu pau? Abro as pálpebras e vejo Drago ao pé da cama. Ele está usando calça de moletom preta e um capuz vermelho.

— Que horas são? — Eu pergunto. Perdi o café da manhã ontem e tive de ir à cozinha pedir a Keva algumas sobras. O horário das refeições que eles têm aqui não funciona muito bem com meu biorritmo. Café da manhã às oito? Isso é tirania.

— Seis e meia. Você vai sair para correr comigo.

— Acho que não. — Bufo e enterro meu rosto no travesseiro.

Uma mão envolve meu tornozelo, puxando-me para a borda. Eu grito e tento empurrá-lo com minha perna livre. Drago se curva, me pega e me leva para a suíte. Estou chutando meus pés à minha frente enquanto aperto seus antebraços, tentando em vão me libertar. No momento em que ele me coloca no chão dentro do banheiro, empurro seu peito.

— Não sou um de seus subordinados, Drago! — Eu o golpeio novamente. — Você não pode me dar ordens.

— Você não é minha subordinada. — Ele dá um passo à frente, fazendo-me dar dois passos para trás. — Mas você me pertence. E não vou deixar que ande por aí tão pálida quanto uma folha de papel. Vamos dar uma corrida e não voltaremos até que você tenha um pouco de cor no rosto.

— Não sou sua propriedade, — eu pretendia dizer com um sorriso, mas acabou sendo um semi-resmungo entre os dentes. Por alguma razão, meu filtro de 'boa pessoa' parece não funcionar muito bem quando ele está por perto.

Drago olha para minha mão, que ainda está pressionada contra seu peito. — Isso diz que você é.

Acompanho seu olhar e o vejo focado em minha aliança de casamento.

— Ah, é mesmo? Achei que significava que tínhamos assinado uma certidão de casamento, não uma nota fiscal. Mas acho que esse mal-entendido é fácil de corrigir. — Levanto a mão na frente do rosto dele, planejando tirar a aliança de casamento. No momento em que ele registra minha intenção, ele agarra meu queixo e inclina minha cabeça para cima.

— Sinta-se à vontade para tirá-lo se quiser, — diz ele casualmente, depois se inclina até que nossos rostos estejam no mesmo nível. — Mas saiba de uma coisa, *mila moya*. Qualquer homem que colocar os olhos em você enquanto não estiver usando a aliança de casamento vai morrer.

Reviro os olhos. Sim, claro. Ele provavelmente esqueceu que eu estava presente

quando Keva gritou com ele e não fez nada a respeito. Ele não vai matar ninguém, especialmente só por olhar para mim. Acho que tive sorte de ter ficado com Drago e não com alguém que sai por aí matando pessoas. É um risco dos casamentos arranjados. Eu poderia ter me casado com alguém como o padre. É óbvio que esse homem cuida da morte das pessoas para Drago, ou Adam não teria feito aquele comentário na cozinha quando vimos a reportagem.

— Estarei esperando por você lá fora. — Ele solta meu queixo e sai.

Sacudo a cabeça e pego uma escova de dentes. Não vou sair para correr com ele de jeito nenhum. Mesmo que eu não odiasse correr - o que odeio -, não tenho nada adequado para vestir. Mas talvez eu possa dar uma volta pela propriedade e verificar o número de guardas. Ajello me ligou duas vezes desde que cheguei aqui, mas não pude atender porque havia pessoas por perto. Eu lhe enviei uma mensagem de texto dizendo que ainda não soube de nada importante, mas terei de ligar para ele em breve para contar *alguma coisa*.

O espelho acima da pia ainda está embaçado por causa do banho do Drago. Passo a palma da mão sobre ele e fico olhando para o meu reflexo. Não me parece certo reunir informações sobre meu marido e passá-las para o Don, mas não tenho escolha. A família sempre vem em primeiro lugar, esse é o lema da Cosa Nostra.

* * *

Estou descendo as escadas quando uma ideia surge em minha mente. Sorrindo, tiro a aliança e a coloco no bolso da minha calça jeans rosa. A porta da frente está aberta e Keva está na soleira, assinando alguns papéis para um homem de macacão com o nome da empresa de encanamento local acima do bolso esquerdo do peito. Passo por eles e vou em direção a Drago, que está esperando

no meio da entrada da garagem, mexendo no celular. Seus polegares se movem rapidamente enquanto ele digita. Deve ser um texto longo ou um e-mail. Não seria mais fácil ligar para a pessoa?

Quando paro na frente dele, ele guarda o telefone e me examina da cabeça aos pés. — Está falando sério?

— Por quê? — Levanto uma sobrancelha.

— Botas de salto alto. E... o que é isso? — Ele faz um gesto para o meu peito.

— Um suéter grande demais, — digo. É um dos meus favoritos, amarelo com uma estampa de grandes corações no mesmo tom de rosa dos meus jeans.

Geralmente escolho minhas roupas com base em como me sinto. Quando meu humor está baixo, costumo optar por combinações coloridas e bobas. Recentemente, porém, tenho escolhido minhas roupas apenas porque gosto das reações de Drago. Há algo muito engraçado em seu resmungo toda vez que ele vê meu traje do dia. Uma coisa que achei realmente surpreendente é que ele não disse nenhuma vez: 'Você não pode sair em público usando isso'. Como alguns de meus amigos e ex-namorados costumavam fazer. Ele costuma reclamar um pouco ou simplesmente olhar para o céu e balançar a cabeça, mas é só isso. Ele parece não se importar muito com o fato de eu andar por aí com o que ele chama de 'jaqueta de frango' ou 'amarelo desagradável'. Algumas de minhas roupas são ridículas, mas Drago nunca disse que eu ficava ridícula com elas.

— Três de vocês cabem nessa coisa, Sienna. Vá se trocar para algo confortável. E calce seus tênis.

— Isso *é* confortável. E eu não tenho tênis.

— Você não tem tênis.

— Não. Apenas saltos altos. Desculpe. — Eu sorrio.

— *Isuse*[6], — ele resmunga e olha em volta, vendo Jovan saindo da garagem. — Jovan, as chaves, — ele late.

Jovan parece momentaneamente confuso, mas depois tira um conjunto de chaves do carro do bolso e as joga para Drago.

— Vamos dar uma volta em vez disso? — pergunto.

— Vamos comprar a porra de um tênis para você, Sienna.

Estávamos caminhando em direção ao carro de Jovan quando o encanador passou por nós. Ele me olha e depois segue em direção à sua van. Estendo a mão para a porta do passageiro quando os dedos de Drago envolvem meu pulso.

— Você não está usando sua aliança de casamento, — diz ele.

— Você disse que não se importa.

— Não me importo, — ele declara, fecha a porta depois de mim e dá a volta no capô. Espero que ele pegue o volante, mas ele caminha pela entrada da garagem em direção à van onde o encanador está guardando suas ferramentas. O que ele está fazendo? Talvez ele queira perguntar alguma coisa ao cara... *Caramba*!

Saio correndo do carro e vou até à van, onde meu marido está segurando o encanador contra a lateral do veículo. A mão de Drago está enrolada na garganta do homem e, pelo fato de o pobre homem estar com o rosto vermelho, ele o está sufocando.

— Drago! — Agarro a parte de trás de seu capuz e tento tirá-lo de lá. O cara parece que vai desmaiar a qualquer momento. — Ei!

Drago olha por cima do ombro e me fixa com seu olhar. — O quê?

— *O quê*, o quê? Você está louco? Solte o cara!

— Nós tínhamos um acordo, Sienna. Sem aliança de casamento, os homens que olham para você morrem. — Ele se volta para o encanador e continua a estrangulá-lo.

Oh, meu Deus, ele estava falando sério! Eu nunca o vi ser agressivo com ninguém. Apesar de seu mau humor e de sua presença imponente, não acho que

essa seja sua natureza. Soltando seu capuz, verifico meus bolsos histericamente. Onde, onde...?.? Sim! Tiro a aliança do bolso e a coloco em meu dedo.

— Aqui! — Levanto minha mão e a coloco na frente do rosto de Drago, tentando conter meu pânico. — Está colocada de novo. Por favor, pare. Por favor, por favor, por favor.

Ele olha para minha mão e depois para mim. — Será que vai ficar no lugar?

— Vou colar no meu dedo se você quiser. Mas, por favor, não mate o encanador.

Os olhos de Drago voltam para a mão que ainda estou segurando no ar e ele solta o pescoço do cara. — Tudo bem. Vamos comprar esses tênis.

Drago

Sienna está em frente ao grande espelho do supermercado local, olhando para seu reflexo. É o único lugar aberto a esta hora da manhã que tem o que estamos procurando. Eu não tinha certeza de como ela reagiria ao fato de eu levá-la aqui, em vez de em seu local habitual de compras, mas ela nem sequer pestanejou - entrou como se estivesse fazendo isso todas as semanas de sua vida. Foi engraçado como ela ficou animada, embora tentasse esconder, ao encontrar roupas sendo vendidas a apenas alguns corredores de distância dos produtos frescos. Ela insistiu que precisávamos comprar uma caixa de tangerinas também, e agora tenho que carregá-la enquanto Sienna experimenta várias roupas esportivas.

A roupa que ela vestiu consiste em um moletom azul-claro e uma calça de moletom combinando, com tênis de corrida de couro branco. Não sei se já vi alguém parecer tão infeliz como Sienna agora, enquanto avalia seu traje. Ela está murmurando alguma coisa, então levo meus olhos aos seus lábios.

— ...nem mesmo uma cor real. Um azul estúpido e desbotado. É deprimente.

— A cor está deixando você deprimida?

— Sim. Muito.

Olho em volta e vejo a atendente da loja parada em uma prateleira de jaquetas. Deixando minha esposa com seus murmúrios, me aproximo da mulher.

— Preciso que você me encontre o agasalho mais ridículo que tiver na loja.

Os olhos da vendedora se arregalaram de surpresa. — O mais... ridículo?

— Sim. Algo que nenhuma mulher sã compraria. Fúcsia gritante. Laranja neon. Um padrão animal idiota em uma cor horrível. Ou algo que brilhe. Sapatos, também.

— Oh... Vou ver o que posso fazer.

A atendente sai correndo e volta cinco minutos depois com um moletom e uma calça combinando. O conjunto é de uma cor lavanda vibrante e tem uma larga faixa amarela na parte externa das pernas e mangas da calça. Não há glitter, mas o cordão de amarração da calça é feito de cetim e tem o mesmo tom de amarelo das listras.

— Isso deve ser suficiente. — Eu aceno com a cabeça. — Tênis?

Ela levanta um par de tênis de corrida. A sola é branca, mas eles têm um padrão colorido nas laterais. Pego um deles da mão levantada da balconista para dar uma olhada melhor. É um monte de pequenos coelhos multicoloridos.

— Perfeito. — Pego as roupas e o outro sapato e volto para minha esposa.

No instante em que Sienna vê as coisas que estou carregando, ela corre para pegar tudo e entra correndo no vestiário próximo. Apoio meu ombro na parede lateral do provador em frente ao de Sienna e observo seus pés pelo vão entre o piso e a porta. Ela está pulando em uma perna só enquanto veste a calça de moletom. Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. Não me lembro da

última vez em que me diverti tanto com alguém. Durante anos, o trabalho foi a única coisa estimulante que preencheu meus dias mundanos. Agora não é mais assim. Agora, a pequena infernal com roupas malucas e sorriso malicioso tem ocupado a maior parte da minha atenção.

Fascinado. Sim, estou completamente fascinado por minha brilhante esposa, e não sei por quê. Ela é muito jovem, excêntrica, está sempre sorrindo e é alegre em um nível perturbador. O problema é que não gosto de pessoas alegres. Ninguém pode ser feliz o tempo todo. Se agem dessa forma, ou são estúpidos ou estão fingindo. E se há uma coisa de que tenho cem por cento de certeza é que minha pequena e brilhante esposa está longe de ser estúpida. Mesmo que a maneira como ela age possa facilmente convencer as pessoas do contrário. Mas são elas que são tolas por não enxergarem o que está tão claro para mim.

A porta se abre e revela Sienna com aquela roupa horrorosa de lavanda. Não entendo como ela consegue ficar tão bonita usando roupas tão idiotas. Ela sorri para mim, levanta o celular e tira uma selfie enquanto franze os lábios para a câmera.

— Você está postando isso nas mídias sociais? — Eu pergunto.

— É claro. Por quê?

— Por nada. — Assim que eu voltar para casa, vou instruir Mirko a fazer algo com as contas de mídia social dela. Ele invade sites do governo regularmente, então deve conhecer alguma maneira de ocultar as imagens de Sienna. Ninguém pode salivar com as fotos de minha esposa, exceto eu. Ontem de manhã, enquanto Sienna ainda estava dormindo, tirei uma foto rápida dela na cama com meu celular. Ainda não sei bem por que fiz isso.

No caminho para a área de pagamento, passamos pela seção de decoração, onde duas longas prateleiras estão empilhadas com diferentes bugigangas - flores secas, estatuetas de vidro, porta-retratos e outros itens semelhantes. Sienna para em frente a uma tigela cheia de bolinhas de gude de várias cores. Um grito

animado sai de seus lábios enquanto ela olha para o vidro e passa os dedos pelas esferas brilhantes. Fazia muito tempo que eu não ficava tão entusiasmado com alguma coisa quanto ela parece estar com um punhado de pérolas de vidro. Juro que essa mulher deve ter sido um corvo em sua vida passada para ser tão cativada por coisas brilhantes. É impossível não se sentir atraído por ela. Uma estranha sensação de calor se espalha por meu peito ao ver minha esposa tão feliz, e anseio por ver mais dessa alegria pura.

Mesmo sabendo que ela está mentindo para mim desde o início.

* * *

— Vamos pegar o caminho entre as árvores, — eu digo enquanto fecho a porta do carro atrás de Sienna. — Vamos lá.

— Então, você estava falando sério sobre correr?

— Eu não brinco com frequência, Sienna. Vamos lá. Vá na minha frente. Apenas siga o caminho.

— Por que você não lidera?

— Quero que você fique à minha vista para que não possa entrar escondido quando eu não estiver olhando.

Seus ombros caem, mas ela se afasta e começa a correr em direção às árvores. Eu sigo alguns metros atrás, acompanhando o ritmo dela enquanto olho para o seu belo traseiro naquelas calças esportivas justas. Essa é uma das razões pelas quais insisti que ela fosse a primeira a descer a trilha. A outra é que eu não perceberia se ela dissesse algo atrás de mim.

Ao passarmos por um trecho do gramado onde Beli está varrendo as folhas, Sienna para e diz algo a ele. Alguém deveria tê-la avisado que o velho filho da

puta é antissocial e nunca fala com as pessoas. Eu me afasto alguns passos para o lado, dando a impressão de que estou esticando os tendões enquanto observo a conversa entre minha esposa e o jardineiro. Nunca o vi abrir um sorriso, então vê-lo rir e levantar o polegar é incrível. Sienna acena para ele e continua.

— O que ela disse? — Pergunto quando me aproximo do velho rabugento.

— Sua esposa encontrou um novo lugar para mim.

— Um ponto? Para quê?

— Para meus lírios. — Ele sorri e volta a varrer as folhas.

Sacudo a cabeça e continuo minha corrida para alcançar minha esposa, que é um raio de sol, que está correndo no mesmo lugar a trinta metros do caminho. Ela está conversando com Relja. Que deveria estar no turno de guarda neste momento e fazendo sua ronda, droga! Ele me vê chegando, dá meia-volta e sai correndo em direção ao portão.

— Não distraia meus homens enquanto eles estiverem em serviço.

Sienna inclina a cabeça para cima e estreita os olhos para mim. — Você é realmente mal-humorado, sabe. É meio... fofo.

— Já me chamaram de muitos nomes, Sienna... — envolvo seu braço na cintura e a puxo para junto de mim — ...mas fofo não é um deles.

Posso sentir cada respiração dela à medida que seu peito sobe e desce. Seus lábios estão ligeiramente entreabertos, me provocando. Não me resta muita restrição, e a necessidade de torná-la minha está me deixando louco. Mesmo apesar de suas mentiras constantes desde o momento em que ela entrou em minha casa, e provavelmente antes disso também. Deixei uma espiã entrar em minha casa, mas a coisa mais fodida sobre toda essa situação é que eu não me arrependo.

Eu me pergunto... Onde ela aprendeu sérvio?

Embora eu a tenha observado de perto desde o momento em que ela chegou,

levei mais de uma semana para perceber esse pequeno fato. Aconteceu por acaso durante o jantar, há alguns dias. Todos estavam rindo de uma piada enquanto Keva corria para colocar tigelas de comida na mesa. Milo, um dos soldados, estendeu a mão, pedindo a alguém que lhe passasse o purê de batatas. Minha esposa sorriu e lhe entregou a tigela enquanto ainda ria da piada. E Milo não fala inglês. Acho que ela nem percebeu seu erro.

Ajello obviamente sabia que Sienna falava sérvio ou não a teria escolhido. Aquele filho da mãe ardiloso. Não é de se admirar que metade do submundo do crime o queira morto. A questão é: o que devo fazer com minha pequena e brilhante espiã da Cosa Nostra? Devo matá-la rapidamente ou devo fazê-la sofrer?

Ao olhar para ela, percebo uma coisa extremamente inconveniente. Mesmo que eu quisesse, não seria capaz de machucá-la. E o pior é que a simples ideia de alguém colocar um dedo em minha esposa desperta em mim uma fúria assassina.

— Vamos voltar. — Eu a solto do meu abraço e começo a andar, subitamente irritado como o inferno.

Mas não é dela que estou com raiva. Estou furioso comigo mesmo. Porque mesmo sabendo que minha esposa é uma espiã, só consigo pensar nela. Em todo. Maldito. Tempo.

Tenho passado a maior parte dos meus dias fora de casa para não sucumbir ao desejo de colocá-la sobre meu ombro, levá-la para o quarto e transar com ela sem sentido. Quero manter minha distância até descobrir qual é o jogo de Ajello, mas não consigo. Há mais de uma semana, estou esperando o momento em que poderei subir na cama ao lado dela e abraçá-la. E todas as manhãs, eu acordo com um tesão tão épico que passo trinta minutos no chuveiro tentando me libertar enquanto penso na pequena mentirosa dormindo profundamente em minha cama. Hoje de manhã, tive que me masturbar duas vezes. Depois da primeira rodada, saí do banheiro e a vi deitada com a blusa levantada até

embaixo dos seios e com as bochechas da bunda aparecendo por entre o short verde de dormir. Fiquei duro na hora. Então, voltei para o chuveiro e me imaginei batendo meu pau nela por trás até gozar na parede de azulejos.

Sienna me segue enquanto voltamos para a casa, e eu continuo olhando para ela por cima do ombro. Seu rabo de cavalo alto balança para a esquerda e para a direita enquanto ela pula sobre as pequenas poças de chuva ao longo do caminho, tentando-me a puxá-la para perto de mim e passar meus dedos pelos fios castanhos. Iliya entra pela porta da frente assim que chegamos, e Sienna corre em sua direção, empurrando o celular em suas mãos. Ela está balbuciando alguma coisa enquanto está diante dele, mas não consigo entender o que ela está dizendo nem ler seus lábios. Com um sorriso largo, ela corre para ficar ao lado da fonte e faz uma pose. Prendo Iliya com meu olhar.

— Ela quer que eu tire algumas fotos dela, — ele diz. — Para sua mídia social.

Imediatamente, arranco o telefone de sua mão.

— Você está livre para ir, — eu digo e me viro para minha esposa. — Se precisar de alguém para tirar uma foto sua, serei eu, Sienna.

— Você estava de mau humor, emitindo essas vibrações realmente mal-humoradas. Esse parece ser seu humor preferido e eu não quis interferir.

Estreito meus olhos. Se eu pegar algum dos meus homens tirando fotos dela, eles terão uma experiência muito próxima e pessoal com meu humor ranzinza. — Fiquem em posição, — resmungo.

Sienna se inclina em direção à água, estendendo a mão para tocar a correnteza. O tecido elástico de sua calça lavanda acentua a curva perfeita de sua bela bunda redonda.

— Feito.

— Obrigada, — ela diz enquanto tira o telefone da minha mão. — Estou fazendo o upload imediatamente. Adoro essa fonte! As minhas postagens em frente a ela

sempre recebem pelo menos alguns milhares de curtidas.

Milhares? Fico furioso enquanto a vejo entrar dançando na casa e depois ir direto para o escritório de Mirko. Milhares, porra!

Capítulo 9

Sienna

Abro meu laptop e clico no ícone de e-mail no canto superior direito da tela. Ligar para o Don seria mais fácil, mas com tantas pessoas na casa, não posso correr o risco de alguém ouvir. Começo uma nova mensagem, digito o endereço de e-mail que o Don me deu e passo para a linha de assunto, digitando: *The Alpha's Chosen Mate, Episódio Um*.

Volto minha atenção para o corpo do e-mail e meus dedos voam sobre as teclas.

Prezada Silvia,

Espero que você esteja bem. Conforme combinado, estou lhe enviando o primeiro episódio do meu novo romance paranormal que você publicará em sua revista on-line. Por favor, dê uma olhada e me diga o que achou e quais as sugestões para melhorar.

Amor,

Sienna

Acrescento algumas linhas em branco e depois continuo a digitar.

Era uma noite fria e sem estrelas quando Georgina pisou pela primeira vez nas terras de Darius, o Alfa da matilha Black River Wolves. Seu coração batia descontroladamente, com o dobro do ritmo habitual, quando ela passou por seu novo companheiro e entrou na toca esculpida na encosta de uma montanha. Os passos ecoavam nas paredes ao longo do corredor estreito que se aprofundava cada vez mais, interrompido periodicamente pelas ramificações que levavam a

muitas cavernas menores ao redor dela. A toca estava repleta de membros da matilha. Ela tentou contá-los, mas não conseguiu chegar a um número exato. Parecia que todos viviam dentro da toca.

Paro por um momento, com meus dedos pairando sobre as teclas. Já se passaram quase três semanas desde que cheguei à casa de Drago, e eu continuava encontrando motivos para não ligar para o cara. No início, eu dizia a mim mesma que não tinha nada significativo para compartilhar, que sempre havia alguém por perto ou que era tarde demais para fazer a ligação. Mas, há uma hora, recebi uma mensagem de uma palavra de Don Ajello: SIENNA! A mensagem apareceu na minha tela em letras maiúsculas, e eu não podia mais adiar o contato.

Meus dedos se abaixam no teclado mais uma vez, mas meus olhos se voltam para o grande vaso na cômoda que está cheio de lindos cristais brilhantes. Eu o encontrei na mesinha de cabeceira quando acordei esta manhã. Drago deve ter percebido que eu gosto de vidros multicoloridos quando estávamos na loja outro dia e os comprou para mim. As cores dos cristais não são tão intensas quanto as das bolinhas de gude do supermercado, mas esses cristais são cortados em forma de pequenos diamantes, o que os torna muito bonitos. Mudei o vaso para a cômoda, onde posso vê-lo assim que entro no quarto, e coloquei minha coleção de canetas e lápis nele.

Respiro fundo e olho de volta para o e-mail, mas é como se um peso pesado tivesse caído sobre meu peito. Deixando o laptop de lado, levanto-me da cama e vou até à janela que dá para a entrada da garagem.

Keva está de pé na beira do gramado com as mãos nos quadris, discutindo com Jovan. Eu sorrio. Ele provavelmente se esqueceu de chamar o técnico para dar uma olhada na geladeira, que tem feito um zumbido estranho nos últimos dias. Um pouco à direita, Filip e Drago estão entrando no carro de Drago. Ambos

estão de terno, então provavelmente estão indo para uma reunião. Não tenho visto meu marido de terno com muita frequência, talvez duas vezes até agora. Fica bem nele.

Pouco antes de pegar o volante, Drago olha para cima, para a minha janela, e nossos olhares se cruzam por um breve momento. Uma onda de culpa me domina quando a realidade do que estou prestes a fazer me atinge novamente. Meus olhos seguem o carro de Drago enquanto ele se afasta. Permaneço enraizada no lugar até ele sumir de vista e só então volto para o meu laptop.

Continuo digitando, mas o gosto amargo em minha boca se recusa a se dissipar.

Pouco depois da chegada de Georgina, parecia que a alcateia estava enfrentando novos desafios. Ela não tinha certeza dos motivos, mas, pelas conversas abafadas que conseguiu ouvir, parecia que os lobos de Black River começaram uma disputa com os ursos de Transylvania Hills. Os ursos viviam no mesmo território que os lobos, e ambos reivindicavam a posse do terreno de caça específico.

A estadia de Georgina com a matilha Black River Wolves estava fadada a ser muito mais interessante do que ela imaginava.

Continua...

Minha mente ainda está acelerada enquanto mantenho o mouse sobre o botão enviar por quase um minuto antes de finalmente pressioná-lo.

O telefone toca dez minutos depois. O número de Don Ajello aparece na tela.

— Silvia, — digo ao atender a ligação, — você recebeu meu pedido, presumo?

— Pack? — A voz sombria de Ajello entra na linha. — Ursos da Transilvânia?

— É um código, — sussurro ao telefone. — Os ursos da Transilvânia representam os romenos.

— Não consigo decifrar suas bobagens, Sienna. Comece a falar.

Eu me deito na beirada da cama e suspiro. — Drago está cuidando de tudo por aqui. Filip, seu segundo em comando, supervisiona a execução das coisas. Eles lavam o dinheiro por meio do clube.

— Eu já sabia de tudo isso. O que mais?

— Eles têm alguns problemas com os romenos. Eu não peguei muita coisa, apenas que Drago aumentou a segurança.

— Seu marido fez um grande negócio na semana em que vocês se casaram. Teve alguma coisa a ver com os romenos?

— Não ouvi nenhum detalhe.

— E o que era aquele lixo sobre cavernas?

— Muitos de seus homens estão morando aqui, na casa de Drago.

— Quantos?

Cerro os dentes e enterro a mão no cabelo. Parece errado contar tudo isso a ele.

— Quantos, Sienna?

— Quarenta e oito, — murmuro.

— E quantos homens ele tem no total?

— Eu não sei.

— Bem, descubra. Rápido, — ele ordena e corta a chamada.

Olho para o celular em minha mão, jogo-o na cama e saio correndo do quarto.

— Sienna! — Jelena me chama quando estou atravessando o saguão: — Você poderia...

Eu a ignoro e saio pela porta da frente. Está um pouco frio lá fora, mas não volto para pegar meu casaco.

Há vários homens vagando em frente ao enorme prédio da garagem que abriga

várias baias para mais de uma dúzia de carros, situado à esquerda da mansão, então viro à direita e corro em direção às árvores, para longe de todos. O gosto amargo em minha boca não me deixa e só piora a cada minuto que passa. O que Ajello fará com as informações que forneci? Quando concordei com esse plano estúpido, ele não parecia tão ruim. Mas agora...

Eu lhe dei o número de pessoas que moram aqui, na casa. Essa deve ser uma das informações menos significativas. Não é como se o Don estivesse planejando invadir a casa de Drago, mas ainda assim, divulgar esse detalhe me faz sentir tão suja.

Gosto das pessoas daqui, e parece que estou traindo-as. Na maioria dos dias, quando acordo, Drago já foi embora, exceto nas manhãs em que ele me leva para correr com ele. Mas isso só acontece três vezes por semana, e passamos cerca de uma hora batendo na terra ao redor do terreno da propriedade. Depois disso, ele vai embora e eu raramente o vejo novamente até à hora do jantar. Já li todos os livros que trouxe comigo, o que me deixa passar meus dias escrevendo em meu novo caderno ou ajudando Keva na cozinha.

Se Asya me visse agora, morreria de rir. Em casa, acho que não fritei ovos sozinha mais do que um punhado de vezes. Aqui, porém, acho surpreendentemente gratificante estar envolvida na cozinha. A casa está sempre cheia de gente. Sim, pode ser uma loucura com todos falando ao mesmo tempo e se esbarrando, mas é divertido. Antes, quando éramos apenas Arturo, Asya e eu, também era legal. Mas aqui... É uma grande e estranha família e, apesar da minha óbvia inexperiência, gosto ainda mais do caos. É difícil se sentir sozinho com tantas pessoas ao redor.

Eles mal me conhecem, mas, entre eles, não me sinto como uma estranha. Quando fui para a cozinha outro dia, ainda abalada depois de conhecer os cães de Drago, Keva me preparou um chocolate quente e exigiu que eu lhe dissesse quem havia me chateado para que ela pudesse dar uma surra neles. E ontem,

quando eu estava reclamando que os sapatos que eu queria estavam esgotados na Internet, Mirko me ouviu e me disse para enviar o link por e-mail para que ele pudesse ‘resolver o problema’. Os sapatos chegaram na mesma noite.

E depois, há meu marido. Às vezes, eu o vejo por perto quando pensei que ele não estava em casa. Ele me observa quando acha que não estou olhando, mas posso sentir seus olhos em mim todas as vezes. O movimento de seu olhar é como o leve roçar de uma pena que faz cócegas em minha nuca. Cada nervo em meu sistema se inflama com a consciência.

Mantenho minha farsa, fingindo que não noto sua aparência. Mas tenho quase certeza de que ele sabe que não está me enganando e percebe meu blefe.

Mesmo assim, Drago continua a me observar como se estivesse tentando me entender. Às vezes, ele me faz lembrar de uma gárgula empoleirada em uma grande parede de pedra. Sempre observando. E esperando. Não sei ao certo o que ele está esperando, mas uma coisa eu sei: eu gosto disso. Gosto da excitação que me invade quando ele está por perto. E adoro dormir em sua cama.

Mas o que ele faria se descobrisse que eu o estou denunciando a Ajello? Não acho que ele me mataria. Ele pode ser o chefe de uma organização criminosa, mas, excluindo o incidente com o encanador, ele não me parece uma pessoa violenta. Até agora, não o vi bater ou mesmo gritar com nenhum de seus funcionários. Talvez seja para isso que ele tenha o padre - para se livrar daqueles que se opõem a ele em vez de matá-los ele mesmo.

Passo meia hora vagando pelo terreno ao redor da mansão, sem nenhum destino específico em mente. Por fim, acabo no quintal. Os cães de Drago estão correndo dentro de seu cercado, mas quando percebem minha aproximação, param de brincar e concentram sua atenção em mim. Sempre que parei aqui anteriormente, sempre esperei que eles latissem, mas eles nunca o fizeram. Agora também não latem. Eles simplesmente me olham. Assim como seu dono.

Normalmente, vou embora depois de observá-los por alguns minutos, mas, dessa

vez, dou um passo à frente. Depois, mais um. O maior dos três se apoia nas patas traseiras, pressionando as patas dianteiras contra a cerca de ferro. Com cautela, aproximo-me da barreira e levanto minha mão até ao focinho do cão. Ele cheira meus dedos por um instante e depois os lambe. Agacho-me ao lado da cerca e ofereço minha mão esquerda ao outro cão que está cheirando minhas calças.

Drago

— Quando podemos esperar o pagamento dos russos? — Keva pergunta e vira a página de seu velho e grosso livro de registro.

— Em dois dias, — digo ao me aproximar da mesa de jantar e me sentar em frente a ela. — Por que diabos você não deixa o Mirko comprar um laptop para você? Não dá para manter nossos registros financeiros nele.

Ela olha para mim por cima da borda dos óculos. — Não vou deixar informações confidenciais em alguma caixa eletrônica onde qualquer pessoa possa acessá-las.

— Existem coisas chamadas firewalls, Zivka. Ninguém pode acessar suas coisas com uma delas instalada.

— Ah, é mesmo? Diga isso ao Yahoo.

Esfrego as têmporas e suspiro.

— Sienna veio para o café da manhã parecendo muito animada, — diz Keva, enquanto um pequeno sorriso se desenha em seus lábios. — Quando perguntei o motivo do bom humor dela, ela disse que você deixou um presente para ela. Um vaso com cristais de vidro multicoloridos, que brilham de forma adorável, aparentemente.

— Então, ela gostou?

— Tanto que passei no seu quarto para ver esse 'vaso' que a deixou tão animada.

— Ela tira os óculos e sorri. — Você sabia que sua esposa usa meio milhão de dólares em pedras preciosas como porta-canetas?

— Ela gosta delas. No que me diz respeito, ela pode usá-las como quiser, — eu digo. — Você não me enviou nenhuma foto hoje.

— Não? — ela finge surpresa. — Provavelmente me esqueci. Mas você deveria tê-la visto hoje de manhã quando Jovan a levou ao shopping. Ela estava usando jeans verde neon e uma blusa amarela com babados.

— Ela os combinou com a jaqueta de frango?

— Mas é claro. E seus saltos amarelos.

Franzo minhas sobrancelhas. — Você deveria ter me enviado uma foto.

— Ou você poderia ter vindo aqui pessoalmente para ver por si mesmo. — Ela aponta seus óculos para mim. — Você precisa parar de persegui-la pela casa, Drago.

— Ela é minha esposa. Posso persegui-la o quanto eu quiser.

Keva bufa. — Kovac ligou mais cedo. Ele vai se casar no domingo e convidou você e Sienna para irem.

— Eu não vou a casamentos, como você sabe muito bem. Muito menos casamentos sérvios. — Ir a uma festa com música ao vivo e várias centenas de convidados, todos eles tagarelando e cantando em constante alegria, é a personificação do inferno para mim. Dois minutos dessa merda são suficientes para transformar meu cérebro em mingau.

— Talvez você possa abrir uma exceção? Só uma visita rápida?

— Não.

— Que pena. — Ela solta um suspiro exagerado. — Sienna adoraria.

Inclino-me para trás na cadeira e imagino minha esposa no meio dessa loucura. Sim, ela ficaria entusiasmada. — Kovac mencionou uma nova oportunidade de

investimento na última vez que conversamos. Talvez possamos dar uma passada por lá. Manter bons relacionamentos é benéfico para os negócios.

— Perfeito. Certifique-se de levar Sienna para comprar um vestido para a ocasião.

Levanto uma sobrancelha. — Você já viu todas as roupas que aquela mulher tem?

— Nunca há 'suficiente' quando se trata de roupas femininas, Drago.

Reviro os olhos e aceno com a cabeça para um pequeno aquário na prateleira do canto. Vários peixes laranja ziguezagueiam entre as plantas aquáticas e outras decorações do aquário. — O que isso está fazendo aqui?

— Sienna o comprou hoje no shopping.

— Eu não gosto de peixes.

— Eu sei. — Keva já está pegando seu telefone. — Sienna estava muito animada com eles, mas vou dizer ao Jovan para devolver o aquário à loja.

Eu cerro a mandíbula. — Apenas deixe essa maldita coisa.

— Tem certeza? Posso pedir que ele faça isso imediatamente.

— Ninguém toca nos peixes dela, — digo com os dentes cerrados. — E onde está minha feliz esposa?

— Não sei. Ela não desceu para jantar, então presumi que não estivesse com fome.

Acenando com a cabeça, levanto-me e saio da sala de jantar, em uma missão para encontrar minha esposa. Cheguei meia hora atrasado para uma reunião com um colega de trabalho esta manhã porque estava esperando Sienna acordar para ver sua reação ao meu presente. Por fim, tive que sair e isso me deixou de péssimo humor. A situação piorou com o passar das horas, porque eu tinha muito trabalho e não podia passar em casa para vê-la, como tento fazer pelo menos

duas vezes por dia. O fato de Keva não ter me enviado fotos foi a cereja do bolo de um dia de merda, e tenho certeza de que sua falta de mensagens foi proposital.

A grande sala de recreação no lado leste do andar térreo está lotada de pessoas, mas Sienna não está lá.

— Alguém viu a Sienna? — Eu pergunto.

Mais de trinta cabeças se viram em minha direção. Em seguida, um monte de ‘nãos’ e tremores.

Em seguida, vou para o andar superior, mas ela também não está no quarto. Fechando a porta atrás de mim, volto para o andar de baixo. Keva me encara quando passo correndo por ela e empurro a porta da cozinha com força suficiente para que ela bata na parede adjacente.

— Onde está minha esposa?!

Quatro cabeças se viram em minha direção.

— Ela não está aqui, — diz uma das moças que está limpando a bancada.

— Não sou cego, porra. Quando foi a última vez que alguém a viu?

— Talvez ela ainda esteja lá fora? — diz Jelena. — Eu a vi sair mais cedo, mas isso foi há cerca de três horas.

Eu me viro e corro.

— Não consigo encontrar Sienna, — grito para Iliya, que está parado na porta da frente, e pego minha jaqueta. — Jelena disse que a viu saindo. Você e Relja ficam com o pátio da frente. Eu fico com os fundos.

Quando saio, vou primeiro para a garagem, para o caso de ela ter entrado lá. Não entrou.

— Droga! — Bato na parede com a palma da mão e corro saindo.

E se Bogdan tivesse descoberto nossa localização e seus homens de alguma

forma tivessem chegado até ela? Ela poderia ter desaparecido. Fora do terreno. Foi-se! Ou eles ainda estão aqui, esperando o momento certo para fugir sob a cobertura da escuridão. Nossa segurança é rígida, então eles não podem estar muito longe.

Mudo de rota e decolo em direção à outra parte do quintal. É lá que estão os cachorros, então duvido que ela esteja lá, mas preciso checar por precaução.

Algo amarelo perto da cerca atrai minha atenção. O crepúsculo já caiu, então não percebi que era Sienna até estar a meio caminho dela. Ela está ajoelhada no chão, ao lado do cercado dos cães, com os braços enfiados nas aberturas, acariciando a cabeça de Zeus. Os outros dois cães estão deitados perto dela, com as patas pressionadas em suas pernas.

— Jesus, porra. — Tiro minha jaqueta e a coloco em volta dos ombros dela. Ela ainda está vestida com a roupa de antes, e aquela camiseta com babados é fina demais para a temperatura que está caindo rapidamente. — Que diabos há de errado com você? Está tentando morrer de frio?

Com cuidado, eu a afasto da cerca e coloco seus braços dentro das mangas da minha jaqueta. Ela nem sequer olha para mim, apenas mantém o olhar fixo nos cães. Eu a levanto em meus braços e corro em direção à casa.

— Sienna?

Seus braços estão em volta do meu pescoço, apertando enquanto ela enterra o rosto em meu ombro. Por que ela não está dizendo nada? Onde estão aqueles comentários maliciosos? Os sorrisos maliciosos?

Chego à porta da frente e a abro com um chute. Keva está correndo pelo saguão em nossa direção, mas eu vou direto para a escada. — Traga-me algo quente, — grito. — Chá ou cacau. Agora!

Quando entro em nosso quarto, coloco Sienna na poltrona reclinável ao lado da varanda e enrolo o cobertor da cama em volta dela, depois me agacho a seus pés

e começo a tirar seus saltos de 15 centímetros. Eles têm pequenas flores na parte dos dedos - uma escolha perfeita para andar pelo gramado molhado e pela lama.

— *Moya blesava mila*[7]. — Balançando a cabeça, esfrego seus pés frios com as palmas das mãos.

Alguns instantes depois, a porta atrás de mim se abre, e Jelena coloca uma bandeja com uma grande caneca de chá e alguns biscoitos na mesa ao lado.

— Obrigado. Agora, vá embora, — digo sem olhar para ela. Meu olhar está concentrado no rosto de Sienna, que está absolutamente sem expressão. A única vez que a vi assim foi na boate, pouco antes de nos conhecermos.

— Sienna?

Ela pisca, tira os pés das minhas mãos e os coloca na beirada do assento, envolvendo as pernas com os braços.

— Eu tinha um cachorro, sabe?

— Tinha?

— Sim. Seu nome era Bonbon.

Não consigo entender as palavras, mas ouço o tom de sua voz. É estranhamente plana.

— O que aconteceu?

— Ele morreu por minha causa. — Ela se inclina para a frente e apoia o queixo nos joelhos dobrados, olhando para algum lugar por cima do meu ombro. — Ele teve insuficiência renal, mas eu estava muito distraída com o desaparecimento da minha irmã para perceber os sinais. Quando percebi, já era tarde demais.

Eu sabia que a irmã de Arturo havia desaparecido há alguns anos, porque ele estava inacessível durante esse período, procurando por ela. Foi quando aconteceu toda a confusão com Pisano. Não sei os detalhes específicos do que aconteceu com a garota, além do fato de que ela ficou desaparecida por meses e

acabou se casando com um cara do círculo interno da Bratva. Mas posso imaginar o inferno que Sienna e seu irmão devem ter passado por não saber se a irmã estava viva.

— Mas sua irmã está bem? — Pergunto enquanto a velha ferida em meu coração se reabre e dói.

Os olhos de Sienna se voltam para os meus. — Sim. Asya quase morreu por minha causa, mas agora ela está bem.

— O que você quer dizer com isso?

— Não importa. — Ela rapidamente desviou o olhar. — Quais são os nomes deles? Os cães?

Ajeito o cobertor ao redor de seus ombros e, não conseguindo resistir ao desejo de acalmá-la de alguma forma, passo a palma da mão em sua bochecha. — O grande é Zeus. O que tem pernas castanhas é Júpiter. E o terceiro é Perun.

— Nomeados em homenagem aos deuses, — diz ela, surpreendendo-me. Zeus e Júpiter são mais ou menos de conhecimento geral, mas poucos conhecem o antigo deus eslavo Perun. — Acho que vou dormir agora, se estiver tudo bem para você.

— Beba seu chá primeiro.

Sienna pega a caneca que lhe entrego e, depois que termina de tomar o chá, desaparece no banheiro. Quinze minutos depois, ela sobe na cama, agarra o travesseiro no peito e puxa as cobertas até ao queixo.

Eu me sento na poltrona reclinável e a observo deitada, imóvel, contemplando o que acabei de testemunhar. Parece que minha esposa não está loucamente feliz nem é superficial como finge ser. Mas tenho certeza de que, quando ela acordar, agirá como se nada tivesse acontecido e continuará com sua farsa despreocupada.

Sienna se vira de lado, mantendo um travesseiro bem apertado contra o peito,

como costuma fazer. Achei que fosse um hábito, mas agora que penso nisso, percebo que ela só faz isso quando eu saio da cama pela manhã.

Eu me repreendo e balanço a cabeça. Nenhuma mulher poderia ser tão indiferente ao fato de ser arrancada de sua vida normal e obrigada a viver em uma casa com pessoas que não conhece. Casada com um homem que é um completo estranho. Especialmente alguém tão jovem como Sienna, que já passou por uma experiência dolorosa em sua vida. Seus pais foram mortos quando ela era apenas uma garotinha, e eu sei o tipo de trauma que isso deixa. Depois, sua irmã foi sequestrada. E agora isso.

Drago, seu idiota. Deixei que sua atitude despreocupada me enganasse. E, além disso, tentei mantê-la à distância porque sabia que ela estava me espionando para Ajello. Só Deus sabe o que se passa em sua cabeça e o que se esconde por trás daqueles sorrisos que só chegam aos seus olhos em raras ocasiões.

Depois de me levantar da poltrona reclinável, tiro minhas roupas e me aproximo da cama. Com cuidado, afasto o travesseiro ao qual minha esposa está agarrada, depois entro debaixo das cobertas e envolvo Sienna com meus braços, apertando-a contra meu corpo. Imediatamente, ela enterra o rosto na curva do meu pescoço. Algo em seu cabelo arranha meu queixo. Eu me inclino um pouco para trás e olho para baixo para ver um grande grampo de cabelo amarelo em forma de borboleta no topo de sua cabeça. Suspirando, retiro cuidadosamente o grampo de seu cabelo e o jogo na mesa de cabeceira. Ela se mexe, resmungando alguma coisa.

— Você não pode dormir com essa porcaria no cabelo, Sienna, — eu digo e a puxo para perto de mim.

Capítulo 10

Sienna

— Vou levá-la a um casamento neste fim de semana, — a voz de Drago vem de algum lugar do quarto.

Um casamento? Abro a porta do banheiro e vejo Drago do outro lado do cômodo, muito sexy, usando jeans cinza e uma camisa preta com as mangas enroladas até aos cotovelos.

— Não tenho nada para vestir, — murmuro com a escova de dentes ainda na boca.

— O quê?

Reviro os olhos e pego a escova de dentes. — Eu disse que não tenho nada para vestir.

Drago ergue as sobrancelhas. — Você está brincando comigo?

— Não posso ir com minhas roupas velhas. Vou pedir a Jovan para me levar até à loja.

Drago termina de abotoar a camisa e vem para a minha frente. — Eu levo você.

Mordo meu lábio inferior para evitar que um sorriso idiota se espalhe pelo meu rosto. Quando acordei, fiquei com medo de que ele começasse a me fazer perguntas sobre o que aconteceu na noite passada, então fugi para o banheiro. Parece que ele se esqueceu de tudo, graças a Deus.

— E como é que todo mundo pode ter um casamento, e eu só tenho uma cerimônia de cinco minutos na prefeitura?

Drago apoia as mãos no batente da porta de cada lado e se inclina para perto do

meu rosto. — Porque essas pessoas estão se casando por amor. E você se casou por dinheiro, não foi?

Eu forço um sorriso. — Foi.

Ele abaixa ainda mais a cabeça, nossas bocas estão quase se tocando. Há aquele olhar de análise em seus olhos novamente, como se ele estivesse tentando me entender.

— Aí está sua resposta, — diz ele. — Vista-se. Tem quinze minutos.

Observo suas costas largas enquanto ele sai do quarto. Depois que ele se foi, eu me viro e vou até ao armário para vasculhar a bagunça de roupas que coloquei lá dentro quando desfiz as malas. O espaço é bem grande, mas tenho coisas demais. Uma lágrima escapa de meus olhos e eu a limpo rapidamente com as costas da mão.

Não entendo por que as palavras de Drago me atingiram tanto. Não é como se eu estivesse iludida sobre nossos motivos. Ele se casou comigo porque era uma oportunidade de negócio lucrativa. E eu me casei com ele porque... Sou uma idiota. É a verdade. Eu não deveria ter deixado meu medo de ficar sozinha me levar a esse desastre. Asya estava certa. Eu deveria ter esperado para conhecer alguém que eu gostasse, talvez amasse, e só então pensar em me casar com o cara. Um arrepio percorre minha espinha.

Não. Eu nunca me deixaria apaixonar. As pessoas que eu amo acabaram mortas por minha causa. Como meus pais. Como minha irmã quase morreu. Tudo por minha causa. Essa é uma configuração muito melhor. Drago consegue a conexão com a Cosa Nostra, o Don consegue suas informações sobre a organização sérvia e eu não fico sozinha. Não há emoções envolvidas.

Quando saio quatorze minutos depois, Drago está parado ao lado do carro, apoiado no capô com os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos examinam minha calça de pernas largas listrada de rosa e azul e, em seguida, passam para o meu casaco rosa e, por um breve momento, um leve sorriso aparece em seu

rosto.

— Essa coisa encolheu na lavagem? — ele pergunta, dando uma olhada curiosa em minhas mangas.

— Os casacos precisam ser limpos a seco, não lavados. E essas mangas são três quartos.

— Você poderia me explicar a finalidade de um casaco com mangas curtas?

Bato meus cílios para ele: — Para me deixar bonita.

Drago levanta a mão e passa a palma da mão em minha bochecha. Aqueles olhos verdes captam e seguram os meus. — Se for esse o caso, receio que não tenha servido ao seu propósito, *mila moya*.

Eu suspiro, chocada e magoada. Sei que não sou o tipo de mulher capaz de fazer os homens se ajoelharem na minha frente. E certamente não estou no mesmo nível da mulher que vi com ele na foto que Ajello me enviou. Mas insinuar que sou feia?

Começo a me afastar dele, mas seu braço livre envolve minha cintura, mantendo-me pressionada contra seu corpo. Seus olhos estão grudados nos meus, brilhando perigosamente. Me provocando. Desafiando-me. Desafiar-me a fazer o quê? Cuspir em seu rosto? Começar a chorar? Não, isso não é coisa dele.

O aperto em minha cintura se intensifica. Sua outra mão ainda está em meu rosto, acariciando minha bochecha. Aperto um punhado de sua camisa com o punho e estreito os olhos para ele, tentando decifrar o motivo desse jogo silencioso. Drago se inclina até que sua boca esteja bem perto da minha orelha.

— Seu casaco não serve para nada, — ele sussurra em sérvio, sua voz é rouca e desliza sobre mim como mel líquido, — porque você é perfeita, Sienna. Mais linda do que qualquer outra pessoa que já conheci.

Meu coração para. E então salta como se quisesse explodir de meu peito, batendo em um ritmo frenético. E se ele ouvir isso e perceber que eu entendi?

— O que você disse? — Pergunto rapidamente.

Drago me solta e abre a porta do carro para mim.

— Hora de ir. — Ele volta a falar inglês, ignorando minha pergunta. — Apresse-se. Tenho uma reunião à tarde da qual preciso participar.

Com um sorrisinho despreocupado no rosto, pego as laterais do meu casaco e me abaixo no banco do passageiro. Enquanto Drago dá a volta no carro, eu ajusto propositalmente o espelho retrovisor na minha direção em vez de baixar o para-sol, tiro a bolsa de maquiagem da minha bolsa e começo a passar o batom. O que foi aquilo há apenas um momento? Algum tipo de teste?

— Eu preciso disso, Sienna. — Meu marido resmunga e reajusta o espelho.

— Eu o reivindiquei primeiro, — eu digo, esperando que isso ajude a disfarçar o quanto estou abalada.

Drago move seu olhar dos meus lábios para os meus olhos e os mantém ali por alguns longos momentos. Depois, liga o carro.

Drago

A cortina do vestiário desliza para o lado e Sienna sai usando um vestido rosa Barbie com um babado na bainha. Eu a observo do sofá situado em frente ao espelho alto enquanto ela examina seu reflexo, virando-se para a esquerda e para a direita, conferindo a roupa. Ela está linda de morrer nele, como em todos os vestidos anteriores que a fiz experimentar. Acho que esse é o décimo segundo.

Ela se vira e mostra o quadril. — E este aqui?

Desço meu olhar de seu peito delicado para suas pernas bem torneadas e depois volto para cima. — Não.

— Não? Como assim, ‘não’? Eu experimentei todos os vestidos aqui. Como é possível que você não goste de nenhum deles?

Eu me inclino para trás e estendo meus braços ao longo do encosto do sofá, olhando para ela. Eu nunca disse que não gostava deles.

— Drago!

Fecho os olhos por um segundo, deixando o som penetrar. Meu nome é uma das raras palavras que consigo ouvir completamente quando ela fala.

— Experimente mais alguns, — eu digo.

Sienna me lança um olhar exasperado e desaparece no vestiário. No momento em que a cortina se fecha atrás dela, eu me levanto e vou para o outro lado da butique, onde dois homens estão parados na entrada. Eu os vi no espelho, olhando para Sienna quando ela saiu do vestiário nas últimas duas vezes. Pego a jaqueta do que está mais perto de mim e o encaro.

— Você gosta de observar minha esposa?

— Calma, cara. Acabei de dar uma olhada. — O idiota sorri. — Ela é gostosa. É difícil não olhar, você sabe.

— Ah. Tudo bem, então. — Eu lhe dou uma cabeçada.

O outro cara agarra meu ombro, então eu solto o homem que agora pressiona as mãos sobre o nariz ensanguentado e enterro meu cotovelo no estômago de seu amigo. Ele se dobra ao meio, com a respiração ofegante.

— Vá embora. Antes que eu mesmo o expulse. — Eu me viro e volto para os vestiários.

Sienna surge no momento em que me sento, dizendo algo sobre o cinto e a cintura estarem muito apertados, mas não entendi tudo porque meu olhar estava concentrado no espelho para me certificar de que os dois idiotas saíram da loja.

Quando olho para minha esposa, ela está de pé com as mãos nos quadris, olhando para mim.

— E daí?

Eu a devoro com meus olhos. O novo vestido é azul e tem um corpete justo que se alarga a partir da cintura. Ele lhe cai muito bem. — Você deveria experimentar outro.

— Sério? Você só está brincando comigo, não é?

Ela é adorável quando está irritada. O fato é que não me importo com o que ela veste. Acho minha esposa igualmente deslumbrante naquela monstruosidade idiota azul e rosa que ela vestiu esta manhã e nesse vestido elegante. Mas gosto de ver as várias partes de seu corpo que cada vestido expõe. Suas costas nuas. O decote. Essas pernas incríveis.

— O próximo, Sienna.

Ela me olha com os olhos semicerrados e volta para dentro da divisória. Um minuto depois, ela sai vestindo apenas um sutiã rendado azul-celeste e uma calcinha combinando. — Isso é mais do seu agrado?

Eu me levanto do sofá e a alcanço em três passos rápidos. Envolvendo seu braço em torno de sua cintura, eu a levo para dentro do vestiário e puxo a cortina

fechada atrás de nós com minha outra mão. Sienna faz o possível para se livrar de meu controle, mas eu a agarro por baixo da coxa e a apoio contra a parede.

— Que porra foi essa? — Eu grito.

— Você parece indiferente aos vestidos. — Ela inclina seu queixo teimoso para mim. — Eu estava tentando obter uma reação.

— É mesmo? — Inclino-me para ela de modo que meu pau duro pressione contra seu núcleo. — É essa a reação que você estava tentando obter?

— Talvez. — Sienna morde o lábio inferior e prende as pernas atrás de minhas costas. O aperto que ela tem em meu pescoço fica mais forte.

Abaixo minha cabeça e sussurro em seu ouvido. — Estou vendo você, Sienna. — Ela se enrijece em meu abraço, mas continuo. — Vejo que você está escondendo algo com suas atitudes alegres e essas roupas ridículas. E eu vou descobrir o que é.

Suas unhas cravam na pele do meu pescoço, a sensação faz com que meu pau, já duro, inche ainda mais. Ela inclina a cabeça para o lado e seus lábios roçam o lóbulo da minha orelha.

— Nunca, — diz ela.

— Isso é o que veremos. — Dou um leve beijo em seu ombro nu e deixo que ela deslize pelo meu corpo. — Vista suas roupas.

— E o vestido?

Eu me inclino e pego o monte colorido de cetim e renda em meus braços. — Estamos levando todos eles.

* * *

Observo minha esposa enquanto ela pega a costeleta de porco em seu prato. Ela está movendo a comida de um lado para o outro e mal deu algumas mordidas. Estendo meu garfo, espeto um dos pedaços e o levo à boca dela.

Ela olha para o meu garfo. — O que está fazendo?

— A garantir que você coma alguma coisa.

— Não estou com fome.

— Você não comeu nada desde esta manhã. Não quero que desmaie em cima de mim. Abra sua boca.

Seus lábios se alargam ligeiramente. — Vá se foder, Drago, — diz ela com um sorriso.

— Ora, ora, ela não é tão doce quanto quer que as pessoas acreditem. — Eu me inclino para a frente. — Abra. Sua. Boca.

Sienna pega o garfo da minha mão e enfia a carne na boca enquanto me olha fixamente. Pego o garfo de volta, espeto um broto de brócolis e o levanto.

— Poderíamos ter comido lá em casa. — Seus lábios envolvem o vegetal enquanto ela o retira do utensílio.

— O almoço é servido às duas. Nós perdemos.

— Perdemos? A casa é sua. Você não tem direito de dizer quando o almoço será servido?

— Tenho. E estabeleci o horário de almoço para as duas. Se você faltar por causa de obrigações de negócios, terá de se virar sozinho.

Sienna olha para o próximo pedaço de carne de porco que estou segurando na frente dela. — Por quê?

— Você consegue imaginar o caos que se instalaria se cinquenta pessoas fizessem suas refeições em horários aleatórios?

— Sim, acho que sim. — Ela ri e pega a carne. — Eu não vi nenhuma criança

em sua casa.

— Meus homens e mulheres com família não residem na casa.

— Por quê?

A lembrança da casa de minha infância envolta em chamas passa diante de meus olhos. Já se passaram vinte anos, mas ainda posso sentir o gosto da fumaça que sufocou meus pulmões e sentir o calor do fogo em minha camisa em chamas, que queimou minha pele enquanto eu tentava proteger Dina com meu corpo.

— Drago? — Sienna coloca sua mão em meu antebraço.

— Porque eu não permito crianças na mansão. É muito perigoso, — digo e pego o celular que estava vibrando no meu bolso.

14:20 Filip: Perdemos o contato com o motorista. Mirko está tentando localizar a carga por meio do GPS.

— Precisamos ir. — Jogo dinheiro na mesa e pego a mão de Sienna para sair.

Enquanto conduzo minha esposa até ao elevador mais próximo, Sienna fala ao meu lado. Com todas as pessoas ao redor e o barulho que estão fazendo, só percebo o tom de sua voz, não as palavras.

Outra mensagem de Filip chega quando estamos saindo do elevador, dizendo-me que temos apenas uma localização geral do caminhão porque o sinal do GPS está fraco e que ele já está indo naquela direção com alguns homens para procurar o veículo. O texto contém uma captura de tela de um mapa com um círculo de um quilômetro e meio de raio sobre a área próxima ao nosso depósito.

Quando chegamos ao carro, coloco meu dedo sobre os lábios de Sienna. — Pare de falar e ouça. Alguém interceptou um de nossos caminhões. O motorista não está respondendo.

Ela pisca para mim e acena com a cabeça.

— Preciso que você fique na linha com Filip e espere que ele lhe dê as

coordenadas depois de encontrar o caminhão. Quando as tiver, insira a localização no aplicativo de mapas e me mostre a tela com nosso destino marcado. Ok?

— Está bem.

— Mantenha a linha aberta e ouça qualquer informação que Filip possa ter, pois ele chegará ao caminhão antes de nós. Tudo certo?

Ela acena novamente com a cabeça.

— Ótimo. Vamos lá.

Sienna

Vozes falando em sérvio são ouvidas pelo telefone. Filip deve ter colocado o aparelho no modo viva-voz, pois consigo ouvir ele e outro homem. A fala deles é bastante rápida, mas ainda entendo parte do que está sendo dito. Palavrões desagradáveis, depois algo sobre os romenos não estarem felizes com o negócio de armas. Dou uma olhada de lado para meu marido. Ele está dirigindo há vinte minutos em silêncio absoluto. Armas? Achei que o sindicato sérvio só trabalhava com drogas. Tento captar mais da conversa, mas a maior parte é de palavrões novamente. O telefone de alguém toca. O outro cara, acho que é o Jovan, grita alguma coisa.

— Sienna, — diz Filip, — temos a localização. Estou lhe enviando as coordenadas.

O telefone em minhas mãos vibra. Coloco-o no viva-voz, copio e colo dois números grandes no aplicativo de navegação, e um grande ponto vermelho aparece no mapa. Estamos a cerca de dez minutos de distância.

— Pegue a próxima à direita, — digo enquanto olho para a tela do telefone. Ainda consigo ouvir a voz de Filip, pois deixei a chamada em aberto.

A mão de Drago entra em meu campo de visão. Ele pega o telefone e olha para a tela, mas, enquanto faz isso, perde a curva que deveria ter feito.

— *A u kurac*[8]. — Ele joga o telefone no painel, gira o volante até que o carro faça uma curva de um oitavo e entra na pista na direção oposta. A curva é tão repentina e acentuada que bato com a lateral da cabeça na janela.

— Merda! — Drago late e, sem desviar o olhar da estrada, passa o braço direito em volta dos meus ombros e me puxa para ele. — Sinto muito, querida. — Ele beija minha testa e me solta. — Pergunte a Filip se eles conseguiram falar com o motorista.

Ainda estou tão atônita com seu ato inesperado que nem pergunto por que ele mesmo não pergunta ao Filip. O viva-voz ainda está ligado.

— Filip? Drago pergunta...

— O caminhão está estacionado no beco dos fundos, — Filip acrescenta. — Estamos apenas parando atrás dele. Fique na linha.

Os sons de portas de carros abrindo e fechando preenchem o ar morto e, alguns minutos depois, um fluxo de xingamentos sérvios atravessa a linha.

— O motorista está morto, — Filip grita. — Uma bala atravessou a têmpora. A carga ainda está no caminhão. Intocada.

Meu marido continua dirigindo, apertando o volante, com o olhar fixo na estrada. — Morto? — ele pergunta e olha para mim.

— Sim. — Aceno com a cabeça.

— Quando chegarmos lá, fique no carro. Filip a levará para casa.

— Está bem. — Aceno novamente com a cabeça.

Drago continua dirigindo, e eu fico olhando para o seu perfil. Pensando.

Chegamos à caminhonete e Drago estaciona alguns metros à frente dela, depois sai do carro. Eu o observo pela janela traseira enquanto ele dá uma olhada na cabine da caminhonete antes de se abaixar e encarar Filip, dizendo-lhe algo. Jovan se aproxima por trás de Drago e coloca a mão no ombro de Drago. O ato parece fora de lugar, mas notei que seus homens fazem isso com frequência quando se aproximam dele pela retaguarda. Quase parece que é para chamar sua atenção.

Os três passam alguns minutos em uma discussão acalorada. Filip se afasta do grupo alguns minutos depois e entra no carro comigo enquanto disca um número em seu telefone. Ele muda para o viva-voz e liga o carro. Escuto enquanto ele transmite as ordens de Drago primeiro para Adam e depois para Mirko.

Meus olhos olham cegamente para uma faixa de estrada além do para-brisa enquanto vasculho meu cérebro, tentando lembrar se já vi meu marido falando ao telefone.

E não me lembro de nenhum caso.

Capítulo 11

Sienna

Participei de pelo menos dez casamentos da Cosa Nostra ao longo dos anos. A maioria das recepções foi realizada em restaurantes, salões de banquetes de hotéis sofisticados ou clubes de campo de luxo. Quanto mais caros forem o local e a produção, melhor. Não há maneira mais grandiosa de exibir sua riqueza e importância dentro da família. Por isso, fico um pouco confusa quando Drago estaciona o carro a certa distância de uma casa de pedra cinza de três andares.

Eu ouvi a música muito antes de chegarmos ao local, mas nesse close-up, ela está tão alta que levo alguns instantes para me ajustar. Uma enorme tenda branca está no meio do grande gramado atrás da casa. Drago deve ter perdido uma curva, porque acho que acabamos no lugar errado.

— Por que estamos em uma feira? — pergunto.

— Isso não é um parque de diversões. É um *svadba*. Um casamento.

Arregalo os olhos e olho para trás, para a tenda retangular à nossa frente. Suas laterais foram removidas, deixando um grande dossel sobre as longas mesas colocadas dentro dela. Cada mesa percorre toda a extensão da tenda e poderia facilmente acomodar cerca de oitenta pessoas. Há cinco mesas. São quatrocentos convidados, no mínimo. Acho que nem conheço essa quantidade de pessoas.

Em uma extremidade, foi montada uma plataforma onde uma banda está tocando enquanto uma mulher de cabelos loiros e vestido vermelho caminha entre as mesas, cantando. A maioria dos convidados está em pé ao lado de suas cadeiras, dançando e cantando junto, mas alguns se reuniram em torno da cantora e estão colocando dinheiro em suas mãos.

Crianças - meninos em ternos bonitos e meninas em vestidos bonitos - estão

correndo atrás de um cachorro, entrando e saindo da tenda pelos painéis laterais abertos. Não há homens carrancudos falando de negócios nos cantos, nem mulheres de aparência rígida sentadas com as costas retas, preocupadas em não mexer um músculo por medo de que seus cabelos se desfaçam enquanto fofocam sobre aqueles que não estão perto o suficiente para ouvi-las. Todos parecem genuinamente felizes. Muito diferente dos casamentos da Cosa Nostra.

É uma loucura alegre e positiva. Eu adoro isso!

— Vamos parabenizar os recém-casados. — Drago passa o braço ao meu redor, colocando-me mais perto de seu lado enquanto caminhamos em meio à multidão em direção à mesa principal no lado mais distante do pavilhão da tenda. Ela é perpendicular às demais, e mais pessoas estão se aglomerando ao redor dela.

A noiva está usando um incrível vestido de renda branca com uma saia volumosa e cheia, e o noivo está vestido com um elegante terno cinza e camisa branca. Há mais duas pessoas na mesa - um homem ao lado do noivo e uma mulher ao lado da noiva. Todos os quatro, no entanto, empurraram suas cadeiras para trás e estão dançando e cantando a plenos pulmões no local.

Quando o noivo percebe nossa aproximação, ele corre para nos encontrar. Drago e o homem trocam algumas palavras, mas a conversa deles é abafada por todo o barulho, então não consigo ouvir o que foi dito. O noivo olha do meu marido para mim, com os olhos arregalados como pires, depois se recompõe e me oferece a mão. Eu esperava que fôssemos nos sentar em outro lugar, mas o noivo começa a acenar para alguém e grita: — A esposa de Drago!

Um momento depois, vejo-me cercada de pessoas - homens que vêm apertar minha mão e mulheres que beijam meu rosto três vezes - direita, esquerda, direita. Todos falam ao mesmo tempo. A coisa toda seria um pouco esmagadora se o corpo de Drago não estivesse pressionado em minhas costas e seu braço não estivesse firmemente enrolado em meu meio.

— A avó da noiva, — diz ele perto do meu ouvido quando a mulher mais velha

se aproxima. Ele continua sussurrando pequenos detalhes para mim sobre cada pessoa que se aproxima. — A tia do lado do pai dela... O amante da tia... O irmão mais novo do noivo... E o mais velho... A mãe da noiva...

Não consigo me lembrar de metade dos nomes. Isso continua por dez minutos até que minhas bochechas estejam formigando de tantos beijos e minha mão pareça um mingau, mas não me importo. Na verdade, estou sorrindo tanto que meu rosto está doendo. Eu nunca teria esperado uma recepção tão calorosa de pessoas que acabaram de me conhecer. Parece que... Eu pertenço. É a mesma sensação que tenho na casa de Drago, como se eu fizesse parte de uma grande família.

Depois de cumprimentar todos, nos dirigimos a duas cadeiras vagas no final de uma das longas mesas. As pessoas que ocupavam esses lugares acabaram de sair, levando seus pratos com elas. Drago se senta em uma das cadeiras e me puxa para seu colo.

— Então, o que você acha? — ele pergunta.

Eu sorrio. — É uma loucura.

O canto de sua boca se curva para cima. — Achei que você gostaria.

— Vamos tirar algumas fotos. — Tiro o celular da minha bolsa e o coloco na nossa frente.

— Temos que fazer isso?

— Que tipo de pergunta é essa?

Tiro uma selfie e depois olho para a foto. — Não. Você precisa tirar essa cara séria do rosto. O Insta vai censurar minha publicação por conteúdo perturbador. De novo.

Envolvo seu pescoço com o braço, encosto minha bochecha na dele e levanto o telefone.

Clico.

— Mais uma, — eu digo e sorrio para a câmera. Quando dou uma olhada na nova foto, Drago também está muito sério nela.

— Você não está levando isso a sério. — Estendo a mão e pego seu queixo entre os dedos, depois inclino sua cabeça para que ele olhe para o telefone. Seu olhar encontra o meu na tela. — Agora, sorria.

Ele revira os olhos, mas sorri. É um pouco amargo, mas acho que é o melhor que posso conseguir.

Clico.

Solto seu queixo e abaixo o telefone. É quando percebo que as pessoas me olham de forma estranha. Talvez não se deva tirar fotos em casamentos sérvios? Guardo o celular rapidamente.

Uma música termina e outra começa. Obviamente, embora eu não saiba, é uma música popular porque as pessoas começam a gritar e a cantar junto com a primeira nota. Tento ouvir a letra, mas é muito mais difícil entender as palavras cantadas em sérvio do que as faladas. Algo sobre misturar preto e dourado e depois mencionar uma moldura...? É sobre arte? Uma pintura, talvez?

Uma mulher a alguns assentos de distância se levanta abruptamente e sobe na mesa. Fico olhando, de boca aberta, enquanto ela começa a dançar, com os saltos altos batendo no tampo da mesa revestida de linho, deixando passar os pratos e talheres. As pessoas ao redor dela estão aplaudindo, batendo palmas. Outra mulher, mais abaixo, sobe na mesa. Em seguida, a noiva tira os sapatos e faz o mesmo. A multidão vai à loucura, e eu rio em meio à empolgação. Nunca em minha vida presenciei uma celebração tão alegre.

Olho para meu marido e mordo o lábio. — Posso tentar?

— Tentar o quê? — ele levanta uma sobrancelha.

— A coisa da mesa.

Seu braço em volta da minha cintura se aperta. — Não.

— O quê? Por quê?

Drago se inclina para a frente. — Não quero que minha esposa suba em uma mesa e sacuda os quadris com mais de quatrocentas pessoas assistindo.

Eu estreito meus olhos para ele. — E se eu dançar só para você? Por favor?

Um ruído baixo sai de sua garganta. — Tudo bem. Mas certifique-se de que eu mantenha meus olhos em você - somente em você - porque se meu olhar se desviar e eu perceber outros homens olhando para você, a próxima música que tocará será uma marcha fúnebre, *mila moya*.

Eu grito de alegria e começo a tirar os saltos.

Drago

Fascinado. Hipnotizado. Absolutamente louco. É assim que me sinto ao ver minha esposa dançar sobre o tampo da mesa à minha frente. Não tenho certeza do que gosto mais - seu corpinho perfeito, que balança lenta e sensualmente enquanto ela se movimenta, sua personalidade ridiculamente alegre ou o intelecto brilhante que se esconde por trás de sua concha cintilante.

No último fim de semana, encontrei ela e Keva sentadas à mesa da cozinha, conversando sobre lavagem de dinheiro. Apoiei meu ombro na parede e observei minha esposa enquanto ela explicava detalhadamente como é possível lavar dinheiro por meio de reformas em propriedades imobiliárias. Nos cinco minutos que passei assistindo, ela deu a Keva uma estratégia passo a passo - começando com a compra de um prédio abandonado e passando para as atividades de reforma que permitiriam que a quantidade ideal de dinheiro trocasse de mãos, sem perder nenhuma das etapas intermediárias. E então, ela terminou destacando o cronograma estimado para todo o processo. Quando terminou, ela pegou o celular e tirou uma foto da pilha de cenouras que havia acabado de descascar enquanto falava.

Mas a maneira como ela dança agora é algo completamente diferente, fazendo com que todo o sangue corra diretamente para o meu pau. Inclino-me para trás em minha cadeira e deixo meu olhar deslizar sobre o vestido de seda azul de mangas compridas. Uma escolha um tanto quanto tímida, considerando seu gosto por moda. Bem, se você não levar em conta todas as lantejoulas e os enormes brincos dourados em forma de coração.

Sienna coloca as mãos na cintura e, olhando diretamente nos meus olhos, começa a girar os quadris. Ela está sorrindo maliciosamente, e esse sorriso está fazendo coisas estranhas em minhas entranhas. Tão linda. A visão dela quase me faz esquecer a enxaqueca latejante que começou no momento em que nos

aproximamos do local do casamento e piorou exponencialmente quanto mais nos aproximamos do barulho.

Minha encantadora esposa está tentando dar uma pirueta sem tropeçar em um prato quando um tiro perfura o ar.

Ela para no meio do movimento e seus olhos se arregalam de pânico. Droga. Esqueci de avisá-la sobre os tiros comemorativos.

Sienna

Bang!

Em um instante, congelei, meu batimento cardíaco disparou e olhei para Drago enquanto ele se levantava lentamente da cadeira. Mais alguns tiros soam em algum lugar fora da tenda. Um grito estrangulado me escapa e eu pulo nos braços de meu marido, envolvendo meus membros trêmulos com força em seu pescoço.

— Está tudo bem, — diz ele ao pé do meu ouvido. — Aquele era o padrinho, atirando para o alto. É uma tradição.

— Tradição? — Eu olho para cima. — Seu povo é um pouco louco.

— Eu sei.

É melhor eu descer, pois as pessoas estão começando a nos olhar com curiosidade. Aparentemente, sou a única que não estava esperando um tiroteio intencional no meio de um casamento. Eu realmente deveria tentar recuperar algum tipo de decoro, mas gosto de ser abraçada por Drago. Talvez ele sinta o mesmo, pois se abaixa de volta para a cadeira sem me soltar.

— Então, atirar para o alto acontece com frequência em casamentos? — Traço a linha de seu maxilar com a ponta do meu dedo.

Os olhos de Drago se arregalam ligeiramente de surpresa, mas, fora isso, ele finge que não percebe minha carícia. — Todas as vezes. E na maioria das outras celebrações realizadas lá fora. Eu deveria ter avisado você.

— Não tem problema. — Dou de ombros e me inclino um pouco para a frente. Seus olhos são tão lindos. Assim como seu nariz, apesar de ser ligeiramente torto. — Obrigada por me trazer aqui.

O calor percorre minha espinha quando as palmas ásperas de Drago deslizam pelas minhas costas. — De nada.

A melodia sensual que eu estava dançando muda para uma batida rápida. Uma nova onda de aplausos irrompe de todos ao nosso redor quando a banda entra em alta velocidade com um padrão de bateria e baixo que reverbera pela enorme tenda. Drago fica tenso e fecha os olhos. Seu rosto se contorce em uma careta, com os lábios bem apertados.

— Drago? — Coloco seu rosto entre as palmas das mãos. — O que há de errado?

— Nada. — Seus olhos se abrem e ele volta a acariciar minhas costas.

Não parece ‘nada’ para mim. Seu corpo está rígido e há uma tensão no tom de sua voz. Acaricio os sulcos em sua testa, traçando as linhas que normalmente não estão lá.

— Parece que você está com dor, Drago. O que está acontecendo?

— Estou bem, Sienna.

Algumas centenas de convidados cantam o refrão da música, cada refrão mais alto que o anterior. Drago solta um maldito xingamento sérvio e aperta a ponte do nariz, fechando os olhos com força.

— Drago?

Ele pragueja novamente e abaixa a mão, mas a tensão é claramente visível em seu rosto.

— É a música?

— Sim, — ele diz com os dentes rangendo. — Está muito alta.

Seu cabelo é tão macio quando passo meus dedos pelas mechas escuras. Nem percebi que o estava acariciando. — Vamos para casa.

Meu marido inclina a cabeça para o lado e olha para mim como se estivesse tentando me analisar. — Achei que estivesse se divertindo.

— Eu estava. Não mais.

— Por que não?

Porque é óbvio que você está sofrendo e não posso me divertir sabendo que você está sofrendo. Mas não digo isso, é claro.

— Prometi à Asya que ligaria para ela às cinco da tarde, — minto. — Devemos ir logo para que eu não deixe de fazer a ligação na hora certa.

O canto dos lábios de Drago se ergue um pouco. — Mas você está com seu telefone. Pode fazer uma ligação daqui. Ou enquanto estivermos dirigindo de volta.

— Hum... Prefiro fazer minhas ligações telefônicas em particular. — Eu lhe dou um sorriso radiante. — É sobre coisas de garotas.

— Mm-hmm. Ou talvez não seja para sua irmã que você precisa ligar?

Minha mão ainda está tremendo. Será que alguém me ouviu ligando para o Don ontem e contou a Drago? Eu sempre me certifico de ligar para Ajello apenas quando estou sozinha no quarto ou passeando pelo terreno onde não há ninguém por perto. Não, isso não é possível. — Claro que não. Por que eu mentiria?

Drago mantém seus olhos grudados nos meus, um brilho perigoso brilha neles, como se ele pudesse ver através de minhas mentiras e defesas, até minha alma. Meus batimentos cardíacos aumentam enquanto olho fixamente para aquelas duas poças de verde com manchas marrons. *Corra!* grita a parte de mim que tem

pavor de revelar meus segredos a alguém. *Corra, agora, enquanto você ainda pode*.

Ele segura meu queixo, inclinando-o para cima enquanto acaricia lentamente meu lábio inferior com o polegar. — *Tako lepa usta, a toliko laži*[9].

Eu pisco os olhos e tento me concentrar no que ele disse em meio a todas as distrações, mas há muito barulho e atividade ao nosso redor, então só entendo metade da frase. Acho que ele disse que gosta de minha boca. Meus lábios se separam, antecipando um beijo, mas Drago solta meu queixo e se afasta.

— Vamos para casa.

Engolindo a decepção, sorrio e desço de seu colo. — Claro.

Capítulo 12

Drago

Aceno para que o garçom me traga outra xícara de café e continuo observando Sienna e seu irmão.

Dizer que Arturo DeVille não está feliz com o fato de sua irmã estar casada comigo é um eufemismo. Ele também está furioso porque não permiti que Sienna se encontrasse com ele sem minha supervisão. Eu disse a Arturo que era uma precaução de segurança, mas a verdade é que temo que ele possa lhe contar coisas que não quero que minha esposa saiba.

Há muitos esqueletos em meu armário, e Arturo sabe de alguns deles. Nas últimas semanas, conheci minha esposa muito bem. Sienna pode ter nascido em uma família mafiosa, mas ela não gosta de violência ou derramamento de sangue. Ela o enganaria com sua bravata, mas minha esposa é muito mais sensível do que as pessoas ao seu redor acreditam. Ela é como uma flor de dente-de-leão solitária em um mar de rosas com espinhos. Bastaria uma única rajada de vento para ferir suas delicadas sementes. Portanto, não vou arriscar que Arturio conte a Sienna algo que a faça ter medo de mim.

Eles estão sentados do outro lado do restaurante. A refeição de Arturo está esfriando em seu prato. Ele nem sequer a tocou porque está muito ocupado listando todas as minhas qualidades deploráveis para minha esposa.

— ...filho da mãe traiçoeiro que não me deixa nem ver você sem a presença dele!

Não vejo a resposta de Sienna, pois ela está sentada de costas para mim, mas a parte da conversa de Arturo é suficiente para eu entender a essência.

— Sim, mas fazer negócios e fazer com que minha irmã se case com o bastardo

são duas coisas diferentes! E não me venha com essa conversa fiada de que você queiar se casar. Não acredito nessa besteira. Ajello a ameaçou para que você se casasse com Popov?

Sim, Sienna. O Don a ameaçou?

Os ombros de minha esposa caem no que parece ser um suspiro, depois ela se inclina sobre a mesa e pega a mão de seu irmão. Ela está dizendo algo, mas não consigo ver o que é, droga! Arturo ouve com os olhos arregalados e o maxilar cerrado, depois lança um olhar em minha direção.

— Há coisas que você não sabe sobre ele. Coisas que eu não sabia quando esse acordo de casamento foi discutido, ou eu nunca teria deixado você se aproximar dele. Ele é perigoso e eu quero você fora das garras dele.

Sienna inclina a cabeça para o lado. Provavelmente pedindo uma explicação sobre o que são essas ‘coisas’. Eu me levanto e vou para o outro lado do restaurante. É hora de encerrar essa reunião.

— Estamos indo embora, — digo quando chego à mesa deles. Não sei se para torturar a mim mesmo ou a Arturo, mas traço a ponta do meu dedo sobre a pele nua de Sienna, onde seu suéter fúcsia escorregou pelo ombro. — Preciso estar no Naos em duas horas. Você quer vir?

Sienna olha para mim e sorri. — Algumas das meninas também podem vir comigo?

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Preciso conversar com seu irmão. Espere aqui.

Arturo se levanta, olhando para mim o tempo todo enquanto caminhamos pelo restaurante até ao carro dele, que está estacionado na frente.

— Não sei o que você descobriu sobre mim, — eu disse e me apoio no capô, — mas você vai ficar de boca fechada.

Um olhar de surpresa cruza seu rosto, mas é rapidamente substituído por um

olhar furioso. — Se você machucar minha irmã, eu vou matá-lo.

— Sua irmã parece estar machucada de alguma forma? — Olho pela janela para onde Sienna está posicionando o prato intocado de Arturo para que ela possa tirar uma foto.

— Vou ficar de olho em você, — ele late e entra no carro.

Quando Arturo sai do estacionamento, volto para dentro do restaurante e me sento ao lado de minha esposa.

— O que Arturo queria? — Eu pergunto.

— Nada demais. Ele só estava me checando. — Ela se inclina sobre a mesa e sorri. — Acho que meu irmão está com medo de que você me coma.

— Talvez. — Estendo a mão e coloco minha mão sobre a dela. — Você acha que sou perigoso, *mila moya*?

Os lábios de Sienna se entreabrem de surpresa, e preciso de todo o meu autocontrole para não bater minha boca neles. Está ficando muito difícil resistir à minha jovem esposa, mesmo sabendo que ela é uma espiã.

— Você tem este lugar grampeado? — Ela levanta uma sobrancelha.

— Talvez eu queira. — Coloco minha mão livre em sua nuca. — Você acha que eu represento um perigo para você, como seu irmão disse?

— Sim. — Os olhos de Sienna me fitam, sem piscar. — Mas não da maneira que meu irmão acredita.

Sua expressão é completamente séria, mas, por um breve momento, vislumbro uma partícula de vulnerabilidade por trás de seu olhar obstinado. Em um instante, ele desaparece e seus lábios se alargam em um sorriso.

— É melhor irmos embora, Drago. Preciso me preparar para esta noite.

Mantendo sua mão na minha, eu a conduzo em direção à saída. Ela pode achar que conseguiu evitar o assunto, mas logo voltaremos a ele.

* * *

Levanto o copo de Macallan até meus lábios e tomo um gole, observando minha esposa. Sienna está no bar, rindo com Jelena e três outras garotas. Ela escolheu outra roupa brilhante para esta noite. Dessa vez, é um vestido coberto de pedaços brilhantes azul-esverdeados vibrantes. Sempre que ela se move e as luzes refletem em seu vestido, parece que ela está coberta de penas de pavão. Ela simplesmente brilha. Não entendo como ela consegue usar esse tipo de roupa e ainda parecer um milhão de dólares. Em qualquer outra pessoa, isso pareceria ridículo. Também é muito curto.

Examinando a sala, meus olhos passam por todos os homens sentados ou em pé nas proximidades para ter certeza de que nenhum idiota está olhando as pernas da minha esposa. Só de pensar nisso, meus impulsos ferozes se manifestam.

No momento em que a vi, depois que ela se vestiu para esta noite, mandei um recado para Misha, o gerente da boate, para que transmitisse uma mensagem a todos os convidados do sexo masculino antes de permitir sua entrada. Qualquer homem que for pego olhando para minha esposa sairá da boate com os olhos em uma taça de vinho. As pessoas que visitam minha boate são clientes regulares, portanto sabem que estou falando sério. Naos pode ser um terreno neutro no que diz respeito a negócios, mas essa regra não se estende a negócios particulares. A única maneira de alguém olhar para minha esposa é com respeito. Todos os outros ‘olhares’ terão consequências.

Vejo um homem encostado no bar, a certa distância de Sienna, pedindo uma bebida. Ele é o proprietário da empresa local de gerenciamento de frota. Trabalhei com ele algumas vezes quando tivemos falta de caminhões disponíveis. Ele parecia ser um cara inteligente, mas parece que eu estava errado, porque ele parece estar muito interessado na bunda da minha esposa. O barman lhe passa uma garrafa de cerveja, e o idiota se dirige para o final do bar,

onde Sienna está. Sem tirar os olhos dele, chamo o segurança para se aproximar.

— Arraste esse idiota para o meu escritório, — digo e aceno com a cabeça para o cara que agora se colocou ao lado de Sienna e está tentando iniciar uma conversa. — Certifique-se de que minha esposa não perceba.

Sienna ignora o cretino e continua conversando com Jelena. O cara finalmente sai, indo em direção aos banheiros, mas meu guarda o intercepta no meio do caminho e, não tão gentilmente, 'convence' o idiota a ir para os fundos do clube. É hora de enfrentar as consequências.

— Preciso cuidar de uma coisa, — digo a Filip de passagem. — Mantenha minha esposa em sua mira.

Antes de ir para o meu escritório, faço um desvio até ao bar para pegar uma colher e um copo, depois dou meia-volta e vou para a pista de dança.

* * *

Quando volto do escritório para tratar do assunto, um homem se aproxima da minha cabine e para em frente ao sofá em que estou sentado. Na casa dos 60 anos, cabelos grisalhos, óculos finos dourados. Endri Dushku. O líder albanês.

— Endri. — Faço um gesto em direção à poltrona ao lado dele. — O que o traz a Nova York?

O homem mais velho se senta na cadeira oferecida e acena para o garçom. — Bogdan me ligou outro dia. Ele tinha algumas informações preocupantes para compartilhar.

— Ah? E o que exatamente está causando suas preocupações?

— O que despertou seu interesse no negócio de armas, Drago?

— Dinheiro, — eu digo e tomo um gole da minha bebida. — Mas você não deve

se preocupar. Não tenho planos de invadir seu território.

— Você entregou um grande carregamento para a Bratva.

— Sim. Mas o Petrov não vai mais negociar com você, então não vejo problema. E depois da confusão com os irlandeses, você está proibido de fazer negócios em Nova York. — Eu jogo meu braço sobre o encosto do sofá. — Fornecendo armas para pessoas que sequestraram a esposa do Don? Para ser sincero, estou surpreso por vê-lo ainda respirando. Portanto, não vejo nenhum conflito de interesses entre nós dois.

Dushku ajeita seus óculos. Ele sempre faz isso quando está com raiva.

— E vai continuar assim? — pergunta ele.

— Não estou procurando uma briga, Endri. Você tem seus compradores. Eu tenho os meus. O mercado é grande o suficiente para nós dois.

— E quanto aos romenos?

— Eles logo sairão de cena, — eu digo. — Assim que eu localizar Bogdan.

— Você acha que se livrar de Bogdan resolverá seu problema?

— Remova a cabeça, e o resto se espalhará como ratos. E estou falando isso literalmente.

— Bem... Então, eu não gostaria de estar no lugar de Bogdan, — diz Dushku. — Soube que você se casou. Aconteceu um pouco de repente, ao que parece. Foi uma decisão de negócios?

— É claro.

— Interessante. Notei que sua equipe de segurança expulsou um homem quando eu estava entrando. Ele estava pressionando uma toalha ensanguentada no rosto e segurando um copo com a mão livre. Não tenho certeza, mas acho que havia um globo ocular dentro.

— E daí?

— Isso tem alguma coisa a ver com o aviso que recebi ao entrar? — Ele tem um sorriso calculista no rosto.

— Sim, mas como estou de bom humor, decidi deixá-lo ficar com o outro olho.

— Bem, isso é bastante... fora do seu caráter, se me permite dizer. Alguém pode ter a ideia de que a garota é mais do que um mero acordo de negócios.

Aperto o copo em minha mão. Há três coisas que devem ser evitadas em minha linha de trabalho: Falsas lealdades. Negócios que parecem bons demais para ser verdade. E qualquer tipo de fraqueza.

Confio em muito poucas pessoas em minha vida. Aqueles que têm minha lealdade, merecem-na. Eu morreria por eles e sei que eles não hesitariam em fazer o mesmo por mim. Qualquer pessoa estúpida o suficiente para me trair e achar que pode se safar, eu me certifico de que ela não viverá o suficiente para se arrepender de sua decisão.

Não faço acordos a menos que tenha cem por cento de certeza de que são sólidos. Dinheiro e poder não me influenciam, e não estou aqui para ser o bobo de ninguém.

E certamente não tenho nenhum ponto fraco. Ou não tinha. No entanto, ao olhar para o sorriso satisfeito de Dushku, percebo que agora tenho um. E ela está atualmente tirando selfies com um martini quando não tem idade suficiente para beber.

— Sienna me deu uma conexão direta com a Cosa Nostra e também com a Bratva. Dois coelhos, uma cajadada só, — digo, observando seu rosto em busca da menor reação. — É uma questão de princípio. Estou simplesmente cuidando do meu patrimônio.

— Então você não gosta dela?

— Ela mal saiu da adolescência, Endri. Por que eu gostaria de uma garota mimada que se veste como um palhaço e passa quase todo o tempo fazendo

compras e postando selfies nas mídias sociais? Sacrifícios precisam ser feitos para o bem dos negócios.

— Ouvi dizer que ela é uma coisinha linda. Não me diga que você não se sente pelo menos atraído por ela.

— Gosto que minhas mulheres usem a cabeça para algo além de um corte de cabelo sofisticado, Endri.

Dushku ri e se levanta. — Sim, entendo seu ponto de vista. Bem, se não der certo, tenho uma filha que está terminando seu programa de doutorado, então ela pode ser mais do seu agrado.

— Vou me lembrar disso.

Enquanto observo o albanês sair, meus olhos se voltam para o local no bar onde minha esposa estava sentada há pouco. Ela não está lá. Eu me viro e encontro Sienna de costas para uma coluna que tem nossos casacos pendurados ao lado, logo atrás do sofá onde estou sentado. Ela está me encarando com olhos arregalados.

Merda.

Sienna

Gosto que minhas mulheres usem a cabeça para algo além de um corte de cabelo sofisticado, Endri.

Encosto minhas costas na ampla coluna retangular atrás de mim e fecho os olhos. Ela é um pouco áspera, mas o acabamento frio do concreto é um alívio bem-vindo para minha carne superaquecida.

Tudo o que ele disse é verdade. As pessoas veem o que você mostra a elas. Então, por que me incomoda o fato de Drago realmente acreditar que sou

superficial e estúpida?

Quando abro os olhos, o homem de cabelos grisalhos está se levantando, oferecendo sua filha como minha substituta enquanto ele faz isso. E meu marido, o bastardo que é, não parece se opor a isso. Eu deveria ir embora e fingir que não ouvi nada, mas minhas pernas estão enraizadas no chão.

Drago se vira e nossos olhares se cruzam. Preciso de toda a minha força de vontade, mas sorrio e mantenho aquele sorriso falso no rosto enquanto ele dá a volta no sofá e fica diante de mim.

— Fazendo planos para me substituir? Posso não ter um doutorado, mas tenho certeza de que sou uma peça de xadrez mais valiosa do que a filha daquele cara.

Drago abaixa a cabeça para que nossos rostos fiquem no mesmo nível. A arandela acima de nossas jaquetas, do outro lado da coluna, está lançando sua luz suave ao nosso redor, permitindo que eu veja a veia pulsante em sua têmpora enquanto ele olha fixamente em meus olhos. Ele coloca a palma da mão esquerda na superfície ao lado da minha cabeça e segura minha bochecha com a direita.

— Você sabe o que pode acontecer se Dushku descobrir que você não é apenas uma peça de xadrez? — Seu tom é baixo e ameaçador. — Ele se certificaria de que todos os que têm algum problema comigo soubessem disso.

— E daí?

— Então, eu teria que matar todos eles. — Desta vez, suas palavras são tão alegres como se ele estivesse planejando um piquenique de verão. Ele inclina ligeiramente a cabeça. — São muitas pessoas mortas, *mila moya*.

— Você não mata pessoas. Você tem seu assassino de estimação para isso. Aquele padre, — digo sem pensar, e só depois que as palavras saíram da minha boca é que me dei conta do que havia dito.

Ele pisca, seus cílios escuros se movem languidamente para baixo e para cima

até que seus olhos se fixem em mim novamente. — Meu... 'assassino de estimação'?

Porcaria. Pense! — Sim. Keva mencionou algo outro dia, e eu descobri.

— Mmm, ela fez isso? — Ele estreita os olhos para mim. — Sim. Acho que eu precisaria enviar... *meu assassino de estimação* atrás deles. Para cuidar desse problema para mim.

— Por quê?

Ele abaixa um pouco o queixo, deixando-o olhando para mim por baixo de suas pálpebras encapuzadas. — Para ter certeza de que eles não virão atrás de você.

— Por que alguém viria atrás de mim? — Pergunto com minha voz mais açucarada. — Sou apenas uma *garota mimada que se veste como um palhaço*.

As narinas de Drago se dilatam. Ele cerra os dentes e seu olhar está grudado em meus lábios com tanta intensidade que espero que as chamas irrompam.

— Você é o oposto de superficial, Sienna. Nós dois sabemos disso. Tenho quase certeza de que você é uma das pessoas mais inteligentes que já conheci.

Respiro fundo, surpresa com suas palavras. Mas meu choque momentâneo é rapidamente substituído por uma risada sem graça quando me lembro do resto da conversa que ouvi.

— Mas isso não é suficiente, não é? Você falou em me substituir, — cuspi. — Talvez essa seja a coisa certa a fazer. A filha do seu amigo pode ser uma opção melhor para você. Você provavelmente fará mais do que apenas dormir na mesma cama com ela.

Drago fecha os olhos, e um fluxo de xingamentos sérvios extremamente sujos sai de sua boca. Então, ele choca seus lábios contra os meus.

Estremeço com a ferocidade de seu beijo - se é que pode ser chamado de beijo. É uma investida. Uma reivindicação faminta e furiosa. Segurando a parte da frente de sua camisa, eu o puxo para mais perto, precisando de mais. Sua mão me

agarra por baixo da coxa e ele me levanta. Minhas pernas estão em volta de sua cintura e fico maravilhada com a sensação de estar presa entre seu corpo duro e a coluna sólida atrás de mim, enquanto seu pau pressiona diretamente meu núcleo. A boca de Drago desliza pelo meu queixo até à lateral do meu pescoço e, quando ele morde a pele macia, sinto que estou ficando molhada. Agarro seu cabelo, meus dedos se enroscam nos fios escuros. Sua pressão sobre meu rosto desaparece e, um momento depois, ele leva o telefone ao ouvido.

— Quero que todos saiam, — ele late, depois lambe meu pescoço. — Agora, Misha.

A pessoa do outro lado da linha está respondendo, mas não ouço o que ela diz porque Drago joga o telefone por cima do ombro. O barulho agudo do telefone caindo no chão mal é registrado quando a boca de Drago encontra a minha novamente. Chupando. Mordendo.

Meus dedos tremem quando os passo pelos cabelos dele. Nunca me senti assim. Essa vontade de me aproximar dele, mesmo sabendo que não poderíamos estar mais próximos do que já estamos. Os sons de vozes e pés apressados estão ao nosso redor enquanto as pessoas saem, mas eu os ignoro, intoxicada pela presença de Drago. Nada mais importa. Apenas ele. Seu corpo. Seus lábios. Seu cheiro. É o mesmo perfume com o qual estou acordando há semanas.

— Segure firme, — ele diz em meus lábios e dá um passo para trás.

Meus braços envolvem seu pescoço enquanto suas palmas sobem pelas minhas pernas e passam pela minha bunda, por baixo do vestido. A renda da minha calcinha fio dental roça na minha boceta dolorida quando ele a puxa. O tecido delicado se rasga. Ele a afasta, arrastando propositalmente o material rendado de modo que ele roce em meu clitóris latejante.

Eu ofego quando minhas coxas ficam repentinamente escorregadias com minha umidade. Drago agarra a parte de baixo da minha perna novamente enquanto desabotoa a calça com a mão livre. Oh, Deus, eu vou fazer sexo - em uma boate,

com pessoas ainda por perto. Por que não me importo? A superfície fria nas minhas costas arrepia a pele nua da minha bunda enquanto Drago me segura contra a coluna mais uma vez. A ponta de seu pau pressiona minha entrada.

— Por favor, vá devagar, — eu me engasgo. — É minha primeira vez.

Drago levanta a cabeça e olha para mim. — Sua quê?

— Minha primeira vez, — repito quando ele baixa os olhos para minha boca. — Sou virgem.

Os olhos verdes, tão concentrados em meus lábios, se arregalam, depois se erguem para encontrar os meus. — Você quer parar?

Puxo o cabelo da parte de trás de sua cabeça. — Não.

Sem romper o contato visual, ele me desloca ligeiramente em sua mão, alinhando nossos quadris. Uma mistura de excitação e pânico me domina. Quando a ponta entra em mim, fecho os olhos e me enrijeço.

— Sienna. — Um beijo pousa na lateral do meu queixo. — Olhe para mim, *mila*.

— Vai doer? — Eu sussurro.

— Um pouco. Se quiser que eu pare, toque em meu braço. Ok?

— Está bem.

Drago se inclina para a frente, sussurrando palavras suaves e tranquilizadoras bem perto do meu ouvido. Ele está falando sérvio, mas só consigo captar frases aleatórias. Algo sobre brilho e o nome de um pássaro, mas não tenho certeza de qual. Talvez um pavão. Na verdade, isso não importa, porque o timbre de sua voz e seu hálito quente que sopra em meu pescoço estão derretendo minhas entranhas. Esse homem poderia ler uma lista de supermercado e eu me sentiria desmoronar só de ouvi-lo.

O formigamento em meu âmago está me deixando louca. Inclino minha cabeça e lambo seu pescoço. Um rosnado baixo sai de seus lábios e, no batimento

cardíaco seguinte, seu pau desliza parcialmente para dentro de mim. Eu ofego e agarro seu cabelo, deleitando-me com a sensação dele esticando minhas paredes internas. Há um certo desconforto, mas já estou longe demais para que isso importe. Aperto minhas pernas em torno dele, precisando colocá-lo ainda mais perto, mais fundo.

— Diga meu nome, — ele sussurra próximo ao meu ouvido.

— Drago, — eu gemo enquanto ele me penetra até que esteja totalmente embainhado.

— Adoro ouvir sua voz. — Ele me levanta e depois me empala mais uma vez. — De novo.

Não consigo dizer uma palavra porque estou muito absorvida pela forma como minha boceta se aperta em torno de seu pau enquanto meu corpo inteiro treme. Nunca em minha vida experimentei algo assim. Seu toque, por si só, está enviando ondas de choque pelo meu sistema, fazendo-me voar nas correntes do puro prazer.

— De novo, Sienna! — Drago ruge enquanto bombeia para dentro de mim.

Fecho os olhos e encosto minha bochecha na dele. — Drago.

Um ruído profundo sai do fundo de sua garganta. É gutural e áspero. Na respiração seguinte, seus dentes raspam a pele do meu ombro. Mais palavras sussurradas em sérvio. Algo sobre feitiçaria, depois ele pragueja novamente. Seus lábios se chocam contra os meus mais uma vez.

Minha mente não parece mais ser minha porque não consigo pensar. Só consigo senti-lo, conquistando-me com sua boca e seu pau. Eu agarro seu cabelo e mordo seu lábio inferior até sentir o gosto metálico do sangue. É o castigo por ter me machucado com suas palavras.

— Ela não só tem garras, mas também dentes afiados, — ele diz em minha boca e se enterra até ao fim. — Eu vejo você, *mila moya*. E odeio que você esconda

seu verdadeiro eu de mim.

— Não escondo, — ofego, com o fôlego saindo em rajadas curtas enquanto ele me penetra. Mais rápido. Mais fundo.

Meu cabelo se desfez e as mechas emaranhadas se prendem ao meu rosto. É como se eu estivesse superaquecendo e inchando por dentro enquanto me agarro aos ombros de Drago. Um grito cresce em meu peito enquanto minha visão fica embaçada. É como se minha mente tivesse decidido desligar tudo, exceto a sensação de nossos corpos se conectando. As mãos de Drago apertam as bochechas de minha bunda, e seu próximo impulso me leva ao esquecimento. A brancura explode por trás de minhas pálpebras fechadas e eu grito, aproveitando a incrível onda e me despedaçando em pedacinhos.

Você deveria ter fugido enquanto ainda tinha a chance, Sienna, a voz no fundo da minha mente sussurra. Você realmente, realmente deveria ter fugido.

Capítulo 13

Drago

A cortina pesada está puxada sobre a porta da varanda, mantendo a luz da manhã longe de Sienna, que está enrolada na cama, abraçando um travesseiro com os braços. Ela passou a noite inteira agarrada ao meu antebraço e ao meu lado. Foi uma luta conseguir soltar meu braço para que eu pudesse tomar um banho e me preparar para o trabalho.

Deslizo meu olhar do seu rosto adormecido pelo seu corpo, passando por cima da camiseta e da calça de pijama que vesti nela na noite passada. Ela adormeceu no carro no caminho da boate para casa e não acordou quando a carreguei para dentro de casa e subi as escadas para o nosso quarto. Eu esperava que ela acordasse quando comecei a tirar sua jaqueta e seu vestido, mas não. Ela apenas murmurou alguma coisa e subiu nua para a cama. Revisei suas roupas, mas não conseguia decidir o que era pijama e o que não era, então a vesti com as minhas. Sienna dormiu durante todo o processo. Essa mulher provavelmente conseguiria dormir durante um terremoto. Nenhum instinto de autopreservação.

Uma estranha necessidade primordial se agita dentro de mim quando a vejo com minhas roupas, me incentivando a proibi-la de usar qualquer outra coisa enquanto dorme. É uma estupidez. Mesmo assim, não consigo me livrar disso. E eu não gosto disso. Não gosto dessas tendências de homem das cavernas que desenvolvi, como a compulsão de estrangular todo homem que se aproxima a menos de três metros de minha esposa. Outra coisa que acho difícil de processar é a satisfação que senti ao perceber que fui o primeiro a tocá-la. Nenhum outro homem a tocou antes de mim. E nenhum outro o fará. Jamais.

Apoio as costas na parede, esfregando o polegar sobre uma pequena marca no lábio inferior, onde ela me mordeu ontem à noite. Minha sedutora feroz e

brilhante. Desde o momento em que a vi pela primeira vez, eu soube que Sienna é muito mais do que ela deixa os outros verem. É como se ela tivesse ocultado seu verdadeiro eu por algum motivo, e seu disfarce tem me consumido desde o início. Gosto muito dos pequenos vislumbres de sua verdadeira natureza sempre que a máscara cai. Mas o fato de ela estar mentindo para mim todo esse tempo está me deixando furioso. Já se passou um mês e ela ainda não tentou ser sincera comigo. Entendo que ela tenha sido cautelosa no início, mas já deveria estar claro para ela que eu jamais a prejudicaria. Depois de todo o tempo que passamos juntos - é verdade que não foi muito, mas houve oportunidades suficientes -, ela ainda não confessou a verdade sobre o motivo de ter aceitado esse casamento.

Meus olhos se voltam para a mesa de cabeceira, onde três cadernos grossos com capas brilhantes estão empilhados uns sobre os outros. Ao vigiá-la nas últimas semanas, muitas vezes a peguei rabiscando em um deles. O sofá de couro da grande sala de recreação parece ser seu lugar favorito, e passei muito tempo observando-a da porta. Ela escrevia algumas frases e depois ria para si mesma antes de continuar. No início, pensei que ela estivesse escrevendo um diário, mas quando, inadvertidamente, dei uma olhada em um de seus cadernos, percebi que ela estava escrevendo histórias.

De repente, o quarto se enche de luz que entra pela porta aberta atrás de mim. Eu me viro e encontro Filip parado na soleira da porta, tagarelando sobre sabe-se lá o quê. Não presto atenção em suas palavras e me atiro contra ele.

— Nunca, — eu cuspo enquanto agarro a frente de sua camisa e o empurro para o corredor, — nunca entre no quarto onde minha esposa está dormindo.

— Você não estava respondendo às suas mensagens.

— Eu. Não. Me importo. — Eu o fixo com meu olhar assassino. — O que é isso?

— Houve um incêndio no depósito de Syracuse.

— Quando?

— Há uma hora. Um dos guardas de segurança relatou o fato, mas a conexão foi perdida antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

— Os danos?

— Eu não sei. Adam levou Relja, e eles foram verificar o que estava acontecendo.

Solto sua camisa. — Ligue para o Adam. Diga a ele que, se estiver ruim e se o corpo de bombeiros for chamado, ele deve dar meia-volta e voltar imediatamente.

— Então, vamos deixar para lá?

— Sim. Se os bombeiros estiverem lá, a polícia também estará. Havia quase meia tonelada de cocaína de Ajello naquele prédio. A menos que o incêndio possa ser contido por nossos homens, o depósito e o produto estarão perdidos.

— Você acha que foi Bogdan? — ele pergunta.

— Ou Dushku. Ele veio a Naos ontem à noite. Para testar as águas, sem dúvida. Mas estou apostando que foi Bogdan. Alguém o localizou?

— Não. Coloquei nossos homens para procurá-lo desde que nosso motorista foi morto. Até agora, nada. A maioria de seus homens comuns foi para o chão. Pegamos alguns poucos infiltrados de baixo nível, mas eles não sabiam nada de valor.

— Bem, isso é prova suficiente para mim de que ele orquestrou isso também. Envie Iliya para conversar com nossos informantes. Talvez alguém tenha ouvido algo sobre o paradeiro de Bogdan. Jovan e eu vamos checar os outros armazéns.

— Ok. Eu lhe enviarei uma mensagem quando Adam tiver uma atualização.

— Não se preocupe. Deixei meu telefone no Naos ontem à noite. Peça a um dos homens que o pegue e o traga aqui. Voltarei assim que terminar.

Ao descer as escadas, noto Keva dando um puxão de orelha em uma garota que está tirando o pó de um dos quadros no saguão. Aceno para ela e aceno para a porta da frente. Ela me segue até ao lado de fora e seguimos por um caminho que circunda a casa e leva à garagem ao lado.

— Sienna ainda está dormindo. Peça a uma das meninas que leve o café da manhã para ela lá em cima.

— Comida? — Ela arregala os olhos para mim. — Em seu quarto?

— Sim. E não quero que Sienna saia do complexo até que eu volte.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Parece que os romenos podem ter entrado em um tumulto. Vou alertar os guardas para que não a deixem passar se ela tentar sair, mas temo que ela consiga convencê-los.

— Ninguém se atreverá a ir contra suas ordens. Você sabe disso.

— No que diz respeito à minha esposa, aprendi a esperar qualquer coisa. Ela já tem toda a minha equipe comendo em suas mãos. — Passo por cima de uma mangueira de jardim pendurada na passarela. — Incluindo meus cachorros.

— Você está exagerando.

— Estou? — Paro em frente à garagem e aceno com o braço para a mansão. — Você sabia que Mirko invadiu o site de uma espécie de butique e alterou o pedido de alguém de um par de sapatos para que fossem enviados para Sienna por meio de entrega urgente no mesmo dia?

— E daí? — Keva dá de ombros ao dizer: — Ele só estava sendo legal.

— Ele é meu especialista em logística e vigilância. Não é o assistente de compras dela, — eu grito. — E outro dia, ela fez Adam jogar um jogo idiota de PlayStation com ela. Ela disse que era mais divertido no modo cooperativo. Achei que estava imaginando coisas quando vi meu chefe de execução liderando um espantalho na tela da TV, explodindo galinhas gigantes com magia rosa

brilhante.

Keva sorri. — Oooh, alguém está com ciúmes. Você se incomoda com o fato de ela não ter convidado você para jogar?

— Estou falando sério. — Lanço um olhar rápido por cima de sua cabeça em direção à mansão. — A Cosa Nostra matou um de nossos homens. Quando eu trouxe a Sienna para cá, todos a odiavam. Bem, exceto você. E agora todos parecem estar apaixonados por ela.

— *Ela não* matou ninguém, Drago. E não deve ser culpada por algo em que não teve nenhuma participação. Além disso, ninguém realmente a odiava. — Keva franze as sobrancelhas, depois dá um pequeno sorriso de conhecimento. — Bem, talvez um pouco.

— Não sei o que ela tem de especial. — Balancei a cabeça. — É como se, por mais que as pessoas tentem não gostar dela, ainda assim acabem enfeitiçadas por ela.

— Falando por experiência própria?

— Sim, droga. — Eu cerro os dentes. — Ela está fornecendo informações para Ajello.

— Bem, você esperaria o mesmo se uma de nossas garotas se casasse com a Cosa Nostra. É assim que as coisas funcionam.

— Ela tem feito perguntas sobre nossos negócios? Procurando informações? Bisbilhotando?

— Não. Ela conversa principalmente comigo e com as meninas, e geralmente é sobre livros e roupas. Raramente falamos de negócios.

— Não é só isso. — Eu suspiro. — Ela entende sérvio.

Keva rapidamente desvia o olhar.

— Você sabia? — Eu me irrito. — Você sabia e não me contou?

— Eu suspeitava.

— Jesus, porra. Por que você não disse nada?

— Você sabe que seus olhos se iluminam quando ela entra em uma sala? — Ela dá um passo à frente. — Durante anos, observei você se enterrar no trabalho, tornando-se cada vez mais fechado. Perdi a esperança de que algo... *alguém pudesse* tirá-lo do poço escuro ao qual você se resignou. Você estava meio morto, fazendo as coisas como deve ser, até que Sienna se mudou para esta casa. E agora, é como se você estivesse finalmente voltando ao mundo dos vivos.

— Mundo de loucura seria mais preciso. — Passo a mão pelo cabelo. — Ela não se dá conta de quão perigosos são os jogos que jogamos. Se ela ficasse com outra pessoa e a pegassem espionando...

— Mas ela não fez isso. — Keva coloca sua mão em meu antebraço. — Por que você não contou a ela sobre sua audição, Drago?

— Para que ela possa informar seu Don sobre isso também?

— Você acha que ela faria isso?

— Sem dúvida. — Aceno com a cabeça e me viro para entrar na garagem. — Tenho que ir.

Sienna

Fico olhando para a enorme tigela, cheia até ao topo com vagens verdes. — Eu não sabia que as ervilhas cresciam assim.

— E como você acha que elas crescem? — Keva pergunta enquanto descasca vagens de ervilha de sua própria tigela.

— Eu não sei. Na verdade, nunca pensei sobre isso. — Pego uma vagem e a quebro, extraindo pequenos legumes verdes. — Então, quanto precisamos descascar para o almoço?

— Ah, esses são apenas para cobrir uma salada, então podemos parar quando tivermos uma ou duas xícaras. Se fosse para um acompanhamento, eu teria usado as congeladas, pois precisaríamos de pelo menos cinco quilos.

Meus olhos se arregalam. — Não sei como você cozinha para quase 50 pessoas todos os dias.

— As meninas ajudam. — Ela inclina a cabeça para o lado, parecendo pensativa. — Eu sempre quis ter uma família grande, mas não tive a chance. Acho que esta é a segunda melhor opção.

— Como você veio parar aqui, com Drago?

— Eu tinha um amigo em Nova York, — diz ela, mas mantém o olhar fixo em suas mãos. — Então, trouxe Drago e Tara comigo. Ele tinha dezessete anos. Tara tinha quatro anos na época.

— E quanto aos pais deles?

— Eles eram da máfia. Uma bomba foi colocada em sua casa em retaliação ao fato de o pai de Drago ter matado algumas pessoas. Os dois morreram na explosão. Drago e Tara sobreviveram. — Sua voz está tensa quando ela afasta uma lágrima. — Dina, a irmã deles, também morreu.

Meu estômago cai e coloco a mão sobre a boca, mas um suspiro de choque ainda me escapa.

— Havia alguns parentes que poderiam ter acolhido Drago e Tara, mas eu não podia deixá-los ficar na Sérvia. Era uma rixa de sangue, e eu não queria correr o risco de os assassinos irem atrás deles. Mandei falsificar seus passaportes para dizer que eram meus e viemos para cá.

Fico olhando para ela. Mudar-se para um país estranho sozinha com dois filhos que nem eram dela? Não conheço ninguém que teria feito algo assim. — Mas você já foi casada com o pai deles?

Keva levanta seus olhos para os meus. — Às vezes, o amor não termina com o fim do casamento, Sienna. Ou da vida. O homem que eu amava estava morto, mas seus filhos não estavam. E eles estavam em perigo. Eu fiz o que precisava ser feito.

Olho para a tigela em minhas mãos. O relacionamento de Drago com Keva faz muito mais sentido agora.

— Drago lhe deu mais daqueles cristais de vidro? — ela pergunta.

Dou de ombros. — Não. Por quê?

— Você deveria pedir mais a ele. Adorei o que você fez com eles.

— Você sabe onde está Drago? Eu não o vi esta manhã.

— Ele saiu mais cedo. Algo relacionado ao trabalho. — Ela me olha de lado. — Já está sentindo falta dele?

— Com certeza não sinto falta daquele porco hipócrita. — Pego a próxima vagem e a amasso entre meus dedos.

O homem se referiu ao nosso casamento como um sacrifício necessário, deixando bem claro que ele não se importa comigo. E o que eu fiz? Deixei que ele me fodesse contra uma parede, aproveitando cada segundo. E, como se isso não fosse suficiente para mostrar o quanto sou patética, acordei hoje de manhã

ansiando por mais, só para descobrir que ele tinha ido embora. Ainda não consigo decidir se estou brava com *ele* por não estar lá, ou comigo *mesma* por me sentir decepcionada.

— Porco hipócrita? — Keva pega a xícara de café que está sobre a mesa e levanta uma sobrancelha para mim.

— Sim. Ele discutiu minha substituição com um cara e depois me disse que enviaria seu assassino para matar qualquer pessoa que desejasse me prejudicar.

Keva começa a rir. — Parece que vocês dois estão se dando muito bem.

A porta da cozinha se abre e um dos homens de Drago, Iliya, entra. — O celular de Drago. Ele o deixou em Naos ontem à noite. — Ele coloca o aparelho sobre a mesa em frente a Keva e sai. Uma grande rachadura dividiu a tela na diagonal, uma miríade de pequenas linhas como uma delicada teia de aranha sobre o resto.

— Drago nunca deixa seu celular para trás. — Keva limpa a mão em uma toalha e pega o telefone. — Especialmente quando estamos esperando uma nova remessa chegar, e há uma chegando hoje. Os motoristas sempre enviam atualizações para ele, então, se houver problemas, podemos.... — Ela olha para algo na tela.

— Há algum problema? — Pergunto porque a expressão em seu rosto está muito estranha.

— Não. De forma alguma. É que eu não sabia que o celular dele estava quebrado. — Ela coloca o aparelho de volta para baixo e toma um gole de seu café.

— Drago o jogou fora para poder agarrar minha bunda, — murmuro. — Perdi minha virgindade encostada em uma parede da boate dele enquanto as pessoas ainda estavam andando ao nosso redor.

Keva cospe seu café, com gotas marrom-escuras espalhadas por todo o tampo da mesa de madeira. — O quê? — Ela sibila em meio a um ataque de tosse.

— Sim. E então, quando acordei esta manhã, ele não estava lá. — Olho para a tigela de ervilhas para que ela não perceba as lágrimas em meus olhos. — Já terminei meu lote. Você precisa de mim para mais alguma coisa?

— Eu posso cuidar disso a partir daqui.

Eu me levanto e me viro para ir em direção à porta, dando alguns passos antes de Keva me chamar. — Sienna. Você pode levar o celular de Drago para cima e deixá-lo no seu quarto?

— Claro. — Pego o dispositivo de sua mão estendida e saio correndo da cozinha.

Quando chego ao quarto, jogo o telefone na cama e me viro para sair novamente, mas paro na soleira da porta. *Não faça isso.* Respiro fundo e dou uma olhada no corredor. O quarto andar parece estar deserto, então fecho a porta do quarto. Infelizmente, não há fechadura.

Não faça isso. Minha consciência grita comigo enquanto caminho de volta para a cama. *Você é melhor do que isso*.

Subo na cama e me sento no centro com as pernas cruzadas, olhando para o celular do meu marido. Será que ele tem fotos de suas ex-namoradas? Como são as mulheres pelas quais ele se sente atraído? Altas e sofisticadas, vestidas com aqueles ternos de cores horríveis e chatas? Drago não me parece um homem que manteria imagens de suas namoradas em seu telefone, mas deve haver pelo menos algumas. Violar a privacidade de alguém é algo que eu normalmente nunca faria, mas essa coisa está me provocando muito. E se eu der apenas uma olhada rápida? Basta entrar em sua galeria e percorrer as últimas fotos. Não. Não vou fazer isso.

Resisto à tentação por cinco minutos inteiros. Então, pego o celular e aperto o botão de ligar. A tela se ilumina. E ele está desbloqueado. Fecho os olhos por um momento e respiro fundo novamente.

Seu plano de fundo é uma foto de alguém, mas não consigo ver a imagem claramente. A tela inicial inteira está coberta de ícones de aplicativos, mas posso dizer que é uma mulher. Deitada na cama! Eu nem precisei entrar na maldita galeria. Não acredito que ele ainda tem a foto de uma ex-amante como plano de fundo do celular! Deslizo a tela maniacamente, tentando encontrar uma janela com menos ícones para que eu possa ver como é a cadela. As três primeiras telas estão todas desorganizadas, mas a quarta não tem ícones e a foto está totalmente visível. Meu coração dispara.

A vadia... sou eu.

Estou usando meu pijama favorito com listras de zebra, enrolada nos lençóis, deitada de lado e segurando um travesseiro no peito. Ele mantém *minha* foto em seu celular.

Deslizo o dedo de volta para a tela inicial e clico no ícone da galeria. Mais fotos minhas - algumas de mim dormindo, mas a maioria foi tirada de longe, sem que eu soubesse. Eu em pé na frente de um vestiário, experimentando um vestido. Eu - tirando uma selfie ao lado de um arbusto de rosas atrás da casa. Eu, agachada ao lado de uma casinha de cachorro enquanto Zeus lambe meu rosto. Há mais de cinquenta fotos e...

— Que porra você está fazendo?

Dou um pulo, assustada. Meu marido está parado na porta, olhando para o telefone em minhas mãos.

— Eu... eu... eu só estava verificando a tela, — murmuro e clico rapidamente no botão de ligar para colocar o telefone suspenso. — Ela está quebrada.

Drago chega à cama em alguns passos longos e poderosos e arranca o telefone da minha mão.

— Você estava lendo minhas mensagens para poder se reportar a Ajello? — ele grita na minha cara.

— O quê? Não!

— Sério? Por que não? Pelo que percebi, você entende muito bem o sérvio.

Meu coração se afunda no fundo do estômago. Oh, meu Deus, ele sabe.

— Diga-me, *mila moya*, você já sabia sérvio antes? Ou aprendeu especificamente para esse casamento?

Fecho os olhos e abaixo a cabeça. — Eu aprendi, — sussurro.

— Olhe para mim quando estiver falando comigo! — ele grita e minha cabeça se levanta.

— O Don me mandou aprender isso! — Eu grito em seu rosto.

— Portanto, não foi uma coincidência. Foi planejado com bastante antecedência. Quanto tempo você levou para se preparar para sua missão de espionagem? Seis meses?

Respiro fundo, tentando evitar que as lágrimas caiam. — Dois.

Os olhos de Drago se arregalam de surpresa. — Dois meses, porra. Como diabos você conseguiu fazer isso?

— Tenho uma queda por idiomas, — sussurro. — Foi por isso que o Don me escolheu.

— Ele ameaçou você? Porque se ameaçou, eu vou estripar aquele filho da puta.

Agarro a colcha entre meus dedos, apertando-a com toda a minha força, e fecho os olhos. Ajello ameaçou meu irmão, mas nunca acreditei que ele realmente machucaria Arturo. Considerando tudo isso, aceitei fazer parte desse esquema por meus próprios motivos.

— Ninguém me ameaçou. — Encontro o olhar penetrante de meu marido. — A decisão foi minha.

O corpo de Drago fica imóvel. Seus olhos me fitam enquanto a raiva se desenvolve em suas profundezas verdes. — Quero saber o que você disse a

Ajello até agora.

— Eu... eu disse a ele que você tem alguns problemas com os romenos. Ele perguntou sobre algum acordo que você fez, mas eu disse que não sabia de nada.

Ele se inclina, ficando na minha frente. — O que mais?

— Que a maioria de seu povo vive aqui, em sua casa.

— Como se atreve a colocar minha família em risco? — Sua voz está perigosamente baixa quando ele diz isso, infundida com tanto nojo que eu me encolho. É muito pior do que gritar. — Pegue suas coisas e saia do meu quarto.

Observo a forma de Drago se retirando enquanto ele atravessa o quarto e bate a porta atrás de si. Meu corpo se sacode com o som. Depois de me levantar da cama, puxo o edredom para o chão e o estendo em frente ao armário. Com os membros dormentes, começo a jogar minhas roupas em cima dele. Um dos rapazes levou minhas malas para o depósito no andar térreo, e não vou para lá de jeito nenhum, não vou me arriscar a enfrentar Drago novamente.

Depois de juntar boa parte das minhas roupas no edredom, eu puxo os cantos e arrasto minha carga em direção ao quarto no final do corredor. Repito o processo mais duas vezes até que tudo tenha saído da suíte do meu marido.

Drago

Não consigo acreditar como minha esposa está absolutamente imperturbável. Ela está sentada ao meu lado, conversando sobre alguma bobagem com Jelena, com um largo sorriso no rosto. Mirko fala alguma coisa e ela ri. Não está nem aí para nada. Na verdade, ela parece estar gostando do jantar.

Eu, por outro lado, passei a tarde inteira me repreendendo por ter brigado com ela e tê-la mandado sair do nosso quarto. Não é que eu já não suspeitasse que ela

estava fornecendo informações ao seu Don. Assuntos confidenciais de negócios raramente são discutidos em casa, então ela só poderia ter aprendido e transmitido coisas inconsequentes, a maioria das quais Ajello pode obter facilmente por outros meios. No entanto, vê-la bisbilhotar meu telefone me fez perder a cabeça. Uma coisa é ela passar algumas das informações que coletou ao longo do caminho. Outra coisa completamente diferente é procurar propositalmente por mais detalhes. E o fato de ela não ter sido coagida a me espionar tornou o gosto amargo da traição dez vezes pior. O que me deixa ainda mais irritado é que ela provavelmente também viu as fotos dela no meu celular. Que merda!

Sem dizer uma palavra, levanto-me da mesa com a intenção de ir para fora quando meu olhar recai sobre o aquário no canto. Três dos quatro peixes alaranjados estão dando voltas dentro do aquário, mas o outro parece estar flutuando na superfície. Atravesso a distância e olho para dentro do aquário. O peixe está morto, balançando de cabeça para baixo.

Sienna já perdeu um animal de estimação uma vez e provavelmente ficará angustiada quando o vir. *É um maldito peixe! Eles morrem o tempo todo. Ela não é uma criança para ficar seriamente chateada com um peixe morto!* Sim, mas não consigo suportar a ideia de ter minha esposa perturbada por qualquer coisa, mesmo que seja só um pouco. Mesmo quando estou furioso com ela.

Lançando um olhar por cima do ombro para confirmar que Sienna ainda está ocupada com a conversa com Jelena, pego o corpo escorregadio e, mantendo-o escondido em meu punho, saio da sala de jantar.

— Tire uma foto disso, — digo a Iliya, que está de guarda na porta da frente, e lhe entrego o peixe morto. — Mande alguém encontrar um idêntico e coloque-o no aquário.

Iliya pega o peixe pela cauda e o examina. — Não sei se as lojas de animais ainda estão abertas.

— Eu não me importo, porra. Certifique-se de que seja feito, — cuspo e saio para espairecer.

A caminhada de quinze minutos que eu planejava fazer acaba se transformando em uma hora de carro pela cidade até onde minha irmã alugou um apartamento em um prédio de seis andares. Levanto levemente o queixo para a equipe de segurança de Tara. Eles estão vigiando a casa dela de um carro estacionado do outro lado da rua. Entro no prédio e subo as escadas até ao último andar.

— Se eu soubesse que era você, teria fingido que não estava em casa, — disse Tara ao abrir a porta. — O que você quer?

— Decidi que teve tempo suficiente para se acalmar e vim ver como você estava. — Eu entro e dou uma olhada ao redor. É um lugar agradável e moderno, decorado em tons de branco e marrom escuro.

Tara fecha a porta e se coloca diante de mim com as mãos nos quadris. Sua voz não mudou muito desde que ela era criança, mantendo o tom agudo. Sempre preciso ler seus lábios quando conversamos.

— Estou bem, como você pode ver. Agora, fique à vontade para voltar para casa com sua esposa italiana.

— Essa animosidade que você tem com Sienna é infundada. Ela não teve nada a ver com a morte de Petar.

— Ah, você está defendendo ela agora?

— Pare de agir como um moleque. — Eu suspiro. — Você verificou as pedras?

Os olhos de Tara brilham como sempre fazem quando falamos de trabalho. Nada jamais manteve o foco de minha irmã por muito tempo. Ela foi transferida de faculdade algumas vezes e não conseguia se fixar em um curso, acabando por desistir completamente. Há quatro anos, depois de vê-la desperdiçar seus dias, decidi que ela precisava fazer algo com sua vida e a trouxe para cuidar da logística da minha empresa de gemas preciosas.

— Sim, tudo está bem, exceto a tanzanita. Deveria ser azul-escura, mas só recebemos as claras. Absolutamente não profissional. — Ela balança a cabeça. — As esmeraldas que recebemos para o Príncipe Árabe estão boas, graças a Deus.

Aceno com a cabeça, passo ao redor da minha irmã e me aproximo da cômoda encostada na parede próxima. Em cima dela, há uma foto em uma pequena moldura prateada. É uma foto de Tara e Dina, de mãos dadas em seu primeiro dia no jardim de infância. Pego a moldura e traço a ponta do meu dedo sobre o rosto sorridente de Dina.

Tara coloca sua mão em meu braço. — Você não se importa que eu fique com ela? É a única foto que temos.

— Sim, — eu digo.

De qualquer forma, dói muito olhar para ela. Toda vez que vejo essa foto, entro em uma espiral de dúvidas sobre mim mesmo e não consigo parar de reexaminar aquela noite, perguntando-me o que fiz de errado. Será que Dina estaria viva hoje se eu tivesse tentado quebrar a janela do quarto deles? Ou se eu tivesse sido mais rápido?

Coloco a moldura de volta na cômoda. — Venha até à mansão e conheça minha esposa. Almoço ou jantar. Você pode escolher o dia.

— Eu não vou colocar um pé naquela casa enquanto aquela mulher estiver lá.

— Eu não estava perguntando, Tara. — Eu a fixo com meu olhar. — Você virá. E será educada. Fim da discussão.

Tara cerra os dentes. — Tudo bem.

Viro-me para sair quando meus olhos se fixam na estante no canto. Um dos livros foi deixado encostado na parte de trás da estante. Na capa, uma mulher com um vestido branco vintage abraça um homem sem camisa e de cabelos compridos, que parece estar sofrendo de prisão de ventre. Tenho certeza de que

vi exatamente esse livro na mesa de cabeceira da Sienna, ao lado de outro com um cara seminu uivando para a lua.

— Tenho a sensação de que você e minha esposa se darão muito bem, — digo por cima do ombro.

Quando volto para casa, vou direto para o meu quarto. Uma pequena parte de mim espera encontrar Sienna lá, afinal, mas quando abro a porta, minha cama está vazia.

Tomo um banho rápido e fico acordado por quase uma hora, resistindo ao desejo de procurar minha esposa e trazê-la de volta para minha cama. Por fim, perco a luta e saio do meu quarto, seguindo pelo corredor até ao quarto no final do andar.

Sienna está dormindo, enrolada em uma bola, segurando um travesseiro no peito. Esta cama é muito pequena para nós dois, então deslizo meus braços por baixo da minha encantadora esposa e a levo de volta para a minha.

Sim, seu único motivo para entrar em minha casa era para me espionar. Sim, ela chegou ao ponto de bisbilhotar meu celular para ler minhas mensagens. E sim, ainda estou muito irritado.

Mas não vou passar uma noite sem ela em minha cama. Nem uma única noite. Eu a deito na cama, depois me deito atrás dela e envolvo meus braços em torno de sua forma adormecida. Ela pode ser uma pequena espiã sorrateira e ardilosa, mas é a minha espiã.

Capítulo 14

Sienna

Finjo estar imersa em comer a torta servida no jantar, enquanto observo secretamente meu marido. Ele está vestindo jeans e uma camisa branca. Os dois botões superiores estão desabotoados e as mangas estão enroladas até aos cotovelos. Ainda acho incomum que os homens daqui usem roupas tão casuais. As roupas cotidianas dos membros da Cosa Nostra consistem quase que exclusivamente em ternos. A única vez que vi os homens de Ajello vestidos casualmente foi no dia do casamento de Asya, e somente porque Pasha avisou que ninguém de terno seria permitido no local. Até agora, vi Drago vestido em um terno completo várias vezes, mas ele normalmente usa apenas uma camisa de botão e jeans.

Ele não disse uma palavra para mim desde que me pegou com o celular há cinco dias. Na maioria das vezes, ele age como se eu não estivesse presente. Exceto à noite.

Todas as noites, mais ou menos uma hora depois de eu dormir, ele entra no meu quarto no final do corredor e me carrega de volta para o dele. Na primeira vez, não percebi o que aconteceu até que seus braços envolveram meu corpo e ele me puxou contra seu peito. Fingi que ainda estava dormindo enquanto me acomodava no conforto de sua cama e no calor de seu corpo. Na manhã seguinte, porém, acordei em meu novo quarto.

No começo, achei que tinha sonhado com tudo aquilo, mas depois senti o cheiro dele em mim. Eu não estava dormindo quando ele apareceu na noite seguinte, mas agi como se estivesse. E pela manhã, quando ele me carregou de volta, eu fiz o mesmo. Não tenho certeza se ele sabe que estou fingindo estar dormindo,

mas ele não pode esperar que eu não perceba que ele está me carregando cinco noites seguidas. Talvez ele também esteja fingindo.

Não sei o que pensar de suas ações. Mas uma coisa que sei é que manter essa farsa está se tornando insuportável. Quero poder tocá-lo e me aconchegar livremente ao seu lado. E quero tanto que façamos sexo novamente que parece que minha boceta chora de necessidade. Eu poderia lhe contar a verdade. Explicar meus motivos para aceitar o casamento, mesmo sabendo que ele provavelmente riria de mim. Quem em sã consciência se casa com um estranho por causa do medo de ficar sozinho? Não. Não posso me expor a ele dessa forma.

Drago está concordando com o que Filip está dizendo, com os olhos focados na boca de seu segundo em comando. Não para baixo, como pensei inicialmente. Ele está me ignorando completamente, sentado ao seu lado.

Fingindo indiferença, pego meu celular na mesa e, franzindo os lábios, tiro uma selfie. Drago não se vira. É como se ele não estivesse nem aí para mim. Só que ele se importa.

Depois que vi minhas fotos no celular dele, comecei a prestar mais atenção e notei coisas que não havia percebido antes. Como ele frequentemente entra na cozinha enquanto estou lá, faz uma pergunta sem sentido para Keva e depois sai. Toda vez que isso acontece, posso sentir seus olhos em mim enquanto finjo estar absorta no que estou fazendo naquele momento. Ou, sempre que ele se depara comigo jogando videogame com Adam, ele dá ordens e o manda fazer uma tarefa, mesmo que pareça algo trivial. E, ontem, quando eu estava brincando com os cachorros do lado de fora, vi meu marido parado na garagem, me observando. No instante em que percebeu que eu o havia visto, ele se virou e foi embora.

Cansei de ser ignorada.

— Oi, Filip. — Apoio meu queixo na mão e sorrio. — Posso lhe pedir um favor?

Drago e seu braço direito olham para mim.

— Claro, — diz Filip, dando uma olhada rápida para Drago, cujos olhos estão grudados em meus lábios. — Do que você precisa?

— Você tem algum tempo livre amanhã? — Eu digo.

— Ele não tem, — diz Drago.

Inclino a cabeça e olho para ele, mantendo o sorriso estampado no rosto. — Eu estava perguntando ao Filip.

— E eu respondi. Para que você precisa dele?

— Eu queria pedir ao Filip para me ensinar a dirigir um carro. Mas se ele estiver ocupado, vou pedir para outra pessoa. — Dou de ombros. — O Adam está disponível?

— Não.

— Oh. Que tal...

— Ele também não está disponível.

Levanto uma sobrancelha. — Eu não disse quem.

— Não importa. Nenhum de meus homens está livre. Contenha sua atitude alegre, ela não fará bem algum por aqui. — O maxilar de Drago está contraído e suas narinas estão dilatadas.

— Por quê?

Ele agarra o encosto da minha cadeira e se inclina para a frente até que sua bochecha toque a minha. — Porque eu sou o único homem que vai se banhar em seu sol, Sienna, — ele diz perto do meu ouvido. — Ninguém mais.

Ele se afasta e olha para mim. Alguém está com ciúmes, ao que parece, e está se esforçando muito para não demonstrar isso.

— E *você* está disponível amanhã? — pergunto.

Ele cerra ainda mais o maxilar. — Não.

— Que pena. Terei que tentar encontrar outra pessoa, então. — Pego meu prato e me levanto da mesa. — Boa noite.

O peso dos olhos de Drago sobre mim é grande quando me dirijo à cozinha, e depois novamente quando volto e saio da sala de jantar. Quando chego ao meu quarto, tomo um banho rápido e vou para a montanha de coisas que guardo em cima da cômoda. Há apenas um pequeno armário nesse quarto, e nele não cabem todas as minhas roupas. Estou remexendo na pilha em busca de pijamas quando a porta atrás de mim se abre.

Assustada, dou um grito e me viro. Drago está parado na soleira da porta, com os olhos fixos na toalha que estou segurando. É uma toalha bem pequena. Espero até que seu olhar se desloque para o meu rosto e, inocentemente, bato as pestanas para ele. — Você chegou cedo. Ainda estou acordada, portanto, volte em uma hora.

Ele percorre a distância entre nós em vários passos longos e coloca as mãos sobre a cômoda, encurralando-me. Sua respiração está acelerada e os músculos de seu pescoço estão tensos. Ele está com raiva.

Solto a toalha e a deixo cair no chão, mas o olhar de Drago permanece fixo em meu rosto. Estendo a mão e lentamente desabotoo um botão de sua camisa. E depois outro. Ele não diz nada, nem sequer se mexe enquanto eu abro os demais. Em seguida, abaixo as mãos para abrir o botão e o zíper de sua calça jeans, depois engancho os polegares no cós e puxo sua calça, junto com a cueca boxer, para baixo, liberando seu pau duro.

Um som baixo de rosnado sai de seus lábios, mas ele permanece imóvel mesmo quando lambo seu peito exposto. O autocontrole desse homem é incomparável. Envolvendo os braços em seu pescoço, levanto-me na ponta dos pés.

— Sinto sua falta, Drago.

Com um golpe de seu braço, as roupas da cômoda atrás de mim voam para o lado. Drago agarra minhas coxas, me levanta e bate minha bunda no tampo da cômoda.

A umidade se acumula entre minhas pernas quando ele coloca as mãos atrás dos meus joelhos, empurrando-me para a frente. Seu pau entra em mim em uma única investida rápida. Eu sugo uma respiração. Como se eu estivesse debaixo d'água e tivesse acabado de sair à superfície, ofegando por ar.

Ele permanece perfeitamente imóvel, sem mover um músculo, enquanto eu me deleito com a sensação de seu pau alojado em mim. Aperto os braços e pernas ao redor dele e respiro fundo novamente. Os músculos de minha boceta se contraem em torno de sua espessura, que aumenta ainda mais.

Olho para cima e encontro seu olhar. Ele não está apenas bravo. Pela expressão de seus olhos, ele está consumido pela fúria. Inclinando-me para a frente, dou um leve beijo na borda de seu maxilar cerrado. Depois, mais um, mais perto de seus lábios, que estão bem apertados. Além da nossa respiração, o tique-taque de um relógio em algum lugar do quarto é o único som que quebra o silêncio.

Junto meus pés atrás de suas costas, mas Drago permanece imóvel. É um castigo. Ou é nisso que ele provavelmente acredita. Nove batidas. Dez. Ele inclina a cabeça ligeiramente para o lado e inspira. Minhas pernas estão tremendo. Vou gozar só de sentir seu pau dentro de mim. Quinze batidas. Nem mesmo suas mãos se movem, elas ainda estão segurando a parte de trás dos meus joelhos. É um duelo - sua necessidade de me foder versus sua vontade de me castigar. Dezoito. Dezenove.

— Drago, — digo ao lado de sua orelha.

Ele respira fundo. No segundo seguinte, ele se retira e bate dentro de mim novamente. E mais uma vez. Solto o pescoço dele e agarro a borda da cômoda, agarrando-me à superfície de madeira enquanto ele bate em mim. Cada investida é mais forte e mais rápida.

As luzes estão acesas, de modo que posso ver a raiva em guerra com a satisfação em seu rosto enquanto ele avança sobre mim como um louco. A respiração sai de mim em rajadas curtas. Ele puxa minha perna para cima com a mão esquerda, enquanto a outra passa pela minha nuca, apertando meu cabelo. Meu corpo inteiro treme e eu ofego, olhando fixamente para seus olhos cheios de luxúria. A cômoda bate contra a parede atrás de mim a cada movimento de seus quadris. Há cinquenta pessoas nesta casa, e tenho certeza de que cada uma delas pode nos ouvir. E eu não dou a mínima.

— Diga meu nome novamente! — Drago morde enquanto continua com suas investidas.

Inclino meu queixo para cima, com os lábios bem apertados. Sua veia temporal está pulsando e seus músculos estão tensos. O aperto em meu cabelo se intensifica, inclinando minha cabeça para trás.

— Diga, Sienna.

Ele está me batendo com tanta força que provavelmente não conseguirei andar amanhã. Não há sinal de indiferença agora. Ele está perdendo completamente o controle. Eu adoro isso, porra.

— Drago! — Eu grito quando meu orgasmo explode enquanto estou perdida em seus olhos.

Eles parecem quase ferozes quando ele se enterra completamente e explode. Ele mantém seu aperto firme em meu cabelo e segura meu olhar enquanto seu esperma quente me preenche.

O silêncio volta a reinar, interrompido apenas pelos sons de nossa respiração pesada e do tique-taque do relógio.

Drago

Estou acordado há quase uma hora, olhando para o céu da manhã visível além da porta da varanda. Segurando minha esposa com força em meus braços. Ela geralmente dorme de lado, com o rosto encostado em meu peito, mas em algum momento da noite, ela subiu em cima de mim. Sienna agora está colada ao meu peito, com os braços em volta do meu tronco e as pernas em minha cintura.

Eu deveria me levantar e procurar Filip para que possamos discutir onde obter produtos suficientes para cobrir as perdas sofridas no incêndio do armazém em Syracuse, mas não consigo me obrigar a sair desta cama. É tão bom ter minha pequena espiã de volta em meus braços.

Os últimos dias têm sido um pesadelo cheio de frustração. Fiz o possível para ignorá-la, mas não consegui me afastar completamente. Durante o dia, era um pouco mais fácil. Eu sempre encontrava motivos estúpidos para encontrá-la. Isso ajudava a suprimir a necessidade de tê-la por perto, mas, na maioria das vezes, fazia com que eu ficasse ainda mais agitado quando a encontrava se divertindo na sala de recreação com meus homens. Quase perdi a cabeça quando a vi jogando videogame com Adam novamente.

Nunca fui um homem ciumento. A ideia de perder a cabeça só porque um cara conversou com minha mulher parecia idiota.

Parecia. Tempo passado.

Ontem à noite, depois que Sienna pediu a Filip que a ensinasse a dirigir, enviei uma mensagem de texto para toda a minha equipe, avisando que, se eu pegar algum homem socializando com minha esposa enquanto eu não estiver presente, quebrarei seu pescoço.

Sienna se mexe, sua boceta nua deslizando sobre meu pau duro. Quando a levei para o meu quarto ontem à noite, joguei-a na cama e a fodi novamente. Não foi o suficiente. Nem de longe. Apertando minha mão em torno de sua cintura, eu nos virei e me preparei para não esmagá-la. Depois de deslizar minha mão livre entre nossos corpos, leva menos de um minuto provocando seu clitóris para deixá-la

molhada. Ela ainda está meio adormecida quando empurro meu pau para dentro dela. Eu esperava que ela ficasse tensa com a intrusão repentina, mas ela apenas sorri e abre mais as pernas, observando-me com olhos velados.

Eu enfio com força e rapidez, com ferocidade, como punição por sua traição. Quando Ajello propôs esse acordo de casamento, suspeitei que havia mais em seus planos do que simplesmente reviver nossa colaboração. Previ que ela seria uma informante para seu Don. Como Keva disse, eu teria planejado o mesmo se estivesse no lugar de Ajello, de modo que sua espionagem não pareceu uma traição no início. Na época, eu não estava apaixonado por ela. Mas agora estou. Tão apaixonado que não conseguiria passar uma única noite sem ela em minha cama.

Deslizando a palma da mão por sua barriga, beijo seu ombro. Depois, mordo a pele sensível na cavidade entre seu pescoço e a clavícula. Até mesmo seu cheiro é inebriante. Sinto-me atraído por ela como um planeta distante e frio é puxado para o sol, precisando sentir seu calor. Preciso de mais dela. Cada roupa ridícula, todas as faíscas que iluminam seus olhos vivazes e cada sorriso provocante me levam cada vez mais à loucura. Eu deveria tê-la mandado de volta para a Cosa Nostra no momento em que percebi seu engano, mas não o fiz. Não consigo mais imaginar minha vida sem o brilho do sol dela.

Pego sua perna e a coloco sobre meu ombro, afundando-me ainda mais dentro dela. Sienna geme embaixo de mim e agarra meus antebraços, suas unhas arranhando minha pele enquanto seus olhos se fixam nos meus.

Seu corpo treme quando ela goza, jogando a cabeça para trás em êxtase. Minha pequena traidora. Eu deveria ter terminado primeiro, negado o orgasmo a ela, me vingado um pouco do que ela estava fazendo comigo, mas não consegui. Somente depois que ela se deita na cama e eu tenho certeza de que ela terminou, eu solto minha restrição e encontro minha própria liberação.

Os olhos castanhos escuros de minha esposa encontram os meus, capturando-me.

Eles me lembram os de um gato - grandes e hipnóticos, quentes e incrivelmente doces. Ela levanta a mão como se fosse colocá-la em meu rosto, mas eu me afasto.

— O café da manhã é daqui a dez minutos. — Saio de perto dela e vou até ao armário para pegar uma muda de roupa. — Esteja na frente da garagem em meia hora se quiser a aula de direção.

Quando me viro, Sienna ainda está esparramada no meio da cama, com meu esperma escorrendo de sua boceta.

— Deixe um pouco de água quente para mim. — Ela sorri, ignorando completamente meu tom antagônico.

Eu me agarro à porta do armário com toda a minha força, tentando suprimir a necessidade de voltar para lá e beijar aquela boca mentirosa.

— Use o chuveiro do seu quarto. — Bato a porta do armário e entro no banheiro.

Sienna

Ele foi embora.

Envolvo-me com os braços e fico olhando para o lugar vazio na garagem onde o carro de Drago estava estacionado. São apenas oito horas. Nem sequer fui tomar café da manhã. Acabei de tomar banho e desci correndo as escadas. Quando olhei pela janela há cinco minutos, enquanto me vestia, ele estava falando com Filip do lado de fora da porta principal da garagem. Mordo o lábio inferior de frustração e volto para casa, discando o número do telefone pelo caminho. Recebi outra mensagem ‘SIENNA’ em letras maiúsculas no meu caminho até aqui.

— Já se passaram dez dias desde seu último check-in, Sienna, — ele diz, sem

preâmbulos.

— Há muitas pessoas por aqui. Tentarei ser mais rápida daqui para a frente.

— Atualize. Agora.

— Bem, tivemos uma situação aqui na sexta-feira, que deixou todos nervosos pelo resto do dia.

— Detalhes, Sienna. Foi alguma coisa na boate?

— Não. A geladeira quebrou.

Seguem-se algumas batidas de silêncio. — A geladeira?

— Sim. Foi depois do horário comercial e é um desses grandes tipos industriais. Demorou horas para encontrar...

— Não dou a mínima para a maldita geladeira de Popov!

— Mas nada acontece aqui que esteja relacionado aos negócios de Drago. A geladeira foi o destaque da semana inteira e...

A linha cai. Eu me encolho. Parece que ele não está satisfeito com meu relatório. Enfio o telefone no bolso de trás da calça jeans e continuo a caminhar em direção à mansão.

As pessoas estão comendo na enorme sala de jantar, e a conversa pode ser ouvida do saguão. Sorrio, dizendo bom dia ao passar pela longa mesa e entro na cozinha. Keva e outras quatro meninas estão correndo, tirando pratos dos armários e enchendo xícaras de café em grandes bandejas redondas. É uma façanha e tanto alimentar tantas pessoas com três refeições por dia.

Keva corre até um dos seis fornos para tirar uma torta de queijo, um prato tradicional do café da manhã sérvio, gritando ao mesmo tempo para servir apenas chá a Mirko, pois ele não pode tomar café. Um de seus ajudantes entra correndo na cozinha para dizer que Beli está reclamando que ainda está com fome; seu pedaço de torta aparentemente era menor do que o normal.

— Você pode dizer a esse ogro que, se ele tiver algum problema, pode levá-lo ao departamento de reclamações! — Keva grita, fechando a porta do forno, e se vira para mim. — Há pratos com extras no balcão. Leve alguns para a horda de devoradores de comida.

Pego os dois pratos enormes e ovais e os levo para a sala de jantar. Quando volto para a cozinha, acabo com uma bandeja cheia de xícaras de café em minhas mãos. Levo-as também para a sala de jantar e pego um pedaço de torta para mim no caminho de volta.

Quando todos terminam o café da manhã, há uma pilha enorme de pratos sujos na pia e as três máquinas de lavar louça estão cheias. Eu me viro, com a intenção de pedir a alguém que me mostre como ligá-las, mas todos parecem ocupados. Olhando para a máquina de lavar louça mais próxima, penso no que fazer. Na verdade, nunca liguei uma dessas máquinas antes. Em casa, a empregada ou a Asya faziam a limpeza da cozinha. Há botões de programa na porta da máquina de lavar louça, e sei que preciso escolher um, mas acho que devo adicionar o detergente primeiro. Há um compartimento específico para isso? Não estou vendo nenhum. Uma garrafa grande de detergente líquido fica ao lado da pia que está transbordando de panelas e frigideiras gordurosas. Desrosqueio a tampa da garrafa e despejo uma boa quantidade na máquina mais próxima, depois repito o mesmo processo com as outras duas. Feito isso, seleciono o ciclo de lavagem pesada para cada uma delas e as ligo.

— Sienna! — Jelena chama de algum lugar atrás de mim. — O pedido de carne chegou. Você pode pedir a um dos rapazes para trazer tudo e assinar os papéis para o entregador?

— Claro.

Corro para a sala de jantar e levo Relja até à porta dos fundos da cozinha, que é usada para carga. Enquanto ele descarrega as caixas da van, eu leio o formulário de pedido que o entregador me entregou. Ele diz que a remessa contém 150

quilos de carne de porco e 200 quilos de frango.

— Então, essa é uma provisão mensal? — pergunto enquanto assino.

— Semanal, — murmura o cara.

Semanalmente? São trezentos e cinquenta quilos de carne! Levanto os olhos do jornal e vejo o entregador olhando para minhas botas vermelhas brilhantes até ao joelho.

— Como a Dorothy, mas mais durona, certo? — Eu sorrio e bato meus calcanhares juntos, duas vezes.

Ele acena com a cabeça, as sobrancelhas atingindo a linha do cabelo. — Sim.

— Oliver, — grita Keva, — se Drago o pegar babando nas pernas da esposa dele, você terá que pensar em mudar de carreira. Vai ser difícil dirigir com os olhos no bolso, querido.

O cara levanta a cabeça. Ele pega o formulário da minha mão e sai pela porta sem se despedir.

Quando Relja sai depois de trazer as caixas de carne, Keva e eu somos as únicas que ficamos na cozinha.

— Isso é loucura, — digo e pulo para me sentar em cima do balcão ao lado do fogão, onde ela colocou a chaleira para fazer chá.

— Eu sei. — Ela sorri e me olha de lado. — Mas você gosta, estou certa?

— Sim, eu gosto. Gosto de estar aqui.

— Também gostamos de tê-la aqui.

Encosto a cabeça na geladeira à minha direita e suspiro. — Drago não.

— Ele gosta. Só não quer admitir isso. — Ela levanta a chaleira e despeja a água em uma xícara lascada à sua frente. — E você sabe por quê.

Eu fecho meus olhos. *Ele lhe disse*. — Porque estou passando informações sobre os negócios de Drago para Ajello.

— Acho que é um pouco mais complicado do que isso, Sienna.

— O que quer dizer com isso?

Ela dá de ombros. — Isso não cabe a mim dizer, querida. Você terá que perguntar ao seu marido.

— Ele não tem falado comigo ultimamente.

— Você pode culpá-lo? — pergunta Keva, olhando para mim por cima da borda de sua xícara de chá.

— Não, acho que não. — Suspiro. — O que há de errado com a audição de Drago?

Os olhos de Keva se arregalam. — Então, você notou. — Não é uma pergunta.

— Demorei um pouco. Percebi que algo não estava certo quando eu fazia uma pergunta e parecia que ele não me ouvia. Mas também notei que ele não parecia ter problemas para ouvir o que estava sendo dito quando falava com seus homens.

— Drago sofre de perda auditiva de alta frequência. Isso significa que, na maioria dos casos, ele não consegue perceber sons agudos ou, quando consegue, não consegue distinguir o que está sendo dito. — Ela coloca a xícara no balcão e pega minha mão. — Imagine falar com alguém ao telefone, mas a conexão é ruim e você só consegue ouvir algumas das palavras ou partes delas. Você consegue *ouvir* a pessoa do outro lado, mas não consegue *entender* o que ela está dizendo porque uma grande parte da conversa se perde.

— Ele está lendo os lábios para compensar, não está?

Ela acena com a cabeça.

— Ele é muito bom.

— Bem, ele está fazendo isso há muito tempo, Sienna.

— Quanto tempo?

— Quase vinte anos, — diz Keva. — A explosão da bomba que destruiu sua casa, matou seus pais e sua irmã, causou sérios danos aos seus tímpanos.

— Foi quando ele também ficou com as cicatrizes de queimadura?

— Sim.

Respiro fundo e mordo a parte interna da bochecha. — Ele pode me ouvir? Quando eu falo?

A mão de Keva aperta a minha. — Sua voz é bastante aguda, querida. Ele pode ouvi-la, mas para Drago, provavelmente tudo soa como um murmúrio. Ele teria dificuldade em entender a maior parte do que você diz sem fazer leitura labial. Mas é provável que ele consiga ouvir claramente quando você diz o nome dele, pois não há consoantes agudas.

— Por que ele não me contou?

— Não é exatamente um conhecimento comum. Você sabe como funciona o mundo da máfia, Sienna. As pessoas poderiam usar essas informações contra ele, especialmente durante reuniões importantes.

— Ele acha que eu contaria ao Don, — eu engasgo.

— Acha.

Fico boquiaberta com ela. Como ele pode pensar que eu compartilharia algo tão particular? — Não diga a Drago que eu sei. Por favor.

— Por quê?

— Não faça isso.

— Um dia desses, vou sentar vocês dois e obrigá-los a conversar um com o outro. — Ela balança a cabeça e pega a xícara, mas, de repente, dá um grito. — *Jebem ti lebac*[10]!

Sigo seu olhar e meus olhos pousam nas máquinas de lavar louça do outro lado da cozinha. Uma espuma suja está saindo das portas. Desço do balcão e corro

atrás de Keva, que está correndo em direção ao caos. Quando a alcanço, ela já parou as três máquinas e está abrindo a mais próxima. Um fluxo de bolhas brancas irrompe do aparelho antes mesmo de a porta estar totalmente aberta.

— Jesus! — ela grita, olhando para a bagunça que duplica quando ela abre a segunda máquina de lavar louça. — Que diabos aconteceu aqui? Chame as moças e pegue alguns panos!

— Hum.... Acho que a culpa é minha, — murmuro enquanto abro a gaveta para pegar os panos de prato.

Drago

Estaciono meu carro e entro no depósito onde armazenamos a última remessa de armas. Filip e dois seguranças estão parados ao lado de uma pilha de caixas, enquanto um terceiro guarda está a alguns metros de distância, segurando um homem sob a mira de uma arma.

— Esse é o cara do Bogdan que você pegou bisbilhotando? — pergunto.

— Sim. — Filip acena com a cabeça. — Ele estava mexendo na fechadura da porta dos fundos. Havia mais alguém com ele, mas ele fugiu. Adam foi atrás do cara.

Pego minha arma e me viro para o possível sabotador. — Está planejando destruir mais um dos meus edifícios?

O homem balança a cabeça e geme. Aponto para sua coxa esquerda e puxo o gatilho. Agarrando sua perna, ele cai de lado. — Vamos tentar novamente. O que você estava fazendo aqui? — Eu pergunto.

— Verificando a segurança, — ele reclama.

— Para que os outros possam vir hoje à noite e incendiá-lo? Legal. — Eu me

agacho na frente dele. — Sei que Bogdan tem um carregamento substancial chegando na próxima semana. Preciso da data, da rota e da descrição do veículo. E, já que estamos falando disso, preciso da localização dos dois armazéns que ele usa para estocagem.

— Eu não sei nada disso.

Pressiono o cano da minha arma em sua coxa direita e disparo. O homem grita, rolando para o outro lado, segurando a perna recém-ferida. Agarro seu ombro e o puxo de volta para me encarar.

— Isso o ajudou com seu conhecimento? — Eu pergunto. — Ou você precisa de mais incentivos?

O cara murmura algo que parece ser um endereço. Olho por cima do ombro e vejo Filip digitando em seu telefone. — Localizações?

— Sim. — Ele acena com a cabeça.

— Perfeito. — Voltei a me concentrar no romeno. — Quando essa remessa chegará?

— Terça-feira, de manhã cedo.

— Ótimo. Agora, a rota do caminhão.

— Eu não sei. Eu juro!

— Quem sabe?

— Bogdan e seu homem de logística. Mircea.

— O cara baixinho de óculos que sempre segue o Bogdan por aí?

— Sim.

— Obrigado. — Eu me levanto, dou um tiro na cabeça do cara e me viro para o meu segundo em comando. — Bogdan ainda está desaparecido?

— Ninguém o vê há semanas. Iliya diz que seus informantes acreditam que Bogdan voltou para a Romênia.

Toco meus dedos na superfície de madeira de um caixote. Estamos tentando localizar o filho da puta, mas ninguém o vê há algum tempo. Conheço o líder romeno há anos, e ele nunca sai do país quando tem um carregamento a caminho.

— Ele não está na Romênia, — digo e aceno com a cabeça para o corpo. — Coloque este na geladeira, vou precisar dele na próxima semana. Peça a Adam para colocar alguém na cola de Mircea, mas não toque nele por enquanto. Também preciso que nossos homens verifiquem os locais que o morto nos indicou, mas certifiquem-se de que não sejam vistos.

— Tudo bem. O que mais?

— Os caminhões de Bogdan chegarão na terça-feira de manhã, o que nos dá quatro dias para nos prepararmos. Montaremos três equipes. Uma equipe interceptará o caminhão. As outras duas irão para os locais de armazenamento na segunda-feira à noite e esperarão. Quando tivermos o caminhão, eles poderão incendiar esses buracos.

— Retaliar contra Bogdan roubando seu carregamento e explodindo seus armazéns é uma coisa, mas o que vamos fazer com as armas extras?

— Vou ligar para Belov e ver se a Bratva quer mais armas. Esse dinheiro cobrirá nossas perdas em Syracuse.

Filip me observa, passando a mão pelo cabelo. — Bogdan vai ficar louco, Drago.

— Sim, vai.

— Devemos aumentar a segurança da mansão?

— Duplique. Vou buscar a Tara antes que tudo isso aconteça. Quero que ela fique lá em casa até que essa merda acabe.

— Ela não vai gostar.

— Não estou nem aí, — grito. O telefone em meu bolso vibra. — Temos alguma pistola pequena em algum lugar?

— Quão pequena?

— Muito pequena. Se possível, me dê uma rosa. — Meu telefone vibra com outra notificação. — Vou ensinar a Sienna a atirar. Por via das dúvidas.

Os olhos de Filip quase saem de suas órbitas. — Isso é... sensato?

— Não se deixe enganar pelos sorrisos e roupas bobas dela, Filip. Minha esposa é muito mais do que aparenta. Sinceramente, eu ficaria surpreso se ela não soubesse já como disparar uma arma.

Deixo meu segundo em comando parado com uma expressão confusa no rosto e saio do depósito. Quando estou ao volante, pego meu celular para verificar as mensagens. Há duas, ambas de Keva. A primeira é uma foto da minha esposa agachada em uma piscina de espuma branca, recolhendo-a em um balde com uma concha de sopa. Ela está usando botas vermelhas brilhantes de salto alto com um laço combinando na cabeça. A segunda é um texto que me informa que minha esposa despejou sabão líquido na máquina de lavar louça.

Abro a foto novamente, dando um zoom no rosto de Sienna. Seus olhos estão enormes e atentos ao que ela está fazendo e, se eu prestasse atenção apenas neles, diria que ela está em pânico. Mas seus lábios estão desenhados em um enorme sorriso. Essa mulher é uma grande contradição.

Fecho a imagem e digito uma mensagem.

17:10 Drago: Pergunte à minha esposa se ela sabe atirar com uma arma.

A resposta chega menos de um minuto depois.

17:11 Keva: Sienna? O que há de errado com você? É claro que ela não sabe.

17:12 Drago: Pergunte-lhe.

O celular vibra com um novo texto.

17:14 Keva: Sim. Que Deus nos ajude.

Fico olhando para a mensagem por alguns instantes e depois caio na gargalhada.

Capítulo 15

Drago

Apoio meu ombro no batente da porta e olho para minha esposa. Ela está na ilha da cozinha, cortando algo cautelosamente com deslizamentos medidos de sua faca. Apesar de estar ocupada com as tarefas domésticas, ela está vestindo outra roupa maluca combinada com chinelos dourados de pele sintética. Suas escolhas de moda são completamente ridículas, mas ela é linda como o diabo, mesmo quando usa seus trajes absurdos.

Quando cheguei em casa ontem à noite, Sienna já estava dormindo. Como faço todas as noites, eu a levei para a minha cama. Comi sua boceta perfeita enquanto ela ainda estava meio adormecida e depois a fodi. Com força. Eu a segurei em meus braços a noite toda, mas ainda a levei de volta para seu quarto esta manhã antes de ir para o trabalho. Não sei por que continuo fazendo isso. Estou tão furioso, mas não consigo determinar o motivo da minha raiva. São as mentiras dela, ou o fato de ela ter mentido para *mim*? Talvez eu esteja com raiva de mim mesmo porque, mesmo depois de tudo, não consigo me obrigar a odiá-la.

E *esse* é o maldito problema. É por isso que estou aqui agora olhando para *minha esposa* como um maldito cretino.

Enquanto observo, Sienna funga e esfrega o olho com as costas da mão. Fico alerta imediatamente e atravesso a cozinha.

Quando a alcanço, agarro-a pela cintura e a levanto para que se sente na ilha ao lado da tábua de corte.

— Drago? — Ela pisca para mim confusa enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Fecho os olhos por um segundo, tentando me acalmar. Quem quer que tenha

ousado dizer ou fazer qualquer coisa que tenha feito minha esposa chorar estará deixando esta casa dentro de dez minutos. Em um maldito saco para cadáveres.

— O. Que. Aconteceu? — Pergunto com os dentes cerrados.

— Hum... Estou ajudando Keva a preparar um molho de cebola.

Olho para a tábua de corte. Malditas cebolas. — Nevena! — Chamo a moça que está mexendo nos temperos. — Leve isso embora.

— O quê? Por quê? — pergunta Sienna.

De jeito nenhum vou dizer a ela que quase enlouqueci porque ela estava chorando por causa de malditas cebolas. Em vez disso, pego a arma que Relja me deu nas costas e a coloco no balcão ao lado de Sienna.

— Glock 42, — eu digo. — Relja não conseguiu encontrar uma rosa em cima da hora.

Ela arqueia uma sobrancelha para mim. — Por que eu precisaria de uma arma?

— Apenas uma precaução. Estamos esperando alguns problemas.

Sienna pega a arma e a examina, depois solta o carregador. — Apenas seis cartuchos?

— Você planeja sair em um tumulto, *mila moya*?

— Talvez. — Ela encaixa o canhão de volta com um floreio.

Meu pau endurece ao vê-la parecer tão inocente, com os pés pendurados no balcão e, ao mesmo tempo, manejando a arma como uma profissional.

— Seu irmão lhe ensinou a atirar? — perguntei.

Ela ri. Eu gostaria de poder ouvir o som.

— Arturo nunca me deixaria tocar em uma arma. — Ela se inclina para a frente e balança as sobrancelhas. — Eu disse a ele que estava indo para uma aula de dança. Até levei uma bolsa com sapatos de dança e uma fantasia comigo, e mostrei a ele alguns movimentos que aprendi on-line para que ele não fizesse

perguntas.

— Você vai manter essa arma no seu quarto, mas se sair de casa, mesmo que seja para brincar com os cachorros, leve-a com você.

— Meu quarto? — Ela faz uma pausa, com os olhos brilhando. — Ou nosso quarto?

Estou tentado. Tão tentado, mas não posso ceder. Pego seu queixo e inclino sua cabeça para cima. — Seu quarto, Sienna. Achei que você tinha entendido isso.

— Então, somos apenas companheiros de transa que, por acaso, são casados?

— Algo parecido com isso.

Ela torce o nariz para mim e afasta minha mão. — Vá para o inferno.

Eu a sigo com os olhos enquanto ela pula do balcão e se dirige à porta, mas para no meio do caminho. Ela fica parada por alguns segundos e depois se vira.

— De agora em diante, esqueça a parte dos companheiros de foda, Drago. Estou farta. — ela diz e engatilha a arma que lhe dei. — Se eu o encontrar no meu quarto novamente, você testemunhará em primeira mão o quanto eu aprendi nessas aulas.

E então, minha brilhante e inocente esposa levanta sua arma, apontando para a jarra de leite vazia ao meu lado no balcão. Um estrondo épico ecoa pela cozinha espaçosa quando o recipiente voa para trás e ricocheteia na porta da despensa. Alguém grita. Filip e outros três homens entram no cômodo com as armas em punho. Eles nem prestam atenção em Sienna, que ainda está de pé no meio da cozinha, segurando a arma na mão e parecendo muito fofa em seu suéter rosa e chinelos felpudos. Todos estão gritando, fazendo com que minha cabeça pareça que vai explodir, mas tudo o que consigo ver é minha esposa. Ela me olha fixamente, com um sorriso malicioso no rosto. Todo o resto desaparece, como sempre, quando ela está na mesma sala.

Eu me aproximo dela e agarro sua nuca. Ela estreita os olhos para mim e inclina

o queixo. Meu pequeno demônio que anda pelo mundo disfarçado de anjo. Envolvo meu braço livre em torno de sua cintura, puxando-a contra meu peito no processo, e bato minha boca na dela.

Algo bate no chão, provavelmente a arma. Os braços de Sienna envolvem meu pescoço, segurando-o com força enquanto ela retribui o beijo. Nossas línguas lutam pela supremacia. Mas então, de repente, ela para e se afasta.

— Coloque-me no chão.

Afrouxo o aperto, deixando-a deslizar lentamente pelo meu corpo.

— Lembre-se: nem um pé dentro do meu quarto, — diz ela, depois se abaixa para pegar a arma do chão e sai da cozinha.

Quando Sienna está fora de vista, eu me viro para os meus homens, que estão do outro lado da cozinha, observando e parecendo confusos.

— De volta ao trabalho, — eu digo.

Eles colocaram as armas nos coldres e saíram correndo, passando por Keva, que estava parada na porta com as mãos nos quadris.

— É oficial, — ela declara. — Vocês dois foram feitos um para o outro.

Sienna

Coloquei a arma dentro da gaveta da mesinha de cabeceira antes de fechá-la.

— Aquele filho da puta, — murmuro enquanto deslizo para baixo do edredom e o puxo sobre minha cabeça.

Minhas mãos ainda estão tremendo, então as coloco debaixo do travesseiro e respiro fundo. Nunca havia disparado uma arma fora do campo de tiro. Meu Deus, eu poderia ter machucado alguém. Eu poderia ter atirado no idiota do meu

marido por engano. Não é que ele não mereça, mas, mesmo assim, só de pensar que Drago se machucaria, fico com náuseas.

Essa não sou eu. Não saio por aí ameaçando pessoas, atirando em coisas, pelo amor de Deus, mas esse homem... esse maldito homem está me fazendo perder a cabeça como ninguém jamais fez.

— Cansei, — murmuro para o travesseiro.

Vou arrumar minhas coisas e chamar o Arturo para vir me buscar. O Don provavelmente vai ficar louco, mas não me importo. Não consigo mais lidar com isso.

Jogando o cobertor fora, corro para a cômoda e começo a tirar minhas roupas, só parando quando chego ao equipamento de ginástica que Drago comprou para mim. A expressão do meu marido quando saí do vestiário usando o agasalho não teve preço. Eu me deito na cama, segurando a calça de moletom e o moletom combinando contra o meu peito. Não quero ir embora. Mas também não quero ficar. Eu... Não sei mais o que quero.

Meu olhar se volta para o telefone na mesa de cabeceira. Pego-o e digito o número da minha irmã.

— Como está minha irmã favorita? — Eu digo quando Asya atende a ligação.

— Sua irmã favorita e única está bem. E ela conhece esse tom. Significa que você fez alguma coisa.

— O quê?! Claro que não! Eu só queria conversar.

— Nós conversamos há duas horas. O que você fez, Sienna?

Deito-me na cama e inclino a cabeça para cima para olhar para o teto. — Quase atirei em meu marido.

— Atirou? — ela grita. — Do que está falando? O que aconteceu?

— Ele me comprou uma arma. — Dou de ombros, embora ela não possa me ver.

— Eu estava com raiva dele.

— Então, você atirou nele?

— Não. Eu atirei em uma jarra de leite. Uma vazia. Mas se minha mira estivesse errada, a bala poderia ter ido parar no rim dele.

— E por que você está brava com ele?

— Perguntei a ele se tudo o que somos é companheiros de transa. Ele disse que sim. Ele também está bravo comigo. — Eu suspiro. — Eu estava dando informações sobre a organização sérvia para Ajello. Drago descobriu e me expulsou do nosso quarto. Agora ele me ignora. Bem, quando não estamos fazendo sexo, é claro. Mas ele ainda está com raiva de mim.

— Você está dormindo com ele?

— É claro que estou dormindo com ele. Você não dorme com seu marido?

— Não estou espionando meu marido! Como... como vocês podem estar dormindo juntos se ele sabe o que vocês estão fazendo?

— Muito bem, na verdade. O sexo é incrível, e Drago gosta de se abraçar depois. — Meus lábios se curvam. — Adoro quando ele me puxa para o seu corpo e envolve seus braços e pernas ao meu redor. Eu me sinto protegida, como se nada pudesse me tocar quando ele está lá, sabe? Mas então, pela manhã, ele me carrega de volta para o meu novo quarto e continua a fingir que eu não existo durante o dia.

— E isso a incomoda.

— Não. Só estou dizendo. — Dou de ombros novamente. — Ele tem os olhos mais incríveis... Verde claro com manchas marrons. Mas quando ele está bravo, eles ficam mais escuros. É muito sexy.

— Então, você gosta dele?

— Não, não particularmente. Ele é mal-humorado na maior parte do tempo e não

fala muito. Eu gostaria que ele falasse. Sua voz também é sexy. — Eu me viro de barriga para cima e enterro o nariz no travesseiro. Um leve cheiro da colônia de Drago se agarra a ele. Ele nunca passou uma noite aqui, então provavelmente é do meu cabelo. Ele geralmente aconchega minha cabeça na curva de seu pescoço quando dormimos.

— Então... você não gosta dele. — Não é uma pergunta, mas ainda posso ouvir a incerteza em seu tom.

— Não. Eu só gosto de estar perto dele?

— Isso não faz sentido algum, — suspira Asya.

— Sinto falta dele quando não está aqui. Não gosto dele, mas quando ele não está por perto, tudo parece... vazio. Ele me fez sair para correr com ele em uma manhã e, desde então, temos corrido juntos três vezes por semana. Ele me comprou uma lavanda incrível....

— Você corre?

— Sim. Bem, até que ele me pegou olhando o celular dele. Ele pensou que eu estava lendo suas mensagens para poder informar sobre seus negócios ao Don, mas eu só queria ver se ele tinha fotos de suas ex-namoradas lá.

— Mm-hmm.

— Ah, esqueci de lhe contar. Ele me levou a um casamento antes do incidente com o telefone. Foi em uma tenda enorme. Pelo menos quatrocentas pessoas estavam lá. E uma banda. Eu dancei em uma mesa.

— Você o quê?

— Parece ser uma coisa que acontece nos casamentos sérvios. — Eu ri. — Gostaria que você pudesse ter visto. Até a noiva fez isso. Eu tirei uma selfie com Drago e publiquei em minhas redes sociais. Você não viu?

— Hum... não exatamente. Suas contas estão definidas como privadas há semanas.

— O que foi? Provavelmente cliquei em algo por engano, eu troco de novo. — Não é de admirar que ninguém esteja comentando ou curtindo minhas fotos.

— Você ainda está delatando seu marido para o Don, Sienna?

— Um pouco. Da última vez que Ajello me ligou, contei a ele uma bobagem sobre a geladeira estar quebrada e, antes disso, disse que Drago está comprando outro caminhão. Preciso fazer um novo check-in na próxima semana, então tenho que pensar em outras coisas triviais que eu possa dar a ele.

— O pessoal do Drago não fala de negócios quando você está por perto?

— Oh, eles falam. Só não estou deixando o Ajello saber de nenhuma das informações confidenciais.

— E seu marido sabe disso?

— Não.

— Você precisa contar a ele, Sienna.

— Por que eu faria isso? Não dou a mínima para o que ele pensa de mim.

Segundos de silêncio se estendem até que Asya finalmente responde: — Porque você está apaixonada por seu marido.

— O quê? — Começo a rir. — Eu não estou apaixonada por ele. Não seja ridícula.

— Eu conheço você, Sienna. E sei como sua mente funciona. Você *está* apaixonada por Drago, mas prefere continuar mentindo para si mesma a admitir isso.

Meu corpo fica tenso. Uma sensação de pressentimento toma conta de mim, começando no fundo do meu estômago e depois se espalhando pelo resto do meu sistema até que temo que ele vá me engolir inteira. — Não, — eu me engasgo.

— Ele não vai morrer, Sienna.

Enterro meu rosto no travesseiro para abafar um gemido. Ela não entende.

— O que aconteceu com nossos pais não foi culpa sua. Nem o que aconteceu comigo. Você precisa parar de acreditar que todas as pessoas próximas a você acabarão mortas ou feridas, querida.

— Preciso ir, — murmuro no travesseiro. — Ligo para você amanhã.

— Sienna, por favor...

Encerro a chamada, ligo o modo silencioso e coloco o telefone embaixo do travesseiro.

Está quase na hora do jantar, mas acho que não estou conseguindo lidar com comida agora. Ou com as pessoas. Depois de me levantar da cama, pego o pijama e a cueca e vou para o pequeno banheiro anexo. Fico no chuveiro até a água passar de quente para gelada. Depois, volto para a cama, mas, em vez de dormir, fico olhando para a parede em branco.

Provavelmente estou olhando para ela há uma hora quando ouço a porta sendo aberta. Fecho os olhos e escuto. Alguns segundos se passam em completo silêncio antes que o clique da porta sendo fechada chegue aos meus ouvidos. Ele não entrou. Por que isso me dá vontade de chorar?

O colchão cede embaixo de mim, e qualquer respiração que tenha restado dentro de mim fica alojada em meu peito. Presa como meu coração subitamente parado. O cobertor desliza lentamente pelo meu corpo, centímetro a centímetro, até sair completamente. Um toque pousa no meu quadril, exatamente onde a blusa subiu. É tão leve, não mais do que a ponta de um dedo. Mal posso senti-lo quando ele se move sobre a pele do meu estômago, traçando uma linha logo acima do cós da calça do pijama.

— Você nunca me perguntou como eu sabia que você entendia sérvio, — a voz grave de Drago preenche a quietude do quarto.

Fico tensa, mas mantenho minha boca e meus olhos fechados. Não há motivo para responder, pois as luzes estão apagadas. Sua outra mão chega à minha

cintura, os dedos se prendem à faixa enquanto ele desliza lentamente a calça do pijama pelas minhas pernas.

— Você é excepcionalmente boa em fingir, *mila moya*. Mas você cometeu um deslize durante o jantar há algum tempo.

Seus dedos acariciam a pele das minhas coxas enquanto ele puxa a calcinha para baixo. Um pequeno gemido me escapa, então rapidamente mordo meu lábio inferior, tentando suprimir o próximo. Sei que ele sabe que estou acordada, mas mantenho o disfarce mesmo assim.

— Tenho que reconhecer que a escolha de Ajello para o trabalho foi uma jogada magnífica. Se fosse outra pessoa, eu teria percebido o engano muito antes. Mas fiquei cego pela garota inocente e feliz, com sorrisos largos e roupas ridículas, que entrava em todas as salas ou situações em um turbilhão de cores e alegria. — A calcinha é retirada e Drago percorre um caminho pelas minhas pernas, cada vez mais alto, até chegar à minha boceta. — Foi por obrigação com a Cosa Nostra? Ou você simplesmente queria foder minha vida, só pela emoção?

Seu dedo começa a deslizar dentro de mim enquanto seu polegar pressiona meu clitóris, fazendo círculos.

— Acho que isso não importa mais. Mas saiba de uma coisa, minha linda e reluzente espiã. As escolhas que você faz têm consequências. Sinta-se à vontade para continuar atirando em mim. E eu continuarei zangado com você por ter mentido para mim. Isso não muda as coisas.

Respiro fundo quando ele acrescenta outro dedo, esticando-me. Meus olhos ainda estão fechados, mas posso sentir sua presença sobre mim e, em seguida, sua respiração entre minhas pernas. Agarro a cabeceira da cama enquanto os tremores tomam conta do meu corpo. Os leves tremores ao seu primeiro toque se transformaram em tremores de ossos, como se eu estivesse queimando de febre.

— Agora você é minha, Sienna. Não há como voltar atrás! — ele rosna e enterra o rosto entre minhas pernas, chupando meu clitóris com tanta força que eu grito

seu nome a plenos pulmões.

Solto a cabeceira da cama e enrosco meus dedos no cabelo de Drago enquanto ele continua a me devorar. Não aguento nem mais um segundo de sua investida, mas, ao mesmo tempo, morrerei se ele parar. Estou perdida, pronta para explodir quando seus dedos deslizam para fora de mim. Ele dá uma lambida lenta e longa em minha fenda e depois sua boca desaparece. Meus olhos se abrem.

A iluminação no quarto é escassa, apenas a luz da lua entrando pela pequena janela, incidindo sobre o corpo de Drago. Ele está aos pés da cama, desabotoando a camisa enquanto me encara. Adoro observar meu marido quando ele veste suas roupas, porque ele faz isso lenta e metodicamente, cada movimento calculado. Mas gosto muito, muito mais de vê-lo tirá-las.

Drago deixa a camisa cair no chão e começa a abrir o zíper da calça jeans. Meus olhos se deleitam com seus ombros largos e peito esculpido, minha boceta encharcada latejando de necessidade. No momento em que vejo seu enorme pau, minha mente fica em branco. Um estranho som de rosnado preenche o silêncio, e levo um momento para perceber que está vindo de mim. Pulo da cama e vou direto para o meu marido.

Suas mãos grandes me agarram por baixo das coxas, apertando com força, e, no segundo seguinte, minhas costas são batidas contra a parede perto da janela. O rosto de Drago paira diante do meu, seus olhos se fixam nos meus. Sua respiração é lenta. Profunda. Envolvo os braços em volta de seu pescoço e entrelaço meus dedos em seu cabelo. E então eu o puxo. As narinas de Drago se dilatam e sua respiração se acelera.

— Você também conta ao seu Don os detalhes de como eu transo com você?

Eu sorrio. — Talvez.

Drago range os dentes. Mesmo com pouca luz, posso ver os músculos de seu maxilar se contraindo. Deslizo uma mão em direção ao seu pescoço e a outra para seguir a linha de seu queixo com a ponta do meu dedo até chegar ao canto

de sua boca. Gostaria que ele me beijasse agora mesmo. É diferente de sexo. Fazer sexo com Drago Popov é uma experiência que supera tudo o que já encontrei. É crua, furiosa e sem remorso. Mas ser beijada por meu marido é como ter minha mente implacavelmente seduzida e incendiada pelo calor de seus lábios nos meus. E isso me dá muito medo.

— Às vezes, eu gostaria de poder matá-la, Sienna.

Ele colide sua boca com a minha enquanto enfia seu pau dentro de mim. E tanto minha boceta quanto meu cérebro entram em combustão.

Capítulo 16

Drago

A casa de Arturo DeVille está situada em um bairro de luxo. Perto o suficiente de tudo que é importante, mas bem longe de toda a loucura de um sábado à noite. Ou pelo menos o máximo que morar em Nova York permite. Paro minha motocicleta em frente ao portão de ferro e levanto a viseira do escudo. Olhando diretamente para a câmera, pressiono o botão de chamada. Alguns instantes depois, o portão desliza para o lado.

Estaciono minha motocicleta e vou em direção à porta da frente, onde o irmão de Sienna está parado, olhando para mim.

— Que porra você está fazendo aqui? — pergunta ele entre dentes.

— Vamos discutir negócios em sua varanda?

Arturo me observa, depois se vira e entra. Eu o sigo pela espaçosa sala de estar. Apesar de seu tamanho, a sala parece inesperadamente aconchegante, como um lar. Há uma grande estante de livros, um confortável sofá de couro e um piano em um canto. Há fotografias nas paredes, a maioria delas com Sienna e sua irmã.

Arturo contorna o balcão de café da manhã que divide o espaço e entra na cozinha, indo em direção ao fogão.

— O que você quer? — ele pergunta enquanto adiciona um pouco de tempero ao que está na grelha.

Vou até ao balcão do café da manhã e me sento no banco mais à direita, posicionando-me de modo a ter o rosto dele na minha linha de visão direta. O subchefe tem uma voz grave que consigo ouvir sem problemas, mas não me arrisco quando há negócios envolvidos.

— Um de nossos armazéns pegou fogo, — eu digo. — Preciso de mais produtos.

— Quanto?

— Meia tonelada, no mínimo.

— Seis semanas, — diz ele enquanto vira os bifes.

— Isso não funciona para mim. Preciso dele aqui em dez dias.

Arturo usa o garfo para tirar um pedaço de queijo de um prato de antepasto e o coloca na boca, observando-me enquanto mastiga. Jogos de poder - os italianos parecem gostar muito deles.

— Posso conseguir as drogas para você no próximo fim de semana, — diz ele com um sorriso, — mas tenho que acrescentar uma taxa de urgência de 30% ao preço normal.

— Isso é muito caro. Todos os membros de sua família estão recebendo essa tarifa ou eu sou especial?

Arturo joga o garfo na pia e atravessa a cozinha com um olhar furioso no rosto. — Você não é a porra da minha família.

— Eu me casei com sua irmã. Isso conta como 'família' de onde eu vim. — Inclino a cabeça para o lado, mantendo o olhar dele. — Mas, por outro lado, de onde venho, ninguém seria capaz de me obrigar a entregar minha irmã a um estranho virtual. Diga-me, Arturo, você também deixa seu Don lhe dizer quando pode mijar ou pode tomar essa decisão sozinho?

Não vejo a faca até que ela esteja a meio caminho do meu rosto. Bloqueio sua mão, desviando o golpe direto em meu olho, mas acabo com um longo corte em minha bochecha. Agarrando o pulso de Arturo com uma das mãos, agarro o cabelo na parte de trás de sua cabeça com a outra e bato seu rosto no tampo de madeira do bar entre nós. Ele ruge e força a faca contra minha cabeça novamente. Solto seu cabelo, agarro sua mão que empunha a faca e a giro. Não ouvi o som do estalo, mas, com base no uivo de Arturo, quebrei seu pulso.

Uma forte pancada no queixo faz com que minha cabeça se incline para o lado. Dou um passo para trás e sacudo a cabeça, tentando me livrar do zumbido em meus ouvidos. Pensei que aquele filho da puta fosse destro.

Arturo dá a volta no balcão do café da manhã e avança sobre mim. Evito o gancho de esquerda apontado para o meu rosto e enterro o cotovelo em seu peito, mas acabo ofegante quando ele me dá uma joelhada no estômago. Endireitando-me, agarro a parte da frente de sua camisa e o bato contra a parede mais próxima. A parte de trás de sua cabeça bate em um dos grandes porta-retratos, que cai e se quebra em pedaços.

— Essa discussão deveria ter acontecido antes da assinatura da certidão de casamento, você sabe. — Cuspo sangue para o lado e depois dou um soco em seu estômago. — Mas sua irmã é minha agora. E não há nada que você possa fazer a respeito.

— Se eu soubesse quão doentio você é, nunca teria deixado Sienna se casar com você.

— Não sou pior do que outros homens em nosso mundo. Olhe para seu Don. Enviando partes do corpo pelo correio como um aviso.

— Sim. Você simplesmente prega as pessoas nas paredes e crava cruzes em seus peitos. — Arturo se inclina para a frente, seu olhar me queimando. — Sienna chorou por semanas depois que seu cachorro morreu. Imagine o que acontecerá quando minha irmã descobrir seu pequeno segredo. Portanto, não preciso fazer nada além de contar a ela esse pequeno detalhe, e ela voltará correndo para casa.

— Ela pode fugir. Mas eu virei buscá-la e a levarei de volta.

— Você não a terá de volta, Drago. Ajello pode ser implacável, mas nunca forçaria uma mulher a voltar para um homem de quem ela tem medo.

Coloco minha mão livre em volta da garganta de Arturo e aperto. — Então terei que me certificar de que você não possa contar nada a Sienna.

A mão esquerda de Arturo se levanta, agarrando minha garganta em troca. — Você pode tentar.

O estrondo de uma porta contra a parede quando ela se abre e o barulho de pés correndo reverbera pela casa. Um par de braços envolve minha cintura, puxando-me para longe. Tento acertar o homem que me segura com o cotovelo, mas outro agarra meus membros. Arturo se lança da parede, correndo em minha direção, mas dois outros caras o agarram e o seguram.

O chefe da Cosa Nostra entra e se posiciona no meio da cozinha. — Briga de família? — ele pergunta, olhando para mim, e depois desvia o olhar para seu subchefe.

— Sim. Não chegamos a um acordo sobre onde passaremos o próximo Natal. Na casa do Arturo ou na minha, — eu digo.

— De fato. — O Don acena para seus homens. — Acompanhem o Sr. Popov até à saída. Eles podem terminar o planejamento das férias em outro momento. Preciso conversar com Arturo.

Eu me desvencilho dos homens que me seguram e dou um passo em direção ao Don. — Eu sei sobre seu pequeno esquema de espionagem. Essa merda acaba agora, Ajello, ou juro por Deus que as coisas não vão acabar bem.

Sem esperar por sua resposta, viro-me e vou em direção à porta da frente. Quando chego à soleira, olho por cima do ombro e encontro os olhos de Ajello. — E se seu subchefe ousar se intrometer em minha vida particular, terei de matá-lo.

— Sienna ama Arturo. Matá-lo não seria saudável para seu casamento, — diz ele. — E Arturo não vai se intrometer.

Aceno com a cabeça e saio.

Sienna

Tinta de uma caneta quebrada em uma de minhas camisetas favoritas. Perfeito. Estou atravessando apressadamente o saguão para encontrar Keva e pedir-lhe um removedor de manchas quando ouço o barulho de uma moto. Olho pela janela que dá para a entrada da garagem e vejo uma motocicleta preta encostar no acostamento. Assim que o motor desliga, o motorista desmonta e tira o capacete. É Drago. Eu não sabia que meu marido andava de motocicleta.

Drago deixa o capacete na maçaneta e se aproxima da porta da frente. Um suspiro sai de meus lábios quando olho para o lado esquerdo de seu rosto. Ele está coberto de sangue. Corro em direção à entrada e a alcanço bem no momento em que ele entra.

— Oh, meu Deus. — Pressiono minha mão sobre a boca, olhando para o longo corte em sua bochecha esquerda. Ainda está escorrendo.

— Keva! — Eu grito e dou um passo à frente, estendendo a mão para o queixo dele, mas ele afasta a cabeça.

— Você tem cinco anos, porra? — Eu me arrebento e tento novamente. — Deixe-me ver.

Ele não se move dessa vez, e eu pego seu queixo entre os dedos, virando seu rosto para o lado.

— Jesus, Drago. — Eu fungo, olhando para sua bochecha. O corte tem dez centímetros de comprimento.

— O que está acontecendo...? Oh, meu Deus! — Keva corre atrás de mim. — Leve-o para a cozinha, Sienna. Agora mesmo.

Drago dá um passo e minha mão cai de seu rosto. Fico olhando para suas costas enquanto ele atravessa o saguão e depois troto atrás dele.

— Limpe-o. — Keva joga um pano de prato e uma tigela de água morna em minhas mãos. — Vou pegar um kit de primeiros socorros.

Olho para a tigela em minhas mãos e depois para meu marido, que se senta em uma cadeira na mesa da cozinha.

— Dê-me isso, — diz ele ao abrir o zíper da jaqueta. A camisa branca por baixo está coberta de manchas de sangue.

Coloco a tigela sobre a mesa e mergulho o pano de prato na água. Drago tenta pegar o pano de minha mão, mas eu o afasto.

— Fique quieto, — murmuro e dou um passo para ficar entre suas pernas. Com cuidado, começo a limpar o sangue de seu rosto.

Começo pelo pescoço e depois passo para o queixo. Minha mão está tremendo, e o tremor só piora à medida que me aproximo do corte. A única outra vez que vi tanto sangue foi quando Arturo cortou a palma da mão enquanto filmava um peixe há uma década. Eu gritei e desmaiei.

Os dedos de Drago envolvem meu pulso, afastando minha mão de seu rosto. — Você não parece estar lidando muito bem com a visão de sangue.

Olho em seus olhos questionadores. — Estou bem.

— Seu rosto está tão pálido que está ficando verde. Me dê a toalha.

Eu cerro os dentes. — Não.

Sua outra mão vai até à parte inferior das minhas costas, puxando-me ainda mais para perto, até que meus lábios estejam a poucos centímetros dos seus. — Me dê a porra da toalha, Sienna.

— Não. Você vai se machucar.

— Por que você se importa?

— Não quero, — digo, meus lábios tocando os dele.

Keva irrompe na cozinha, carregando uma caixa cheia de suprimentos médicos.

— Como você conseguiu isso? — Ela bate o contêiner na mesa.

Drago solta meu pulso. — Faca. Você tem uma vacina contra o tétano aí dentro?

— Eu pareço uma emergência para você? — Keva se aproxima e se inclina para olhar sua bochecha. — Isso vai precisar de pontos. O que aconteceu?

— Conversei com meu cunhado.

— Arturo fez isso? — Eu o encaro com surpresa. — Por quê?

— Um desacordo comercial.

— Idiotas, — diz Keva enquanto borrifa algo em sua bochecha. — Sienna, há um kit de costura em algum lugar. Encontre-o.

— Ele não deveria ir para um hospital? — Eu me viro e começo a vasculhar os suprimentos, ciente da mão de Drago que ainda está na parte inferior das minhas costas, mantendo-me por perto.

— Este aqui prefere morrer de perda de sangue a entrar em um hospital novamente.

Passo o kit de costura para Keva, que está usando gaze para limpar o corte de Drago, e inclino meus olhos para a cicatriz de queimadura visível acima da gola de sua camisa. Quando olho para cima novamente, Keva está segurando as laterais do corte com dois dedos enquanto enfia uma agulha curva na pele, costurando-a bem diante dos meus olhos. Coloco minha mão trêmula na outra bochecha de Drago e prendo a respiração.

Keva está falando, mas suas palavras estão mudas, como se alguém tivesse tapado meus ouvidos. Com um puxão rápido, ela amarra o fio e o corta. — Mais uma.

Há um som estranho de batida na parte de trás da minha cabeça. É como se meu coração, de alguma forma, tivesse se deslocado para lá e agora estivesse batendo com o dobro da frequência normal.

Está doendo? Deve doer mesmo com o spray anestésico. Meu irmão fez isso? — Vou matá-lo, porra, — sussurro e passo as costas da minha mão na outra bochecha de Drago.

A agulha perfura a pele do meu marido novamente. Quero desviar o olhar, mas não consigo erguer os olhos. Keva puxa a linha e Drago estremece. É um movimento minúsculo de sua mandíbula, mas sinto a contração sob minha palma. Tudo diante de meus olhos se dissolve.

— Sienna?

Ouço a voz de Drago, mas está muito, muito longe.

— Sienna! Olhe para mim, querida. — Ele está gritando agora, mas seus gritos nunca estiveram tão distantes.

Tudo o que consigo ver é a névoa branca diante de mim, mas logo ela é substituída pela escuridão.

Drago

Os olhos de Sienna se arregalam, e eu a pego quando seu corpo se encosta ao meu.

— Sienna! — Eu a embalo gentilmente em meus braços, sacudindo-a levemente para despertar. — Por favor, querida.

Keva bate em meu antebraço. — Pare de sacudir a pobre garota. Ela acabou de desmaiar.

— O quê! Por quê? — Olho para o rosto pálido de minha esposa enquanto o pânico se instala em meu peito. — Estou chamando um médico.

— Não seja ridículo. Ela vai se recuperar em um minuto. Sente-se novamente para que eu possa colocar um curativo em seu ferimento.

— Vou levá-la para cima, — digo e saio da cozinha. Keva grita atrás de mim, algo sobre infecção, mas eu a ignoro.

Carrego Sienna até ao quarto, mas não consigo me obrigar a soltá-la. Em vez de colocá-la na cama, sento-me na beirada e continuo a segurá-la em meus braços. Sua cabeça está encostada em meu peito e suas bochechas já estão voltando a ficar coradas. Os olhos de Sienna se abrem, mas seu olhar permanece desfocado.

— Querida? — Eu a seguro com mais força. Ela consegue ouvir as batidas estrondosas do meu coração?

Ela murmura algo que não consigo decifrar.

— Você desmaiou, — eu digo e abaixo a cabeça, aproximando-me do rosto dela. — Não se atreva a fazer isso de novo.

Sienna pisca, depois diz outra coisa e estreita os olhos para mim. Eu não estava prestando atenção em seus lábios, mas acho que ouvi — Arturo, — então presumo que ela tenha perguntado sobre seu irmão.

— Ele está em uma situação um pouco pior do que a minha, mas sobreviverá, — eu digo e levo meus olhos à boca dela.

— Quem?

Que se dane. Eu não entendi direito. — O que você acabou de dizer?

— Eu disse que você não pode me pedir para não desmaiar.

Pedido. Arturo. Som muito parecido. Que merda. — Sim, eu posso. E eu estava falando do seu irmão.

Sienna coloca a palma da mão em minha bochecha não ferida. — O que você fez com meu irmão, Drago?

— Quebrei seu pulso. E talvez algumas costelas.

— O quê? — Ela se endireita e fica sentada ereta em meu colo. — Por causa de alguma besteira de negócios?

— Foi ele quem começou.

Ela levanta as sobrancelhas, toca meu lábio inferior com o dedo e começa a traçar a linha da minha boca em uma carícia de penas. — Arturo nunca atacaria ninguém a menos que fosse provocado. Você o provocou?

— Talvez um pouco. — Coloco seu dedo entre meus dentes e o mordisco.

— Ai. — Ela afasta a mão. — Para que foi isso?

— Por me assustar. — Eu caio de volta na cama, puxando-a comigo. — Chega de desmaios.

Sienna sorri ironicamente enquanto me abraça. — Vou dar o meu melhor.

— Ótimo. Tire. Blusa. Lentamente.

Ela começa a desabotoar a peça de seda. Verde-limão com estrelas douradas. Deveria ser uma peça de roupa, mas me lembra papel de presente. Coloco minhas mãos em sua cintura, depois as deslizo por sua caixa torácica até ao sutiã de renda verde.

— Onde você encontra essas coisas, Sienna?

— Nas lojas. — Ela joga a blusa no chão e abre o sutiã, deixando à mostra seus seios firmes e deliciosos.

Eu os aperto em minhas palmas e observo quando ela respira fundo. — Você está usando calcinha a combinar?

— Não tenho certeza. Por que você não verifica?

Passo as palmas das mãos pelo seu peito e barriga e agarro o elástico da cintura de sua saia. É transparente como um tutu de balé, mas dourada, a cor combinando com as estrelas em sua camisa. Com o máximo de cuidado que minhas mãos grandes permitem, eu a puxo para cima e sobre sua cabeça.

— Verde, também. — Sorrio e aperto a faixa na parte de trás de sua calcinha. E então, eu me levanto.

Sienna arqueia as costas, com a boca entreaberta em um gemido silencioso. Com minha mão livre, movo a tira rendada para enfiá-la entre os lábios de sua boceta. Mantendo meu polegar sobre o tecido para que ele não escorregue, puxo o cós mais uma vez.

Sienna abaixa a cabeça e se inclina para a frente. Suas respirações rápidas se espalham pelo meu rosto enquanto eu afrouxo a calcinha, apenas para puxá-la com ainda mais força no momento seguinte.

— Então, voltamos a ter uma relação? — Ela fala e agarra os dois lados da minha camisa e a puxa, arrancando vários botões. — Ou ainda estamos apenas transando?

Soltando sua calcinha, envolvo meu braço em torno de sua cintura e nos viro para que eu fique por cima. — Ainda não decidi.

Tiro minha camisa arruinada e o resto das minhas roupas, e o olhar de Sienna se fixa no meu enquanto ela coloca a mão entre as pernas. Não há visão mais sexy do que a de minha esposa, usando apenas calcinha verde e saltos dourados, brincando com sua boceta.

Eu me inclino para pegar sua calcinha, que está bloqueando minha visão, e a puxo para baixo de suas pernas.

— Mais afastadas, — exijo e vou para a poltrona reclinável ao lado da cama, absorvido por seus dedos delicados que provocam e massageiam seu clitóris. — Mais rápido, Sienna.

— Você vai ficar só olhando?

— Sim.

Ela morde o lábio e apressa seus movimentos. Sua respiração se acelera enquanto seus olhos procuram os meus novamente. Ela acrescenta a outra mão, fazendo círculos e beliscando. Meu pau, já tenso, endurece até ao granito, mas não faço nenhum movimento para tocá-lo enquanto a observo.

Já fiquei tão encantado com alguma coisa, com *alguém*, em minha vida? Eu deveria saber a resposta a essa pergunta, mas todos os pensamentos racionais desapareceram enquanto eu me concentrava em minha esposa sorridente. Eu deveria estar preocupado com isso, mas, novamente... a capacidade mental é inexistente. Parece que essa criaturinha estranha fritou todas as células cerebrais que eu tinha. Cada sorriso, cada par de sapatos idiota e vestido brilhante, e cada vez que ela disse meu nome, selaram meu destino.

Sienna arqueia as costas e seu corpo treme quando ela goza. Deixo a poltrona e subo sobre ela, posicionando-me entre suas pernas. Ela ainda está tremendo quando movo suas mãos e enfio meu pau em seu calor. Um som escapa de seus lábios. Ele rola sobre mim em um sopro de sua respiração. Um gemido. Posso ouvi-lo, mas não é suficiente. Quero ouvi-la gritar meu nome. Quero absorver cada ressonância que minha esposa faz enquanto eu a fodo.

Deslizando a palma da mão para cima, envolvo meus dedos em seu pescoço delicado e o aperto levemente. Não com força suficiente para machucá-la, apenas uma leve pressão para que eu possa sentir a vibração de suas cordas vocais.

— Diga meu nome, — ordeno, enquanto recuo e bato nela novamente.

— Drago, — ela sussurra. A maior parte do som se perde para mim. Não há vibrações para eu sentir.

— Nada de sussurros. — Enfio minha outra mão em seu cabelo, inclinando sua cabeça para cima enquanto a penetro. Ela está molhada, mas tão apertada, que cada investida ameaça me levar ao limite. — De novo.

Os tendões de seu pescoço se apertam sob a minha palma, enquanto ela joga a cabeça para trás e geme, enquanto sua boceta tem espasmos ao redor do meu corpo.

— Drago.

Desta vez, não é um sussurro, e eu o ouço claramente. Encaixo minha boca na dela, reivindicando esse som. Reivindico-a, com minha boca e minha semente, que irrompe dentro dela. Ela é minha e qualquer um que se atreva a tirá-la de mim, inclusive seu irmão, terá uma morte rápida e dolorosa.

Capítulo 17

Sienna

Acordo com um calor maravilhoso e, por um momento, me pergunto se há mais cobertores me cobrindo. Então, percebo que o calor está se infiltrando no grande corpo que envolve o meu. Minhas pálpebras se erguem, sentindo-me leve apesar da falta de descanso ininterrupto.

Ele me deixou ficar.

Não me atrevo a me mexer e correr o risco de acordar Drago. Talvez ele tenha adormecido e se esquecido de me levar de volta ao meu quarto? Não vou perder essa chance e vou gostar de ficar em seus braços o máximo de tempo possível.

O aperto em minha cintura se intensifica quando Drago me puxa para mais perto de seu corpo.

— Sabe, estou me perguntando uma coisa desde o início, — a voz de Drago vem de cima da minha cabeça. — Por que você também não pinta seu cabelo de cores malucas?

Sorrio e me viro para encará-lo. Não é fácil, considerando que ele está basicamente me mantendo colada à sua frente. De alguma forma, acabo com meu rosto colado em seu peito. Soltando uma de minhas pernas da dele, eu a coloco sobre sua cintura e subo em cima dele. Cruzo os braços sobre seu peito e apoio o queixo em minhas mãos.

— O marrom combina melhor com meu guarda-roupa, — digo, olhando em seus olhos. — Não posso ter cabelo rosa e usar laranja. O que as pessoas diriam?

— Se eles fossem sábios, manteriam a boca fechada.

— Ah? E se eles não forem sábios?

Ele pega uma mecha de meu cabelo e a enrola em seu dedo. — Então, eu mandaria meu assassino de estimação para calá-los. Indefinidamente.

— Por que você se incomodaria? Sou apenas um pequeno e velho eu. Duvido que o que as pessoas dizem valha tanto trabalho.

— Sempre há consequências para o que as pessoas dizem. Muitos foram crucificados ou morreram por causa de línguas soltas.

— O culpado ou o inocente?

— A morte não discrimina. Eu discrimino.

Com as pontas dos dedos, passo de leve a mão em sua bochecha, perto do corte. — Será que vou acabar pregada em uma parede também?

Drago solta o cabelo e passa os nós dos dedos pelo meu queixo. — Você definitivamente vai acabar presa à parede. Muitas vezes, *mila moya*.

— Mas sem unhas? — Eu sorrio.

Ele se inclina para a frente e deposita um beijo em meus lábios. — Não.

— Sinto muito, Drago, — sussurro em sua boca, depois me lembro de que ele não pode ouvir. Inclinando-me para longe, certifico-me de que ele possa ver meus lábios e repito. — Sinto muito por ter mentido para você. Não compartilhei nada importante com o Don, eu juro.

— Por que não?

Dou de ombros. — Simplesmente não me pareceu certo.

— Por quê?

— Porque eu gosto daqui. Gosto da Keva, das meninas, dos seus homens....

O maxilar de Drago se contrai. Ele agarra minha nuca e aperta.

— Você não tem permissão para gostar de meus homens, Sienna, — ele diz. — Nem de nenhum outro homem. Apenas eu.

— Isso é uma ordem?

— Sim.

— Você não é exatamente simpático, Drago, — eu digo e pressiono os lábios, tentando conter a vontade de rir. A expressão sombria em seu rosto é hilária. — Quero dizer, eu poderia tentar gostar de você se você parasse de fazer cara feia o tempo todo. Ou parasse de me acordar às seis e meia para correr com você.

Ele estreita os olhos para mim, mas não diz nada, então continuo: — Talvez você possa tentar me mimar com presentes. Mas não armas! Pense em sapatos, ou talvez uma bela jaqueta de cor neon. Ou mais daquelas lindas pedrinhas de cristal. Verde funcionaria muito bem como pedras de vidro marinho em meu aquário.

Ele afrouxa o aperto em meu pescoço e sua mão desliza lentamente pelas minhas costas e pela minha bunda, até chegar à minha boceta. Respiro fundo quando seu dedo provoca minha entrada.

— Flores também ajudariam. E também... — Eu ofego quando seu dedo desliza para dentro.

— Por favor, continue, estou tirando notas.

— Notas? — Eu gemo e pressiono meu rosto em seu peito. Minha respiração sai em rajadas curtas.

— Sim, ao cortejar minha esposa, — diz ele enquanto desliza outro dedo. — Mas talvez eu deva tentar outra coisa agora, já que não há nenhum sapato ou jaqueta por perto.

De repente, seu dedo se retira. Drago agarra minha cintura e me puxa para cima até que eu esteja agachada logo acima de sua cabeça, minha boceta chorando sobre sua boca perversa. Uma lambida longa e demorada, e eu me agarro à cabeceira da cama e pressiono a testa com as mãos. Sua língua me acaricia - lenta e metodicamente. Cada movimento é deliberado, mas carrega mais pressão,

fazendo com que a pulsação em meu âmago fique cada vez mais intensa. Mal estou conseguindo me controlar quando ele aperta as minhas nádegas e chupa meu clitóris.

Eu grito. Tremores percorrem meu corpo, fazendo meus membros tremerem enquanto ele suga cada vez mais forte. Meus olhos reviram e, com outro grito alto, eu gozo totalmente em seu rosto.

Sim, isso é definitivamente melhor do que flores.

* * *

— Onde está a arma que eu lhe dei?

Levanto lentamente minhas pálpebras cansadas e observo Drago enquanto ele abotoa a camisa e pega o coldre na poltrona reclinável. Ele fica lindo em um traje todo preto.

— Na gaveta da mesinha de cabeceira, — digo quando seu olhar se volta para mim. — No meu quarto.

— Não existe 'seu quarto', Sienna.

— Ah? Bem, posso estar dormindo aqui, mas todas as minhas coisas estão lá. Você me exilou, caso tenha se esquecido.

Drago range os dentes e me pega em seus braços. — Exilei suas três toneladas de roupas, — diz ele com uma voz áspera.

— Sim, claro. — Eu dou risada e coloco minha mão em seu cabelo. — Peça desculpas e estamos quites.

Ele me segura com mais força, mas permanece em silêncio, olhando para mim.

— Está bem, eu o ajudarei. Repita depois de mim. Sienna, desculpe-me por tê-la

jogado fora. E suas roupas bonitas.

— Não me arrependo de ter banido suas roupas, — ele murmura.

— E eu?

Os olhos apertados me penetram, e ele encosta sua boca na minha. — Sinto muito, — ele murmura em meus lábios.

— Pronto. Não foi tão difícil assim.

— E suas roupas estão aqui atrás.

— O quê? — Eu me contorço até que ele me abaixe no chão e corro para o armário. Quando o abro, vejo todas as minhas coisas arrumadas em prateleiras e cabides. As coisas de Drago estão todas escondidas, relegadas a dois míseros cubículos e um punhado de lugares no varão.

— Pedi a Jelena e a algumas outras garotas que as trouxessem aqui enquanto você ainda estava dormindo. Levei uma hora para colocar tudo dentro, — ele diz e passa o braço em volta da minha cintura. — Eu invejo sua espécie.

Inclino a cabeça para que ele possa me ver falar e levanto uma sobrancelha. — Minha espécie?

— Do tipo que poderia dormir durante um terremoto e um desastre nuclear combinados. Uma invasão alienígena também, provavelmente.

— Espero que não haja uma dessas. Se a casa for atacada quando eu estiver dormindo... — solto uma risada — ...acabarei morta antes de perceber o que está acontecendo.

Drago me vira de frente para ele, com seus olhos verdes me encarando. — Se houver um ataque à casa, você pode continuar dormindo, *mila moya*, — ele diz, — porque vou me certificar de que os bastardos estejam mortos bem antes de sequer pensarem em chegar perto de você.

Mordo meu lábio inferior enquanto mantenho o olhar dele. Ele realmente está

falando sério. — Está bem.

— Mas ainda quero que você ande com a arma quando sair de casa. Temos algumas coisas acontecendo amanhã à noite, e preciso saber que você está segura.

— Se isso o fizer se sentir melhor, eu o farei, mas não vai adiantar nada.

— Por que não? Pelo que vi, você é uma excelente atiradora.

Eu sorrio. — Quando estou mirando em jarros e alvos, com certeza. Mas eu nunca conseguiria atirar em uma pessoa, Drago.

— Você faria isso se sua vida dependesse disso.

Pego seu queixo entre meus dedos e inclino sua cabeça para o lado. Sua bochecha ainda está inchada e machucada, mas parece um pouco menos crua hoje.

— Eu nunca matei uma aranha. Eu simplesmente as deixo em paz. — Levantando-me na ponta dos pés, dou um beijo em seu queixo. — Você nunca me verá apontar uma arma e atirar em um homem.

Drago segura minha cintura com mais força, e meus pés se levantam do chão. Ele me levanta lentamente até que nossos rostos se alinhem.

— Se a decisão for entre você ou ele, Sienna, você vai atirar nele, — ele diz com os dentes cerrados. — Na cabeça ou no coração. E quantas vezes forem necessárias. Acene com a cabeça.

— Drago...

— Acene com a cabeça, Sienna!

Suspiro e aceno com a cabeça, mesmo sabendo que nunca seria capaz de matar um ser humano. Mesmo que isso signifique minha morte.

Drago

Inclino a cabeça e olho para a coisa em uma prateleira diante de mim. Parece uma criança feia nascida de botas e sandálias de salto alto. Não consigo acreditar que esse tipo de coisa exista, sem falar que é violeta e feito de um material parecido com couro. Meu telefone vibra com uma mensagem de texto que chega enquanto tento decidir onde alguém usaria um calçado como esse.

11:08 Iliya: Temos o cara da logística de Bogdan. Vou levá-lo para Naos.

Digito uma resposta rápida, ordenando que Iliya leve o romeno para o porão, e pego a estranha coisa violeta.

— Estes também, — digo para a vendedora da loja que está a alguns passos atrás de mim, segurando outros dois pares de sapatos extremamente feios.

Ao sair da loja, envio uma mensagem rápida para Keva para saber o que minha esposa está fazendo. Não gosto da ideia de deixá-la em casa se eu não estiver lá, mas não é como se eu pudesse trazê-la para uma sessão de tortura comigo. Terei que ser rápido.

A resposta de Keva chega e eu paro no meio do caminho quando olho para a tela. É uma foto da minha esposa agachada na grama em frente ao Zeus. Ela está amarrando um grande laço vermelho no pescoço dele. Os outros dois cães estão sentados de cada lado de Zeus, usando o mesmo enfeite.

11:16 Drago: Diga a ela para tirar essa porcaria dos meus cachorros. Agora mesmo.

11:18 Keva: Por quê? Eles ficam bonitinhos.

11:18 Drago: Esses cães são treinados para combate. Eles não são poodles.

11:20 Keva: Eles não parecem se importar. Mas se você se importar, sinta-se à vontade para lhe dizer.

11:21 Drago: Estou lhe dizendo para fazer isso.

11:23 Keva: Porque você não consegue dizer 'não' para sua esposa?

Praguejo e coloco o telefone de volta no bolso.

* * *

Mircea, o homem da logística dos romenos, está sentado no chão, atrás das caixas de vinho no porão. Iliya está de guarda por perto, com sua arma apontada para a cabeça do homem.

— Desamarre suas mãos e traga-o até aqui. — Aceno com a cabeça em direção à mesa no canto. Tenho um mapa espalhado em cima dela.

O romeno se debate enquanto Iliya o arrasta pela sala. Quando chegam à mesa, Iliya o empurra para uma cadeira e corta o zíper que prende seus pulsos.

— Canhoto ou destro? — Eu pergunto.

O cara pisca para mim estupidamente, depois olha em volta, provavelmente procurando uma possível rota de fuga.

— Bem, parece que vou ter que adivinhar. — Pego a faca que Iliya me estende.

Agarrando o pulso esquerdo do homem, bato sua palma contra a mesa e enfio a lâmina nas costas de sua mão, prendendo-o à superfície de madeira. Ele grita, olhando para o sangue que se acumula ao redor da faca. Ignorando seu lamento,

coloco o marcador permanente diante dele sobre a mesa.

— Preciso que indique a rota exata do caminhão, o destino final e os locais de qualquer parada planejada antes de a carga chegar lá. Também quero os horários.

Quando ele não responde, eu o puxo de volta, puxando seu cabelo e o encaro. — Você vai começar a perder um dedo a cada segundo que ficar em silêncio. Sou um homem ocupado, Mircea. Tudo o que posso fazer é dar cinco para você. Acho que você não vai querer descobrir o que acontece quando o tempo acabar, mas posso garantir que você estará segurando essa caneta na porra da boca, e ainda assim vou conseguir o que preciso de você.

O romeno acena com a cabeça, pega o marcador com dedos trêmulos e desenha dois Xs vacilantes no mapa.

— O que é isso? — pergunto, apontando para a primeira marca.

— As placas são trocadas antes de chegarem à estação de pesagem.

Pego meu celular e verifico a localização no mapa. É uma grande parada de caminhões com um posto de gasolina e um restaurante. Muito movimentado para um ataque.

— Que lugar é esse? — Aponto para o local de destino. Não é um dos dois locais fornecidos pelo cara que pegamos em nosso depósito.

— Uma fábrica de papel abandonada, — ele se engasga.

— Segurança?

— Quatro pessoas. Armadas. Mais duas no portão.

— Seus homens ou pessoal contratado?

— Mercenários.

Aceno com a cabeça e olho para Iliya. — Ligue para Filip e diga que houve uma mudança de planos. Esperaremos até que o caminhão chegue ao destino e os atacaremos lá.

— De quantas pessoas você precisa?

— Vou até lá dar uma olhada no prédio. Assim que tiver uma ideia melhor, eu lhe aviso. Peça a alguém que pegue o corpo que guardamos na geladeira e leve-o para lá amanhã.

Quando Iliya pega o celular para fazer a ligação, eu me volto para Mircea, que está olhando para sua mão ensanguentada com os olhos arregalados.

— Onde seu chefe está se escondendo? — Eu pergunto.

— Eu não sei. Juro que não sei. — Ele choraminga.

— Que pena. — Pego minha arma. — Cabeça ou coração?

Os olhos do homem se arregalam, quase saindo de suas órbitas, e, por alguns segundos, ele simplesmente me encara. Então, ele pula da cadeira e começa a tirar a faca alojada de sua mão.

— É a cabeça. — Eu engatilho a arma, encosto-a em sua têmpora e puxo o gatilho. Mircea se sacode e seu corpo cai para a frente.

— Isso é pelo nosso motorista.

Capítulo 18

Sienna

Algo estranho está acontecendo.

Meus olhos percorrem as pessoas sentadas ao redor da mesa de jantar. Todos estão em silêncio, concentrados apenas em seu almoço. Não há conversas, nem risadas. Isso nunca acontece. A hora das refeições é sempre uma cacofonia de atividades, tornando impossível ouvir seus próprios pensamentos em meio a todo o barulho. Neste momento, aposto que eu poderia ouvir um alfinete cair. Além da bagunça ocasional de utensílios, os únicos sons que rompem a quietude sufocante da sala são as vozes dos guardas de segurança que chegam pelo rádio bidirecional que Mirko colocou na mesa à sua frente. Ele está carregando essa coisa com ele desde a manhã de hoje.

— Portão - tudo limpo.

— Parede sul - tudo limpo.

— Ponto de controle A - tudo limpo.

— Naos - tudo limpo.

Keva se aproxima de Mirko e coloca um prato de comida na frente dele. Ele começa a comer sem fazer uma única reclamação. Definitivamente, não é normal. Mirko sempre reclama da dieta de baixo colesterol que Keva lhe impõe, mas agora não diz uma palavra sobre o fato de lhe servirem frango grelhado em vez de costeletas de porco, como o resto de nós.

Olho para a cadeira vazia à minha esquerda. Drago passou a maior parte do dia fora ontem e voltou para casa bem depois da meia-noite. Fiquei esperando por horas, sem conseguir dormir. As imagens daquele porco teimoso - machucado ou

pior - inundaram minha mente. Minhas mãos estavam tremendo. Começou como um pequeno tremor em meus dedos, mas, com o passar do tempo, piorou. Quando a porta do quarto finalmente se abriu e ele entrou, eu queria correr e pular em seus braços, abraçá-lo o mais forte que pudesse para me assegurar de que ele estava seguro. Não o fiz, porque isso significaria que eu me importava. Isso significaria ceder a esses sentimentos perigosos que estão se formando dentro de mim há algum tempo. Então, fiquei na cama, fingi que estava dormindo. Aqueles sentimentos que ameaçavam explodir em meu peito? Eu os empurrei para baixo. Empurrei-os para baixo, para o fundo, enterrando-os para que não pudessem sair.

O grito furioso de uma mulher explode no saguão, tirando-me de meus pensamentos. Todas as cabeças se voltam para aquela direção, mas ninguém se mexe. Olho para Jelena, que está segurando um garfo no ar, a meio caminho de sua boca.

— Drago foi buscar Tara, — ela murmura. — Acho que ela não está feliz.

A gritaria continua. Levanto-me e corro para a sala de jantar. Quando chego ao saguão, encontro Drago indo em direção à escada, segurando uma mulher de cabelos pretos gritando sobre seu ombro como um bombeiro. Ela está batendo em suas costas com os punhos, mas ele parece não perceber. Ele a abaixa no pé da escada e late algo que não consigo captar.

— Não dou a mínima, — ela diz em sérvio e me fixa com o olhar. — Não vou passar um minuto sequer na mesma casa que ela.

Drago olha para mim por cima do ombro.

— Puta italiana, — Tara vocifera para mim em inglês.

Fico tensa. Mesmo sabendo que ela tem todo o direito de me odiar, isso dói. Eu me obrigo a sorrir enquanto mantenho contato visual. — Olá.

Drago estreita os olhos para mim, concentrando-se em meus lábios. O inferior

está tremendo um pouco, então eu o coloco entre os dentes.

— O que você disse à minha esposa, Tara? — ele pergunta em um tom calmo, mas posso ver a veia pulsante em seu pescoço.

Dou um passo à frente e coloco minha mão em seu antebraço, fazendo com que meu sorriso se amplie. — Ela não disse nada.

— Já estabelecemos que seu fingimento não funciona comigo, Sienna. — Ele passa o braço em volta da minha cintura e me puxa para junto de seu corpo. — Ela disse algo que a magoou. Ninguém tem permissão para fazer isso. Nem mesmo minha irmã.

Tara bufa, com a irritação estampada em seu rosto. Ela se encosta no corrimão e cruza os braços enquanto seu olhar glacial se volta para o irmão.

— Não foi nada, Drago. — Aperto seu braço levemente. — Eu juro.

Ele procura meus olhos e cerra o maxilar. — Vá para seu quarto. Não quero vê-la até que peça desculpas à minha esposa. Agora, Tara.

Tara se vira e sobe as escadas correndo.

— Você está exagerando, — murmuro.

— Tara precisa aprender a demonstrar respeito. Ela não precisa gostar de você, mas deve se lembrar de que você é minha esposa. Especialmente enquanto ela estiver sob nosso teto.

Minha respiração fica presa. Ele disse *nosso*. Não *meu*. Estendo a mão e passo meus dedos em seu queixo. — O que está acontecendo, Drago? A segurança extra. Trazer sua irmã para cá. Eu vi caras carregando caixas de munição para o depósito.

— Vamos interceptar o carregamento de armas dos romenos hoje à noite e explodir dois de seus locais de armazenamento.

— O quê? — Aperto seu queixo e puxo sua cabeça para baixo. — Você perdeu a

porra da cabeça?

— Isso não pode ser evitado, Sienna. Mas não se preocupe, você estará segura.

Fico olhando para ele. Esta casa é uma maldita fortaleza. É claro que vou estar segura. Mas e quanto a ele? Ele vai estar lá fora, jogando os malditos jogos de guerra com a segunda maior organização criminosa de Nova York! Ele vai se machucar.

— Sienna? — Ele puxa minha cintura, apertando o abraço, mas estou entrando em uma espiral de um vazio sem fundo e não consigo voltar à realidade.

De repente, sinto frio. Minhas mãos estão úmidas e a dormência está se instalando em mim porque sei o que está por vir.

Alguém entrará em meu quarto no meio da noite. Vão dizer que algo ruim aconteceu e que eu preciso ser forte. Assim como Arturo fez quando nossos pais foram mortos. Assim como quando Nino veio me dizer que encontraram as coisas de Asya na neve enquanto meu irmão procurava por ela na cidade. Não posso fazer isso de novo. Não posso.

— Sienna. — Drago agora está segurando meus ombros. — Querida, você está bem?

Pressiono as palmas das mãos em seu peito e o empurro. Instantaneamente, suas mãos me soltam, giro e subo as escadas correndo. Posso ouvi-lo me chamando, mas continuo correndo até chegar ao quarto andar e parar no patamar. Minha respiração é superficial e rápida, e minhas mãos estão tremendo. Não posso entrar em nosso quarto. Há muito de sua presença lá, mesmo quando ele não está fisicamente no quarto. Viro-me na direção oposta e fujo para a terceira porta à direita. É um dos quartos que está desocupado. Entretanto, quando entro e me encosto na parte de trás da porta, encontro a irmã de Drago deitada na cama.

— O que diabos você está fazendo no meu quarto? — ela esbraveja. — Dê o fora daqui.

— Sienna! — A voz de Drago chega até mim de algum lugar no corredor.

Eu me afasto da porta, corro em direção à cama e me arrasto rapidamente para baixo dela. O som de passos pesados ecoa pelo chão. As portas são abertas e depois fechadas novamente. Os passos apressados se aproximam. Alguns momentos depois, a porta de Tara se abre. Inclino a cabeça para o lado e vejo os pés de Drago pela fresta sob a franja da colcha.

— Sienna está aqui? — A voz do meu marido enche o quarto.

Fecho os olhos. Que merda. Achei que ele não me procuraria aqui. Tara vai me denunciar a qualquer momento.

— O que sua esposa estaria fazendo no meu quarto?

Meus olhos se abrem. Há um fluxo de xingamentos sérvios e a porta se fecha com força.

Minutos se estendem em silêncio antes que Tara fale. — Quanto tempo você pretende ficar debaixo da minha cama?

— Não tenho certeza.

A estrutura da cama range acima de mim. Uma mão agarra a bainha da colcha, puxando-a para cima, e o rosto de Tara se materializa diante do meu.

— Perguntei a Keva sobre você, — diz ela, olhando para mim de cabeça para baixo. — Ela disse que você é um vulcão de felicidade. Sempre alegre e sorridente. Você não parece muito alegre para mim.

— Vá se foder, Tara.

Ela enruga o nariz, com um pouco de zombaria tomando conta de seu rosto. — Ela também disse que você é muito legal. Acho que ela também não entendeu essa parte.

— Não vou ser gentil com alguém que me chamou de vadia.

— É justo. — Ela dá de ombros, seu cabelo balançando com o movimento. —

Então, o que meu irmão fez? Ele ameaçou trancá-la em seu quarto também?

— Não, — digo, olhando para a moldura de madeira logo acima da minha cabeça. — Ele está apenas trabalhando para ser morto.

— E por que você se importa? Você só se casou com ele porque seu Don lhe ordenou.

— Eu não me importo.

— Ah, sim? Por que está chorando, então?

— É a poeira, — murmuro e tento levantar o braço para limpar os olhos, mas não há espaço suficiente.

— Claro.

O som dos passos e de Drago chamando meu nome ainda ecoam pelo corredor, mas estão desaparecendo. Ele provavelmente foi para o andar de baixo.

— Acho que ele já foi embora. Você pode sair agora.

— Estou muito bem aqui, obrigada, — eu digo.

Tara arregala os olhos para mim e bufa. — Chegue para lá.

Observo, confusa, ela se deitar no chão e deslizar para baixo da cama, ao meu lado.

— Desculpe-me por tê-la chamado de vadia, — murmura Tara.

— Sinto muito que a Cosa Nostra tenha matado seu namorado.

Ficamos em silêncio por um momento. Pouco antes de começar a ficar estranho, Tara respira fundo. — Ele estava me traindo. Terminamos uma semana antes de ele morrer, mas eu não contei a Drago.

Inclino a cabeça para o lado para olhar para ela. — Por que não?

— Porque eu não queria que ele soubesse que eu também fracassei nisso.

— Fracassou? O cara te traiu.

— Eu também o traí. — Ela dá de ombros. — É como se eu não conseguisse fazer nada certo. Drago salvou a irmã errada.

— O que você quer dizer com isso?

Tara fecha os olhos. — Quando a bomba explodiu em nossa casa, Drago estava no andar de baixo. Minha irmã gêmea e eu estávamos dormindo em nosso quarto, que ficava no segundo andar.

Eu respiro fundo. Sua *irmã gêmea*?

— Drago se machucou durante a explosão, mas ainda assim conseguiu chegar até nós, mesmo com o fogo em volta, — continua Tara, com a voz trêmula. — No entanto, ele não conseguiu carregar nós duas ao mesmo tempo. Lembro que eu estava gritando, e provavelmente foi por isso que ele me tirou primeiro. Depois, ele voltou para dentro para pegar a Dina.

— O que aconteceu? — Pergunto, tentando conter as lágrimas e não conseguindo.

— Tínhamos um grande tanque de propano do lado de fora, usado em nosso fogão a gás. Quando o fogo da explosão inicial se espalhou, ele explodiu. Drago sobreviveu. Por pouco. Dina não. Ela inalou muita fumaça. Eles não puderam salvá-la. — Ela faz uma pausa e funga. — Drago ainda se culpa. Ele quase foi queimado vivo ao tentar proteger Dina com seu corpo até que os bombeiros chegassem até eles, mas ele ainda acredita que a culpa é dele.

Meu Deus. Não consigo nem imaginar como foi para nenhum deles.

— Ele costumava resmungar por estar preso a duas irmãs mais novas, mas a verdade é que ele era o melhor irmão mais velho que alguém poderia desejar, — continua ela com a voz trêmula. — Costumava nos chamar de *açúcar* e *pimenta*[11] porque Dina era tão doce e eu... nem tanto.

Eu mexo minha mão um pouco para o lado e entrelaço meus dedos nos de Tara, apertando. — Sinto muito.

Ela olha para nossas mãos unidas. — Eu não dou a mínima para o fato de você ser da Cosa Nostra, sabe. Eu só estava com medo de que você fosse roubar meu irmão de mim de alguma forma.

— Tara, eu gostaria...

— Eu sei, — ela me interrompe e sorri. — Você realmente colocou fitas de seda nos cachorros de Drago?

— Sim. — Eu sorrio.

Tara pisca para mim e ri. — Acho que vou me mudar de volta para a mansão, afinal de contas.

— Eu gostaria disso.

— Agora, fale. — Ela aperta minha mão. — Por que está se escondendo de Drago debaixo da minha cama?

— Por nada. — Volto a olhar para as tábuas de madeira da cama acima de mim.

Os gritos de Drago e as batidas de vários pés ainda podem ser ouvidos de algum lugar dentro da casa. Sei que meu comportamento é idiota, mas não consigo me obrigar a ir até lá e enfrentá-lo. Tenho medo de desmoronar e implorar para que ele não vá.

— Sienna?

— O quê? — Eu me engasgo.

— Você está chorando de novo. Você é alérgica a poeira?

Fecho os olhos e murmuro. — Sim.

Drago

Bato a última porta do segundo andar e olho para o corredor. Onde diabos está

aquela mulher? Verifiquei todos os cômodos da casa e é como se ela tivesse desaparecido da face da Terra. Pego meu celular e ligo para Relja.

— Traga-me o Zeus, — grunhi ao telefone assim que vi que a ligação havia sido feita e subo as escadas.

Assim que chego ao patamar do quarto andar, a porta do quarto de Tara se abre e minha esposa sai de fininho. Uma expressão estranha se espalha em seu rosto quando ela me vê, mas é rapidamente substituída por um sorriso.

— Oh, Drago, você estava procurando por mim? — ela diz ao se aproximar. — Achei que tinha ouvido você chamar meu nome.

Meus olhos captam os dela e dou um passo à frente.

Sienna dá um passo para trás, ainda sorrindo. — Drago?

Avanço mais um passo, e mais um, até que ela esteja presa contra a parede. Sua máscara está no lugar, mas seus olhos estão vermelhos. Acho que não conheço ninguém que se esforce tanto para esconder seus verdadeiros sentimentos. Apoiando as palmas das mãos em cada lado de sua cabeça, inclino-me em sua direção até que nossos narizes se toquem. — Pare.

Ela levanta uma sobrancelha. — Parar o quê?

— De fingir. Isso pode funcionar com outras pessoas, *mila*, mas não comigo. — Eu pego seu queixo. — Estou vendo você, Sienna.

O sorriso falso desaparece. Ela pisca, e uma lágrima rola por sua bochecha. Um rosnado baixo emana de algum lugar atrás de mim.

Olho por cima do ombro e encontro meu cachorro a alguns metros atrás de mim, com os dentes arreganhados e os olhos fixos em minha mão. — Sério, Zeus?

Ele rosna novamente.

Sienna usa a situação a seu favor, abaixa-se sob meu braço e corre pelo corredor. Parando em frente ao nosso quarto, ela dá uma olhada rápida para mim e pisca.

— Divirta-se hoje à noite!

A porta se fecha em seu rastro. Zeus trota em direção a ela e se senta, impedindo a entrada. Em guarda.

— Traidor. — Sacudo a cabeça e me viro para Relja, cujos olhos estão alternando entre mim e o cachorro. — Certifique-se de que ninguém tente entrar em meu quarto, ou acabarão com membros faltando.

Ele acena com a cabeça.

* * *

— Está tudo pronto? — Pergunto enquanto coloco meu coldre.

— Sim, — diz Filip. — Adam tem equipes em posição perto dos dois armazéns de Bogdan. Elas estarão esperando nosso sinal.

— O cara da geladeira?

— No porta-malas de Iliya.

— Ótimo. Vamos lá.

Saímos da casa e nos dirigimos ao SUV estacionado na entrada da garagem. Iliya e dois outros homens estão esperando no segundo veículo. Abro a porta do motorista, mas antes de entrar, olho para a janela do meu quarto. É fácil identificá-la, pois é a única iluminada no quarto andar no momento. Sienna está de pé atrás da cortina, olhando para mim. Ela não sai do quarto desde a tarde de hoje. Tentei entrar há vinte minutos, mas *meu* cachorro quase mordeu minha mão quando tentei abrir a maçaneta.

— O que vou fazer com você, *mila moya*? — murmuro para mim mesmo e pego o volante.

* * *

A fábrica de papel fica a duas horas de distância, portanto, só chegaremos lá bem depois da meia-noite. Estaciono junto à cerca, ao lado de um pequeno prédio de serviços, e Iliya estaciona atrás de mim. O portão que dá acesso ao pátio da fábrica fica a cem metros de distância, em uma esquina. Saio do SUV e dou uma olhada no meu celular. Há cinco pontos vermelhos pulsantes na tela, marcando a localização de cada um dos nossos veículos. Dois deles estão em movimento - os carros de Jovan e Relja seguindo a caminhonete de Bogdan. Eles estão a cerca de doze minutos de distância.

— Aproveitaremos a oportunidade quando o portão se abrir para deixar o caminhão passar, — digo aos homens reunidos ao meu redor. — Filip e eu cuidaremos dos guardas no portão. Iliya, você e Milo cuidarão do motorista e darão a volta no caminhão. Depois, sigam para o armazém ao norte, mas evitem as estradas principais. Não quero que isso apareça em nenhuma das câmeras de trânsito. Vanja, siga-os em meu SUV. Amanhã, verei se os russos estão interessados em tirar a carga de nossas mãos.

— E o pessoal da segurança dentro da fábrica? — pergunta Filip.

— Tanto Jovan quanto Relja têm uma equipe de três homens com eles, eles podem lidar com os mercenários. Assim que Iliya der meia-volta com o caminhão, eles entrarão no veículo e irão diretamente para a entrada da fábrica. Dali em diante, é tudo uma questão de força bruta e poder de fogo. Adam está de vigia na estrada, mas pode dar apoio se necessário. — Tiro minha arma e a engatilho. — Não podemos esconder nossa aproximação. Há câmeras na portaria, então eles nos verão chegando. Não leve um tiro.

A primeira parte do plano ocorre sem problemas. Assim que o portão desliza para o lado, Filip e eu usamos o caminhão como cobertura e nos aproximamos da porta na parte de trás da portaria. Cada um de nós mata um guarda de

segurança. Quando voltamos para o caminhão, um dos meus homens já estava arrastando o corpo do motorista do caminhão. Iliya sobe na cabine e dá ré no caminhão. No momento em que o portão está desobstruído, dois carros passam por nós em direção ao prédio da fábrica. Uma grande porta de carregamento de metal na frente da estrutura começa a deslizar para o lado. As balas caem sobre os veículos de Jovan e Relja antes que a porta da fábrica esteja meio aberta, tornando evidente que há mais homens do que esperávamos lá dentro.

— Droga! — Saio em direção ao tiroteio, mantendo-me na beira da estrada e longe da linha de tiro, com Filip em meus calcanhares.

A segurança de Bogdan parece estar concentrada na equipe de Jovan. Os caras estão respondendo ao fogo de trás dos carros que estão usando como cobertura do outro lado do pátio. Quando estou perto o suficiente e tenho um bom ângulo para ver alguns dos bandidos, paro e atiro. Filip se agacha ao meu lado e dispara contra o filho da puta que estava mantendo nossos homens presos na janela do segundo andar da fábrica. Acima dos estalos e rachaduras das balas voando, o rugido de um motor vindo atrás de nós está se aproximando. Alguns momentos depois, Adam passa por nós em sua moto, indo em direção à porta da fábrica. Paramos de atirar enquanto ele faz uma curva fechada e joga uma bomba de fumaça na entrada. A névoa branca preenche a porta e segue seu caminho para dentro da instalação.

É difícil ver os alvos com toda a fumaça ao redor, então espero até que comece a clarear e atiro assim que a forma de uma pessoa se torna visível. Jovan e o resto dos rapazes avançam e também voltam a atirar. Demora alguns minutos para a fumaça se dissipar completamente e, quando isso acontece, sete corpos estão espalhados pelo chão em um rio de sangue.

— Alguém vá buscar o carro de Iliya, — eu grito e me viro para Adam, que está verificando um dos mortos. — Armazéns?

— Já está queimando. Eu dei a ordem no momento em que terminamos com o

caminhão.

— Perfeito. Vamos deixar a mensagem para Bogdan.

Dez minutos depois, entramos nos carros e voltamos para casa, deixando o corpo nu do cara da geladeira amarrado ao grande portão de ferro. Um sinal de uma cruz gravado na carne de seu peito.

Sienna

Trinta minutos antes

— Ele me comprou sapatos, você sabe. — Puxo o suéter ao meu redor com mais força. — Encontrei as sacolas esta tarde. Três pares. Ele os escondeu no fundo do armário, embaixo de uma pilha de jeans.

Zeus inclina a cabeça para o lado e me olha.

— É claro que são para mim. Dois pares têm saltos cobertos de strass e o terceiro é violeta com laços de seda prateados. Eu estava brincando quando disse que ele precisava me comprar presentes, e ele sabe muito bem disso. Ele os comprou mesmo assim.

Olho para a entrada da garagem visível da janela. Dois dos homens de Drago estão parados na garagem, fumando. Ambos têm rifles automáticos nas costas, e Perun e Júpiter estão com eles. Mais atrás, na vegetação ao redor da casa, há outro grupo de três, e outros estão fazendo rondas ao longo do muro que circunda a propriedade. Pelo que vi quando levei Zeus para passear, há pelo menos vinte homens de guarda dentro do perímetro. É provável que haja mais do lado de fora.

— Ele deveria ter levado mais homens com ele, — continuo meu diálogo

unilateral com o cão. — Quando perguntei a Keva por que ele deixou tantos homens aqui em vez de levá-los, ela disse que Drago não queria correr o risco de deixar a casa desprotegida. Há muros de concreto de quase quatro metros ao redor do complexo, pelo amor de Deus!

Balançando a cabeça, eu me afasto da janela. — Ele sempre foi tão cabeça-dura?

Zeus endireita suas orelhas.

— Sim, aposto que sim.

Meus olhos se voltam para o telefone em minha mão. Estou agarrada a ele desde o momento em que Drago saiu com seus homens. Já se passaram horas. As bordas do maldito aparelho estão gravadas na palma da minha mão de tanto apertá-lo, esperando que Drago me envie uma mensagem de volta. Mas ele não responde. E eu fico agonizando e me preocupando se ele está bem.

Por que ele faria isso se ontem mesmo eu lhe disse que não gostava dele? Então, em vez disso, mandei uma mensagem para ele. Oito vezes. Não recebi nenhuma resposta. Então, pensei em ligar para ele. Mas seria inútil, já que ele não conseguiria me ouvir claramente, mas o som de sua voz me daria a certeza de que ele está vivo. No final, decidi não ligar porque não queria distraí-lo de... do que quer que eles estivessem fazendo.

— Não aguento mais isso, — sussurro e saio correndo do quarto.

A casa está estranhamente silenciosa. O baque de meus pés e o estalar das unhas de Zeus são os únicos sons que ecoam pelos corredores enquanto desço rapidamente três lances de escada. Quando chego ao andar térreo, viro à esquerda e vou para a ala leste, parando na última porta. É o quarto onde Mirko passa a maior parte do tempo. Minha mão está tremendo quando agarro a maçaneta e entro.

Mirko está sentado em uma mesa coberta de vários equipamentos eletrônicos, com teclados, fios e cabos de energia passando por todos os lados. Seis grandes

monitores que mostram as imagens das câmeras de todo o local estão montados na parede à sua frente. Seu rádio bidirecional foi colocado no pouco espaço que resta na mesa. A conversa das pessoas pelas ondas de rádio está chegando em alto e bom som.

— Sienna? — A voz de Keva vem da minha direita.

Eu me viro e a encontro sentada em um sofá que foi empurrado para perto de uma parede. Ela está segurando uma grande caneca nas mãos, com o vapor subindo pela borda. Tara está aconchegada ao lado de Keva, com as pernas enfiadas embaixo dela.

— Vocês vão dar uma festa tarde da noite? — Eu me obrigo a sorrir.

Keva inclina a cabeça para o lado, lançando-me um olhar pontudo. Seus olhos se voltam para os meus quadris, e eu solto a bainha do meu suéter, com a qual estava mexendo, e escondo as duas mãos atrás das costas para que ela não perceba o tremor.

— Ele vai ficar bem, Sienna, — diz ela em uma voz calma.

— Ah, eu sei. — Dou de ombros e coloco minha mão no pescoço de Zeus.

— Você pode se juntar a nós, se quiser.

O som de tiros explode de um dos rádios. Eu fico paralisada.

— E ouvir as pessoas se matando? — Eu rio. — Não, obrigada. Vou dormir agora. A falta de sono não é boa para a saúde da pele. Vejo vocês amanhã.

Eu me viro e saio da sala, fechando a porta atrás de mim. Apesar da barreira, o barulho do tiroteio é alto e claro, e cada batida reverbera em meu peito. Corro pelo corredor e atravesso o saguão em direção à porta da frente, enquanto Zeus segue atrás de mim. Quando irrompo do lado de fora, o guarda de plantão na frente da casa olha para mim com surpresa.

— Vou levar Zeus para fazer xixi, — digo e saio em direção ao terreno à esquerda.

Corro ao redor da ala leste da mansão até chegar à última janela desse lado da casa, depois me espremo atrás dos arbustos que crescem embaixo dela. A luz entra pela janela aberta, e há sons. Gritos. Tiros. Posso ouvir tudo pelo rádio no escritório de Mirko. Encostando minhas costas na parede externa fria, fecho os olhos.

Minha mente está girando, com uma avalanche de pensamentos sobre Drago coberto de sangue. Oprimida, eu me inclino para a frente e me balanço para a frente e para trás, enquanto minhas entranhas se fecham em nós. Não percebo que mastiguei minhas unhas até que não reste nada delas. Quase as massacrei antes, quando estava esperando Drago responder às minhas mensagens, e agora terminei o trabalho. Não é bonito, mas ajuda a conter a vontade de gritar.

De repente, Mirko começa a gritar. Estou perturbada demais para entender tudo o que ele está dizendo, mas percebo o nome de Adam e algo sobre o número de seguranças ser maior do que o esperado. O rádio emite um som de tiroteio, não apenas vários tiros como antes, mas um conflito generalizado. O terror que estava se formando no fundo do meu estômago aumenta, espalhando-se por todo o meu corpo. Não consigo respirar. Parece que estou sendo atacada por um animal selvagem. Ele está arranhando meu peito, cada tiro retumbante é um corte em minha carne com garras ferozes.

Enterro o rosto entre os joelhos e pressiono as palmas das mãos sobre as orelhas com toda a força possível. Eu deveria ter feito alguma coisa. Qualquer coisa. Talvez, se eu dissesse a Drago que tenho pavor de que algo ruim aconteça com ele, ele teria ficado aqui, mas não consegui fazer com que as palavras saíssem da minha boca. Eu estava com muito medo de confessar o quanto estou preocupada com ele.

Algo molhado roça a parte de trás da minha palma. Levanto a cabeça e vejo Zeus em pé na minha frente.

— Ele não vai morrer, vai? — Eu me engasgo.

O cão se inclina para a frente, com seus grandes olhos escuros me encarando com uma pergunta própria. É como se ele estivesse me perguntando: — Por que você se importa?

— Não me importo, — murmuro e arranco as folhas vermelhas brilhantes da sarça ardente ao meu lado, deixando o galho sem suas belas cores. E depois outra. E mais outra. Os vermelhos vibrantes que sempre me trouxeram alegria quando eu brincava ao ar livre com os cachorros agora estão zombando de mim. Lembrando-me de meus pensamentos de pesadelo.

Drago.

Sangue.

Morte.

Não consigo parar. Continuo arrancando as folhas com todo o vigor que gostaria de usar para silenciar os tiros que ainda soam da janela aberta de Mirko. Meus dedos estão com cãibras e as palmas das mãos estão ásperas de tanto puxar os galhos do arbusto, mas não paro até que não reste uma única folha vermelha ao alcance dos braços. Os galhos baixos do arbusto estão arrancados, muitos quebrados. Mas a ruína que causei é um resultado fútil de minha raiva impotente.

Gostaria de poder arrancar os sentimentos que tenho por meu marido tão facilmente quanto as folhas. Bastava arrancá-los e jogá-los fora.

As pessoas dizem que amar alguém é o sentimento mais incrível que existe. Mas não é. É absolutamente o pior. Quanto mais você ama a pessoa, mais vai doer quando ela se for.

Os sons ensurdecedores do tiroteio cessam de repente. Olho para cima e vejo Keva fechando a janela acima da minha cabeça, cortando a transmissão do rádio. De certa forma, é mais fácil assim, sem ouvir o que está acontecendo.

Zeus dá um passo hesitante em minha direção e cutuca meu ombro com o nariz.

Ele esteve me observando enquanto eu perdia a cabeça esse tempo todo e não interferiu. Envolvo seu pescoço com o braço e fico olhando para a destruição a meus pés.

* * *

O barulho de veículos se aproximando me tira de meus pensamentos. Vários carros e o rugido distinto de uma motocicleta preenchem a quietude da noite. Os homens estão de volta. Eu deveria correr e ver se Drago está bem, mas não consigo me mexer. Minha ideia tola é que, se eu ficar escondida, as más notícias não poderão me encontrar. Será que voltei a ser uma criança ingênua que cobre o rosto com as mãos, acreditando que o bicho-papão não virá?

— Três horas atrás? — A voz de Drago chega até mim. — Se ela não for encontrada nos próximos cinco minutos, vou estripar alguém! Sienna!

Respiro fundo. Ele está bem. Muito irritado, a julgar por toda a gritaria, mas está bem.

Rastejando por baixo dos galhos da sarça ardente, saio do meu esconderijo e corro pelo gramado em direção à frente da casa. Minhas mãos e calças estão manchadas de terra e vegetação, e tenho certeza de que também tenho alguns galhos e folhas no cabelo.

Drago está no meio da entrada da garagem, segurando o guarda por quem passei anteriormente pela frente da camisa e gritando na cara do homem. Ele me percebe quando me aproximo e empurra o homem para longe. A luz ambiente incide sobre seu rosto, revelando cada linha nítida. Seu maxilar está cerrado, as narinas dilatadas, enquanto ele me encara com olhos estreitos. Ele parece pronto para me estrangular. Fico imóvel enquanto ele se aproxima. Seus passos longos, porém lentos, consomem o chão até que seu peito quase bate no meu rosto.

— Que porra você está fazendo lá fora no meio da noite? — Sua voz é baixa e estranhamente firme. Uma calma antes da tempestade.

Levanto as mãos e as pressiono contra seu peito e, em seguida, deslizo lentamente as palmas das mãos por seu abdômen rígido como uma rocha. Quando termino de passar pela frente de seu tronco, levo meus dedos pelos braços até aos ombros e desço novamente do outro lado, verificando cada parte dele. Não há lesões. Suas costas são as próximas. Pressiono a testa sobre o esterno e deslizo as mãos por baixo da jaqueta. Nada na parte inferior de suas costas. Deslizo as palmas das mãos para cima e sobre suas omoplatas, certificando-me de não perder nenhum ponto. Isso é o mais alto que posso alcançar. Acho que sua camisa estaria molhada se ele fosse atingido mais alto, mas preciso ter certeza absoluta.

Dou um passo para trás, pego os painéis frontais de sua jaqueta e começo a tirá-la.

— Sienna. — Sua voz é abafada. Suave.

— Shhhh. — Joguei a jaqueta no chão e me arrasto ao redor dele para examinar seu outro lado.

Não há manchas de sangue em sua camisa, mas me levanto na ponta dos pés e passo as palmas das mãos na parte superior de seus ombros e na parte superior das costas, só para garantir. Quando termino, envolvo meus braços em torno de sua cintura e pressiono minha bochecha na extensão de suas costas.

— Satisfeita? — pergunta ele, virando-se para me encarar.

Aceno com a cabeça e o seguro com mais força.

— Você está com uma porcaria de folha em seu cabelo, Sienna. Quer explicar?

Balanço a cabeça. Ele pode pensar o que quiser. Talvez ele decida que estou louca.

Levantando-me na ponta dos pés, eu o puxo para baixo para um beijo e depois

pulo em seus braços. Os lábios de Drago se deliciam com os meus, chupando e mordendo enquanto ele me carrega para dentro da casa e sobe três lances de escada. Somente quando chegamos ao nosso quarto é que ele me solta, e apenas por um momento, enquanto tiramos as roupas um do outro. E então, estou em seus braços novamente. Trilhando uma linha de beijos ao longo de seu queixo antes de espalhá-los por todo o seu rosto. Ele está vivo. Ele está bem.

Capítulo 19

Drago

Passo a mão pela pele macia das costas de Sienna e enfio os dedos em seus cabelos. Ela se mexe um pouco, pressionando o rosto na curva do meu pescoço. Fizemos sexo três vezes na noite passada, mas ter seu corpo nu colado ao meu mantém meu pau perpetuamente semiduro. Qualquer leve pincelada de suas curvas deliciosas em minha virilha e eu fico instantaneamente pronto para gozar. Por um momento, considero acordá-la para outra rodada, mas depois mudo de ideia e continuo massageando seu couro cabeludo. Ela precisa descansar. Em vez disso, uso minha mão livre para pegar meu telefone na mesa de cabeceira.

Ontem à noite, minha esposa me enviou várias mensagens, mas havia muita coisa acontecendo, então li apenas as três primeiras e não tive a chance de responder. Na época, elas pareciam triviais, mas agora, ao examinar o tópico da mensagem, percebo que não era nada disso.

22:23 Sienna: Preciso comprar alguns cosméticos amanhã.

23:39 Sienna: Você deveria levar o Zeus ao veterinário. Acho que ele tem uma infecção no ouvido.

23:48 Sienna: Encontrei os sapatos que você me deu. Você precisa de um esconderijo melhor.

23:57 Sienna: Acho que gostaria de ir ao seu clube novamente.

00:06 Sienna: [Selfie com Zeus, os dois estão esparramados na cama].

00:09 Sienna: E quanto às minhas aulas de direção? Você

prometeu!!!

00:12 Sienna: Há algum outro casamento em que possamos entrar em breve? Eu poderia dançar na mesa para você novamente.

00:16 Sienna: [Outra selfie com Zeus na cama].

Percebo algo peculiar quando dou uma olhada no conteúdo. As primeiras mensagens são declarações que não *pedem* uma resposta. Mas ela provavelmente esperava que eu respondesse a mensagem. Como não respondi, ela enviou a foto dela e do Zeus. E Sienna sabe muito bem que não deixo meus cães entrarem no quarto. Se eu tivesse visto essa imagem ontem à noite, teria exigido que ela tirasse Zeus da cama e do quarto. Ela enviou essa foto específica de propósito, mas quando eu ainda não havia respondido, ela passou a fazer perguntas.

Ela sabia que estávamos prestes a entrar em um confronto com os romenos, mas nenhuma de suas mensagens mostrava qualquer interesse nisso. Apenas bobagens aparentemente aleatórias. Mas não eram bobagens, eram? Nunca é ‘o que você vê é o que você recebe’ quando se trata de minha esposa. Tenho de ignorar as coisas que ela diz e o modo como age. Vou mais fundo para descobrir a verdade.

Declarações, depois a foto e, em seguida, as perguntas. Tentativas de obter uma reação de minha parte?

Ela estava preocupada comigo, mas não queria demonstrar isso.

Abaixo minha cabeça até que minha boca esteja bem perto de sua orelha. — Você é como um maldito cubo de Rubik, Sienna. Posso passar dias tentando movimentos diferentes para encontrar o padrão certo.

Ela murmura algo e se aproxima ainda mais do meu corpo. Soltando meus dedos de seus cabelos, pego seu queixo e inclino sua cabeça para cima.

— Diga-me, minha espiã reluzente, alguém já conseguiu resolver o quebra-

cabeça?

Ela pisca sonolenta e torce o nariz para mim. — Sobre o que diabos você está falando?

— Estou falando de suas mensagens de texto. Suas roupas malucas e escolhas ridículas de calçados. Seus sorrisos.

Ela levanta uma sobrancelha. — O que há de errado com meus sorrisos?

— Quanto maiores eles são, mais tristes ficam seus olhos.

Seu corpo fica tenso, mas isso dura apenas um segundo. Na respiração seguinte, seus lábios se curvam em outro daqueles sorrisos falsos.

— Está tentando me psicanalisar, Drago? — Ela me encara com o queixo erguido. — Já tive sessões de psicólogo suficientes para durar a vida inteira, então, por favor, gentilmente, vá se foder.

Sessões de psicólogo? Eu a envolvo com meu braço, mantendo-a perto de mim. — Por quê?

— É pessoal, — ela diz e empurra meu peito. — Me solte.

— Por quê, Sienna?

— Eu tentei me matar! — ela grita em meu rosto. — Pronto. Feliz? Agora, me solte!

O medo explode dentro do meu peito e depois se espalha, consumindo todo o meu corpo. Não consigo me mover e fico olhando para minha esposa enquanto ela bate em meu esterno com os punhos, tentando fazer com que eu a solte. Eu deveria deixá-la ir. Ela obviamente quer ficar sozinha, mas eu não posso. A simples ideia de ela não existir me faz querer incendiar o mundo inteiro. Não existe mundo sem ela. Não para mim.

— Sienna. — Afasto uma mecha de cabelo que caiu sobre seu rosto.

Sienna tenta golpear meus dedos, mas, quando não consegue, crava os dentes na

lateral da minha mão.

— Está se sentindo melhor agora? — pergunto.

Ela olha para mim por entre os fios emaranhados e murmura algo que não consigo decifrar. Duvido que alguém consiga quando sua boca está cheia como está agora.

— Mastigue com mais força se isso ajudar.

Uma lágrima desce por sua bochecha. Ela me solta, deixando uma marca considerável em minha carne. Eu seguro seu rosto com as palmas das mãos e enxugo suas lágrimas com os polegares. — O que a levou a fazer isso, querida? — Ela sabe que não estou perguntando sobre a mordida.

— Quando minha irmã foi sequestrada, a culpa foi minha.

— Como assim?

— Luna e eu planejávamos sair naquela noite, mas ela cancelou no último momento. Asya nunca gostou de sair em bares, mas eu a convenci a vir comigo, já que Luna não podia. Ela não queria ir, mas continuei insistindo até que ela cedeu. Saímos às escondidas. — Ela fecha os olhos e continua. — Conheci um cara lá. Ele era engraçado e nos fez rir muito. Quando eu disse a Asya que deveríamos ir para casa, ela disse que gostaria de ficar mais um pouco.

Os olhos de Sienna se abrem e mais lágrimas escorrem por seu rosto. Eu as afasto, mas elas continuam a cair.

— Eu tinha pilates na manhã seguinte, sabe, então deixei minha irmã sozinha com um homem que ela não conhecia e fui para casa. Subi na minha cama, debaixo das cobertas quentes, e fui dormir enquanto minha irmã era estuprada na neve fria do lado de fora do bar. Ela sofreu enquanto eu dormia demais. Eu nem sequer fui à maldita aula.

Seu lábio inferior treme quando ela fala, e suas mãos tremem. Quero lhe dizer que ela pode parar, que não precisa dizer mais nada se isso a está machucando

tanto. Ver minha esposa alegre e reluzente se despedaçar diante de meus olhos é como uma faca no peito. Mas fico em silêncio, sabendo que ela precisa desabafar.

— Durante meses, não sabíamos se Asya estava viva ou morta. Arturo não conseguia encontrá-la. Toda a Cosa Nostra procurou por ela, sem resultado. Passei semanas sentada na varanda, esperando que ela milagrosamente passasse pelo portão, até que um dia percebi que ela provavelmente nunca passaria.

Sienna respira fundo. — Fui até ao quarto dela, tomei os remédios para dormir que o médico havia me receitado e subi na cama de Asya. Eu só queria dormir.

— Jesus, querida. — Inclino-me para a frente e beijo sua testa. O desejo de abraçá-la e envolvê-la com toda a minha força é irresistível, mas eu não seria capaz de vê-la enquanto ela fala. — Quantos você tomou?

— O que quer que tenha sobrado na embalagem. Arturo me encontrou e me levou às pressas para o pronto-socorro.

Envolvo Sienna com meus braços e a aperto em meu peito, abraçando-a com força. Não parece ser o suficiente. Levo minha mão ao seu cabelo e coloco seu rosto na curva do meu pescoço.

— Prometa-me, — eu me engasgo.

Sienna murmura algo em meu pescoço, provavelmente um ‘o quê’.

— Prometa-me que nunca mais fará algo assim.

Sua palma percorre meu peito e pescoço e para no meu maxilar. Ela se senta em meu estômago e segura meu queixo com os dedos enquanto se inclina para a frente.

— Eu prometo. Mas quero uma promessa em troca.

— Tudo bem.

— Você não vai se matar, Drago. — Ela aperta meu queixo. — Por favor.

Afasto uma mecha de cabelo de seu rosto e traço o formato de seus lábios com a ponta do meu dedo. Ao fazer isso, percebo que ela está propositalmente de frente para mim, com a boca alinhada com meus olhos. — Por quê? Há pouco tempo você me disse que não gostava de mim.

Seus lábios se alargam em um sorriso ao meu toque. — Você tem um gosto excepcional para sapatos femininos.

— Você vai parar com essa farsa, Sienna? Você pode simplesmente me contar a verdade. Não será o fim do mundo.

— Que verdade? — Ela ri.

— Que você está apaixonada por mim.

O sorriso desaparece de seu rosto e seu corpo fica imóvel. — Você está delirando.

— Não, acho que não estou.

Ela solta meu rosto e se afasta, preparando-se para correr.

Não está acontecendo. Envolvo meu braço em torno dela e nos faço rolar, prendendo-a na cama com meu corpo.

— Me solte! — ela esbraveja.

Passo a mão ao longo de seu quadril, entre suas pernas, e pressiono meus dedos em sua boceta. Os olhos de Sienna se arregalam.

— Percebi uma coisa recentemente, — digo enquanto lentamente circundo seu clitóris, aplicando um pouco mais de pressão a cada movimento. — Fico realmente excitado quando você está com raiva.

Ela me fixa com um olhar assassino. Passo meu dedo entre suas dobras e o deslizo para dentro de seu calor.

— Você quer saber por quê? — pergunto enquanto coloco outro dedo. — Porque eu sei que essa é a verdadeira você, *mila moya*.

A respiração de Sienna se contrai. Eu a estico levemente, depois enrolo meus dedos para cima, encontrando seu ponto oculto, e pressiono com um pouco mais de força. Ela fecha os olhos e geme enquanto seu corpo treme.

Não há nada mais bonito do que vê-la assim. Sem proteção. Sem pretensões. Minha. Ela pode mentir com suas palavras, mas seu corpo sempre me diz a verdade. Retiro meus dedos e me posiciono em sua entrada, introduzindo apenas a ponta do meu pau. Os olhos de Sienna se abrem, fixando-se nos meus. Suas unhas pintadas de verde cravam-se na pele de meus braços.

— Está tudo bem, querida. — Abaixo minha cabeça até que nossas testas se toquem enquanto deslizo lentamente para dentro dela. — Eu também estou apaixonado por você.

Um suspiro estrangulado sai de seus lábios enquanto ela me absorve por inteiro. Seus olhos fitam os meus por baixo dos cílios escuros meio caídos e das mechas de cabelo que caíram sobre seu rosto. É como se ela ainda estivesse tentando se esconder de mim. Estendo a mão e afasto as mechas sedosas, depois acaricio a pele acetinada de sua bochecha com as pontas dos dedos.

— Chega de se esconder de mim, — eu digo enquanto me afasto e imediatamente volto a bater nela. — Temos um acordo?

Por um momento, o pânico puro atravessa o rosto de Sienna. Enfio meus dedos em seu cabelo e a fixo com meu olhar. — Eu amo cada lado seu, *mila moya*. Adoro quando você ri, mas também adoro quando está triste. Adoro você irritada, com raiva e determinada. — Abaixando ainda mais a cabeça, eu rosno: — Adoro até mesmo quando você ameaça atirar em mim.

— Você é louco. — Ela ri enquanto uma única lágrima desliza por sua bochecha.

— Confie em mim, não há visão mais sexy do que minha esposa apontando uma arma para mim enquanto usa um tutu dourado e chinelos de pele.

Minha próxima investida a faz ofegar. Acelero meu ritmo, batendo nela e

fazendo com que a cabeceira da cama bata na parede junto com meus movimentos. — Prometa-me que vai tentar.

— Eu prometo.

Sienna

Batidas fortes e rápidas quebram o silêncio da noite. Abro os olhos e me sento na cama. O quarto está completamente envolto em escuridão, nem mesmo a luz da lua penetra na escuridão. A porta se abre aos berros - o som é muito mais alto do que deveria. A figura de um homem está na porta. Não consigo ver suas feições, apenas sua forma delineada pela luz que vem do corredor.

— Sienna, — diz o homem. A voz do meu irmão.

— Arturo? O que está fazendo aqui?

Ele abre mais a porta e a faixa de luz amarela cai no lado da cama de Drago. Ele está vazio.

— Preciso lhe dizer uma coisa, Sienna.

Meu lábio inferior treme. Não. — Saia! — Eu grito e pulo da cama, com a intenção de correr e fechar a porta, mas meus passos são lentos como se eu estivesse pisando na água. Tudo está acontecendo em câmera lenta.

— Preciso que você seja forte agora, — a voz de Arturo continua. Ela está distorcida de alguma forma, como se estivesse vindo de um poço escuro e profundo. Ainda não consigo ver seu rosto.

— Cale a boca! Cala a boca! Cale-se! — Eu grito enquanto me forço a ir em direção à porta. Só mais alguns metros e eu a alcançarei.

— Sinto muito, Sienna.

Fico paralisada com a mão estendida. Meus joelhos se dobram e eu caio no chão.

— Seu marido está morto.

O zumbido enche meus ouvidos, ficando mais forte até eu não aguentar mais. Coloco minhas mãos sobre os ouvidos e grito.

— Sienna! Acorde!

Eu pisco os olhos. Drago está deitado em cima de mim, segurando meu rosto entre as palmas das mãos.

— Eu tive um pesadelo, — eu me engasgo.

— Eu pude ver isso. O que foi?

Há muita preocupação em seus olhos. Estendo a mão para traçar suas sobrancelhas franzidas e passo a ponta do meu dedo pelo seu nariz até à boca cerrada. Minha mão está tremendo e meu coração está batendo a uma velocidade supersônica. Sei que foi apenas um sonho, mas não consigo me livrar do terror.

— Sonhei que todas as minhas roupas e sapatos ficaram brancos. — Inclino meu queixo e deposito um beijo em seus lábios. — Foi horrível.

Drago estreita os olhos para mim. Está claro que ele não acredita em mim. Passo os dedos por seus cabelos e encosto o rosto em seu peito, respirando seu perfume.

— Sienna.

Balançando a cabeça, eu o aperto com mais força. Não quero falar sobre isso. Ele está bem. É tudo de que preciso.

Ele nos faz rolar até que nossas posições se invertam, comigo em cima dele agora. Encaixando meu rosto na curva de seu pescoço, ele acaricia a pele da minha nuca, logo abaixo da linha do cabelo.

— O sonho era com sua irmã? — ele pergunta em voz baixa, enquanto seus dedos continuam seu caminho calmante. — Eu não sonho mais com a minha com tanta frequência. Minha.... outra irmã. Não tenho certeza se é mais fácil ou mais difícil. Às vezes, parece que a estou traindo porque não penso nela com a mesma frequência de antes.

Sua voz é tão tensa. É como se ele estivesse se forçando a realmente falar as palavras em voz alta. Não querer falar sobre certas coisas é um conceito muito familiar para mim, e é dolorosamente claro que ele está fazendo isso para meu benefício.

Levanto a cabeça e olho meu marido diretamente em seus olhos. — Não foi culpa sua, — sussurro. — Tara me contou o que aconteceu. Você fez tudo o que podia.

— Eu fiz? Meu cérebro diz que sim. Mas meu coração não me deixa aceitar essa verdade. Nunca vai aceitar. — Ele segura minha bochecha com a palma da mão. — Não importa o que todo mundo diz. Não importa que tenha sido obra de outra pessoa. O coração sempre levará a culpa porque não consegue entender que o amor que sente não foi suficiente para salvar um ente querido do perigo. E não há problema nisso, desde que o cérebro entenda.

Uma lágrima escapa do meu olho, deslizando pela minha bochecha enquanto suas palavras ressoam profundamente em mim. Ele entende. Não tenho certeza se mais alguém conseguiria.

— Meu cérebro entende, — murmuro, mas então percebo que seus olhos ainda estão focados nos meus.

Inclinando um pouco a cabeça para cima, espero que ele abaixe o olhar e repito minha resposta.

Pequenas rugas aparecem nos cantos dos olhos de Drago enquanto ele sorri. Ele enxuga minha lágrima com o polegar e depois traça o contorno dos meus lábios. — Quem lhe contou?

— Descobri isso há algumas semanas. — Deslizo meus dedos por seu cabelo. — Por que você não usa aparelhos auditivos?

— Eu usei. Eles ajudaram quando não havia ruído de fundo. Mas com sons ao redor ou várias pessoas falando ao mesmo tempo, tudo era amplificado. Eu achava que minha cabeça ia explodir. É a mesma coisa quando estou cercado por sons muito altos agora.

— Mas você dirige um clube. Não há nada mais barulhento do que isso. — Fico olhando para ele, completamente atônita ao perceber o que ele vivencia todos os dias. — E as refeições aqui, com todo mundo falando ao mesmo tempo? Como você consegue?

— Acho que tenho uma cabeça muito grande. — Ele sorri.

Meu Deus, o nível de concentração e foco que ele precisa manter todos os dias é insondável. Mordo meu lábio inferior.

— Você consegue... me ouvir?

Os olhos de Drago deslizam para os meus, nossos olhares se chocam. Pelo que Keva me disse, ele provavelmente não conseguirá, mas ainda tenho esperança.

— Somente quando você está perto de mim. Mas à distância, mesmo a apenas alguns metros, então não, — diz ele, seu sorriso desaparecendo. — Sinto muito, querida.

— Está tudo bem. — Inclino-me para beijá-lo no momento em que uma batida forte soa na porta.

— Provavelmente é Filip. Tenho que ir. — Drago dá uma mordida em meu lábio inferior, depois abre a gaveta de sua mesinha de cabeceira e tira uma bolsa de veludo. — Para seu aquário.

Solto o cordão fino e esvazio o conteúdo sobre a cama. Um monte de cristais de cor verde, em uma infinidade de formas e tamanhos, derrama-se sobre o lençol branco. Eles brilham sob a luz do teto, que reflete na superfície brilhante das

pedras de vidro.

— Oh, meu Deus! Eu tenho adesivos de caderno que são iguais a esses, só que menores. Eles são tão bonitos! Como pequenos diamantes verdes. — Eu grito de alegria e pego um em minha mão. — Você os comprou naquela loja de cristais no Brooklyn?

— Não exatamente.

— A cor ficará desbotada se eu colocá-los no aquário?

Um som profundo e estrondoso da risada de Drago enche o quarto. — Tenho certeza que não.

Capítulo 20

Sienna

— Acho que deveríamos levar Lollipop a um veterinário, — murmuro, seguindo o peixe laranja com os olhos enquanto ele corre de um lado para o outro entre as plantas aquáticas.

— Lollipop[12]? — Tara levanta uma sobrancelha.

— Gosto de nomes de doces, — digo e aponto meu dedo para o peixe em questão. — Está vendo aquela faixa no lado direito dele? Ela não estava lá antes. Talvez ele tenha desenvolvido um problema de pele.

Tara se inclina para a frente, pressionando o nariz contra o vidro. — Parece normal para mim. Apenas uma parte do padrão das escamas.

— Não, tenho certeza de que não estava lá antes.

— Então, deve ser dermatite. Ou devo dizer 'escamite'? — ela dá uma risadinha. — Ah, ali está o Adam, ele já teve um aquário. Ei, Adam! Venha cá.

O chefe dos executores de Drago entra na sala de jantar, de alguma forma encolhendo o espaço com sua enorme presença. Ele cruza os braços sobre o peito, fazendo com que seus bíceps fiquem salientes e a arte de sua tatuagem de manga inteira se destaque. — O que é?

— Sienna acha que um de seus peixes está doente. O que tem uma listra na lateral.

Adam se agacha ao lado de Tara, com a cabeça inclinada para trás enquanto observa seu ‘paciente’.

— Não vejo nada de errado nisso.

— Ele não tinha essa marca antes. — Aponto para o peixe. — Está vendo?

— Não, é só uma mancha... — Ele fecha a boca com um estalido. — Ah, sim, isso pode acontecer às vezes com essa espécie específica. Elas mudam de cor o tempo todo. Não há com o que se preocupar.

— Sério? — Volto a olhar para o peixe. O vendedor da loja de animais não mencionou isso.

— É claro. Não se preocupe se isso acontecer novamente, — acrescenta Adam rapidamente.

— E quanto à sua barbatana?

Ele olha para o aquário com nervosismo. — O que há com ela?

— Sua nadadeira esquerda foi rasgada. E agora ela está cheia de novo.

— Sim, eles têm habilidades incríveis de cura e podem fazer crescer novamente as nadadeiras e as caudas.

Eu estreito meus olhos para ele. — Não é o peixe que eu comprei, é?

— Hum, não exatamente. — Adam levanta a mão e passa a mão na nuca, com a culpa estampada em seu rosto. — O anterior meio que... morreu. O chefe pediu a Iliya que enviasse a todos nós uma foto dele com a ordem de encontrar um que fosse igual e trocá-lo.

Tara cai em um ataque de riso.

Volto a olhar para o aquário e imagino Drago instruindo seus homens a vasculhar a cidade, procurando um peixe específico para mim. Uma sensação de formigamento quente me inunda, como acontece toda vez que penso em meu marido. Ela ameaça me afogar.

Fecho os olhos e minha mente se desloca instantaneamente para duas noites atrás, quando Drago me prendeu debaixo dele, alegando que eu estava apaixonada por ele. O pânico explode no fundo do meu estômago. Isso não é

verdade. Eu gosto dele. Quando ele fica fora o dia inteiro por causa do trabalho, como hoje, eu me sinto vazia de alguma forma. Mas não estou apaixonada por ele. E ele definitivamente não está apaixonado por mim, independentemente do que ele tenha dito. Nosso casamento é apenas um acordo comercial que deu certo. Nada mais. Nada menos.

— Hum, Sienna... Você pode fingir que não sabe sobre o peixe? — pergunta Adam, tirando-me de meus pensamentos.

— Claro. — Aceno com a cabeça e me obrigo a sorrir.

— Graças a Deus. — Adam solta um suspiro de alívio.

Quando ele sai, desamarro o cordão da bolsa com meus novos seixos de vidro e pego um punhado de pedras. Minha mão paira sobre a água enquanto deixo os cristais caírem. Estou observando-os afundar no fundo do tanque quando Tara dá um grito ao meu lado.

— Sienna! Você está louca?

Olho para ela, confusa. — O quê?

— Onde você conseguiu isso?

— As pedras? São vidros coloridos que Drago comprou para mim. Não são bonitas?

Tara abre a boca, depois a fecha, apenas para abri-la novamente, como se não conseguisse formar palavras.

— Ele... ele sabia que elas seriam usadas em um aquário? — Sua voz parece um pouco tensa.

— Sim. Ele até perguntou a cor que eu queria. Por quê?

— Hum... porque não é de vidro. — Ela pega um dos cristais de minha mão e o examina. — Isso, minha querida, é uma esmeralda de dez quilates, que vale pelo menos quinze mil dólares.

Pisco os olhos, perplexa, e olho para o aquário, onde pelo menos vinte pedras semelhantes enfeitam as profundezas arenosas.

— Mas ele me disse.... Ele me disse que era apenas vidro. Por que ele faria isso? — Fico boquiaberta com minhas ‘decorações’.

— Sim, eu me pergunto por quê. — Tara ri. — O príncipe Saeed não vai ficar feliz.

— Quem é o príncipe Saeed?

— O bilionário que encomendou isso meses atrás.

Volto a olhar para as esmeraldas em minha palma e a sensação familiar de pânico volta à tona. Deixando o restante das pedras verdes cair no aquário, observo como elas fazem um pequeno respingo antes de se acomodarem ao lado das outras.

— Acho que estou com dor de cabeça, — digo, evitando olhar para Tara. — Vou subir para dormir um pouco.

— Não fique triste com o peixe. Isso acontece.

— Eu sei.

Chegando ao nosso quarto, vou direto para a cômoda e pego o vaso cheio de ‘cristais de vidro’ que Drago me presenteou, depois me sento na beirada da cama. Dezenas de pedras coloridas se espalham sobre a colcha quando inclino o recipiente. Deslizo minhas canetas para o lado e pego a pedra mais próxima. Ela é de um vermelho intenso e tem formato oval, com muitas facetas que refletem a luz que entra pela janela. Um rubi, provavelmente.

Há mais algumas pedras vermelhas entre as outras de várias tonalidades. Não sei muito sobre gemas preciosas, mas com base apenas nas cores, há safiras, ametistas e muitas outras que não reconheço.

— Homem tolo, — eu engasgo enquanto coloco as pedras de volta em seu vaso.

Quando o ‘porta-canetas’ está de volta na cômoda, vou até ao armário para pegar o caderno que está escondido entre os suéteres e pego uma caneta na gaveta da mesinha de cabeceira.

Georgina tinha um segredo, escrevo, enquanto minha mão treme ligeiramente. *Um segredo enorme e horrível. Era tão ruim que ela preferia morrer a confessá-lo a alguém. Especialmente para si mesma. Ela se apaixonou por seu lobo rabugento.*

Drago

A porta do meu escritório se abre e um homem baixo, quase magro, vestindo um terno de três peças cor de carvão, entra. Seu cabelo branco está penteado para trás, contrastando com suas grossas sobrancelhas pretas, visíveis acima da borda de seus óculos de armação preta.

— Sr. Dubois. — Aponto para a cadeira do outro lado da minha mesa.

Quando o francês se senta, tiro uma grande caixa de veludo da gaveta e a coloco diante dele.

A maioria dos joalheiros adquire pedras preciosas exclusivamente por meio de canais regulares, pois querem garantir aos clientes a autenticidade das pedras preciosas por meio da entrega de produtos certificados. Alguns compradores, entretanto, não estão interessados na papelada. Eles querem apenas as melhores pedras. O Sr. Dubois atende a esse tipo de clientela. Príncipes árabes. Magnatas dos negócios. Oligarcas de todo o mundo. Eles não se importam com certificados, desde que suas esposas ou amantes possam usar a joia mais cara da sala.

— Não foi isso que combinamos, Sr. Popov, — disse Dubois.

— Eu sei.

Ele tira os óculos e os aponta para a caixa. — O príncipe Saeed foi muito claro em seu pedido. Esmeraldas, não safiras.

— Receio que as esmeraldas não estejam mais disponíveis. As safiras que estou oferecendo valem 20% a mais, — digo e pego a gaveta. — E tenho um presente, como um pedido de desculpas.

— Sua Alteza pediu especificamente por esmeraldas. É absolutamente inaceitável... — Ele parou no meio da frase, olhando para a gema em minha palma. — Isso é...?

— Sim. Um diamante redondo G SI1 de cinco quilates. — Coloco o diamante em sua mão estendida e me inclino para trás. — Ligue para o príncipe. Pergunte se meu presente é suficiente para compensar a decepção dele por ter recebido safiras em vez de esmeraldas.

O joalheiro tira uma pequena lupa do bolso e inspeciona a pedra de todos os ângulos. Quando termina, ele pega o celular e faz uma ligação. Presumo que ele esteja falando francês, pois não consigo ler seus lábios e estou tendo dificuldade para entender o que ele está dizendo. Mas, com base no tom animado de Dubois, ele deve estar conversando com o príncipe Saeed.

— O dinheiro será transferido dentro dos próximos cinco minutos, — disse Dubois após encerrar a ligação. Ele devolve cuidadosamente o diamante para mim. — Sua Alteza me pediu para transmitir sua gratidão pelo presente e confirmou que as safiras são um substituto adequado.

Aceno com a cabeça e coloco o diamante dentro da caixa. — Assim que eu receber uma confirmação sobre o recebimento do dinheiro, nosso negócio estará concluído.

Dubois fecha a caixa, mas mantém as mãos sobre ela, como se estivesse preocupado com o fato de ela poder desaparecer. — Se me permite perguntar, o

que aconteceu com as esmeraldas?

— Minha esposa precisava delas.

— Oh? Ela gostaria que fossem usadas em um lindo bracelete? Tenho um novo designer incrível em Paris, tenho certeza de que podemos criar uma peça personalizada magnífica...

— Não eram para suas joias. Ela precisava delas para seu aquário.

Meu telefone vibra com uma mensagem recebida. Olho para a tela e vejo uma notificação do meu banco informando que o pagamento foi efetuado.

— Desculpe-me? O quê?

— A coisa de vidro com água e peixe dentro, — esclareço e lhe ofereço minha mão. — Obrigado por seus negócios, Sr. Dubois. Transmita meus melhores votos ao príncipe.

O francês se levanta lentamente e aperta minha mão, olhando para mim por trás de seus óculos de aros grossos. Segurando a caixa sob o braço direito, ele se dirige à porta, mas para na soleira.

— Por que não guardou o diamante para sua esposa? — ele pergunta por cima do ombro.

O canto de meus lábios se curva. — É incolor.

Filip entra em meu escritório assim que o joalheiro sai.

— Alguma atividade? — pergunto.

— Não. Ninguém viu os homens de Bogdan perto de nenhum de nossos locais.

— Bom. Eles precisarão de algum tempo para se organizar antes de nos atacar de volta. Roman Petrov confirmou a reunião?

— Sim. Ele estará aqui em meia hora, — Filip diz e junta as mãos à sua frente. — Tara acabou de ligar.

— O que ela queria?

— Para me avisar que ela e sua esposa estão vindo para cá. Elas devem chegar a qualquer momento.

— O quê? — Levanto-me de minha cadeira. — Dei uma ordem específica para que nenhuma delas deixe o local.

— Parece que a Sra. Popov foi muito persuasiva com os guardas no portão. — Ele tira o telefone do bolso, coloca-o no ouvido e ouve a pessoa na linha. — Elas acabaram de chegar pela entrada dos fundos.

Bato com a palma da mão na mesa e corro pelo escritório até ao corredor estreito. É improvável que os romenos retaliem hoje, mas não quero nem minha esposa nem minha irmã na boate - o alvo mais provável. Abro a porta dos fundos com um chute e saio bem a tempo de ver Sienna saindo de um carro, usando um vestido verde com penas em todo o corpete.

Atravesso o estacionamento até ficar bem na frente de minha esposa e a fixo com meu olhar duro. — Que porra é essa, Sienna?

— Drago. — Ela sorri. — Tara e eu decidimos fazer uma visita a você.

Cerro os dentes e olho por cima da cabeça das mulheres para encarar Relja e Iliya, que ousaram trazê-las aqui contra minhas ordens. Eles estão do outro lado do carro, inquietos.

— Explique! — Eu grito.

Os dois homens se encolhem e dão um passo para trás.

— Drago. — Sienna coloca seus dedos em volta do meu pulso. — A culpa é minha. Eu insisti.

— Por quê?

— Eu só queria ver você. — Ela dá de ombros. — E estou carregando a arma que você me deu.

Parte da minha raiva se dissipa. Estendo a mão e acaricio seu queixo com as

costas da mão, depois olho para minha irmã. — Você deveria saber.

— Eu queria animar a Sienna, — diz Tara, mas depois fala a frase seguinte. — *Ela sabe que o peixe morreu.*

O resto da minha raiva desaparece. Dou um beijo rápido no topo da cabeça de Sienna e olho para Iliya. — Quero vinte homens posicionados ao redor do clube enquanto as mulheres estiverem aqui.

Iliya acena com a cabeça e pega seu telefone. Dou outra olhada no vestido curto de minha esposa.

— E, Iliya, certifique-se de que o mesmo aviso da última vez seja entregue a todos os convidados do sexo masculino na entrada.

* * *

O pakhan russo estreita os olhos para mim e depois olha para o homem mais velho sentado ao lado dele, dizendo algo em russo. Coloco a palma da mão no joelho de Sienna. Um pequeno sorriso surge em seus lábios quando acaricio lentamente sua pele enquanto ela continua a mexer no celular.

— Levarei uma carga inteira de munição dos romenos, — afirma o pakhan, — mas quero um desconto adicional de 5% para me livrar do caminhão para você.

— Já estou lhe vendendo as mercadorias por um valor muito abaixo do valor de mercado, Roman.

— Essa é a minha oferta. É pegar ou largar.

Eu o encaro com um olhar fixo e aceno com a cabeça. Essa transação tem mais a ver com o princípio. Quero que a merda do Bogdan desapareça.

— O que se diz por aí é que você também tem outro tipo de produto para oferecer, — acrescenta. — Eu gostaria de escolher algo para minha esposa.

— Você não terá nenhum desconto nisso.

— Eu não me preocupo com o preço quando compro coisas para minha esposa, — ele grita, visivelmente ofendido.

— Vamos para o meu escritório, então. — Beijo o ombro nu de Sienna. — Estarei de volta em dez minutos.

— Vou ver se Tara precisa de ajuda. — Ela se vira para o outro lado da boate, onde minha irmã está de pé com dois rapazes, ambos parecendo estar tentando levá-la para a pista de dança.

— Tudo bem.

Sigo Sienna com meus olhos enquanto ela sai da cabine e se dirige ao grupo. Os homens que estão com Tara percebem a aproximação de Sienna e, um momento depois, suas cabeças se voltam para mim. Deixo que eles vejam em meus olhos o que acontecerá se algum deles ainda estiver lá quando minha esposa os alcançar. Os dois homens resmungam alguma coisa e saem correndo dali. Muito bem.

Sienna

— A vibração aqui está muito estranha esta noite, — murmuro.

Tara toma casualmente um gole de sua sangria. — Como assim?

— Seus amigos fugiram no momento em que me viram aproximar. — Olho para o garçom que carrega as bebidas, e sua cabeça vira para o lado assim que ele me olha. As pessoas parecem estar se esforçando muito para não olhar para mim. Na verdade, é como se todos estivessem evitando propositalmente olhar para mim. Ou, pelo menos, os homens. — Meu vestido é tão horrível assim?

Tara me observa, seus olhos se detêm por alguns instantes no corpete de penas. — É a peça de roupa mais escandalosa que já vi. Mas não, não é o vestido.

— Então, por quê?

— Eles receberam o aviso de Drago na entrada.

— Um aviso? Oh meu Deus, ele disse às pessoas que eu trouxe uma arma? Ela nem sequer está carregada! Só a trouxe porque Drago insistiu. Eu nunca atiraria em ninguém, bem, exceto em seu irmão.

Tara engasga com sua bebida, com os olhos arregalados. — Você atirou em Drago?

— Longa história. — Aceno com a mão. — Eu deveria ter deixado a arma com os seguranças, como todo mundo.

— A arma não é o problema. É a colher que os aterroriza.

— A colher?

Ela sorri para seu copo. — Sim. Eles estão extremamente preocupados com essa colher.

— Você está bêbada?

Tara não tem chance de responder, pois um homem loiro de vinte e poucos anos envolve a cintura dela com o braço por trás.

— Eu sabia que era você, Tara, querida, — ele diz. — Quanto tempo se passou? Três anos?

Ela revira os olhos e tira a mão dele da cintura. — Vá embora, Gary. Você sabe que eu não brinco com os sócios do meu irmão.

— Sempre uma desmancha-prazeres. — O cara ri e dirige seu olhar para mim. — Talvez sua amiga tenha uma atitude mais positiva.

Antes que eu possa responder, Tara agarra o cara pela frente de sua camisa branca. — Essa é a esposa de Drago, seu idiota! Saia!

— Não diga. Talvez a senhora queira experimentar algo diferente. — Ele estende a mão para mim, olhando para meus seios.

— Ela não quer. — Dou um passo para trás, mas ele ainda consegue passar os dedos pelo meu braço.

— Gary, por favor. Drago chegará a qualquer momento, — minha cunhada sussurra nervosa e olha para algum lugar atrás de mim. — Oh, merda.

Eu me viro e vejo meu marido parado na passagem que leva ao seu escritório, com um olhar assassino voltado para o amigo de Tara.

— Vou indo, então. — A voz um tanto frenética de Gary vem de trás de minhas costas.

Drago observa o cara se retirar para sua cabine e, em seguida, atravessa a pista de dança em direção ao bar.

— Porra, Sienna, ele está indo para uma colher, — grita Tara, agarrando meu braço. — Você precisa ir lá e distraí-lo enquanto eu peço a alguém da segurança para expulsar Gary daqui.

— Por quê?

— Porque Gary é nosso banqueiro de investimentos, e Drago está planejando arrancar seus olhos.

— Sim, claro. — Eu ri.

— Não estou brincando, Sienna! — Ela sacode meu braço. — Os homens estão evitando olhar para você porque todos foram avisados de que, se o fizerem, perderão os olhos. Vá até lá e o impeça!

Observo Tara enquanto ela corre em direção a um dos seguranças na saída, depois olho para o bar, onde Drago está pegando uma colher em uma gaveta. Isso é ridículo. Ele não vai arrancar os olhos de um homem porque ele olhou para os meus seios.

Atrás do bar, Drago levanta a colher em frente ao rosto, sentindo a borda com o polegar, depois se dirige à cabine onde Gary está sentado. Seu maxilar está cerrada e sua boca está em uma linha dura. Ele está olhando para o banqueiro

com um olhar assassino. Que merda.

Corro pela pista de dança, batendo em algumas pessoas com os cotovelos ao longo do caminho. Quando chego a Drago, pulo em seus braços, agarrando seu pescoço e envolvendo minhas pernas em sua cintura.

— Olá. — Sorrio e beijo seus lábios apertados.

A mão de Drago desliza sob minha coxa para me apoiar, mas seus olhos ainda estão focados em meu ombro.

— Oi. — Pego seu queixo entre meus dedos, inclinando sua cabeça para que olhe para mim. — Há alguma chance de conseguir mais dessas lindas pedras para mim?

— De que cor? — ele pergunta com os dentes cerrados.

— Vermelhas. Elas ficarão bonitas nos vasos de flores na janela da cozinha. Você acha que aquela loja tem algumas?

— Tem.

Eu sorrio, acariciando sua bochecha enquanto uma sensação de calor se espalha pelo meu peito. — Então você considera os rubis adequados para decorar vasos de flores?

Sua mão aperta minha coxa. — Eu estava pensando em berilo vermelho, mas pode ser rubi, se preferir. Foi Tara quem contou tudo?

— Sim. Ela ficou muito aflita quando me viu jogando um punhado de esmeraldas no aquário. — Eu sorri. — Por quê, Drago?

— Você adora coisas brilhantes, assim como eu.

— Então, por que me deu isso?

— Porque a mais cintilante já está em minha posse, e seu brilho não se compara ao de nenhuma pedra.

Não deveria ser tão bom ouvi-lo me chamar de sua posse. Não deveria me deixar

tão molhada. Mas deixa. Faz meu âmago doer com a necessidade de senti-lo dentro de mim, de fazer com que ele cimente essa afirmação com ação.

Enrosco meus dedos em seu cabelo. — Sim, eu gosto que minhas roupas brilhem.

Um garçom passa por nós, carregando uma bandeja de bebidas. Drago joga a colher que estava segurando o tempo todo e ela bate na superfície, atingindo um dos copos.

— Não estou falando de suas roupas ridículas, Sienna.

Seu olhar fixa o meu, penetrante e sério, de certa forma primitivo em sua intensidade. Às vezes, acredito que ele pode me devorar apenas com seus olhos.

Pelo canto do olho, vejo as pessoas nos olhando com curiosidade. Meu vestido subiu até às coxas, dando a todos uma visão completa das minhas pernas e, provavelmente, da metade da minha bunda, mas não dou a mínima. Todo o meu ser está sintonizado com Drago, com o fato de estar em seus braços. Ele é tudo o que vejo. Tudo o que sinto. Mesmo com todos os aromas que enchem o ar ao nosso redor, o único que sinto é sua sutil fragrância de menta. Nunca me senti tão hipnotizada por uma pessoa.

— Você ia mesmo arrancar os olhos daquele cara? — sussurro quando o olhar de Drago se volta para meus lábios.

Seu maxilar se contrai e ele se vira, levando-me em direção à sua cabine privativa: — Tara fala demais.

Olho por cima do ombro de Drago para a saída, onde dois seguranças estão empurrando o banqueiro para fora, com Tara supervisionando seus esforços. Ela olha para cima e, com uma piscadela, levanta o polegar.

Quando chegamos ao grande sofá de couro, minhas pernas se soltam das costas de Drago, mas, em vez de me deixar descer, ele se senta comigo em seu colo. Solto o cabelo dele e passo os dedos pelo queixo até à boca. Ele entreabre os

lábios e seus dentes mordem a ponta do meu dedo indicador.

— Para que foi isso? — Eu pergunto.

— Uma punição por me distrair de minha missão.

— Você costuma ter vontade de arrancar os olhos das pessoas? — pergunto, embora ainda esteja esperando que ele diga que Tara estava simplesmente brincando comigo.

Um pequeno sorriso se forma em seu rosto. — Não. É um desenvolvimento bastante novo.

Deixo meu polegar acariciar a curva de seus lábios e depois deslizo a palma da mão ao longo de sua mandíbula. A música que toca nos alto-falantes muda para uma melodia lenta ‘The Sound of Silence’. Essa música estava tocando quando nos conhecemos, e eu me lembro de como a simples presença dele me afetou na época.

Houve admiração e atração imediata, e senti uma estranha atração por ele, mesmo sem saber quem ele era. Mas, ao mesmo tempo, havia outra sensação que eu não conseguia identificar, pois estava muito impressionada com sua essência.

Lembro-me disso agora. Um sutil fio de medo, um instinto primitivo, como se meu subconsciente estivesse tentando me avisar que um homem muito perigoso estava diante de mim. Eu o ignorei.

— Não há nenhum assassino de estimação, *não é*? Quando ouvi Adam falar sobre o padre, ele estava falando sobre você.

O olhar de Drago deixa meus lábios, subindo para encontrar o meu. Ele não está mais sorrindo, e sua resposta está ali, claramente visível em seus olhos. Acho que, no fundo, eu sempre soube a verdade.

— Pop é um apelido antigo, de quando éramos jovens punks, lá na Sérvia. Adam é o único que ainda me chama assim às vezes.

Sua voz áspera reverbera em meu ser, direto para o meu coração, cada palavra

caindo como uma pedra em minha alma. Eu nasci na Cosa Nostra, e os caminhos da máfia não são desconhecidos para mim. Todos os homens que conheci provavelmente já tiraram uma vida pelo menos uma vez, mas, além do nosso Don, nenhum é tão cruel ao aplicar sua marca de justiça. Espero que minha consciência se revolte, que o sentimento de pavor surja e me sufoque. Ele não vem.

Desde que me lembro, sinto-me como uma artista de circo - em pé sobre uma bola, tentando manter o equilíbrio, com o medo de cair sempre presente em minha mente. Nenhum objetivo ou propósito real, a não ser manter-me ereta, enquanto até mesmo o menor movimento da bola sob meus pés me fazia agitar as mãos no ar, tentando recuperar o equilíbrio.

Ao olhar para o rosto sombrio de meu marido, percebo que não me sinto assim há muito tempo. Pela primeira vez na vida, sinto-me como se estivesse em terra firme, nos braços de um homem que prega os corpos de seus inimigos nas paredes.

— Diga alguma coisa, Sienna. — Os olhos de Drago estão grudados em meus lábios, esperando minha reação. Seus dentes estão bem cerrados, a boca pressionada em uma linha fina.

— Por quê a cruz? — pergunto, com minha voz quase inaudível.

— É uma assinatura. Uma brincadeira com meu antigo apelido. Uma maneira de enviar uma mensagem para aqueles que podem ter a ideia de vir até mim ou aos meus.

— E qual é a mensagem?

— Que eu os absolverei de seus pecados. Pessoalmente. E com sangue. Da mesma forma que fiz com as pessoas que mataram minha família.

— Você os encontrou?

— Cada um deles. Ninguém toca em minha família e continua respirando. —

Sua mão percorre meu maxilar em direção ao queixo e depois volta para apertar minha nuca. — E ninguém pode olhar para minha esposa cintilante. Quem quer que se atreva, vou me certificar de que será a última coisa que verá.

Respiro fundo e me inclino um pouco para a frente. Com o vestido em volta dos quadris, o pau duro de Drago está pressionando diretamente a minha boceta. Ele inclina a cabeça para o lado e pega um pequeno controle remoto que está no braço do sofá. Um momento depois, as duas lâmpadas de cada lado da cabine se apagam, deixando nosso espaço imediato na penumbra. Ao nosso redor, as luzes da pista de dança, de outras cabines e do bar ainda estão acesas, mas ficamos nas sombras, quase totalmente escondidos de olhares curiosos.

As mãos de Drago pousam em minhas coxas e, em seguida, empurram lentamente o tecido do meu vestido para cima. Não consigo ouvir suas respirações irregulares com a música alta, mas posso sentir suas exalações quentes em meu rosto.

— Você se lembra do casamento para o qual eu a levei? Onde você dançou para mim? — ele pergunta e captura meus lábios com os dele. Suas mãos alcançaram o elástico da minha calcinha, seus dedos se enroscando nas tiras rendadas dos meus quadris.

Acenando com a cabeça, agarro um punhado de sua camisa e mordo seu lábio inferior enquanto meu corpo vibra com eletricidade. Não importa o quanto estejamos próximos um do outro, nunca é o suficiente. Sinto um puxão e depois um rasgo no lado esquerdo da minha calcinha.

— Eu queria tirá-la da mesa e transar com você na frente de todos ali. Para reivindicar você como minha. E ter certeza de que todos saibam disso.

O lado direito da minha calcinha também é rasgado, e então ele desliza a palma da mão entre nossos corpos, circulando meu clitóris com o dedo enquanto abre o zíper da calça com a outra mão. No momento em que seu pau se solta, ele me agarra por baixo da bunda, posicionando-me acima de seu corpo sólido.

— Você tem algo a confessar, Sienna?

Está muito escuro para ver claramente a expressão em seu rosto, mas, de vez em quando, um raio de luz sobre a pista de dança reflete em seus olhos verde-claros. Olhos que estão se fixando nos meus. Um turbilhão de sentimentos se revira em meu estômago, exigindo ser liberado. Enterro minhas mãos em seus cabelos e, olhando para suas profundezas, deslizo lentamente sobre seu pau.

Um suspiro me sai quando ele me preenche, alojando-se profundamente. Aperto seus fios escuros entre os dedos e balanço os quadris, absorvendo-o ainda mais. Meu olhar o prende enquanto o monto, mas nenhuma palavra sai de meus lábios.

Eu sei o que ele está pedindo. Ele quer que eu diga que o amo. Eu não consigo. Tenho muito medo de dizer a verdade, de dizer em voz alta o que nós dois já sabemos. Cada vez que penso nisso, o pânico cresce dentro de mim, agarrando-me com suas garras, apertando-me. Estou ciente de que meu medo é irracional. Não se pode selar o destino de uma pessoa com três simples palavras. Mesmo assim, não consigo me obrigar a fazer isso, pois tenho muito medo de perdê-lo.

A pressão no meu núcleo aumenta à medida que giro os quadris, precisando senti-lo ainda mais. A mão de Drago aperta a bochecha da minha bunda, depois se move ao longo do meu quadril até à minha boceta e aperta meu clitóris. Eu ofego, minha respiração é rápida e superficial. Os olhos brilhantes e penetrantes de meu marido ainda estão presos aos meus quando ele se inclina para a frente e encosta a testa na minha.

— Está tudo bem, *mila moya*, — ele sussurra, pressionando o polegar em meu botão. — Você não precisa dizer isso. Eu sei que você vai dizer, quando estiver pronta.

Seus lábios se apoderam dos meus - mordendo, reivindicando. Eu fecho os olhos e o beijo de volta enquanto pego o controle remoto que ele deixou na almofada ao nosso lado. Pressiono levemente um botão e as elegantes luminárias de coluna em ambos os lados do sofá voltam à vida, banhando-nos com um brilho

azul-claro e restaurando a consciência ambiente ao nosso redor. Mais de cem pessoas estão na boate esta noite, e cada uma delas agora pode me ver claramente cavalgando o pau do meu marido.

Os olhos de Drago se arregalam de surpresa, e um canto de seus lábios se curva para cima. — Por quê? — ele pergunta.

Jogando o controle remoto para o lado, pressiono as palmas das mãos no rosto do meu marido, devorando-o com os olhos enquanto continuo a montá-lo lentamente. Inspiro seu perfume, bebo sua essência e abraço a própria escuridão que eu temia quando nos conhecemos. Esse homem. O único que sempre me entendeu. O homem sem o qual não consigo mais imaginar minha vida.

— Porque eu também quero que todos saibam, — eu digo.

— Saibam o quê?

— Que você é meu. — Inclino-me para a frente para que ele possa sentir meus batimentos cardíacos acelerados. — E que eu sou sua.

Capítulo 21

Drago

Abóbora com laranja. É claro.

Apoio o cotovelo no batente da porta do banheiro e continuo a secar o cabelo com a toalha enquanto observo minha esposa. Sentada na beirada da cama, com o pé direito apoiado na poltrona reclinável próxima, ela está pintando as unhas dos pés. O pincel em sua mão é segurado pelas pontas de apenas dois dedos, os outros três estão estendidos para fora, o que me faz pensar que o esmalte em suas unhas ainda não está seco. Sua roupa de hoje consiste em leggings turquesa brilhantes combinadas com um suéter laranja. A calça tem um padrão de escamas de peixe, o que faz com que pareça uma cauda de sereia, de certa forma. Sorrio e me afasto do batente, indo para o outro lado do quarto.

— Ei, o que você está fazendo? — diz ela quando coloco minha mão em seu tornozelo e puxo sua perna para cima para que eu possa me sentar na poltrona reclinável.

Coloco seu pé em meu joelho e tiro o pincel de esmalte de suas mãos. A confusão no rosto de Sienna se torna uma surpresa quando mergulho o aplicador no frasco que está na mesa de cabeceira e retomo o trabalho que ela começou.

Ela estende a mão e coloca o dedo sob meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — O que seus homens diriam se o vissem pintando as unhas dos meus pés? Não é uma coisa muito masculina, sabia?

Levanto uma sobrancelha. — Devo chutar a bunda de alguém depois de terminar? Isso manteria meu status de macho alfa?

— Acho que isso não é necessário. — Ela ri. — Mas eu adoraria ver a cara deles.

— Ninguém jamais faria um comentário sobre isso porque, se o fizessem, significaria que estavam olhando para suas pernas. E isso não acabaria bem para eles, — digo e continuo com minha tarefa. — Pare de mexer os dedos dos pés.

— Desculpe. — Ela bufa. — Não se esqueça do pó de glitter.

— Eu deveria saber o que é isso?

— Pó de glitter. Aqui. — Ela coloca um pequeno recipiente redondo em minha mão. Ele está cheio de um tipo de pó cintilante. — Pegue uma pequena pitada e polvilhe nas unhas. Agora, rápido, ou o esmalte vai secar e o glitter não vai grudar.

Examino minuciosamente o pequeno objeto em minha palma. É menor do que o meu polegar, portanto, não há como 'beliscar' nada de dentro. Preciso de algumas tentativas apenas para abri-lo. Derramo um pouco da purpurina na palma da mão, pego um pouco entre os dedos e deixo cair cuidadosamente sobre as unhas dos pés de Sienna.

— O suficiente? — Pergunto e olho para cima para encontrar minha esposa me encarando, com os olhos brilhando.

— Isso nunca será suficiente, Drago.

Não ouço nenhum som, então ela deve ter sussurrado.

— De purpurina? — Eu pergunto.

Os nós dos dedos de Sienna roçam suavemente minha bochecha e seus lábios se abrem em um sorriso. — De você.

O sorriso é *verdadeiro* e faz todo o seu rosto brilhar. Seu olhar cai para a minha palma, onde ainda estou segurando o resto daquele maldito pó brilhante, e o sorriso se transforma em um sorriso malicioso.

Eu franzo a testa. — Você não quer...

Seu hálito quente sopra em minha mão, enviando uma nuvem de partículas de

ouro sobre mim. Um milhão de partículas cintilantes flutuam pelo ar como pequenas pedras preciosas enquanto minha esposa ri, vendo-as pousar em minha cabeça, rosto e até mesmo grudar em meu peito.

Houve um tempo em minha vida em que eu teria achado essa façanha imatura. Uma bobagem. Mas de minha esposa - a joia mais valiosa que já tive em minhas mãos? Estou tendo dificuldade em esconder o sorriso que está ameaçando se espalhar pelo meu rosto. Todas as belas pedras sobre as quais construí meu império são usadas para fazer uma pessoa brilhar por fora. Meu Sienna ilumina cada canto de minha alma.

— Você se lembra do que eu faço com as pessoas que me contrariam, *mila moya*?

— O ouro fica bem em você, Drago. — Outro ataque de risos. — Algo sobre a parede, não é?

— Exatamente. — Eu pulo da poltrona, agarro-a pela cintura e a carrego para o outro lado do quarto.

* * *

— Voltarei em algumas horas, — digo a Relja, que está de guarda na porta da frente, e visto meu casaco. — Se alguém permitir que minha esposa ponha um pé fora dos muros do complexo, vou quebrar seu pescoço.

— Claro, chefe. — Ele acena com a cabeça, com os olhos focados em minha cabeça.

— Se alguém relatar qualquer coisa, mesmo que remotamente suspeita, entre em contato comigo imediatamente.

— Eu vou.

Viro-me para sair quando sinto um toque em meu ombro e olho para trás. — O quê?

— Há algo em sua cabeça, — ele murmura.

Passo meus dedos pelo cabelo. Minha mão volta com várias partículas de pó de ouro cintilante. Aperto a ponta do nariz e praguejo.

Indo para uma reunião com a facção Boston Cosa Nostra. Com a porra da purpurina em meu cabelo. Vou em direção à garagem, sorrindo com o absurdo de tudo isso.

Combinamos de nos encontrar a uma hora da cidade. Eu teria preferido que isso acontecesse em minha boate, mas Nera Leone queria ficar fora do radar de Ajello.

Encosto meu carro ao lado de um sedã preto com vidros escurecidos, desligo o motor e Filip estaciona ao meu lado. O único outro veículo no estacionamento da lanchonete é outro carro caro, inclusive com vidros escurecidos. Parece que a esposa de Don Leone decidiu dirigir até aqui em vez de voar, porque esses não parecem ser alugados.

Uma placa de *'fechado'* está pendurada na porta da lanchonete, mas as luzes estão acesas e, embora não haja garçons em lugar algum, uma mulher está sentada em uma mesa à direita. Dois homens de terno preto estão de pé atrás dela, com as mãos fechadas atrás das costas.

— Apenas dois guarda-costas, — digo ao sair do carro.

Filip acompanha meu olhar e dá de ombros. — Talvez ela queira deixar claro que se trata de uma reunião pacífica.

— Ou talvez ela queira que saibamos que ela não tem medo de nós. — Abro a porta e vou em direção à mulher que está dirigindo a Boston Cosa Nostra enquanto o marido está doente.

Nunca conheci Nera Leone pessoalmente, mas sei que ela é muito mais jovem

do que seu marido, que tem cerca de 60 anos. Eu esperava uma mulher com cerca de quarenta anos, talvez, e não uma mulher de vinte e poucos anos. Se tanto. Com seus cabelos louro-escuros que se espalham por seu longo casaco vermelho, eu nunca a teria imaginado como a oponente astuta de que tanto ouvi falar.

Talvez eu não faça negócios na área de Boston, mas fico de olho no que está acontecendo por lá. Conhecer todos os grandes jogadores da área e descobrir os segredos que eles estão tentando esconder é uma obrigação no meu ramo de trabalho. Não é de conhecimento geral que Don Leone não está bem há algum tempo e que sua esposa assumiu extraoficialmente o controle da Família Cosa Nostra de Boston por enquanto. Como ela está aqui e não o marido, isso significa que ele não está melhorando.

— Lamento ver que Don Leone ainda não está se sentindo bem, — digo enquanto me sento em frente a ela e Filip se posiciona atrás de mim.

Nera acena com a cabeça em sinal de saudação. — Ele está se recuperando.

— Então, em que posso ajudá-la, Sra. Leone? — pergunto e me inclino para trás, estendendo meu braço direito sobre o encosto de uma cadeira vizinha. — Fiquei bastante surpreso ao receber sua mensagem.

— Um passarinho me contou que você se envolveu recentemente em um novo empreendimento comercial. Tenho uma proposta para você: uma afiliação mutuamente benéfica.

Uma de minhas sobrancelhas se ergue. As notícias correm rápido em nossos círculos, mas, ainda assim, é preocupante que ela tenha tomado conhecimento de tal informação tão cedo. — Eu pensei que você estava recebendo suas armas de Endri Dushku?

— Sim, mas estou procurando fazer novas alianças. — Seus lábios vermelhos de sangue se contraem em um sorriso.

— Endri e eu temos um acordo. Não pisamos nos pés um do outro. Vou pensar sobre sua oferta e lhe informarei minha decisão.

Nera Leone se levanta de seu assento. — Muito obrigada. Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Popov.

Eu a sigo com meus olhos enquanto ela sai da lanchonete, com seus dois homens logo atrás. Eles entram nos carros e entram na estrada, levantando uma nuvem de poeira do cascalho solto ao redor dos buracos que marcam o estacionamento.

— A facção de Boston tem trabalhado com Dushku há anos, — diz Filip. — Por quê a mudança de opinião tão repentina?

— Não faço ideia.

Do outro lado da rua, um movimento em um motel abandonado atrai minha atenção. Um homem de casaco preto sai do quarto mais distante no térreo. Ele encontra meu olhar e o mantém por um momento. Quando pego a arma no coldre de ombro dentro do casaco, o homem interrompe o contato visual e se vira, contornando o prédio. Seus passos são seguros e firmes, de modo que consigo ver bem seus longos cabelos negros, trançados em uma trança grossa, e um estojo retangular preto pendurado no ombro esquerdo.

— Isso é o que eu acho que é? — Filip pergunta ao meu lado.

— Sim. O cara está andando casualmente por aí carregando um rifle de precisão nas costas. E tenho quase certeza de que ele nos viu em sua mira durante todo o tempo em que estivemos reunidos. A sala de onde ele acabou de sair fica bem em frente à lanchonete; a janela tem uma linha de visão clara da mesa em que eu estava sentado.

— Você acha que ele é um dos capangas de Nera?

Um carro esportivo preto sai de trás do motel e segue na mesma direção que os italianos.

— Não tenho certeza, — eu digo. — Mas tenho a sensação de que, se tivéssemos

dado o menor indício de machucarmos aquela mulher, nós dois estaríamos deitados no chão. Com buracos em nossas cabeças.

Filip e eu entramos em nossos respectivos veículos, virando na direção oposta à da brigada de Leone.

Estamos a meia hora da casa quando meu celular toca no painel. Meu olhar se volta para a tela que mostra o nome de Relja. O telefone toca duas vezes e depois para. Um sinal para mim - algo está errado na boate.

Que droga. Aperto o acelerador. Uma olhada no espelho retrovisor confirma que Filip também está acelerando, com o telefone encostado no ouvido e provavelmente recebendo todos os detalhes de um dos nossos homens.

Quinze minutos depois, meu telefone começa a tocar e vibrar novamente e, dessa vez, continua, desencadeando uma onda de pânico em minha cabeça.

A casa está sendo atacada.

Sienna

As luzes se apagam.

Será que um fusível queimou? Afasto o notebook e saio da cama, abrindo caminho até à porta da varanda.

As luzes externas também estão apagadas e nenhuma das outras janelas está acesa. O terreno ao redor da casa está envolto em escuridão absoluta, exceto pelos dois pontos de luz além das árvores no portão principal. Mas que diabos?

A porta do quarto se abre com estrondo, o que me faz dar um pulo e me virar.

— Afaste-se da janela. — A voz de Adam ecoa da porta.

Um leve brilho amarelo das luzes de emergência de pequenas luminárias

embutidas nas paredes mal ilumina o espaço atrás dele e cai no chão do corredor.

— Adam? O que está acontecendo?

— Estamos sendo atacados. — Ele leva Tara para dentro do meu quarto. Eu nem sequer a notei atrás dele. — Tranquem-se no banheiro. Quando tudo acabar, alguém virá buscá-las.

Um forte estrondo de metal irrompe do lado de fora. No momento seguinte, o rádio na mão de Adam estala e a voz de Relja enche o quarto.

— Eles invadiram o portão.

— Não há tempo, — Adam grita e tira uma lanterna do cinto antes de colocá-la na mão de Tara. — Banheiro. Agora. Vocês duas.

— Tara? Onde está Drago? — Eu me engasgo quando ela me empurra em direção à suíte, abrindo caminho com a pequena lanterna.

— Ele ainda não voltou de uma reunião. Vamos lá.

O rugido dos motores de vários carros que se aproximam penetra nas paredes. Além do estrondo anterior, que presumo ter sido um veículo batendo no portão, não há outros sons. Nenhum tiroteio. Ninguém está gritando. A casa está em silêncio. Se a mansão está sendo atacada, não haveria gritos e a agitação de todas as pessoas que estão lá dentro? Por que ela está tão assustadoramente silenciosa?

— Não estou ouvindo nada, — eu digo enquanto entramos no banheiro. — Que porra está acontecendo, Tara?

— Os romenos decidiram nos fazer uma visita. — Ela pega uma arma atrás das costas e a tira do coldre. Colocando a ponta da lanterna entre os dentes, ela solta o carregador para verificá-lo e depois o recoloca no lugar. — Um dos homens de guarda na estrada informou que vários veículos estão se dirigindo para o complexo. Eles acabaram de passar pelo portão, então estamos esperando que eles cheguem aqui.

— Eles cortaram a energia? — Pergunto, com meus olhos fixos na arma em sua

mão.

— Não, — ela murmura ao redor da lanterna. — Nós cortamos.

— O quê? Por quê?

— Protocolo padrão. — Ela me joga o celular. — Você pode assistir se quiser.

— Vocês têm um *protocolo* para uma invasão? — Balançando a cabeça, sento-me na tampa fechada do vaso sanitário e olho para a tela que mostra um vídeo escuro e granulado. Certamente é um vídeo da câmera de segurança, mas não consigo descobrir qual é. Um segundo depois, faróis entram na tela, aproximando-se rapidamente, o brilho iluminando a entrada da garagem.

— Eles não podem dirigir no escuro, sem luzes acesas. — Tara ri. — Eles são alvos fáceis agora. Nós podemos vê-los, mas eles não podem nos ver.

— Por que ninguém tentou impedi-los? — Eu me engasgo, observando quatro vans pretas pararem no cascalho a alguma distância da casa.

— Atirar em veículos em movimento é uma droga. — Ela me empurra para o lado, pegando metade do assento do vaso sanitário. — A qualquer momento.

Não tenho tempo de perguntar o que ela quer dizer, porque um flash repentino preenche a tela, iluminando o pátio da frente como se fosse meio-dia. Os homens de roupas pretas, que momentos antes saíram das vans, agora estão se esquivando para todos os lados, cegos pelos enormes holofotes apontados para eles. Os cerca de trinta pistoleiros, cada um deles armado com um fuzil automático, transformam-se momentaneamente em uma horda assassina e sem sentido.

Tiros explodem na noite.

Cerca de uma dúzia acabou esparramada no chão antes que o restante se espalhasse pelo gramado, atirando na casa.

— Drago vai ficar furioso, — murmura Tara sobre o som de tiros lá fora.

— Por causa do ataque?

— Porque não está aqui. — Ela ri. — Vou me certificar de que... Foda-se!

Ela interrompe a conversa, olhando para o telefone, quando mais dois veículos chegam ao limite externo da luz que banha a entrada da garagem.

— Foda-se. Foda-se. Foda-se! — Tara late e tira a arma da penteadeira do banheiro. — Fique aqui. Eu vou descer as escadas.

— O quê? — Eu agarro seu antebraço.

— Há apenas dezoito pessoas aqui. Relja enviou o restante como reforço para Naos quando Misha ligou há meia hora. Parece que o ataque lá deve ter sido uma distração. Estamos muito sobrecarregados, mesmo com a vantagem de estarmos fortificados lá dentro.

— Eu vou com você, — eu digo.

— Não está acontecendo.

— Mas...

— Você me disse que nunca poderia atirar em ninguém, Sienna. — Ela me fixa com um olhar inabalável. — Você não pode ajudar. Fique quieta.

Com essas palavras, Tara sai correndo, fechando a porta do banheiro em seu rastro.

Observo o interior sombrio ao meu redor, com o brilho da pequena lanterna como única fonte de luz. A cacofonia do lado de fora ainda está furiosa, mas parece mais controlada agora do que antes. Em vez de uma sequência de tiros de metralhadora, os disparos agora são individuais, com intervalos de tempo entre eles. Precisos. Os atacantes recuperaram o rumo e pararam o ataque sem objetivo.

Agarro a borda da penteadeira com tanta força que meus nós dos dedos doem. O eco dos tiros pode ser o mesmo que no campo de tiro, mas é diferente saber que

muitas das balas atingirão carne, não alvos de papelão. Ferindo, talvez até matando o pessoal de Drago. Sua família. Mas eles não parecem mais ser apenas a família do meu marido. Eu os sinto como meus também. Lutando contra os homens que estão atacando seu lar. Minha casa, agora. E eu estou escondida na porra de um banheiro.

Pego a lanterna no balcão e corro para o quarto. A porta da varanda está entreaberta e o barulho lá fora é ensurdecedor. Ainda estou perto da soleira do banheiro quando uma bala perdida atinge a grade da varanda, lançando cacos de pedra em todas as direções. Meus olhos se voltam para a minha mesa de cabeceira. A arma que Drago me deu está guardada na gaveta.

Minha irmã calma e de temperamento suave matou o homem que a sequestrou e violentou. Asya, que nunca levantou a voz para ninguém, encostou a arma na testa daquele bastardo e puxou o gatilho. Eu não tenho coragem de fazer isso. Nunca seria capaz de fazer algo assim, independentemente das circunstâncias, mas descer as escadas sem uma arma é uma estupidez. Atravesso o quarto correndo e pego a Glock no criado-mudo.

* * *

É pior do que eu pensava. Muito pior. Paro no meio da escada e fico boquiaberta com a cena no corredor abaixo.

Descendo as escadas, por algum motivo, imaginei os homens de Drago agachados ao lado das janelas e só saindo para responder aos tiros de vez em quando. Toda a cena do filme de ação se desenrolou em minha cabeça. Os mocinhos davam uma olhada rápida no inimigo, mandavam algumas balas em sua direção e depois recuavam para uma posição coberta. Seguros atrás de paredes grossas. Sem ferimentos.

Eu não poderia estar mais errada.

Os holofotes estão entrando pelas janelas quebradas e pela porta da frente escancarada, criando vazios escuros e sombras ameaçadoras. Logo após a soleira da porta, o corpo de um homem que não reconheço está esparramado no chão, com os olhos vazios olhando para o teto. O sangue se acumula nos ladrilhos ao redor dele, espalhando-se em direção a outro corpo que está próximo. Uma respiração trêmula sai de meus pulmões quando percebo que não conheço nenhum deles. Devem ser os agressores.

Adam está agachado sob a janela à esquerda da entrada, com a arma na mão, pronto para atirar a qualquer momento. O sangue escorre do corte em seu ombro, saturando sua camiseta branca rasgada. Ele não dá importância a isso quando se endireita de repente, enviando uma saraivada de balas através da vidraça quebrada. No instante em que ele se abaixa, uma tempestade de tiros irrompe do lado de fora. Cacos de vidro, lascas de madeira e fragmentos de drywall chovem ao seu redor.

Do outro lado da porta, dois dos homens de Drago estão respondendo ao fogo. Outro, Relja, está caído no chão com as costas contra a parede. Ele está pressionando a mão sobre o ferimento em sua coxa enquanto o sangue escorre entre seus dedos. Pelas portas abertas que levam à grande sala de jantar, noto vários outros homens em posições junto às janelas. Alguns estão atirando, enquanto outros estão recarregando suas armas. A maioria está sangrando, seja por causa das balas ou dos cacos de vidro, mas continuam lutando.

Agarro minha arma com mais força, mas não consigo me mover. É como se meus pés estivessem colados à escada de madeira abaixo de mim e eu tivesse perdido todo o controle dos meus membros inferiores. Meu peito está subindo e descendo em rápida sucessão, o som de minhas respirações curtas se misturando com a batida irregular do meu coração. A batida estrondosa parece, de alguma forma, mais alta do que todo o barulho ao meu redor. Pelo menos Drago não está

aqui. Ele estaria lá fora, em algum lugar no meio dessa tempestade de merda, e eu teria perdido a cabeça me preocupando com ele.

Tara irrompe pela porta da cozinha, do outro lado da sala de jantar, e, mantendo-se abaixada no chão, corre para o saguão. Ela se agacha ao lado de Relja e enfia a arma na parte de trás da calça. Com movimentos rápidos e seguros, ela o agarra por baixo dos braços, afastando-o da parede. Relja grita com ela, mas o barulho dos tiros é muito alto para que eu possa entender o que ele está dizendo. Tara ignora sua explosão e começa a arrastá-lo para longe, mas mal consegue movê-lo. Ele é muito pesado.

A sensação retorna aos meus pés. Dou um passo à frente e depois desço as escadas correndo. À minha esquerda, algo se estilhaça. O estrondo é alto, e os cacos atingem minhas pernas com uma forte picada. Provavelmente são os restos de um dos enormes vasos de chão que Keva mantém ao longo das paredes. Os fragmentos de porcelana rangem sob minhas solas enquanto corro em direção a Tara, que agora está segurando o antebraço de Relja, tentando puxá-lo pelo chão.

— Sienna! Que porra você está fazendo aqui? — ela diz quando eu os alcanço.

— A ajudar minha família. — Imitando Tara, enfio a arma no cós de minha legging turquesa e agarro o outro braço de Relja. — Para a cozinha?

Tara pisca para mim e depois acena rapidamente com a cabeça.

Quando levamos Relja para a cozinha, ele já estava inconsciente e com muito sangue. A situação aqui não parece ser melhor do que na sala de jantar. Três homens estão perto das janelas que dão para o jardim da frente, atirando nos assaltantes. Do outro lado da cozinha, Jovan está agachado ao lado da porta aberta para o quintal, com a arma na mão e mirando na escuridão absoluta desse lado da mansão. Não tenho a chance de contemplar o que ele está fazendo porque um som baixo de rosnado do lado de fora é seguido por um grito que abala os ouvidos.

— Zeus o pegou, — diz Jovan, depois leva um rádio bidirecional à boca.

Não percebo o que ele diz quando noto Keva ajoelhada entre a ilha da cozinha e os armários da bancada, terminando de enrolar uma toalha de cozinha nos bíceps de um homem. Ela nos vê chegando e se arrasta em nossa direção.

— Vão para trás da ilha! — ela ordena. — Agora! Vocês duas!

— Rápido. — Tara puxa o braço de Relja novamente. — A ilha é à prova de balas.

Alguém realmente fabrica armários de cozinha blindados? Eu balanço a cabeça.

Keva pressiona a palma da mão sobre o ferimento na coxa de Relja enquanto o arrastamos pelos últimos metros até um local mais seguro. Outra rodada de tiros explode, balas atingindo eletrodomésticos e armários acima de nós. Algo no balcão balança e depois cai no chão.

— Se essa é a minha máquina de café favorita, vou estripar alguém, — murmura Keva enquanto pega uma gaveta e tira uma toalha de mesa. Ela rasga uma longa faixa e a amarra firmemente ao redor da perna de Relja. — Este aqui precisa de um hospital o mais rápido possível.

— Não podemos levá-lo para um hospital com um ferimento de bala! — Tara se engasga. — Drago vai matar você.

— Filip ligou há quinze minutos. Seu Don... — Keva acena para mim enquanto verifica o pulso de Relja — ...disse que podemos levar os feridos para a clínica da Cosa Nostra, se necessário.

— Don Ajello? — Eu pergunto, atônita, ao mesmo tempo em que Tara grita: — Como diabos ele sabia?

— Não sei. — Keva balança a cabeça. — Esse homem sabe tudo.

As coisas parecem estar se acalmando, porque agora há apenas um tiro ocasional que perturba a noite. O som de passos cansados chega até mim, e eu dou uma olhada na ilha da cozinha para ver Beli carregando um dos rapazes no ombro.

— Parte superior do tórax, — ele grita enquanto abaixa o homem ao lado de

Relja. — Não há ferimento de saída. Vou puxar a van até à porta dos fundos e vamos colocar os dois lá dentro.

— Ainda há homens armados lá fora! — exclama Keva.

Beli puxa uma espingarda de suas costas e a engatilha. — Preocupada com meu bem-estar, docinho?

Meu queixo bate no chão. *Docinho*? Eu achava que Keva e Beli se odiavam. Quando olho para Tara, ela apenas revira os olhos e diz: — Não pergunte.

Keva lhe dá um olhar de reprovação e depois se concentra na nova vítima. Eu a ajudo a tirar a camisa do cara, enquanto agradeço aos céus por aquela reunião à qual meu marido foi. Poderia ter sido ele. Saber que Drago não foi pego nesse ataque foi a única coisa que me impediu de perder a cabeça na última meia hora.

— Ah, e o chefe está de volta, — diz Beli ao sair.

Minhas mãos ainda estão na camisa do homem ferido, enquanto um sentimento de afundamento se forma no fundo do meu estômago.

Capítulo 22

Drago

Saio da cobertura de uma árvore e aponto minha arma para o homem agachado ao lado da fonte. A bala o atinge na parte de trás da cabeça, o sangue espirra no mármore branco. Vou aniquilar todos os filhos da puta que se atreveram a atacar minha casa e minha família.

Meus olhos saltam para a última janela do último andar. As luzes estão apagadas, assim como em todas as outras partes da casa. Sienna provavelmente está surtando, mas Adam disse que deixou Tara com ela. Esse conhecimento ajuda a diminuir um pouco minha ansiedade. Quase enlouqueci quando recebi o segundo sinal de Relja e por pouco evitei bater em um caminhão quando pisei fundo no acelerador.

Mesmo em menor número, meus homens fizeram um bom trabalho lutando contra os homens de Bogdan. A maioria dos atacantes está morta, com seus corpos espalhados pelo gramado e pela superfície pavimentada ao redor das vans abandonadas. Alguns ainda estão vivos, tentando se manter escondidos e esperando uma oportunidade para fugir. Bem, isso não está acontecendo. Já ordenei que o portão seja protegido e Filip está lá com três de nossos homens, pronto para acabar com qualquer um que tente escapar.

Um rosnado profundo soa à minha direita enquanto me dirijo à mansão. Olho nessa direção e vejo Perun e Zeus atacando um homem usando roupas táticas. Há luz suficiente para ver os laços de cetim combinando nos pescoços dos meus cães. Laranja hoje.

Um sorriso surge em meus lábios. Significa que minha esposa vestiu os cães depois que eu saí. Ela gosta de combinar os laços deles com o que ela veste. Meu

pequeno tesouro cintilante, que é muito mais do que qualquer um vê à primeira vista. Caramba, estou louco por essa mulher.

O barulho de um veículo me faz olhar para trás, na direção da mansão. Beli está estacionando uma van ao lado da porta da cozinha. Adam sai da casa, segurando um dos meus homens em cima do ombro. Iliya e Jovan o seguem, apoiando Relja entre eles. Eu cerro os dentes. Maldito Salvatore Ajello. Não suporto esse homem, especialmente sabendo que ele fez Sienna espionar para ele. Eu gostaria de ter dito a ele para enfiar a oferta de tratar meus homens em seu hospital, mas, infelizmente, nós dois sabíamos que eu não teria como recusar. E tenho certeza de que ele vai encontrar uma maneira de ganhar dinheiro com seu favor. Com juros, sem dúvida.

Beli pula para o banco do motorista e arranca, manobrando entre os veículos dos romenos e os atacantes mortos, e se dirige para o portão do complexo. Livrar-se de todos os corpos e das caminhonetes vai ser uma dor de cabeça.

Com suas armas prontas, Adam e Jovan se aproximam da carnificina, a maior parte dela reunida diante das portas da frente, verificando os mortos. Iliya, por sua vez, dirige-se para os fundos da casa.

— Você encontrou Bogdan? — Pergunto ao me aproximar.

Adam balança a cabeça. — Eu o vi de relance mais cedo, então ele estava aqui com certeza. Jovan está dando uma olhada no quintal. Vou ligar para o portão e ver se eles o pegaram.

— Quero todos em alerta até que seu corpo seja encontrado.

O tiroteio cessou e parece que finalmente conseguimos reunir os homens de Bogdan, graças a Deus, mas não vou dizer que acabou até ver o cadáver do filho da puta com meus próprios olhos.

Com uma última olhada nos corpos que se alinham na entrada da garagem, vou em direção à garagem para verificar se alguns dos bastardos estão escondidos lá,

mas, com o canto do olho, vejo um reflexo de um azul turquesa cintilante. Minha cabeça se vira para o lado, focalizando a figura parada na porta da cozinha. A energia foi restaurada dentro da casa, então posso ver claramente minha esposa, em suas leggings de sereia, olhando para mim. Um suspiro de alívio sai de meus lábios ao vê-la ilesa e bem. No momento seguinte, porém, estou cheio de raiva. Ela estava lá o tempo todo, enquanto choviam balas por toda parte?

— Que merda, Sienna! — Eu grito, abrindo caminho pelo gramado e correndo em direção a ela. Vou matar quem quer que seja responsável por permitir que ela desça as escadas. — Volte para dentro. Agora!

Ela continua me encarando enquanto uma lágrima escorre pelo seu rosto. O olhar em seus olhos, quando se fixam nos meus, é de total alívio, e minha raiva se dissipa imediatamente. Ela estava preocupada comigo.

— Eu disse, volte para dentro! — Continuo gritando, mas ela apenas sorri. O que vou fazer com ela? Ninguém pode ignorar minha ordem direta, mas quando é ela, eu realmente não me importo. Que droga.

Estou a apenas alguns passos de distância quando os olhos de Sienna se desviam para o lado, em algum lugar atrás de mim. O sorriso desaparece de seu rosto e é substituído por puro terror.

Não é um movimento consciente. Não há pensamento racional, apenas puro instinto, enquanto me viro, protegendo minha esposa e enfrentando qualquer perigo que esteja à frente. Minha arma está preparada, o metal quente em minha palma quando levanto a mão, pronto para neutralizar a ameaça.

Mas sou muito lento.

Um tiro perfura o ar.

Sienna

Há momentos que você sabe que a assombrarão para sempre, mesmo que você viva mil anos. Esses momentos abalam fundamentalmente sua existência, mudando a trajetória de sua vida. A nova jornada diante de você é algo que você nunca imaginou. Uma que você não poderia planejar. Um caminho que você não viu. Seja carma ou destino, esses momentos raramente são de sua própria escolha.

Diante de um momento como esse, você sabe que nada mais será o mesmo. Ele se torna um nexo, um ponto no tempo em que tudo é pensado como ‘antes’ e ‘depois’.

Já tive dois casos assim em minha vida. O primeiro foi quando Arturo nos contou que nossos pais haviam morrido. O segundo foi quando descobri que minha irmã havia desaparecido, com destino desconhecido.

Com todas as fibras do meu ser, eu esperava nunca mais encontrar outro momento como esse.

Quando vi um homem sair da garagem com a arma levantada e apontada para mim, fiquei paralisada. Até meus pulmões se contraíram, incapazes de inspirar ar, e tudo o que pude fazer foi olhar fixamente. A única parte de mim ainda capaz de se mover era meu coração. Ele acelerou o triplo de sua velocidade normal, batendo em minha caixa torácica.

Então, a enorme estrutura de Drago se materializou diante de mim. Em vez da arma, meus olhos se fixaram nas costas largas de meu marido.

Bang!

Minha mão voa para o peito porque, por um instante, tenho certeza de que meu coração parou de bater, perfurado por uma bala à queima-roupa. Drago se retesa na minha frente. A arma escorrega de sua mão e cai na grama meio congelada a seus pés.

Bang!

Um grito se forma dentro de mim quando vejo meu marido cair de joelhos e começar a se inclinar lentamente para a frente. O momento se estende e o tempo para.

Por cima da cabeça de Drago, vejo o homem perto da garagem jogar fora a arma e pegar o paletó. O ar entra em meus pulmões e, com ele, a calma absoluta.

Sem pensar, pego a Glock em minhas costas. Esqueci que estava com ela quando o atirador apontou para mim. Embora, naquele momento, eu não tenha certeza de que a teria sacado se tivesse lembrado. Agora não há mais dúvidas.

O agressor está sacando outra arma de sua jaqueta, balançando o cano para acabar com Drago. Sua escolha. E eu faço a minha.

Minha mão está firme quando levanto a arma, e minha respiração está calma. Mal percebo os gritos que vêm da entrada da garagem, cada vez mais altos e mais próximos. Em uma fração de segundo, aponto para a cabeça do cara e, sem hesitar, puxo o gatilho.

Bang!

O homem dá um solavanco para trás. Um grande buraco vermelho aparece onde estava seu olho esquerdo.

Eu fiz isso.

Eu o matei.

Eu tirei uma vida. E não me arrependo.

A arma cai de minha mão, e então estou correndo. Para Drago, deitado de lado no gramado frio e morto.

— Querido. — Um sussurro estrangulado sai dos meus lábios quando me abaixo na grama ao lado dele e cuidadosamente o coloco de costas.

A parte da frente de sua camisa está saturada de sangue. Agarro as laterais e a rasgo, depois pressiono as palmas das mãos sobre as duas feridas sangrentas na

parte superior do tórax. Apesar de meus esforços para aplicar a pressão, o líquido vermelho continua escorrendo entre meus dedos.

Sinto um toque em meu rosto quando a mão ensanguentada de Drago toca minha bochecha. Meu olhar se volta para cima e meus olhos se fixam nos dele.

— Pensei que você desmaiasse ao ver sangue, — diz ele, com a voz quase um sussurro.

Os gritos e o som de pés correndo estão se aproximando, mas não consigo desviar o olhar dele.

— Não se atreva a morrer em mim, Drago, — eu me engasgo enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Não se atreva, porra.

Mãos me agarram por trás, puxando-me para longe. Iliya se abaixa ao lado de Drago, pressionando seu casaco sobre os ferimentos no tronco de meu marido. Ele está bloqueando minha visão, e não consigo ver os olhos de Drago. Eu rosno, chutando minhas pernas, tentando me soltar. Preciso ter meus olhos nos dele! Por alguma razão, estou convencida de que, enquanto eu conseguir segurar seu olhar, poderei mantê-lo vivo.

Um carro para ao nosso lado, e então Filip e Jovan levantam Drago e o colocam no banco de trás. Eu grito. Uivo. E arreganho meus dentes. Braços fortes me seguram, mantendo-me no lugar. A voz de um homem diz algo sobre eu dar espaço a eles. Cravo meus dentes em seu antebraço, e um gosto metálico enche minha boca.

— Jesus! — alguém grita. — Deixe-a ir, Adam. Ela pode ir no banco de trás com ele.

No momento em que estou livre, corro em direção ao veículo e entro nele. Ajoelho-me no assoalho do banco traseiro e pressiono as palmas das mãos sobre as mãos de Drago, enquanto ele segura o casaco de Iliya na parte superior do corpo. Meu Deus, há tanto sangue.

— Olhe para mim! — Eu grito enquanto o carro se inclina para a frente.

Não tenho certeza se ele me ouviu, mas suas pálpebras se abrem e seu olhar verde encontra o meu.

— Ótimo. — Aceno com a cabeça. — Estamos indo para um hospital onde você será tratado. E você terá de manter os olhos abertos durante todo o trajeto até lá.

Drago move seu olhar para o topo da minha cabeça, e seus olhos se enrugam nos cantos. — Eu deveria saber.

— Saber o quê?

— Laço laranja. Como os cães. — Ele ri e, em seguida, começa a tossir, sibilando enquanto luta para respirar.

Pressiono meus lábios juntos enquanto uma metade risada, metade soluço, ameaça sair de mim. — Eu sabia que você ia adorar.

Minha voz se embarga e engulo com força, lutando para manter a compostura e o equilíbrio. Quem quer que esteja atrás do volante parece estar dirigindo como um maníaco. Sinto cada solavanco, cada curva na estrada, a lateral da minha cabeça batendo no encosto do banco do passageiro a cada mudança de marcha.

— Eu amo cada coisa em você, minha espiãzinha reluzente. — Ele vira sua mão, entrelaçando seus dedos com os meus.

— Até minha jaqueta de frango?

— Especialmente... — ele respira fundo — ...especialmente sua jaqueta de frango, *mila moya*.

Não consigo mais conter as lágrimas, então as deixo cair. — Eu amo você, Drago.

Um leve sorriso se desenha em seus lábios. — Eu sei.

Sua mão percorre meu braço até ao pescoço, puxando-me para baixo para sussurrar perto do meu ouvido. — Eu me apaixonei por você no momento em

que a vi com aquele horrível macacão dourado.

Fecho os olhos e pressiono meus lábios contra os dele. — Por favor, não me deixe.

O carro para abruptamente. As portas se abrem e pessoas com jalecos médicos levantam Drago, colocando-o em uma maca. Quando saio do carro, eles já estão entrando pelas portas deslizantes do hospital.

Meus olhos estão grudados em suas costas em retirada enquanto corro, corro atrás deles e de meu marido. Não vou perdê-lo de vista.

* * *

Minhas palmas das mãos cobertas de sangue pressionam o vidro enquanto olho para os médicos e enfermeiros reunidos ao redor da mesa de cirurgia. Uma das pessoas da equipe médica insistiu para que eu ficasse na sala de espera, mas eu disse a ela que mataria qualquer um que tentasse me afastar do meu marido. Ela deve ter acreditado em mim, pois logo depois fui escoltada para essa pequena sala de observação. Isso foi há horas.

— Ele vai ficar bem, — diz uma voz feminina ao meu lado.

— Você não sabe disso, — eu digo, sem me preocupar em olhar para a pessoa que está falando.

— Confie em mim. Minha sogra tem mais experiência com ferimentos de bala do que todo o departamento de emergência de um hospital da cidade de Nova York. — Ela bate com a unha na janela de vidro. — Ela é a senhora elegante que atualmente está com os cotovelos enfiados no peito do seu marido. Ilaria.

Dou uma olhada rápida para a mulher ao meu lado. Milene Ajello. A esposa do Don.

— Na semana passada, eu a vi tirando uma bala da coxa de Pietro com as próprias mãos, — continua ela. — Às vezes, eu realmente odeio essa vida, sabe?

— Mas você ainda se casou com o nosso Don, — eu digo, voltando a manter minha vigilância sobre o que está acontecendo na sala de cirurgia.

— Sim, bem, ele meio que ameaçou começar uma guerra se eu não o fizesse. — O tom de Milene é sério, mas no reflexo do vidro, vejo seus lábios se curvarem em um sorriso. — Se eu não estivesse muito brava com ele na época, poderia ter achado que era romântico.

Acho difícil imaginar Salvatore Ajello sendo considerado romântico. É o mesmo que chamar uma guilhotina de adorável.

— Será que isso vai ficar mais fácil? Ficar com medo o tempo todo? Preocupar-se com a possibilidade de algo ruim acontecer? — Eu pergunto.

— Não. Na verdade, não. — Ela coloca os dedos em volta do meu antebraço e aperta levemente. — É assim que acontece quando você está apaixonada por um homem perigoso.

Nós duas ficamos olhando para a sala de cirurgia. Eles devem estar terminando. O ritmo frenético e a urgência que envolviam a sala quando a cirurgia começou diminuíram, e decidi que isso é um bom sinal.

— Quer que eu encontre uma muda de roupa para você? — Outro aperto em meu braço. — Você está coberta de sangue.

— Vou pedir ao Jovan que me traga alguma coisa, — digo, mantendo meu olhar fixo em Drago. Com tanta equipe médica ao seu redor, só consigo ver de relance seu braço e suas pernas.

Milene sai, seus passos ecoam pelo corredor enquanto se afastam. Dentro da sala de cirurgia, a mãe do Don se afasta da mesa de operação e tira a bata cirúrgica azul e as luvas, jogando-as na lata de lixo. Em seguida, ela retira a máscara e se dirige a uma enfermeira ao seu lado.

Quando Ilaria olha para cima, nossos olhares se cruzam através da janela. As marcas das minhas mãos mancham o vidro que, de outra forma, seria imaculado. O sangue do meu marido. Muito dele.

Quando Ilaria sai da sala, vindo em minha direção, o pânico que eu vinha mantendo sob rígido controle aumenta. Dou um passo para trás e tento acalmar meu ritmo cardíaco enquanto ela abre a porta da sala de observação.

Prendo a respiração.

— Ele sobreviverá.

Meus pulmões se expandem quando eu inspiro. A primeira respiração de verdade que tomo nas últimas quatro horas. Ilaria está dizendo outra coisa - detalhes do que foi feito durante a cirurgia e as expectativas para o processo de recuperação - , mas eu mal ouço, pois apenas duas palavras estão sendo repetidas em meu cérebro.

Ele sobreviverá.

Capítulo 23

Drago

Odeio hospitais.

Só o cheiro já me traz as piores lembranças.

Olhando para o meu lado, meus olhos caem sobre a forma adormecida de Sienna. Quando acordei, ela estava na cama ao meu lado, com o rosto aconchegado em meu pescoço enquanto segurava meu braço em um aperto semelhante a uma viseira. Ela nem sequer se mexeu quando a médica chegou mais cedo, falando sobre meus ferimentos. Eu a interrompi assim que ela começou a falar e disse a ela que voltasse quando minha esposa estivesse acordada. Não me importa se ela é a mãe de Ajello, ninguém pode acordar minha Sienna.

Estendo a mão e penteio para trás os poucos fios emaranhados que caem sobre o rosto de Sienna. Eu tinha cem por cento de certeza de que não conseguiria, mas a ideia de deixá-la era inaceitável. Por isso, agarrei-me à vida apenas com minha vontade. Se ela não estivesse no carro comigo, implorando com os olhos para que eu continuasse lutando, eu provavelmente teria morrido antes de chegarmos ao hospital.

A porta do quarto se abre e Adam entra. Coloco o dedo em meus lábios, sinalizando para que ele fique quieto.

— Todo mundo se recuperou, — ele diz, mas como não consigo ouvir nada, é provável que ele esteja balbuciando as palavras. — Relja tem uma artéria cortada, mas vai ficar bem.

Aceno com a cabeça e mudo meu foco para a marca nítida de dentes em seu antebraço. — Os homens de Bogdan recorreram à mordida quando ficaram sem

balas? — sussurro.

— Hum, foi sua esposa. — Ele muda seu peso de uma perna para outra. — Tentei mantê-la afastada enquanto os rapazes o colocavam no carro.

Levantando uma sobrancelha, olho para o rosto angelical que está ao meu lado. Pequena infernal.

— Bogdan? — Eu pergunto.

— Morto. Sienna lhe deu um tiro no olho. Juro que, se eu não tivesse visto pessoalmente, não teria acreditado.

Sim, minha brilhante esposa é capaz de tantas coisas, e nós apenas arranhamos a superfície. Mal posso esperar para passar uma vida inteira conhecendo cada um de seus dons.

— Tara e Keva estão lá fora. Posso dizer a elas para entrarem? — ele pergunta.

— Não. Diga a elas que estou bem e que podem passar por cá em uma hora ou mais.

Quando Adam sai do quarto, olho de volta para minha esposa que está dormindo. Ela está começando a acordar.

— Ouvi dizer que você começou a morder meus homens. — Levanto a mão e acaricio a linha de seu nariz pequeno. — Preciso limitar seu tempo de brincadeira com meus cães, Sienna? Eles podem ser uma má influência para você.

Seus lábios tremem e ela fecha os olhos. Quando os abre novamente, as lágrimas estão transbordando de suas profundezas marrom-escuras.

— Observe minha boca com muita atenção, Drago, — ela engasga. — Para que você não perca nada.

— Tudo bem.

— Tive que manter minhas mãos pressionadas sobre seu peito mutilado para que

você não sangrasse. Você consegue imaginar como é ver o amor de sua vida morrendo diante de seus olhos? Monitorar cada respiração, imaginando se será a última? Se você não estivesse conectado a uma maldita máquina que monitora seus batimentos cardíacos neste momento, eu lhe daria um soco na cara, — diz ela, enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto. — Se você ousar fazer esse tipo de coisa de novo, eu vou matá-lo.

Sorrio e inclino seu queixo para cima para beijar seus lábios. — Devo dizer que, quando imaginei o momento em que você finalmente confessaria que me ama, não incluí ameaças de morte.

— Com certeza. — Seus dedos acariciam meu cabelo. — Eu amo você. Mas você já sabia disso.

Inclino-me para a frente e mordisco seu lábio inferior. — Sim. Eu vejo você, minha Sienna. Sempre vi. Por que foi tão difícil para você dizer isso?

Ela solta um pequeno suspiro e, quando seus olhos encontram os meus, parecem muito tristes.

— Eu tinha essa convicção tola de que se eu não reconhecesse meus sentimentos por você, você estaria a salvo de qualquer dano, — diz ela. — As pessoas que amo muitas vezes se machucam por minha causa.

— Do que você está falando?

— Meus pais. Asya.

— Seus pais morreram quando você era criança. Não há como você ter sido responsável pela morte deles. Sei *disso* porque tenho lidado com seu irmão há muitos anos e investiguei o passado dele. *Mila*, seus pais foram pegos no fogo cruzado e foram vítimas das ambições de um homem ganancioso. O velho Don de Nova York fez de tudo para proteger seu povo. O que aconteceu com seus pais e com sua irmã não é culpa sua. Já conversamos sobre isso, querida.

Uma lágrima desce por sua bochecha. — Você quase morreu por mim. Você se

colocou entre mim e...

— Não. — Pressiono meu dedo sobre sua boca. — Isso foi obra minha. Eu comecei toda essa bagunça com Bogdan e sou responsável pelas consequências de tudo isso. Você não teve nada a ver com isso. Entendeu?

— Então, você pode parar de provocar as pessoas? Acho que não posso passar por isso novamente, porque toda vez que fecho os olhos, vejo você coberto de sangue. — Seus lábios tremem. — Eu estava com tanto medo, Drago. Nunca fiquei tão apavorada em toda a minha vida.

— Farei o possível. — Desço minha mão pela frente dela e prendo meu dedo no cós de suas leggings verde-limão. — Mas, primeiro, precisamos apagar essas imagens de sua mente e substituí-las por outra coisa.

Os olhos de Sienna se arregalam. — Você não pode estar falando sério.

— Você quer que eu sinta dor? Porque desde o momento em que acordei com você aconchegada ao meu lado, meu pau está tão duro quanto uma barra de aço.

Seus olhos descem pelo meu peito exposto, passam pelas bandagens enroladas na parte superior do tronco e pelo meu abdômen e param na enorme protuberância da minha cueca boxer.

— Você terá que ficar por cima desta vez, — acrescento.

Sienna puxa o lábio inferior entre os dentes, e a visão quase me faz pirar. — Não acho que seja uma boa ideia, Drago.

— Eu disse... — pego seu queixo entre o polegar e o dedo e inclino sua cabeça para me encarar — ...pegue. Meu pau. — Aplico um pouco mais de pressão em minha mão. — Agora, Sienna.

Seus olhos nunca deixam os meus enquanto ela tira as leggings e a calcinha laranja que combina com seu laço, depois puxa minha cueca boxer sobre meus quadris e coxas, expondo meu pau pulsante. Ela joga uma perna por cima dos meus quadris e, apoiando as mãos nas bordas da cama, uma de cada lado,

posiciona seu corpo bem em cima do meu pau duro.

— Isso é muito imprudente, — ela murmura. — E se você romper seus pontos?

Movendo minha mão para sua boceta, pressiono meu polegar sobre seu clitóris, massageando-o em círculos lentos e minúsculos. Não me importo com os malditos pontos. Não me importo com nada além de ter meu pau dentro da minha esposa. Depois de tudo o que aconteceu, é impossível ignorar a necessidade de nos unirmos da maneira mais carnal possível. A umidade cobre meus dedos, mas continuo a provocá-la, vendo-a sugar uma respiração trêmula.

— Diga meu nome, — eu insisto e belisco seu clitóris.

— Drago, — ela geme, mas não consigo captar o som completo.

— Mais alto.

Seu cabelo está caindo sobre o rosto enquanto ela olha para mim. — Estamos em um hospital!

— Eu disse... — belisco seu clitóris novamente, mais forte dessa vez — ...mais alto.

— Drago!

Deixo o som me inundar, depois tiro o dedo de sua boceta e agarro sua cintura, puxando-a para baixo. A mistura de dor e prazer me atinge quando ela recebe meu pau dentro de suas paredes internas. Sinto a tensão em meus músculos e o puxão dos pontos em minha pele, mas ignoro a dor e a picada e me concentro na visão de minha esposa ofegante acima de mim. Tão linda. E minha.

Meu pau não está nem na metade e sua boceta já tem espasmos em torno dele. Ela apoia a maior parte de seu leve peso nos braços. A pequena e cintilante mulher está sendo cuidadosa, tentando facilitar as coisas para mim. Não está acontecendo.

Segurando sua cintura, eu a levanto e depois a derrubo, empalando-a. Um gemido ressoa dentro do meu peito quando estou totalmente embutido em seu

doce calor.

— Drago! — Sienna suspira e tenta se levantar, mas eu a mantenho no lugar, maravilhado com a sensação de estar dentro dela.

— Não se atreva a sair de cima do meu pau, — eu rosno. — Agora me cavalgue, ou juro por Deus que vou arrancar esses malditos tubos e prendê-la debaixo de mim.

Sienna balança a cabeça e se inclina para a frente, aproximando seu rosto do meu. — Você é um masoquista, meu amor.

— Acho que sim. — Bato nela por baixo e um dos pontos cede.

Meu nome sai dos lábios de Sienna, um grito, provavelmente, já que eu pego uma parte dele. Eu a observo enquanto ela rebola os quadris, cada movimento me levando mais perto da beira do abismo.

A porta do quarto se abre repentinamente e uma enfermeira entra correndo. Sim, com certeza foi um grito. Os olhos da mulher se arregalam ao nos ver, sua mão voa para a boca em choque.

— Fora! — Eu rosno. — Agora!

A enfermeira faz o sinal da cruz e, girando sobre os calcanhares, sai rapidamente do quarto.

— Drago, — diz Sienna enquanto monta em meu pau. — Alguém acabou de entrar em nosso quarto?

— Claro que não, *mila moya*. — Levo minha mão até sua boceta e pressiono meu polegar em seu clitóris. — Agora, goze para mim, minha estrela cintilante.

Sienna joga a cabeça para trás e seu corpo treme com os espasmos musculares.

— Essa é a minha garota, — gemo e explodo dentro dela, enquanto sinto mais alguns pontos se romperem.

Capítulo 24

Sienna

Dois meses depois

— Primeiro o cinto de segurança, Sienna.

Esforçando-me ao máximo para manter a seriedade, coloco o cinto de segurança e as mãos no volante.

— Você liga a ignição aqui. — Drago aponta para o botão no lado direito do painel, depois move a mão para a alavanca de câmbio. — Agora estamos no modo estacionário. Você precisa pressionar o freio e engatar a marcha para dirigir.

Minha determinação diminui e sinto meus lábios se inclinarem para cima. Embora eu não seja uma motorista muito competente, sei muito bem como ligar um carro.

Quando pedi a Drago que me ensinasse a dirigir, todos esses meses atrás, não estávamos nos falando, e eu estava apenas procurando uma maneira de passar algum tempo a sós com ele. Depois de tudo o que aconteceu desde então, esqueci completamente o assunto, até hoje.

Drago tem andado muito estressado ultimamente, fazendo cara feia, tentando colocar todo o trabalho em dia depois de passar semanas se recuperando do tiro. Então, depois do almoço, decidi que era hora de fazer algo divertido e pedi a ele que finalmente me desse aquela aula de direção. E convenientemente omiti o fato de que Arturo ensinou a mim e a Asya a dirigir quando tínhamos dezesseis anos.

— Certifique-se de verificar os espelhos retrovisores e laterais antes de sair do carro, — continua ele.

— Ah, eu já verifiquei minha maquiagem. Estou bem.

Drago estreita os olhos para mim. — Para ter certeza de que ninguém está atrás ou ao seu lado, Sienna. Não para reaplicar seu batom.

— Ah, claro. — Eu dou uma risadinha. — Que tal lavarmos o para-brisa primeiro? Onde está aquela coisa que borrifa água?

— O para-brisa está bom do jeito que está. Coloque o pé direito no acelerador... — Ele olha para os meus pés. — Jesus Cristo, Sienna.

— O quê? — Pergunto quando seus olhos se encontram com os meus, com um olhar incrédulo no rosto. — Você me disse para colocar um calçado confortável.

— Você não está aprendendo a dirigir com saltos de 15 centímetros.

— Por quê? Essas são minhas botas favoritas. Superconfortáveis. Está vendo? — Ligo a ignição, coloco a marcha e puxo o acelerador com força. O carro dá uma guinada para a frente.

— *Jebote*[13]! — Drago ruge e agarra o volante. — Pare! Agora!

Eu solto o acelerador e aciono o freio, parando a poucos metros do canteiro de flores de Beli. — Correu bem, não foi?

Os olhos de Drago se enrugam nos cantos enquanto ele me observa. Seus lábios estão apertados com força, como se ele mal estivesse contendo uma explosão de riso.

— Sim, foi ótimo, querida. Coloque a marcha à ré e recue um pouco. — Ele coloca a mão sobre a minha na alavanca de câmbio e a guia para a marcha, depois move a palma da mão para a minha perna. — Pressione o acelerador levemente.

— Ok. — Dirijo até ao ponto de partida, mas, de propósito, paro mais tarde do

que deveria. A traseira do carro acaba dentro de um arbusto de zimbro.

Drago se encolhe. — Isso é bom. — Em silêncio, ele murmura em sérvio: — *Keva ce glavu da mi otkine.*

— Por que Keva arrancaria sua cabeça?

— O carro é dela.

— Por que estamos usando o carro da Keva?

— Todos os outros carros são manuais. A transmissão automática é mais fácil para iniciantes, — diz ele em um tom sério. — Vamos tentar novamente, mas desta vez devagar.

— Quão devagar?

Ele pega meu queixo entre os dedos e roça seus lábios nos meus. — Devagar o suficiente para não matarmos ninguém.

— Tudo bem. — Eu sorrio e pressiono o pedal do acelerador só um pouquinho.

O carro avança em um ritmo de caracol, e Drago acena com a cabeça em sinal de aprovação. — Ótimo. Agora, um pouco mais rápido e tente dar a volta no final da entrada da garagem.

Estamos nos movendo a menos de 16 quilômetros por hora, e ele mantém a mão esquerda no volante, observando a entrada da garagem como se esperasse que eu desviasse para o lado a qualquer momento e batesse na cerca de sempre-vivas. Acho muito difícil manter a compostura, vendo-o tão concentrado na tarefa.

— Está tudo bem, Drago. — Eu sorrio e deslizo minha mão sobre a dele no volante. — Você pode soltar. Eu sei como dirigir.

— Claro que sim. — Ele acena com a cabeça para o para-brisa. — Olhos na estrada.

Suspirando, piso no acelerador.

— Sienna. Devagar, querida.

Mantenho uma velocidade moderada nos próximos cinquenta metros, depois dou duas voltas em torno da ilha ajardinada na entrada da garagem na frente da casa e, em seguida, estaciono o carro cuidadosamente ao lado da garagem.

— Como foi isso? — Eu sorrio. — Parece que aprendo rápido.

Drago me observa com os olhos semicerrados, depois agarra meu queixo novamente. — Quem lhe ensinou a dirigir? Foi um de meus homens? Quero um nome.

— Meu irmão me ensinou. Anos atrás. — Inclino minha cabeça para baixo e belisco seu polegar. — Você precisa relaxar um pouco. Trabalha demais.

— E essa é sua ideia de relaxamento? — O tom de sua voz é sério, mas seus lábios se curvam para cima.

Inclino-me para a frente e cutuco seu nariz com o meu. — Você se divertiu. Admita isso.

— Eu gosto muito de suas travessuras. — Ele passa as costas de sua mão em minha bochecha. — Mas eu tenho uma ideia melhor de 'diversão' e 'relaxamento', Sienna.

— Isso inclui andar comigo?

— Definitivamente, inclui dirigir. — Ele empurra o assento para trás e agarra minha cintura, ajudando-me a passar por cima do console central e ir para o seu colo.

Estou pegando o zíper do Drago quando percebo Filip vindo por trás do carro. — Droga. Filip está a caminho.

— Apenas ignore-o e ele irá embora. — Drago acaricia minha coxa, puxando minha saia para cima enquanto mordisca meu lábio inferior.

Filip vai até à porta do passageiro e bate na janela, depois olha para dentro e vira a cabeça para o lado.

— Drago? — Eu ofego quando sua mão desliza entre minhas pernas, seus dedos roçando minha boceta sobre a calcinha molhada, — Eu não acho que ele esteja indo embora.

— Puta que pariu, — Drago abaixa a janela e lança um olhar ameaçador para Filip. — O que foi agora?

— Você me disse para avisá-lo assim que eu soubesse algo sobre a situação em Boston, — murmura o segundo em comando. — Talvez eu deva voltar mais tarde. Vocês dois parecem... ocupados.

O calor de um rubor se insinua em minhas bochechas, e eu enterro meu rosto no pescoço de Drago.

Drago

— Suas habilidades de dedução são excelentes, — eu respondo. Será que não posso ter vinte minutos com minha esposa? — O que aconteceu em Boston?

— Don Leone faleceu, — diz Filip, com o olhar focado no teto do carro. Acho que o estamos deixando desconfortável. Que bom.

— Ele está doente há anos, então isso já era esperado. Quem está assumindo o controle da família? — Puxo a calcinha de Sienna para o lado e acaricio sua boceta encharcada com a ponta do meu dedo.

— Nera Leone.

— Uma mulher que dirige oficialmente uma família da Cosa Nostra? — Minhas sobrancelhas se juntam. — Essa seria a primeira vez.

O hálito quente de Sienna acaricia meu pescoço, e ela estremece quando deslizo meu dedo para dentro dela.

— Bem, ela não vai ficar por muito tempo, — continua Filip. — Um de nossos informantes acabou de enviar a notícia. Alguém colocou sua cabeça a prémio.

Claro. Eu apostaria que é alguém de sua própria família. — Qual é a recompensa?

— Dois milhões. E os sicilianos já assumiram o trabalho.

— Merda. Quando?

— Ontem. — Ele muda seu peso de um pé para o outro enquanto seus olhos vagam por toda parte, exceto dentro do carro. — Devemos avisar Nera? Para que ela aumente sua segurança ou algo assim?

— Os sicilianos têm um tempo de resposta de vinte e quatro horas. Se eles assumiram o trabalho ontem, ela já está morta. — Introduzo outro dedo na boceta de minha esposa, apreciando a forma como seu corpo treme. — E se isso é tudo o que você tinha para me dizer, é melhor ir embora, ou você também estará morto.

— Entendi. — Filip se vira e caminha de volta para a casa.

Reposicionando minha mão, belisco o clitóris de Sienna e pressiono-o com o polegar. Ela me agarra com mais força e seus dentes afundam na pele do meu pescoço enquanto ela goza em cima da minha mão.

— Isso foi rápido. — Enfio o nariz em seu cabelo para inalar seu perfume, quase enfiando o olho no pente de flores decorativas que está no topo de sua cabeça. — Você pode, por favor, parar de comprar acessórios de cabelo perigosos?

Sienna dá uma risadinha em meu pescoço e mexe a bunda, esmagando-se sobre meu pau dolorido. Deslizo as palmas das mãos sobre sua bunda doce e agarro a borda de sua calcinha, rasgando-a.

— Amarelo? — Pergunto enquanto tiro o tecido rendado de debaixo dela.

— Sim, — diz ela enquanto mexe no zíper da minha calça jeans. — Sua cor favorita.

No momento em que meu pau está livre, agarro as bochechas de sua bunda e a coloco sobre meu pau latejante. Sienna respira fundo e, segurando meu rosto com as palmas das mãos, encosta a testa na minha.

A maior parte dos sons suaves que ela emite se perde para mim, e odeio ser privado da oportunidade de ouvir seus pequenos gemidos e suspiros enquanto ela me cavalga. Mas ainda posso sentir sua respiração se misturando à minha. As pontas de seus dedos acariciando meu rosto. Os arrepios que passam por seu corpo. Cada coisa que ela faz, faz minha alma brilhar.

— Amarelo não é minha cor favorita, — murmuro em seus lábios enquanto os agrido com vigor. — Você é, *mila moya*.

Capítulo 25

Sienna

Uma semana depois

— O que é tão importante que você não consegue parar de olhar o celular? — pergunto enquanto Drago abaixa o celular sobre a mesa pela décima vez na última hora. — Uma emergência de negócios?

— Sim. — Ele acena com a cabeça e, despreocupadamente, pega seu café.

Estreito meus olhos para ele. — Mm-hmm.... Se há uma emergência, por que ainda estamos sentados em um restaurante, tomando uma segunda xícara de café depois de passar a manhã inteira comprando sapatos para mim?

— Agora você está reclamando porque eu comprei sapatos para você?

— Você insistiu para irmos ao shopping às sete, Drago.

Tentei explicar a ele que nenhum shopping abre antes das nove, mas ele não quis ouvir. O homem basicamente me carregou para fora de casa, me colocou em seu carro e saiu do local a uma velocidade vertiginosa, como se alguém o estivesse perseguindo.

— Talvez eu só quisesse desfrutar de uma manhã preguiçosa com minha esposa. — Ele dá de ombros.

— Você é o pior workaholic[14] que existe. Estou surpresa que você saiba o significado de 'manhã preguiçosa'. — Dou uma olhada rápida no relógio de Drago. Onze e meia. — E já é quase meio-dia.

O celular de Drago vibra com uma mensagem recebida. Ele dá uma olhada na

tela, depois tira a carteira e deixa algumas notas sobre a mesa. — Estamos voltando.

— Então, você não vai me contar o que está acontecendo?

— Não.

Suspiro e me levanto para ajeitar meu vestido. É bonito, laranja e tem um cinto largo cor de lavanda que combina com o tom das lindas botas de bico aberto que Drago comprou para mim. — Você está me preocupando. Tem certeza de que está tudo bem?

O braço de Drago envolve minha cintura, fazendo-me gritar de surpresa quando ele me levanta. Seus olhos se fixam nos meus enquanto ele me mantém pressionada contra seu peito e minhas pernas ficam penduradas no chão.

— Está tudo bem, Sienna. Mas precisamos nos apressar.

— Por quê? — Mordisco levemente seu lábio inferior.

— Você verá.

Tento persuadi-lo a me contar o que está acontecendo enquanto ele me leva para fora e atravessa o estacionamento, mas não diz uma palavra. Seus lábios também permanecem fechados durante o trajeto, levemente curvados em um sorriso satisfeito, quase inexistente.

— O que está acontecendo com os carros? — pergunto quando ele entra no caminho que leva à mansão. Os veículos estão estacionados em cada lado, e há dezenas deles. — Ei, aquele é o do Arturo.

Meu marido continua dirigindo como se não percebesse a infinidade de carros que se estendem até ao portão e além.

— Drago!

— Sim, *mila*?

— O que está acontecendo? O que todos esses carros estão fazendo aqui?

— Desculpe, querida. Não percebi, — diz ele quando paramos na entrada do complexo.

O portão começa a deslizar para o lado, revelando um túnel feito de grandes arcos de flores que revestem a entrada da garagem da mansão. Fico olhando de boca aberta enquanto passamos por ele, observando a infinidade de flores coloridas - grandes rosas cor de rosa e vermelhas, lírios, narcisos e muitas outras, entrelaçadas nos galhos de vegetação que compõem as estruturas e amarradas com largas fitas de seda.

Entre os arcos, vejo de relance duas enormes tendas brancas, uma de cada lado do gramado. Os painéis das tendas estão enrolados, expondo longas mesas cobertas com toalhas de mesa amarelas brilhantes e arranjos de flores. Pessoas elegantemente vestidas estão circulando por toda parte - dentro das tendas e no gramado - saboreando bebidas e aperitivos enquanto os garçons correm entre elas. Deve haver pelo menos quinhentas pessoas, talvez mais.

— Drago? — Eu me engasgo.

Quando o carro para no final do túnel em arco, logo antes da ilha paisagística da entrada de automóveis com uma fonte no meio, de repente, uma música explode de algum lugar à nossa esquerda. Ainda em choque, meus olhos encontram Drago, que está sentado com os braços cruzados sobre o volante, observando-me com um sorriso divertido no rosto.

— Você disse que gostaria de participar em outro *svadba*, — disse ele. — Então, aqui estamos nós.

— Mas... mas de quem é esse *svadba*?

Drago se inclina para a frente e coloca a palma da mão em minha bochecha. — É nosso, querida.

Engulo, tentando manter a compostura. E eu que pensava que não poderia amar esse homem mais do que já amo. Meus lábios estão tremendo tanto que mal

consigo falar. — Por quê?

— Porque eu sei que você queria um. — Ele encosta sua boca na minha e depois murmura em meus lábios. — Mas nada de dançar em cima da mesa, Sienna.

Eu apenas sorrio. Que tipo de *svadba* seria se a noiva não dançasse em cima da mesa?

O pensamento me abandona enquanto me perco mais uma vez em meu marido. Seu gosto, seu cheiro, a sensação da palma de sua mão deslizando para minha nuca, puxando-me para mais perto. Estou me afogando em êxtase absoluto quando um grito agudo e irritado explode à nossa direita. Eu me afasto do beijo e olho pela janela aberta, procurando a fonte.

Um grupo de pessoas se reuniu em torno de algo do lado de fora de uma das tendas. Reconheço Relja e alguns outros homens de Drago na multidão, bem como Don Ajello e sua esposa, que estão um pouco afastados.

— Que porra é essa? — murmura Drago e sai do carro. Eu também saio correndo e troto atrás dele, imaginando o que diabos está acontecendo.

— Seu italiano nojento! — O grito de Tara vem de algum lugar dentro do círculo de espectadores. — Como você ousa vir aqui depois de atacar meu irmão?

— A senhora deveria procurar ajuda profissional para seus problemas de raiva, — responde Arturo em um tom equilibrado.

— Ah, sim? Vou lhe dar um profissional.

Várias pessoas se afastam apressadamente, expondo minha cunhada no meio da multidão enquanto ela pega um prato de canapés na mesa do bufê.

— Tara! Não faça isso, — grito enquanto sigo Drago correndo pelo gramado.

Não tenho certeza se ela não me ouviu ou se simplesmente decidiu ignorar meu aviso, porque ela lança a enorme bandeja redonda em direção ao meu irmão como se fosse um disco voador de grandes dimensões. Dezenas de aperitivos do tamanho de mordidas voam do projétil prateado, atingindo os corpos e os rostos

das pessoas reunidas em volta da cena, enquanto uma arma improvisada corta o ar em direção à cabeça do meu irmão. Arturo se esquiva no último momento, e o prato acaba nas roseiras atrás dele.

— Maldita mulher maluca! — ele grita e avança em direção a Tara, que já está procurando outra coisa para atirar. — Você foi criada em uma maldita selva?

Todos ao redor parecem estar parados no lugar, simplesmente olhando para a comoção que se desenrola diante de seus olhos. Até mesmo a música diminuiu, e vejo os membros da banda saindo do palco da plataforma elevada e se aproximando para dar uma olhada melhor.

— Tara! — Drago uiva, aproximando-se dela.

Um sorriso maligno surge nos lábios de Tara quando ela pega uma enorme jarra cheia de ponche da mesa. Em um movimento incrivelmente elegante, minha cunhada gira sobre os calcanhares, as laterais de seu longo vestido azul-claro esvoaçam com o giro e revelam suas longas pernas vestidas com meias rendadas que são presas por um conjunto de ligas no mesmo tom azul. O líquido rosa espirra por todo o rosto e peito do meu irmão. Pedaços de limão grudam nas lapelas de sua jaqueta e na frente da camisa.

Tarde demais, mas Drago finalmente alcança sua irmã. Ele a joga sobre o ombro enquanto ela deixa cair a jarra de vidro e grita para que ele a coloque no chão. Ignorando suas explosões, meu marido começa a carregar Tara em direção à casa. Enquanto isso, eu me aproximo de Arturo e paro diante dele. Suas mãos estão fechadas ao lado do corpo e ele está furioso. Quase posso imaginar o vapor saindo de suas roupas e pele úmidas.

— Essa maluca precisa ser trancada em um maldito asilo, — ele rosna entre os dentes.

Mordo o lábio inferior para não cair na gargalhada e estendo a mão para tirar uma fatia de limão de seu ombro. — Ela é apenas um pouco protetora. Você está exagerando.

— Exagerando? — Arturo responde enquanto passa a palma da mão na frente da jaqueta de grife que está pingando ponche em uma poça a seus pés. — Acredite em mim, não estou exagerando. Meu Deus, tenho pena do homem que decida se casar com aquela *banshee*[15].

Eu suspiro. As reuniões de família e os feriados definitivamente serão interessantes.

* * *

Milene

Vários dias depois, Nova York - Cobertura de Salvatore Ajello

Tomo um gole da minha limonada, observando meu marido por cima da borda do copo. A TV está ligada, mas ele tem massageado meus pés distraidamente nos últimos dez minutos, sem prestar atenção no jogo. Ele está tramando e, pela expressão presunçosa em seu rosto, não é nada bom.

— O que você está fazendo, Salvatore?

Ele inclina a cabeça para o lado, levanta meu pé até sua boca e beija as pontas dos meus dedos. — Por que pergunta?

— Você tinha essa mesma expressão no rosto quando decidiu casar a irmã de Arturo, colocando-a na organização sérvia para espionar para você.

— Foi um plano inteligente. — Ele acena com a cabeça e move suas mãos para o meu outro pé. — É uma pena que não tenha funcionado como eu esperava.

Mal consigo conter o riso que está ameaçando sair de mim. Ele ficou tão furioso quando Sienna continuou a lhe contar bobagens aleatórias durante seus check-ins. Geladeira quebrada e problemas com o carburador da caminhonete, uma ova! — Sim. Arturo ainda está chateado com você por causa disso.

— Ele está. Ele também tem se tornado extremamente taciturno nos últimos meses. Ataca seus subordinados às menores provocações.

— Talvez ele esteja apenas se sentindo solitário e não saiba como lidar com isso. — Dou de ombros.

— Você acha?

— Sem dúvida. — Aceno com a cabeça. — Ele está cuidando das irmãs há tanto

tempo e agora, com as duas casadas, não sabe o que fazer consigo mesmo. Talvez você devesse arranjar um casamento para ele também, — digo, meio brincando.

— Isso faz sentido.

— O quê? — Quase engasgo com minha bebida. — Eu estava brincando.

— Teria de ser alguém que pudesse lidar com ele e com toda a merda pela qual ele passou. Não uma princesa da Cosa Nostra que o olharia como se ele fosse uma espécie de Deus. Arturo precisa de um desafio. Alguém que não dance conforme sua música.

— Que merda. Podemos esquecer que eu disse alguma coisa? — Balanço a cabeça.

Meu marido estreita os olhos para mim. — Não me esqueci de uma única palavra que você me disse desde o momento em que nos conhecemos, Cara.

Sim. Ele tem a memória de um maldito elefante. — Você pode abrir uma exceção nesse caso.

— Não. É uma ideia brilhante. E acho que tenho uma mulher perfeita em mente. Eles farão um par magnífico. — Um canto de seus lábios se curva para cima. — A menos que se matem no processo.

Epílogo

Drago

Vários anos depois

Cruzo os braços sobre o peito e olho para a fila de mulheres à minha frente, de costas para a parede da garagem.

— Achei que tínhamos um acordo, mas parece que eu estava errado, — digo. — Então, quem foi dessa vez?

Ninguém fala. Suas mãos estão cruzadas diante de si, todas as quatro parecendo culpadoa como o inferno. Dou um passo à frente, ficando de frente para minha esposa. Ela está vestindo um macacão de seda azul, com corações prateados alegremente espalhados pelo material, e sandálias de salto altíssimo que combinam com as formas brilhantes.

— Sienna? Foi você?

— Claro que não, querido. — Ela me dá um de seus sorrisos brilhantes. — Você sabe que eu nunca faria isso.

Acenando com a cabeça, eu me coloco na frente da minha filha mais velha. Ela está vestida com um macacão que combina com o da mãe, mas o dela é verde. — Eu não esperava isso de você, Alexandra.

— Não fui eu, papai. Eu juro!

— Hum-hum... — Eu me dirijo à minha filha do meio. Ela está segurando a bainha de sua saia dourada com babados, tentando manter o rosto sério, mas é claro como o dia que ela mal consegue conter o riso. — Tivemos uma conversa

séria depois que você espalhou o pó de glitter em toda a comida na geladeira e estabelecemos que algumas coisas não foram feitas para brincar.

Ela pressiona as mãos pequenas sobre a boca, dando uma risadinha. — Mas eu não fiz isso, papai!

Eu balanço a cabeça. Ter três filhas é muito trabalhoso. Ter filhas que são todas uma cópia da minha esposa certamente torna a vida imprevisível. E emocionante. Estendo a mão e ajusto a flor decorativa que segura o rabo de cavalo de Irina, depois me viro e me agacho na frente da minha filha mais nova.

— Você pintou os pneus da motocicleta do papai de rosa, querida Dina?

Ela morde o lábio inferior. — Sim.

— E você se lembra de como falamos sobre o fato de ser perigoso entrar na garagem sozinha?

— Mas eu não estava sozinha. — Ela faz beicinho. — A mamãe estava comigo o tempo todo.

— Oh, ela estava, não estava? — Olho para minha esposa, que está fingindo estar absorta em suas unhas pintadas de prata. — Então, a mamãe a ajudou?

— Não. Eu fiz tudo sozinha. Sua motocicleta é toda preta, e eu queria deixá-la bonita. — Sua cabeça balança com absoluta certeza de sua afirmação.

— Papai usa a motocicleta para trabalhar, Dina.

— Eu sei. — Ela sorri, parecendo muito orgulhosa de si mesma. — Agora você tem a motocicleta mais bonita do mundo! Você pode levá-la para a reunião e mostrar aos seus amigos.

Imagino a cara dos meus homens quando chego a uma sessão de interrogatório em uma moto com pneus cor-de-rosa e suspiro. Pelo menos, desta vez, não há glitter nela.

— E seu capacete agora será igual, — acrescenta.

— Meu capacete?

— Sim. Irina e Alexandra me ajudaram a colocar pequenos adesivos de borboletas. Elas também são muito rosa!

Jesus Cristo. — Mas não há purpurina?

— Isso é só para as meninas, papai. — Ela franze o nariz em sinal de desaprovação. — Podemos ir para a cozinha agora? A Keva está fazendo torta de maçã e prometeu que nos deixaria provar o recheio.

— Então você deve se apressar, antes que Relja coma tudo.

Observo minhas filhas correndo para a porta dos fundos da casa, seguidas por três cachorros com enormes laços coloridos no pescoço, depois me endireito e encaro minha esposa.

— Não foi você, hmm? — Envolvo sua cintura com minha mão e a levanto contra mim, apertando-a contra meu peito.

— É apenas tinta aquarela. — Ela sorri. — Sai lavando.

— E os adesivos?

— Isso foi só das meninas. Vou tentar removê-las com o removedor de esmalte.

— Apenas deixe essas malditas coisas. — Inclino minha cabeça e pressiono meus lábios nos dela. — Por quanto tempo essa torta as manterá ocupadas?

— Dez minutos no máximo. O recheio de maçã já está pronto.

— É mesmo? — Eu sorrio.

Mantendo Sienna pressionada contra meu corpo, pego meu telefone com a mão livre e ligo para Relja.

— Vá até à cozinha, — eu grito. — Pegue o recheio da torta que a Keva fez e jogue-o no lixo. Quando ela vier atrás de você, diga a ela que precisa preparar um novo e peça às meninas que a ajudem do início ao fim.

O balbucio histérico de Relja vem do outro lado, mas eu simplesmente corto a

conexão e coloco o telefone no bolso de trás da calça.

— Keva vai matar vocês dois. — Sienna bufa.

— Então preciso ter certeza de que nossas mortes iminentes não serão em vão. — Carrego minha esposa para dentro da garagem e aperto o botão para fechar as portas deslizantes da baia.

Gostaria de saber se a calcinha dela combina com os sapatos e o esmalte de hoje.

FIM

Notes

[←1]
Age-gap.

[←2]

Você devia se envergonhar.

[←3]

Querida.

[←4]

Minha querida.

[←5]

Padre em sérvio é Pop. Ao mesmo tempo é o nome de Popov abreviado.

[←6]

Jesus.

[←7]

Minha querida boba.

[←8]

Foda-se.

[←9]

Uma boca tão linda e tantas mentiras.

[←10]

Foda-se.

[←11]

Sugar e Spice.

[←12]

Pirulito

[←13]

Foda-se.

[←14]

Viciado em trabalho.

[←15]

As banshee provêm da família das fadas, e é a forma mais obscura delas. As banshees eram como seres que previam a morte, seu grito poderia ser ouvido a quilômetros de distância, e poderia estourar até mesmo um crânio.